

Fausto Viana, Maria Eduarda Borges, Maria Clara Sousa Lima, Eduardo Torres,
Fernanda Ramos, Décio Hernando, Maria Isabel Mello,
Lucimar C. R. H. Paciullo e Reinaldo Paciullo (Orgs.)

Tenda de Umbanda **OCA DE TUPÃ** do **Caboclo Tuano**

43 anos de boas histórias

**Fausto Viana, Maria Eduarda Borges, Maria Clara Sousa Lima, Eduardo Torres,
Fernanda Ramos, Décio Hernando, Maria Isabel Mello,
Lucimar C. R. H. Paciullo e Reinaldo Paciullo (Orgs.)**

Tenda de Umbanda Oca de Tupã do Caboclo Tuano

43 anos de boas histórias

ISBN 978-65-88640-94-4
DOI 10.11606/9786588640944

Organização: Fausto Viana, Maria Eduarda Borges, Maria Clara Sousa Lima, Eduardo Torres, Fernanda Ramos, Décio Hernando, Maria Isabel Mello, Lucimar C. R. H. Paciullo e Reinaldo Paciullo (Orgs.)

Direção de arte e diagramação: Maria Eduarda Borges

Capa: Maria Eduarda Borges

Revisão: Márcia Moura

Foto da Capa: Fausto Viana

Fotografias do trabalho: Fausto Viana e Maria Celina Gil.

Catálogo na Publicação

Serviço de Biblioteca e Documentação

Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo

T291 Tenda de Umbanda Oca de Tupã do Caboclo Tuano [recurso eletrônico] : 43 anos de boas histórias / organização Fausto Viana ... [et al.]. – São Paulo: ECA-USP, 2023.
PDF (189 p.) : il. color.

ISBN 978-65-88640-94-4
DOI 10.11606/9786588640944

1. Umbanda. 2. Rituais religiosos. 3. Religiões afro-brasileiras. 4. Memória. 5. Oca de Tupã. I. Viana, Fausto.

CDD 21. ed. – 299.672

Elaborado por: Alessandra Vieira Canholi Maldonado CRB-8/6194

Autorizo a reprodução parcial ou total desta obra, para fins acadêmicos, desde que citada a fonte, proibindo qualquer uso para fins comerciais.



Esta obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e autoria e respeitando a Licença Creative Commons indicada.

Todos os esforços foram feitos para que nenhum direito autoral fosse violado no *Tenda de Umbanda Oca de Tupã do Caboclo Tuano: 43 de boas histórias*. As fontes citadas foram explicitadas no texto ou em notas de rodapé ou de fim, e as imagens foram pesquisadas para creditar seus autores. Porém nem sempre foi possível encontrá-los. Caso algum texto esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, entre em contato com Fausto Viana que teremos prazer em dar o devido crédito.

Universidade de São Paulo

Reitor: Prof. Dr. Carlos Gilberto Carlotti Junior

Vice-reitor: Profa. Dra. Maria Arminda do Nascimento Arruda

Escola de Comunicações e Artes

Diretora: Profa. Dra. Brasilina Passarelli

Vice-diretor: Prof. Dr. Eduardo Henrique Soares Monteiro

Avenida Prof. Lúcio Martins Rodrigues, 443

Cidade Universitária CEP-05508-020



*Mas é isso pelo menos que eu sinto no ponto.
Não vou falar: “Foi isso que me falaram”, mas é
o que eu sinto naquele ponto: os orixás na ponta
e no centro da estrela, o Pai Maior. Para concluir:
como é o nome do terreiro? Casa de Deus. Oca
de Tupã, Deus em tupi. É por isso que eu te falo
que o centro dessa estrela é Tupã, o Pai Maior e
as seis pontas são os orixás: as mulheres -
Iansã, Oxum, Iemanjá e os homens – Xangô,
Oxóssi e Ogum. E ponto final.*

(Décio, em entrevista)



Médium do terreiro durante uma gira.

*A Umbanda é paz e amor
Um mundo cheio de Luz
É força que nos dá vida
E à grandeza nos conduz.*
(Trecho do Hino da Umbanda)



Dona Nena e Seu Nene - devidamente acompanhado pelo Seu Tuano.

**Dona Nena, e o quê que é difícil de ter um
terreiro?**

D. Nena: Não ter o terreiro!

S. Nene, o que é mais gostoso num terreiro?

*Sr. Nene: Quando chega uma pessoa que você
trabalhou e fala: “Eu estou bem, aquilo que eu tinha
não aconteceu mais” - de ruim, né? “Meu marido
voltou”, “Minha filha está boa”. Isso é o mais
gostoso que tem. Não é vaidade, não!*

Já se vê por que eles chegaram a 43 anos de trabalhos em terreiro.



Visão geral do congá
da Oca de Tupã.

APRESENTAÇÃO

Ogã Décio Hernando

Com imensa alegria e profundo respeito, gostaria de expressar minha gratidão e prestar uma homenagem calorosa à Tenda de Umbanda Oca de Tupã do Caboclo Tuano, que completa 43 anos de existência em 2023. Essa jornada de quatro décadas e três anos é uma celebração da espiritualidade, da fé e da comunidade que se reuniu em torno desse espaço sagrado.

Nesses 43 anos, a Tenda de Umbanda Oca de Tupã do Caboclo Tuano se tornou um farol de luz, amor e acolhimento para muitas almas sedentas de paz, conforto e orientação espiritual. É um lugar onde as barreiras se dissolvem, onde as diferenças são abraçadas e onde todos são bem-vindos, independentemente de sua origem, raça ou crença. É um espaço onde a diversidade é celebrada e a unidade é fortalecida.

Quero expressar minha profunda gratidão a todos os líderes espirituais, médiuns, membros e amigos que ao longo desses anos dedicaram seu tempo, energia e amor para manter viva a chama da Umbanda. Seu compromisso inabalável com a espiritualidade e a ajuda aos outros é verdadeiramente inspirador.

Aos Ogãs especiais do nosso terreiro, Marco Aurélio Mota e Eugênio Saboya: quero expressar minha profunda gratidão por sua presença e

comprometimento notável em nossa jornada espiritual. Vocês são a força que sustenta nossa casa de fé, e sua dedicação é um presente inestimável.

Neste momento especial, gostaria de homenagear também todas as entidades espirituais que são guiadas, protegidas e abençoadas neste terreiro. Suas presenças são sentidas e reconhecidas, e sabemos que sua orientação tem sido fundamental para o crescimento espiritual de muitos.

Que esses 43 anos de história sejam apenas o início de uma jornada espiritual contínua e frutífera. Que o Terreiro de Umbanda continue a ser um farol de esperança, um refúgio para aqueles que buscam orientação e um ponto de encontro para aqueles que desejam compartilhar amor e luz com o mundo.

Que a chama da Umbanda continue a brilhar intensamente, iluminando os corações e as mentes daqueles que cruzam seu caminho. E que todos nós esperemos ser eternamente gratos por fazer parte desta incrível jornada espiritual.

Parabéns, Tenda de Umbanda Oca de Tupã do Caboclo Tuano, pelos 43 anos de dedicação, amor e serviço à comunidade. Muitos anos de luz e vitórias ainda estão por vir!

Com amor e gratidão.





Sumário

Introdução	13
O que é a umbanda?	17
Sobre o terreiro	21
As origens: a formação do terreiro	21
As mudanças de espaço	22
O congá	25
Os trajes	27
As giras	33
Os Pontos de Abertura das giras	37
Os Pontos de Fechamento das giras	43
Boas sugestões para as práticas mediúnicas	47
Entrevistas	
Sr. Neno, Dona Nena e Décio Hernando (FONTE A)	50
Décio Hernando e Lucimara V. R. Hernando (FONTE B)	80
Reinaldo Paciullo e Lucimar C.R.H.Paciullo (FONTE C)	90
Dona Dalva C.Vieira (FONTE D)	106
Claudinha (FONTE E)	118
Dona Maria José (FONTE F)	124
Rogério Rett (FONTE G)	136
Eduardo Torres (FONTE H)	140
Sr. Norberto F. Costabile e Fernanda Ramos (FONTE I)	144
Família Sadoyama (FONTE J)	150



Depoimentos

Carina Maron Crispino	157
Claudinha	157
Décio Hernando	159
Eduardo Torres	160
João Paulo Crispino	161
Maria Isabel Mello	162
Marcela e Carlos	163
Murilo Ambrosano	163
Reinaldo Paciullo	164
Renata Melhado Bessas	166

Memórias fotográficas	168
------------------------------------	------------

Bibliografia	189
---------------------------	------------





INTRODUÇÃO

Fausto Viana

A ideia de uma edição comemorativa dos 43 anos da Oca de Tupã, terreiro que tenho frequentado como assistência, ocasionalmente, há quase 15 anos, não foi minha: ela partiu do Eduardo Torres, que conversou com o Décio Hernando (que já tinha o desejo de ver uma publicação assim), que por sua vez conversou com o Sr. Nene e a Dona Nena, que gostaram muito da ideia!

O trabalho não seria completo sem um grupo de pessoas que pudesse contribuir significativamente: percebeu-se que o grupo todo de médiuns da Oca eram estes colaboradores. Todos foram chamados a contribuir, em alguma instância, com depoimentos, fotos, lembranças, sugestões...

Foi o mesmo Eduardo Torres - sabendo do meu interesse pelo tema “religiosidade e seus componentes” – que conversou comigo sobre a publicação. Sugeriu a criação de um grupo menor de filhos da casa para pensarmos juntos a materialização da obra. Conseguimos uma turma muito bacana e escolhida a dedo para que a tarefa fosse levada a sério, com muito respeito, afetividade e diversão, claro.

Este é um bom momento para agradecer a estes jovens coautores. São eles: Eduardo, Décio, Fernanda, Isabel, Lucimar e Reinaldo.

A equipe era bem especializada em assuntos de terreiro e umbanda, mas não em publicações. Assim, reforcei a equipe com um convite à Maria Eduarda Borges, que nos últimos anos tem trabalhado comigo em diversos livros e nesta edição colaborou com os textos e na direção de arte: diagramação, tratamento de imagens, em resumo, o conjunto visual do trabalho. Maria Celina Gil foi convocada para fazer as imagens atuais do terreiro e agradeço enormemente pelo seu olhar tão afetivo.

Como o Universo conspira a nosso favor, ainda que nem sempre nos demos conta ou saibamos o que está acontecendo, chamei a Maria Clara Sousa Lima, uma jovem estudante de Têxtil e Moda na Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo para trabalhar conosco. Maria Clara tem uma história pessoal muito interessante: seu pai, Diógenes de Oliveira Lima (1960-2010) era babalorixá de um terreiro de Candomblé, o Ilê Asé Bara Oni Caboclo Zaraunde. Seus familiares pertenciam ao mesmo terreiro e ela foi iniciada ainda criança, antes da passagem do seu pai carnal e espiritual para o mundo etéreo. Assim, o trabalho na Oca de Tupã nos pareceu uma oportunidade singular de traçarmos um modelo e uma metodologia de pesquisa que pudesse ser aplicada não só pela Maria Clara, buscando sua ancestralidade, como por qualquer um que desejasse investigar terreiros do passado ou do presente. Disponibilizar o material para acesso gratuito no Portal de Livros Abertos da USP nos pareceu a maneira mais democrática de tornar o trabalho público, facilitando seu acesso.

O momento não poderia ser mais propício para a documentação das manifestações africano-brasileiras, das quais deriva a Umbanda, que rege o terreiro Oca de Tupã. Se por um lado há ataques sistemáticos contra estas religiões, gerados muitas vezes por fortes interesses de grupos de outras crenças que não raro buscam lucratividade - mistura explosiva esta, religiosidade, monetarização e política – também se desperta o interesse e a curiosidade naqueles que buscam a beleza e a verdade do ritual.

Nos pareceu que o livro a ser lançado deveria ter também utilidade para os médiuns, os filhos da casa e aqueles da assistência que desejassem saber mais da instituição à qual recorrem. Uma espécie de



Assim, seria importante traçar os caminhos percorridos nos 43 anos de existência da Oca de Tupã, buscando registrar de maneira clara os dados da sua fundação: quem estava no início, como e quando começou, os conceitos que segue... O entendimento do ritual: o espaço em que as atividades de desenvolvem, as músicas cantadas, alguns ritos de cura, como o congã foi montado. Como um médium deve se preparar para uma gira – antes, durante e depois, passando até mesmo pelas roupas a serem usadas nos ritos.

Para nós da equipe de trabalho, externos ao terreiro, ficou a clara sensação de que as obrigações de um médium de umbanda não estão restritas ao momento da gira - muito pelo contrário: seu trabalho se expande para o cotidiano, nas atitudes cotidianas do médium, em palavras e ações.

A estrutura do trabalho seguiu o seguinte formato: buscamos, em conversa com a pequena equipe de trabalho, definir pontos que fossem importantes para todos os que frequentam a Oca: as origens e formação do terreiro; as mudanças de espaço; o congã; os trajes, os pontos cantados; as giras; algumas diretrizes do terreiro e boas sugestões para a prática mediúnica.

Para elaborar os textos que agora apresentamos, optamos por conversar, através de entrevistas, com os mais velhos do terreiro: Sr. Nene, Dona Nena, Dona Dalva, Sr. Norberto (que pediu para não colocar “senhor”, mas não é possível: o homem é um ícone!) e o Décio (que é “jovem”, mas é... “velho” em conteúdo).

Dizem que a umbanda é uma família - pois na Oca de Tupã, a definição nunca pareceu mais acertada. O Sr. Nene e a Dona Nena casaram e tiveram seus filhos, dos quais o Décio e a Lucimar são filhos na casa. O Décio se casou com a Lucimara, médium da casa e filha da Dona Dalva, mãe da Adriana, casada com o Rogério. A Lucimar se casou com o Reinaldo, e o filho deles, o Gabriel, vem ensaiando os toques para ser ogã. E nós vamos puxando a cordinha com quem as pessoas vão se

relacionando e chegamos até a assistência, onde estão os amigos, os conhecidos, os demais familiares... e que se tornam parte de um grupo afetivo, cujo elo comum são os trabalhos da umbanda.

Família também briga, se afasta, volta, reconsidera, recomeça. É vida que segue.

Entrevistamos o Décio e a Lucimara juntos; depois, o Reinaldo e a Lucimar; pedimos a contribuição da Claudinha e do Rogério por escrito, no dia a dia atribulado deles; entrevistamos a Fernanda junto com o Sr. Norberto, a atual e o antigo controlador da porteira¹ na corrente, papel fundamental dentro do terreiro e o Eduardo, que tem frequentado a casa há mais de 30 anos. Tivemos uma conversa muito animada com a Dona Maria José, que hoje é benzedeira na Oca, além de ser costureira. Impossível não se apaixonar. Conversamos também com a Família Sadoyama, que frequenta o terreiro também há mais de 30 anos - a matriarca, Dona Dolores, completou 93 anos. O mais novo, o Kira, é o boleiro oficial da Oca.

As entrevistas se revelaram muito mais interessantes e complexas do que se poderia supor, razão pela qual optamos por publicá-las na seção Entrevistas. Há momentos de grande interesse para o terreiro em si - fundação, desenvolvimento e mais. Mas percebemos que há muito mais interesse humano em alguns depoimentos do que esperávamos: a história de amor do Sr. Nene e da Dona Nena, deliciosa até para os corações mais empedernidos; a história do terreiro da mãe da Dona Dalva - experiência que por si só já daria outro livro completo, com as histórias contadas pela Dona Dalva e pela Lucimara; a história e a trajetória de vida da Dona Maria José... Fomos ouvindo as histórias aos poucos, com café e bolo, ou refrigerante e alguma coisa gostosa junto, porque a comida destrava a língua, ajuda a memória, estimula a afetividade. Muitas vezes estas pessoas permitiram nossa aproximação de maneira tão gentil que materializaram seu amor pela umbanda, pelo

¹ Barbosa Junior, sobre a porteira, diz assim: “Tronqueira. Entrada de um terreiro. Também se chama “porteira” ou “porta” o espaço entre a assistência e o espaço dedicado aos médiuns de uma casa. (2016, p.184)



grupo, pelo terreiro... Ao publicar as entrevistas quase completas – editadas, claro, porque algumas conversas duraram muitas horas – damos ao leitor o acesso a estes universos individuais, que nos são tão agradáveis.

Recebemos os depoimentos de quem quis enviar e estão na seção Depoimentos. As imagens recebidas, recolhidas e o ensaio da Maria Celina Gil estão na seção Memórias fotográficas.

Foi um período de aprendizado intenso. Foram várias as situações, mas pensamos que uma diretriz foi muito importante e queremos deixá-la registrada aqui.

Com os trabalhos já em andamento, perguntei a uma das entidades do terreiro, o Baiano Severino, se

ele gostaria de sugerir alguma coisa para a publicação que nós não tivéssemos pensado ainda. A resposta dele foi: “Seja simples”, esclarecendo que deveríamos usar uma linguagem clara, simples, não rebuscada. Aplicamos o princípio ao trabalho como um todo: na capa, nos textos, nas imagens, trabalhando com ervas, cristais e as pessoas em si.

Naquilo que é aparentemente simples, repousa uma complexa rede de significados, trabalho e pesquisa. Ao compartilhar este trabalho inicial com todos, nosso desejo é que ele possa, em breve, ser ampliado e reunir muito mais informações.

Quem sabe a festa de 50 anos da Oca não vá trazer esta novidade?

Boa leitura!



Imagens da corrente dos ciganos.



Detalhe do congá da Oca de Tupã.



O QUE É A UMBANDA

Fausto Viana

Para definir o que é umbanda, no curto espaço reservado para isso, vamos nos valer de alguns autores que explicam o tema.

Barbosa Junior explica que a umbanda é uma

religião constituída, com fundamentos, teologia própria, hierarquia, sacerdotes e sacramentos. Suas seções são gratuitas, voltadas ao atendimento holístico (corpo, mente, espírito) e à prática da caridade (fraternal e espiritual e material), sempre as elitismo. Em sua liturgia em seus trabalhos espirituais vale-se do uso dos 4 elementos básicos: fogo, terra, ar e água. (2016, p. 224)

Há uma versão histórica que está bem retratada por Nei Lopes na sua obra *Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana*. Ele explica que a umbanda teria nascido oficialmente no dia 15 de novembro de 1908 em Niterói, no estado do Rio de Janeiro.

Em um trabalho de mesa kardecista, o médium Zélio Ferdinando de Moraes (1891-1975) teria incorporado uma entidade que se apresentou como Caboclo das Sete Encruzilhadas. Esta entidade teria

se expressado veementemente contra a discriminação de que, ali, eram objeto os espíritos de negros escravos, índios e crianças, tachados de “atrasados”. Em sua manifestação, A Entidade teria resolvido fundar um culto que abrigasse todos esses espíritos discriminados. (Lopes, 2004, p. 662)

Na mesma obra, Lopes esclarece que é uma religião de base africana, que traz em si diversos elementos dos cultos bantos aos ancestrais, e da religião dos orixás jeje-iorubanos. Do hinduísmo, traria as leis de carma, evolução e reencarnação. Do cristianismo seguiria principalmente as “normas de fraternidade e caridade; além de receber influências da religiosidade ameríndia” (*idem*). A esta definição, o Livro das religiões esclarece que a umbanda, além

das já citadas influências, também surge a partir do candomblé (Werner, 2016).

Saraceni complementa, para além das já citadas influências, a magia. Para ele, a umbanda é uma

religião magística por excelência, fato este que a distingue e a honra, porque dentro dos seus templos a magia negativa é combatida e anulada pelos espíritos que neles se manifestam incorporando nos seus médiuns. (2019, p. 12)

A umbanda é uma religião nova, se comparada ao hinduísmo (1.500 a.C.), ao budismo (700 a.C.), ao judaísmo (2000 a.C.) ou ao Cristianismo (que já passa dos dois milênios). Mas Saraceni traz uma reflexão importante: como citado acima, a umbanda recebeu seus valores “religiosos fundamentais e ancestrais herdados de culturas religiosas anteriores ao cristianismo” (*idem*).

A umbanda não tem (ainda) um livro sagrado como o Alcorão (Islâmico) ou a Bíblia. Há um lado positivo nisso, porque permite diferentes regionalidades e adaptações aos diversos terreiros e formatos de trabalho. O lado negativo? Justamente a liberdade permitida muitas vezes se torna extremada e, como não há uma regulamentação, excessos podem e são cometidos, contrariando a base do trabalho da umbanda: “a caridade, e ponto final”, como nos disse o Décio em entrevista. Ainda assim, o fato de não ter um livro sagrado não os impede de ter um código ético, que pode ser acessado no site da Federação Brasileira de Umbanda¹

Rubens Saraceni destaca que a umbanda é “uma religião sem qualquer preconceito para com todas as outras religiões” (2019, p. 16), trazendo

¹ Disponível em: <https://www.fbu.com.br/novo%20site/menu/codigo-etico.html#content>, acesso em 10 set.2023



na sequência uma explicação fundamental para o entendimento do rito umbandista: a de que a umbanda é um rito MONOTEÍSTA, pois

está fundamentada na crença da existência de um único Deus e de um Deus único, ainda que também tenha todo um panteão divino muito bem definido nas divindades Orixás, às quais reverenciamos, evocamos e oferendamos regularmente, pois cremos que cada um deles é uma divindade unigênita ou a única gerada por Deus no campo e sentido de nossa vida onde cada uma delas atua (idem).

Para complementar a leitura:

Barbosa Júnior, Ademir. *Dicionário de umbanda*.

São Paulo: Anúbis, 2016.

Mutti, Daisy; Chaves, Lizete. *Ensinos básicos de umbanda*. Porto Alegre;

BesouroBox 2023.

Peixoto, Norberto. *Umbanda pé no chão: estudo de umbanda*. Porto Alegre: BesouroBox, 2023.

Saraceni, Rubens. *Umbanda sagrada: religião, ciência, magia e mistérios*. São Paulo: Madras, 2019.

Silva, Vagner Gonçalves da. *Candomblé e umbanda - caminhos da devoção brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2005.

Hino da Umbanda (J. M. Alves)

Refletiu a luz divina

Com todo seu esplendor

Vem do Reino de Oxalá

Onde há paz e amor

Luz que refletiu na terra

Luz que refletiu no mar

Luz que veio de Aruanda

Para tudo iluminar

A umbanda é paz e amor

É um mundo cheio de luz

É a força que nos dá vida

E à grandeza nos conduz

Avante, filhos de fé

Como a nossa lei não há

Levando ao mundo inteiro

A bandeira de Oxalá

Ponto riscado em dia de gira.





Representação de São Sebastião.

Disponível em <https://arquidiocesedeuberaba.org.br/festa-em-louvor-a-sao-sebastiao/>. Acesso: 02 out. 2023.



SOBRE O TERREIRO

As origens: a formação do terreiro

Nos idos de 1954, a mãe do Sr. Nene (Serafim Rodrigues Hernando Júnior, nascido no Brás, cidade de São Paulo, em 02 de novembro de 1940) já gostava de frequentar um terreiro de umbanda, “gostava de apreciar, fazer uma prece, sei lá”, ele contou em entrevista que pode ser lida na página 55 deste volume.

O Sr. Nene passou um curto período por um terreiro chamado Tenda de Umbanda Vovó Catarina, de onde saiu para participar de um terreiro com seu amigo Augusto Rodrigues, o Augustinho, que recebia o caboclo Eru das Águas. Este Augustinho foi o pai de santo do Sr. Nene, que tinha então por volta de 18 anos. Começou tocando atabaque, passou a cambone depois de um convite recebido do Caboclo Eru e, daí, para médium. Na inquietação da sua juventude, também participou de um terreiro de quimbanda no Bixiga:

“Tanto é que uma vez eu larguei e fui a um terreiro lá no Bixiga. Era quimbanda. Começava meia-noite e terminava às cinco horas da manhã. Chegava meia-noite, fechava as portas: ninguém entrava e ninguém saía, só ia sair depois das cinco horas da manhã. Eu fiquei um ano lá – esse é um arrependimento na minha vida. Mesmo. Arrependimento. E por quê? Por que eu vi que não era aquilo que eu queria, sabe? Eu estava indo muito pra baixo. Não se falava em Deus. Se fazia matança de muitos bichos. Muita galinha. Muita galinha de Angola, não era o que eu queria. Bom, mas foi o passado, foi bom aprender”.

(FONTE A)

O terreiro do Augustinho fechou depois do seu assassinato por um familiar.

Já a Dona Nena (Encarnação Campanhe Rodrigues Hernando, nascida também no Brás, cidade de São Paulo, em 22 de março de 1943) só foi conhecer o Sr. Nene quando ele já tinha 18

para 19 anos. Ela era católica praticante e ele não contou que frequentava a umbanda. Mas a irmã do Sr. Nene adorava a umbanda e um dia chegou na casa do jovem casal (devidamente casados) - por volta de 1964 - com uns pacotes que encontrou embaixo do seu travesseiro. Nos pacotes, cabelos, ponta de charuto, grampos, tudo indicando se tratar de um trabalho de magia. Dona Nena pede para que seu Nene - algo inativo na umbanda naquele momento, um destes períodos de afastamento que muitos passam - as leve ao terreiro.

O primo da Dona Nena frequentava um terreiro na Rua Paes de Barros, de uma senhora que recebia o Caboclo Tupiaba. Tentou passar despercebido, mas Seu Tuano se manifestou - não foi a primeira vez, no entanto. Ele passou a trabalhar lá e ela, para estar com ele, se tornou cambone na casa.

No ano de 1980, próximo da festa de São Cosme e Damião, houve uma ruptura com a dirigente daquela casa que frequentavam. Todos os médiuns saíram e a partir de então surge o embrião da Oca De Tupã.

Eles montam na casa deles, na sala, um espaço de reuniões, afastando os móveis da sala. Um primo da Dona Nena, o Serginho, recebia o Caboclo Sete Pedreiras - este caboclo e o Sr. Tuano se associaram para montar, então, a Tenda de Umbanda Oca de Tupã. A primeira versão da Oca de Tupã foi fundada, portanto, por dois caboclos.

Por problemas pessoais, o Serginho se afasta e assim a Oca passa a ser conhecida como Tenda de Umbanda Oca de Tupã do Caboclo Tuano.



A inauguração do terreiro foi em 27 de setembro de 1980, em uma Festa de Cosme e Damião, na casa em que o casal morava no Brás, na Avenida Rangel Pestana.

As mudanças de espaço

A família – e o terreiro – mudaram do Brás para o endereço atual na Vila Matilde, na Rua Elisa de Carvalho, 460, por necessidade de espaço. Eles faziam linguiça, chouriço e outros produtos e na casa atual havia bastante espaço para isso, já que nos fundos não havia o barracão como se conhece hoje, e sim um quintal com árvores, que dava até para criar galinhas, perus e patos.

Eles ficaram na casa atual por algum tempo, mas voltaram a morar no Brás, por uma série de circunstâncias, entre elas algumas interferências espirituais. A casa do Brás ficou vazia novamente e eles não hesitaram em voltar para lá.



Carteirinha de associada da Oca de Tupã, de 1993. Acervo: Eduardo Torres.



Visão da casa atual – no passado, do lado direito da imagem, ficava uma adega da Dona Nena. O portão do meio leva hoje à casa do casal e, ao lado da casa, o portão que dá acesso ao terreiro, já bem abaixo do nível da rua e não visível na foto.



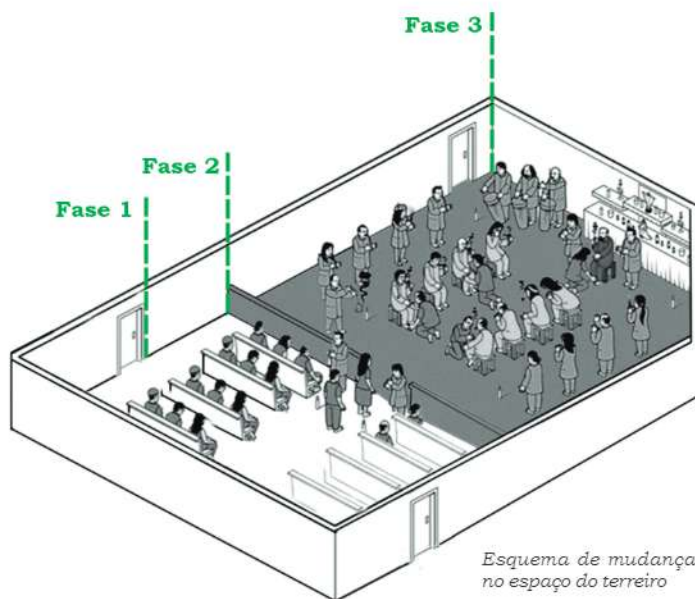
Com a perspectiva de abrirem de fato um terreiro para o atendimento do público, voltaram para a casa da Vila Matilde, onde permanecem até hoje. A casa foi comprada por um dos filhos da Dona Nena e do Sr. Nene em 2019.

O espaço passou por três fases, como explicaram o Sr. Nene, a Dona Nena e o Décio:

* **Fase 1:** A primeira construção que existia era um quarto, que abrangia o pedaço onde estão hoje a metade dos bancos da assistência.

* **Fase 2:** Na segunda expansão, o terreiro foi até onde hoje é a área que separa a assistência da corrente.

* **Fase 3:** Visão do terreiro hoje, já estendido até onde se encontra o congá.



Esquema de mudança no espaço do terreiro



O terreiro na fase 2, preparado para uma Festa das Crianças.



O espaço do terreiro atualmente.

Visão geral do congá atualmente.



O congá



O congá é o mais potente aglutinador de forças dentro do terreiro: é atrator, condensador, escoador, expensor, transformador e alimentador dos mais diferentes tipos de energias e magnetismo (PEIXOTO, 2008).

Até 1983, o congá da Oca era um pequeno móvel que eles colocavam toda semana na sala para colocar uma vela e um copo de água.

Quando o Décio começou a trabalhar, aos 13 anos (1982), ele comprou uma imagem de Iansã, santa da Dona Nena, e um Oxóssi, santo do Seu Nene. Na semana seguinte, chegou um Oxalá.

Na sede do terreiro na Vila Matilde, o congá nunca mudou, explicou o Décio. “A estrutura não mudou desde que foi fundado, o que mudou foi o fundo” (FONTE A), ele explicou. Uma curiosidade é que o congá foi feito com madeira nova que também poderia ser usada para fazer caixões funerários. A Dona Nena tinha um tio em Guarulhos que era dono de uma funerária e se predispôs a executar o altar como o Sr. Nene tinha intuído, como deveria ser.

O congá tem imagens dos orixás, mas é possível pedir uma permissão especial para o Sr. Tuano e colocar lá uma estátua que simbolize uma entidade de alguém, por exemplo.

O congá foi inteiramente pintado de branco. Dona Nena nos explicou que quando há necessidade de restaurar alguma imagem, ela mesma se encarrega da atividade.

Ela também se encarrega das cores e da confecção das toalhas – já que também costura – usadas no altar, sendo que ambas variam de acordo com a gira do dia. “É uma vaidade minha, vou te confessar”, ela disse em entrevista (FONTE A). Ela relatou a seguinte conversa que teve com o Seu Tuano:

Eu falei: “Pai, eu posso por verde aqui pra quando for gira de caboclo?”
Ele disse: “Você arruma do teu jeito, como você quer.”
Ele me autorizou, me deu essa função, então está bom.
Aí eu quis fazer pra o cigano: “Puxa, Cigano, vamos por roxo e não sei o que?”
Então, é coisa minha. Ele aceitou, abençoou e eu faço todas as vezes que quiser. (idem)



O congá na fase 2 do terreiro.



Foto de detalhe do congá em noite de gira.



**D. Dalva e Gabriel
com o traje
da Oca.
Ela tem uma
toalha no
pescoço, que
nem todos usam.**

Os trajes

Olhai os lírios do campo, como eles crescem; não trabalham, nem fiam; e eu vos digo que nem mesmo Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como qualquer deles. Mateus 6:28-29

A Oca de Tupã tem um traje, uma vestimenta oficial. Os homens devem usar uma camiseta branca que tem o símbolo da Oca (a estrela de seis pontas) e uma calça branca. As mulheres, uma saia branca e a mesma camiseta branca com a mesma estrela que os homens usam.

Por que o branco?

Paciullo (FONTE C) explicou que a roupa branca é um sinal de humildade: “Ser humilde não é usar uma roupa velha, ser humilde não é usar uma roupa encardida”, ele disse, esclarecendo também que mesmo em uma gira de exu, as pessoas vão estar de branco e que branco “representa todas as cores juntas - você vai irradiar, você vai espantar o que é negativo”. Reinaldo e Lucimar disseram também que o ideal é que a pessoa venha com trajes interiores discretos e, de preferência, brancos, porque uma entidade incorporada pode ter movimentações fortes, como giros rápidos, e sua roupa interior pode ficar exposta em algum momento. Sugere-se descrição e moderação no vestir - não raro se vê no terreiro as mulheres com leggings brancas ou até mesmo calças confortáveis brancas por baixo da saia.

Mutti e Chaves vão acrescentar que o branco

transmite uma sensação de limpeza, assepsia, calma, paz espiritual e serenidade. O branco possui característica refletora (como já havia apontado Paciullo) e sugere libertação, iluminando o lado espiritual e restabelecendo o equilíbrio interior. O médium de vestimenta branca serve como identificação de quem são os trabalhadores do terreiro, facilitando assim o reconhecimento daqueles que chegam pela primeira vez na casa final numa corrente mediúnica onde todos estão de branco, as diferenças de condição social, financeira ou intelectual não existem, o branco não personaliza, ao contrário ele unifica e nos lembra de que somos iguais perante o Pai. (2023, p.54)

Essa foi a orientação do terreiro até cerca de 15 anos. Foi então que uma nova geração de médiuns, vindos de outros terreiros, começaram a solicitar permissão ao Seu Tuano para que pudessem usar os trajes que seus orixás já estavam acostumados. Assim foi o que relatou a Dona Dalva, que considera o traje uma armadura do orixá: “Eu já tinha os meus trajes”, começou ela, para explicar que:

depois que eu entrei (Nota: Na OCA) eu pedi se era permitido, porque se não fosse permitido não ia entrar. Por conta de quê? Eu já trazia aquilo comigo já há muitos anos. E o meu exu, ele não trabalha se não for daquele jeito. Ele não vem. Sempre foi assim. Porque ele é da porteira, ele que cuida das porteiras ali e segura todas as ondas ali. Tanto que a minha mãe queria que eu fosse a mãe pequena do terreiro e ele não aceitou. (FONTE D)

Quando perguntada sobre como foi elaborado o traje do exu dela, ela explicou que

O Exu pediu uma calça (preta) que fosse até o joelho, uma camiseta simples (preta) e o capuz (igualmente preto). Ele não trabalha sem aquele capuz, ele é um exu mesmo daqueles que para ser doutrinado vai precisar muito, porque ele não é nem gente, para bem dizer. (idem)

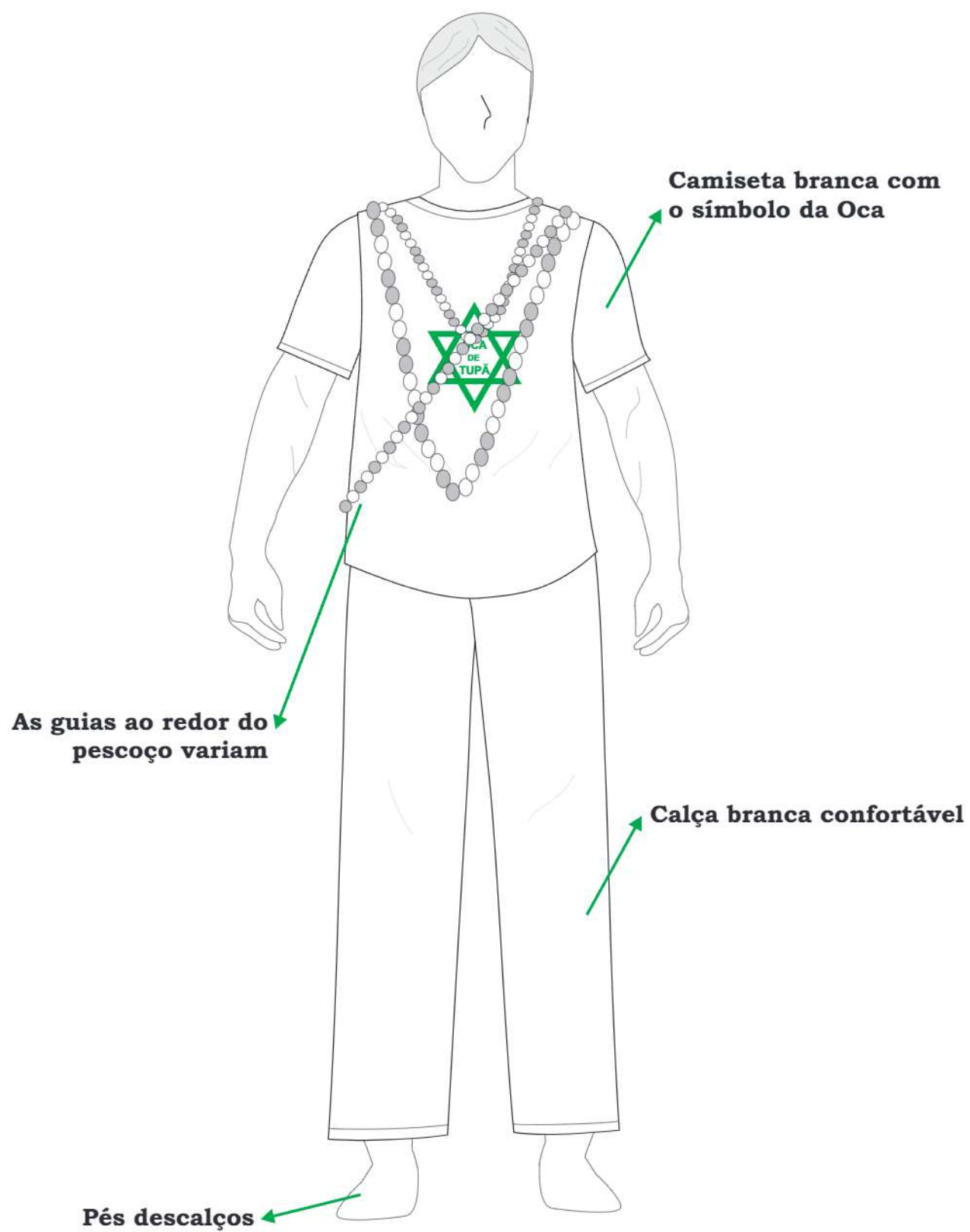
Quem conta esta história da integração dos trajes brancos e coloridos é o Décio Hernando:

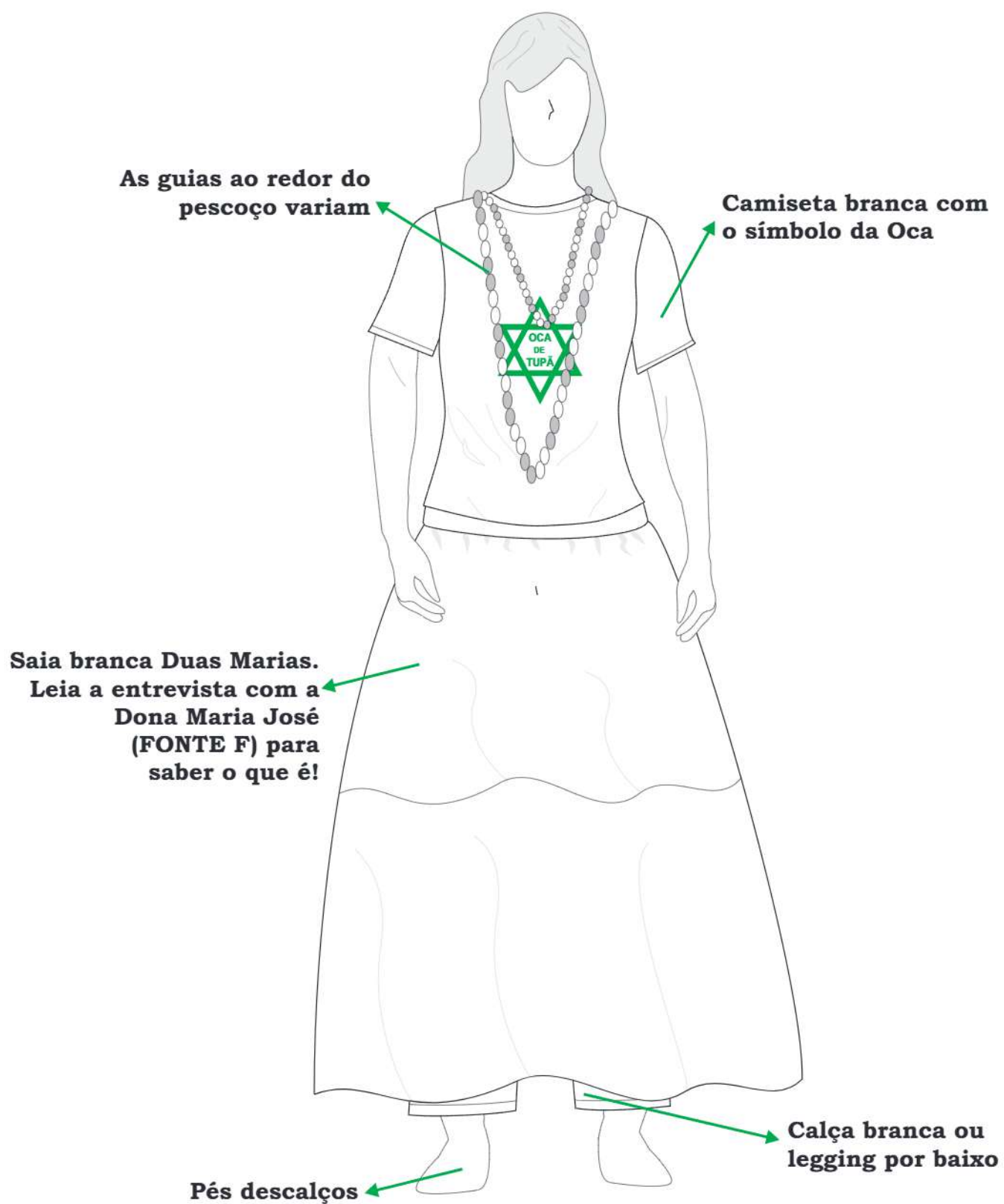
O terreiro começou a agregar pessoas de outros terreiros, que vinham com influência do terreiro deles. A vestimenta preta e vermelha dos exus... “Puxa, por que eu não posso por? Meu exu gosta tanto, minha pomba gira gosta tanto, minha preta velha usa o vestido xadrez” ... Ficou comum. Não há mal nenhum nisso e o Seu Tuano acabou cedendo. Estas pessoas vieram de outros terrenos com uma cultura diferente. Foi por isso que ele permitiu que começasse a usar vestimenta colorida. Mas até então os filhos da casa, quando eram formados aqui, era só branco. (FONTE A)

Vale lembrar, no entanto, que a “reserva de pudor” continua valendo: trajes discretos, que não mostrem o corpo ou parte dele para assistência, desviando assim o trabalho de sua meta principal.

Se vestir o traje é uma preocupação evidente, desvestir – tirar a roupa - também deveria ser! Diversos dos nossos entrevistados revelaram uma preocupação em relação ao que os médiuns fazem **depois** da gira com seus trajes: muitos guardam a roupa suja de uma semana para a outra! “Eu já avisei isso muitas vezes”, reclamou a Dona Nena.









Ela mesma dá a receita: lavagem simples, na máquina de lavar, só com sabão em pó. Não é necessário usar produtos especiais, sal grosso ou qualquer outra coisa. Água e sabão, que ela usa para lavar as roupas brancas de terreiro do casal assim que possível e, de preferência, sem misturar com outras roupas.

“Roupa, como nós falamos de energia, fica impregnada de energia”, esclarece Reinaldo Paciullo, adicionando que “Na verdade, eu saio do terreiro, chego em casa, tiro minha roupa e ela já vai pra lavanderia, vai lavar”. Por quê? – perguntou-se para ele, ao que ele replicou:

Porque tudo na vida é energia. Quando você vai para um terreiro, você pega energia, você troca energia, você se carrega de energia. Se você tem um trabalho que é mais voltado pra esquerda, tem um trabalho mais pesado, tem um trabalho diferente, sua roupa vem com cheiro de defumação e charuto e de tudo o mais, ou seja, você foi impregnado pela energia daquele dia e cada gira é uma gira. (FONTE C)

Lucimar Paciullo, que compartilha com o esposo a mesma opinião em relação à limpeza dos trajes, acrescenta que em algumas giras as entidades pedem que não se entre em casa com aquelas roupas, que devem ser retiradas do lado de fora e postas para lavar. Ela também destaca, como o Eduardo Torres, que é fundamental que a roupa esteja não só limpa como bem passada.

Lucimar e Reinaldo contaram que no passado recente eles usavam alfazema e anil, de vez em quando, para perfumar os trajes, mas o hábito vem perdendo importância ou assiduidade. Ele destaca, porém, que é bom “colocar uma erva junto dela para energizar e deixar ela pura, eliminar todas as energias” (idem).

Mas... e depois de lavar?

Décio Hernando explica como procede depois da roupa estar lavada e passada: “Depois de lavada, é colocada num guarda-roupa toda separada. Tem cabide só pra elas, só para as roupas brancas”. (FONTE A)







Montagem da
Festa das Crianças
em 2023.

As giras

GIRA. Sessão umbandista; roda ritual para cultuar as entidades.
LOPES, 2004, p.299

De maneira muito simplificada, uma gira é uma “sessão de trabalho espiritual na umbanda”, como bem definiu o professor Vagner Gonçalves da Silva. (2005, p.138). Eduardo Torres deu a seguinte definição:

No meu entender, o que é uma gira? Uma gira é quando um grupo de pessoas encarnadas e/ou desencarnadas se reúnem num espaço para procurar trabalhar em prol da evolução do ser humano e seu espírito. Então a partir do momento em que há um círculo, estão circulando energias que as pessoas que estão nele vão usufruir. Se você está focado com a sua fé, com o seu otimismo, com as suas energias positivas, você vai aumentar a potência e o desenrolar daquele processo. (FONTE H)

Na Oca de Tupã, acontecem giras de caboclos, pretos-velhos, marinheiros, crianças, esquerda (exus e pombas giras), boiadeiros, baianos e ciganos. Sr. Nene contou que a gira mais procurada é a de caboclos, porque, como explicou o Décio, “a casa é de caboclo”. Não necessariamente se anuncia uma gira da semana que vem no começo da gira da semana, porque quem determina isso é o Seu Tuano: “Ele vê conforme a necessidade da próxima semana. A cada duas giras, a terceira é de caboclo. Preto velho e marinheiro, caboclo. Criança, baiano, caboclo. Duas giras, uma de caboclo”, elucidou o Décio, deixando claro que isso pode mudar de acordo com a necessidade.

Antes da gira

O Reinaldo, a Lucimar e a Claudinha dão boas sugestões para a preparação ANTES da gira, que você pode ler nas FONTES C e E. Uma boa dica tanto para os médiuns como para a assistência é tomar um banho de ervas, ou banho-santo, como falou a Lucimar.

Procure tomar um banho de ervas, de manjerição – essa daí serve pra qualquer pessoa, sem contraindicações – se banha da cabeça aos pés. (FONTE C)



Antes de entrar no terreiro, olha que boa sugestão deu o Reinaldo:

“Olha, lá fora do terreiro nós temos proteções. Proteções do lado da esquerda, que são os guardiões da nossa casa. Então, quando você chegar no quarteirão da nossa casa, você já pede licença pra entrar no terreiro. Quando você passar pelo portão da casa, você já pede e ali você já vai sintonizando para a gira”.

Dona Dalva disse que quando chegar no portão, “primeiramente, você vai saudar o exu da casa”. De acordo com ela, não é necessário saudar o exu na tronqueira. Ela complementa:

Vai saudar o exu da casa - mesmo que você não saiba o nome, você vai falar: “Salve suas forças. Eu estou pedindo permissão pra entrar na tua casa. Segura as porteiras. E me dá licença pra eu entrar”. (FONTE D)

Ele disse que depois de saudar fora, é necessário fazer as saudações lá dentro: “entrar no terreiro, saudar o congá do terreiro e o pai de santo do terreiro. Se apresentar para o terreiro, se for o caso” (idem). Os médiuns vão seguir seus ritos específicos, mas quem vai para a assistência pode seguir estas sugestões do Reinaldo e da Lucimar:

Antes de entrar na parte de assistência, pede proteção pros guardiões, senta, em silêncio. Ali é o momento de você lembrar todos os seus problemas, tudo que você está passando”. A pessoa tem que estar concentrada no que vai fazer ali, firmar a cabeça, como a Lucimar falou. Sem os braços ou as pernas cruzadas pra energia fluir melhor pela pessoa.

A gira em si

“Você pode chegar atrasado, mas a gira não pode parar. Se a gira é às oito e meia, às oito e meia começa com um, com dez, com todos da corrente”, declarou fortemente o Reinaldo.

Ou seja: esteja preparado para começar no horário, com boa atitude metal, boa preparação espiritual, focado nas propostas do trabalho da noite.



Do ponto de vista físico e sonoro, a gira começa quando o sino toca, alertando que a gira vai começar. A assistência vira para o fundo, na direção da tronqueira de exu, onde está firmado o ponto do Seu Cova Rasa, exu do Sr. Nene, e dos demais exus dos filhos da casa. Depois de cantado o ponto de exu, um novo ponto é cantado para a abertura da cortina. Você pode conhecer os pontos sagrados e a ordem em que são cantados no texto “Os pontos”, que o Décio Hernando escreveu e começa na página 37 deste volume. Lá ele explica cada ponto, a ordem de cada um deles e o que significam.

O atendimento começa e, de maneira geral, uma gira/sessão dura 2 horas.

Da mesma maneira que cantaram para abrir, cantaram durante os trabalhos para manter bons níveis de energia e invocar as entidades, cantam também para encerrar as atividades da noite. Nos cantos finais, os filhos batem cabeça, agradecem e o rito vai sendo finalizado.

Depois da gira

Muita gente é atendida e sai correndo do terreiro para outras atividades, mas não deveria ser esta a atitude, nem dos médiuns e nem dos participantes da assistência. Antes de sair do terreiro, agradecer a Deus, aos orixás, aos guias por todas as benções recebidas. Pedir licença para se retirar, saudando os guardiões da casa e pedindo que, ao sair, saia melhor do que entrou, mentalizando que seus problemas estão resolvidos e/ou encaminhados. Que entidades negativas que o acompanhavam possam permanecer no terreiro e seguirem para tratamento, e pedir para que seus guias o acompanhem para uma jornada produtiva e harmônica.

Mais uma vez, leia as instruções da Claudinha na FONTE E, onde ela sugere que ao sair do terreiro, vá para casa, pois os trabalhos podem eventualmente continuar e processos

serem desenvolvidos e/ou finalizados.

Um outro tipo de gira: a de desenvolvimento

Há um tipo de gira na qual a assistência não participa e cuja finalidade é diferente das giras públicas que vimos até este momento: são as giras de desenvolvimento mediúnico.

Rogério Rett esclarece que “A gira de desenvolvimento é uma gira de umbanda normal, só que sem consulentes e com uma parte do tempo dedicada a passar ensinamentos e tirar dúvidas relacionadas ao tema espiritual”. Por que elas são importantes?

As giras de desenvolvimento mediúnico são importantes porque preparam os futuros médiuns para o atendimento na corrente de trabalho. Alguns centros fazem durante a gira, outros em dias separados e geralmente são feitas pelo dirigente espiritual/material da casa (FONTE G).

Para saber mais sobre este importante trabalho, leia a entrevista com o Rogério Rett (FONTE G, a partir da página 136 deste volume)



Imagem de Zé Pilintra.





Detalhe de atabaque da
Oca de Tupã.



OS PONTOS DE ABERTURA DAS GIRAS

Por Décio Hernando

O primeiro cântico é para Exu, pois ele tem o poder de manter o equilíbrio, a segurança e a harmonia no terreiro.

PONTO DE ABERTURA

Quando passar naquela porteira,
Oi, não se esqueça de olhar pra trás “Bis”
Olha que lá tem morador
Seu Cova Rasa é quem mora lá “Bis”

O ponto a seguir é cantado na abertura da cortina que separa a assistência da Corrente Mediúnica (todos os filhos de branco). As cortinas sô são abertas depois que cantamos para os exus e pombas giras, pois não se sabe o que esperar da energia dos consulentes: alguns podem estar com demandas; outros, carregados de energia vinda de um lugar não adequado para a preparação para um trabalho espiritual, como um bar, por exemplo; ou outros males que iremos descobrir somente após o início dos trabalhos.

Esta regra não é seguida em todos os terreiros, mas faz parte da doutrina de alguns.

PONTO DE ABERTURA DA CORTINA

Eu vou abrir minha jurema
Eu vou abrir meu juremã (2x)
Com a licença de mamãe Oxum
E o nosso pai oxalá (2x)
Já abri minha jurema
Já abri meu juremã (2x)
Com a licença de mamãe Oxum
E o nosso pai oxalá (2x)

Vou abrir minha Jurema
Vou abrir meu Juremã¹

Na sequência, damos continuidade à proteção e limpeza do terreiro e dos médiuns com a defumação. A defumação não é uma exclusividade da Umbanda: a Igreja Católica segue um rito parecido e com funções semelhantes. As comunidades indígenas também usam a defumação, para afastar maus espíritos e trazer boas energias.

O que pedimos ao defumar o terreiro é harmonia, limpeza das energias do local e dos médiuns.

¹ Juremã possivelmente deriva de Juremal, “um dos ‘mundos do além’ nos catimbós do Nordeste”. (CASCUDO; Dicionário do folclore brasileiro, 2202, p. 580). O catimbó é uma religião também conhecida como “Jurema Sagrada ou Jurema Nordestina”, de acordo com Barbosa Júnior, 2016, p. 124.



PRIMEIRO PONTO DE DEFUMAÇÃO

Entrei lá na mata e pedi
Que a jurema desse folhas para mim
Ela me deu e aqui eu estou
Com as ervas da jurema
fazendo defumador
Eu defumo, eu defumo,
Vamos defumar!
Eu defumo, eu defumo,
Com as ervas de Oxalá!

SEGUNDO PONTO DE DEFUMAÇÃO

Jureme, juremeira olha as folhas da palmeira
Jurema vem lá das matas vem trazer pra esse congá
O seu cheiro de incenso pra seus filhos defumar
Cheira mirra, benjoim e também cheira incenso
defuma filhos de Pemba com as ervas da jurema

TERCEIRO PONTO DE DEFUMAÇÃO

Defuma com as ervas da Jurema
Defuma com arruda e guiné (2x)
Benjoim, alecrim e alfazema
Vamos defumar filhos de fé!

Logo em seguida, Dona Dalva (uma das médiuns do terreiro) lê uma oração pedindo orientação, benção, proteção, sabedoria, energia e tudo de bom para que possamos transmitir a quem necessitar.

ORAÇÃO

Pai misericordioso e justo, Criador do Universo,
lançai vossas benções sobre os trabalhos que
os vossos filhos, em vosso sagrado nome, vão
executar neste terreiro.

Em benefício dos seus irmãos, também vossos
filhos, Pai misericordioso e justo, dai permissão
aos Espíritos de Luz, Orixás, Chefes de Falange e
seus comandados.

Aos Caboclos e Pretos Velhos, Espíritos do Mar,
dos Rios, das Fontes e das Cachoeiras, a todos os
espíritos puros ou purificados, que lancem sobre
este terreiro suas irradiações salutares, seus
fluidos regeneradores, em benefício dos que vem
aqui em busca de alívio, socorro e cura, para suas
dores morais e físicas.

Oxalá poderoso e cheio de bondade, derramai
sobre nós os vossos eflúvios, infundindo em
todos nós a resignação e a boa vontade para
desempenharmos bem a nossa tarefa.

Anjos da guarda, Guias e protetores nossos,
derramai vossa influência sobre os médiuns
aqui presentes, a fim de que possuídos da
vossa energia possam transmiti-la aos irmãos
necessitados de amparo.

Espíritos de Luz, dai aos médiuns a vossa força
para que estes a transmitam aos irmãos que dela
necessitam.

Que as energias do Universo, sob a ação dos
Espíritos de Luz, Guias, protetores, Anjos de
Guarda, derramem-se luminosas, benéficas e
fortes neste ambiente, purifiquem-nos, iluminem-
nos, afastando os maus elementos do espaço e da
terra.

Espíritos superiores, defendei este terreiro,
impedindo a aproximação dos espíritos
perturbadores deste.

Pai Misericordioso e justo, louvado seja o Vosso
nome, para todo sempre. Amém.



Após a oração, damos início aos cânticos dos Orixás (santos). Não há uma regra rígida na ordem dos cantos, mas hoje, pela forte vibração do ponto que cantamos, o de Xangô é o primeiro. Pelo mesmo motivo, o segundo é o de Iansã. É importante lembrar que começar pontos de vibração muito elevada ajuda os médiuns e entrar em vibração alta, aguça – a sensibilidade deles.

1º – PONTO DE XANGÔ

Ele bradou na aldeia
Bradou na cachoeira
Em noite de luar
No alto da pedreira
Vem fazer justiça,
Pra me ajudar (2x)

Ele bradou na aldeia, Kaô kaô
E aqui vai bradar, Kaô kaô
Ele é Xangô da pedreira
Ele nasceu na cachoeira
Lá no Juremar

2º – PONTO DE IANSÃ

Ela é a Senhora dos Ventos
Ela é a mais linda orixá
Ela veio acalmar as tormentas
Quem mandou foi meu Pai Oxalá (2x)

Iansã, minha Mãe Iansã
Sua espada de ouro no céu brilhou
Iansã, minha Mãe Iansã
Obrigado, senhora, porque a bonança chegou.

3º – PONTO DE OGUM

Se meu Pai é Ogum,
vencedor de demandas
Ele vem de Aruanda
pra salvar filhos de Umbanda (2x)

Ogum, Ogum Iara
Ogum, Ogum Iara
Salve os campos de batalha,
salve a sereia do mar
Ogum, Ogum Iara
Ogum, Ogum Iara

4º – PONTO DE IEMANJÁ

Iê, Iemanjá! (2x)
Rainha das ondas, sereia do mar (2x)
Como é lindo o canto de Iemanjá
Faz até o pescador chorar
Quem escuta a Mãe d'Água cantar
Vai com ela pro fundo do mar (2x)
Rainha das ondas, sereias do mar (2x)

5º – PONTO PARA OXÓSSI

Eu corri terra...
Eu corri mar...
Até que eu cheguei na minha raiz!
Ora, viva Oxóssi da Mata
Que a folha da mangueira ainda não caiu!

6º – PONTO PARA OXUM

Eu vi Mamãe Oxum na cachoeira
Sentada na beira do rio (2x)
Colhendo lírio, lírio é
Colhendo lírio, lírio á
Colhendo lírio
Pra enfeitar nosso congá (2x)



7º – PONTO PARA OMOLU (Ou Obaluaiê.
Obaluaiê é o deus iorubá e das religiões
afro-brasileiras associado à cura, às doenças,
ao respeito aos mais velhos, à terra e à
morte. É assim que nós da Oca de Tupã
cultuamos esse Orixá)

Na pedra fria
No pé do morro
Dizem que mora
Um velho lá
Ele é curador
Ele é rezador
Ele é Obaluaê
Ele vai me curar

Depois da saudação a todos os Orixás, a
proteção feita e a oração firmada, vamos abrir
nossos trabalhos com o seguinte ponto:

PONTO DE ABERTURA DOS TRABALHOS E
PERMISSÃO PARA OS MESMOS

Pedimos licença a Zambi²
A Oxum e Iemanjá
Para abrir nossos trabalhos
Com a bandeira de Oxalá! (2x)
Saravá, Ogum!
Saravá, Congá!
Saravá, as almas!
Saravá, este congá!

Trabalhos abertos, chegou a hora de
chamar o chefe do terreiro, o Sr. Tuano.

² Zambi é uma entidade suprema da umbanda: corresponde a Deus Curador ou Deus Pai.

PONTO DE CHAMADA DO CABOCLO TUANO

O sr. Tuano vem das matas virgens
Oh, ele vem trazendo folhas de mangueira
Folhas de Palmeiras
Pra seus filhos abençoar
O seu penacho é verde como as matas
Caboclo formoso,
Sr. Tuano das Matas!

O ponto a seguir é cantado para saudar sua
chegada.

PONTO DE SAUDAÇÃO DA CHEGADA DO
CABOCLO TUANO

Foi numa tarde serena
Lá nas matas da Jurema
Que eu vi meu caboclo bradar
Kiô, kiô, kiô, kiô, ki era
Toda mata está em festa
Saravá pro sr. Tuano!
Ele é o rei da floresta.

Em seguida, o Seu Tuano vai cruzar o
terreiro e deixar sua firmeza para a gira com sua
pemba. Cantamos para isso também.

PONTO DE FIRMEZA DO CABOCLO TUANO

Seu Tuano já chegou
Ele veio saravá (ou trabalhar)
Ele vai firmar seu ponto
e os Capangueiros vão chegar (se for gira de
caboclo, a entidade no ponto muda conforme a gira)

Logo após o terreiro estar cruzado e o ponto
firmado, damos início à chamada das entidades
que irão trabalhar naquele dia. É nessa hora que
os médiuns dão passagem para suas entidades.
Cantamos para isso também, mas são vários
pontos que mudam de acordo com a gira e de quais
entidades vão trabalhar.



Ogãs da casa: Gabriel, Décio e Mota.



**Detalhe de fios de contas no pescoço
de uma médium da Oca de Tupã.**



OS PONTOS DE FECHAMENTO DAS GIRAS

Por Décio Hernando

Da mesma maneira que cantamos para abrir os trabalhos, cantamos para encerrar, agradecendo ao Sr. Tuano, aos guias, aos Orixás e a todos os guardiões que nos auxiliaram nesse dia.

Logo em seguida, uma oração cantada – geralmente cantamos a

PONTO DE PARTIDA DO SEU TUANO

Seu Tuano vai embora,
Vai pra sua cidade
Lá no Juremá,
Lá no Juremá!

Abraços a seus filhos deixa
– embora com saudades –
Ele vai girar! (2x)

Adeus, adeus!
Até um dia quando ele voltar!

Seu Tuano foi embora,
Vai pra sua cidade
Lá no Juremá,
Lá no Juremá!

Abraços a seus filhos deixa
– embora com saudades –
Ele já girou! (2x)

Adeus, adeus!
Até um dia quando ele voltar!

ORAÇÃO DE SÃO FRANCISCO

Ó Mestre, fazei que eu procure mais:
consolar, que ser consolado;
compreender, que ser compreendido;
amar, que ser amado.
Pois é dando que se recebe.
Ê perdoando que se é perdoado.
E é morrendo que se vive para a vida eterna.

Em seguida, Dona Dalva faz uma oração específica da Umbanda, agradecendo a todos os guias e orixás e ao Seu Tuano pela proteção e amparo na gira.



PRECE DE ENCERRAMENTO DOS TRABALHOS

Meus irmãos, eis-nos chegando ao término dos
nossos trabalhos.

Elevemos nossos pensamentos ao Pai Celestial e
agradeçamos as graças recebidas em mais este
dia de divino trabalho.

Senhor, eis-nos aqui diante de vós, com o
coração aberto e transbordando de alegria,
por todos os favores que vós nos concedestes
por intermédio de vossos mensageiros, nossos
diletos protetores.

Agradecemos, ó Senhor, a vossa proteção, assim
como agradecemos aos guias que aqui estiveram
entre nós, purificando-nos e confortando-nos.

Continuai todos vós, ó obreiros da divindade,
a proteger-nos e amparar-nos durante todos os
momentos.

Em nome do Grande Pai de Jesus, nosso querido
mestre, e de seus mensageiros, humildes
trabalhadores da umbanda e ainda do caboclo
Tuano, nosso mentor espiritual, damos por
encerrados os trabalhos de hoje.

Assim começam os pontos finais de
encerramento.

PONTO DE ENCERRAMENTO 1

Eu fecho a nossa gira
Com Deus e Nossa Senhora
Eu fecho a nossa gira,
Tambores e Pemba de Angola

Fechamos nosso trabalho
Nós pedimos a proteção
De Deus todo poderoso
E da Virgem da Conceição

Ogum é quem está de ronda
Quem está chamando
É São Miguel
Eu, eu, eu na linha de Umbanda
Quem está chamando é São Miguel

PONTO DE ENCERRAMENTO 2

Deus nos salve nossos guias
Pela glória deste dia
Eu vim aqui
Pedir a Oxalá
E a estrela da guia
Que aumente a vossa luz
Que nós possamos alcançar
As belas vibrações deste congá



PONTO DE ENCERRAMENTO 3

Observação importante, de forma bastante resumida: nessa hora, os médiuns se dirigem ao congá em fila dupla e o saúdam, batendo a cabeça no congá para agradecer as graças recebidas (o rito é o mesmo que os médiuns fazem quando vão entrando no terreiro, mas com finalidade diferente: na entrada, pede-se proteção e permissão aos Orixás de Cabeça e ao Chefe do Terreiro para que possam servir de instrumento aos mesmo em benefício ao próximo).

Adeus, congá!
Congá de alegria! “2x”
Adeus, povo de Aruanda!
Até um outro dia! “2x”

PONTO DE ENCERRAMENTO 4

Santo Antônio Pequenino,
não me deixe andar sozinho.
Olha lá meu Santo Antônio,
toma conta do caminho.

PONTO DE ENCERRAMENTO 5

Estrela do céu, que guiou nosso pai
Guiar esses filhos
Aos caminhos que eles vão “2x”
Pai Oxalá
Deus lhe dê boa viagem
Nossa Senhora vos guie na primeira carruagem
Meu pai Oxóssi
Deus lhe dê boa viagem....
Meu pai Ogum....
Meu pai Xangô....
Meu pai Obaluaê....
Minha mãe Iemanjá....
Minha mãe Iansã....
Minha mãe Nanã...
Minha mãe Oxum....
Todos Orixás....

PONTO DE ENCERRAMENTO 6

Adeus barra do dia
Nossa Umbanda já fechou
Adeus umbanda adeus
Que a barra do dia já raio “2x”

ÚLTIMO PONTO

Adeus, terreiro de umbanda!
Nós vamos nos retirar
Adeus, adeus até quando voltar os orixás “2x”
Saravá, Oxalá!
Saravá, Seu Tuano!
Saravá, todos os orixás de Umbanda!





BOAS SUGESTÕES PARA A PRÁTICA MEDIÚNICA

Por Claudinha

As práticas mediúnicas variam muito de casa para casa. E principalmente de médium para médium. Lógico, o conceito da umbanda é um só e você tem que trabalhar naquela linhagem. Mas de casa para casa muda o preparo, algumas práticas mudam muito. Lógico que tem algumas que são fundamentais para toda a casa e pra todo médium. Mas cada médium tem uma particularidade, e isso eu estou dizendo dentro do que eu aprendi, não só na Oca de Tupã, mas no estudo dos livros também e na prática realmente da espiritualidade, no dia a dia do que eu como médium me sentia bem fazendo. Da orientação que tive também de colegas mais antigos na prática; orientações também na época de desenvolvimento de gira, mas algumas coisas a gente adapta, para ficar melhor para o próprio médium. É como você se sente melhor. É lógico, tem aquele médium que tem mais tempo de se preparar para uma gira; tem aquele médium – como eu – que chega sempre correndo, porque eu trabalho muito longe. Então eu sempre chego próximo do começo já da gira, às vezes até já dando início. Você não consegue ter tanto preparo naqueles minutos antes do trabalho. Mas eu tenho um preparo antes, durante o dia.

Como eu não consigo chegar no terreiro e fazer uma meditação, uma prece mais prolongada – fora o comprimento, bater cabeça no congá é essencial, fundamental, e firmar a vela, que você sente na sua intuição se é para o seu anjo de guarda ou o do guia do trabalho, e as preces, já são rotineiros. Mas eu tenho algumas preparações durante o dia, que eu não sei se são iguais para todos os outros médiuns, mas é uma coisa que vai de cada pessoa.

Algumas coisas eu acho essenciais e que são colocadas mesmo como prática para todo mundo, e que deveriam ser seguidas porque fazem muita diferença no trabalho espiritual. Durante o dia, eu não costumo comer, no dia de trabalho – no caso da Oca de Tupã é sexta-feira –, eu procuro não comer carne vermelha. Eu procuro me alimentar de alimentos mais leves, principalmente próximo ao horário que eu vou para a Oca. Não janto antes de ir para a Oca – eu sempre faço um café da tarde ou um lanche, alguma coisa para não ficar com o estômago pesado, mas isso depende muito de médium para médium, né? Às vezes na incorporação há muito movimento, então a matéria pode se ressentir um pouco e você não ficar tão bem. Então eu procuro comer alimentos mais leves, principalmente no final da tarde. Beber muita água e procurar durante o dia ter bons pensamentos, me desligar um pouco de problemas em geral – o que é tão difícil, não é? Porque você está trabalhando durante o dia, você tem stress, fica nervoso... Em algumas vezes não dá para fazer isso, mas se possível, quando eu saio do trabalho a caminho de casa, eu vou fazendo minhas preces, eu vou escutando os pontos. Porque o ponto nada mais é que uma prece cantada, então eu vou o caminho todo ouvindo. Normalmente eu já fico com o fone de ouvido o dia todo; eu escuto pontos quase o dia todo, todos os dias, porque eu gosto. Eu gravo os pontos, canto, pesquiso ponto, porque eu gosto muito. Então eu já vou o caminho todo escutando ponto, fazendo prece. Sempre é mais calada... É um dia em que eu procuro me reservar um pouco mais. Algumas práticas que eu aprendi – não são regras, está bem? – e acho importantes, para mim funcionam, são estas coisas: alimentação leve; se preparar; se você tiver condições de fazer um



banho no dia, um banho de firmeza, um banho de proteção... Também é muito bom acender uma vela pro seu anjo de guarda. Principalmente nos dias de trabalho, isso também é muito bom, de preferência. Se possível, que a pessoa não tenha atividade sexual no dia. Porque o ato sexual ele envolve vibrações e uma energia mais da matéria, mais orgânica. Então é bom que a gente esteja mais sutil! Que a matéria da gente seja mais leve um pouco mais sutil, pelo menos nesse dia! Para que haja uma melhor doação. Do trabalho espiritual. Então, se possível, não ter relação sexual no dia - eu até particularmente acho que não é bacana nem antes e nem após o trabalho, porque depois que você também sai da gira, que você que você trabalhou, você espiritualmente continua envolvido naquela energia espiritualmente! Às vezes eles ainda continuam trabalhando por algum motivo para você, por você ou para alguém, então você está com aquela vibração naquilo. Então, se possível, é melhor evitar.

Não sair da gira e - no dia da gira - ir para uma balada, por exemplo. Porque você sai numa vibração e vai para outra vibração. A gira acontece numa sexta-feira em que você teve um almoço, que você bebeu, que você foi num churrasco, sei lá. Uma pessoa que não trabalha fora, ou está de férias, e teve uma atividade nesse dia, fez isso, fez aquilo e depois vai para gira. Não é recomendável, não é? Não é recomendável que se beba álcool no dia, antes de ir para a gira.

Depois que você sair, se puder, vá para casa e tome um banho. Faça sua refeição, assista televisão, faça qualquer outra coisa, uma atividade mais tranquila para que você feche o ciclo bem. Não é? Eu também acho isso bacana. Lógico que às vezes você vai ter compromisso, mas nos dias corriqueiros, seria mais indicado que, quando acabasse a gira, você fosse pro teu repouso, pra tua casa, não é? Para que quando você dormir, as entidades possam continuar - se você precisar se orientar de alguma forma - que o seu perispírito esteja ainda em condições de que isso aconteça.

Então são práticas que acredito que não sejam tão difíceis, é um dia só, acho que dá para evitar algumas coisas.

Fundamental também prece e oração. Prece e oração na semana toda. Não é só no dia de gira. Não é só na sexta-feira, quando você veste o branco. Isso pra você como pessoa, independente de médium. Então oração todos os dias, nos momentos que forem possíveis, na hora que for possível - não precisa ser naquele minuto, em que você obrigatoriamente tem que ajoelhar no chão e fazer sua oração! Não, você pode fazer sua oração dentro do transporte; no seu horário de almoço; você pode se encontrar com Deus a qualquer momento, desde que você esteja, lógico, num cantinho onde você tenha um pouquinho mais de tranquilidade, de paz e você possa fechar seus olhos e mentalmente se encontrar com Deus. Ou até com os olhos abertos. Quantas vezes eu estou dentro do Metrô? Eu estou dentro do ônibus. Estou ali quietinha no meu canto. Estou conversando com Deus em pensamento. Então a oração é o que gera aquele vínculo, aquele elo de comunhão com Deus. De proteção pra gente estar ali em contato com a espiritualidade e abrir também a possibilidade da intuição - de você receber algum tipo de orientação. Se você está nessa comunhão, através da oração, fica mais fácil de você sentir, de você absorver, de você perceber, de você intuir. Então prece e oração tem que ser frequente: você não precisa rezar o dia inteirinho, mas você tem que ter um minuto, uns minutos do seu dia para poder fazer isso. Pra que você se mantenha bem, é como os guias sempre me dizem. Os guias que trabalham comigo, eles sempre falam: "Você não come pra alimentar a matéria? A comida alimenta a matéria? O que alimenta teu espírito? É a prece, a oração, é a tua conversa com Deus, a tua conversa com os seus guias, é a orientação, é o vínculo espiritual que você tem". Então isso cria uma aura de proteção pra que a gente não fique suscetível também a maus pensamentos, a más energias. Não que não estejamos sujeitos a isso, porque infelizmente acontece para todo e qualquer um, independentemente de ser médium



ou não. Mas se você estiver com o pensamento bom, com a mente mais leve e mais clara, a chance de baixar a energia é bem menor. E de baixar a guarda também.

(este texto foi retirado da entrevista completa da Claudinha {FONTE E}, que a nosso pedido dissertou sobre o tema. Para saber ainda mais, leia a entrevista com o Rogério Rett ({FONTE G}; com o Eduardo Torres {FONTE H}; e com os casais Décio & Lucimara {FONTE B} e Reinaldo e Lucimar {FONTE C})



ENTREVISTA COM SEU NENE, DONA NENA E DÉCIO HERNANDO (FONTE A)

Por Fausto Viana



Décio, Sr. Nene, Dona Nena e Lucimar. Setembro de 2023.



No dia 30 de julho de 2023, às 17h30, estivemos reunidos para uma conversa na casa do Sr. Nene e da D. Nena, dois dirigentes da Tenda de Umbanda Oca de Tupã do Caboclo Tuano, que fica na Rua Elisa de Carvalho, 460, na Vila Matilde. O Décio Hernando, filho do casal e também dirigente da casa, estava presente. A ideia era ficar uma hora conversando sobre alguns temas para esta publicação sobre os 43 anos da Oca, para não cansar muito o casal. Pois três horas e meia se passaram e foi uma experiência incrível, que apresentamos – porque o Eduardo Torres estava presente também – para vocês agora. Os dois? Terminaram cheios de energia. Que vitalidade!



Fausto Viana: Então, nós estamos aqui com a Dona Encarnação Campane Rodrigues Hernando e com o Sr. Serafim Rodrigues Hernando Júnior, que também atendem por D. Nena e Sr. Nene. Os dois nasceram no Brás, aqui na Cidade de São Paulo: ela em 22 de março de 1943 e ele em 2 de novembro de 1940. A primeira pergunta que a gente quer fazer é: como é que vocês se conheceram?

Sr. Nene: Quer que eu comece? Olha, é uma novela!

Tudo bem!

Sr. Nene: O pai dela gostava muito de pescar e o meu pai também. O pai dela tinha uma tapeçaria numa esquina da Rua Visconde de Parnaíba e em frente tinha o restaurante do meu pai. Então eles se conheciam, eles iam pescar juntos. Eu fui várias vezes com eles, eu era moleque. E foi passando. Ela era menina. Vinha no bar comprar cerveja pro pai, alguma coisa. Eu a atendia, mas só que ela nunca deu uma caixinha! *(risos)*

D. Nena: A gente era criança.

Sr. Nene: Bom, aí o tempo passou. Tinha muita amizade com a família, que foi criada junto lá

na Caetano Pinto. Eu nasci na Rua Flora, que é uma rua paralela. E nós tínhamos um clube na Rua Caetano Pinto, chamado Apea¹, era muito conhecido. Na época da festa junina, eles faziam uma quermesse enorme que pegava a rua toda. Eu era voluntário da quermesse porque pertencia ao clube. Então um dia eu estou numa barraca, um quiosque, distribuindo Coca-Cola – aquela Coca-Cola pequenininha, era de graça, né? A Coca-Cola deixava lá, eu distribuía com mais alguma pessoa. E na frente, na rua, olhando, estava ela com uma amiga – Aparecida, né?

D. Nena: Era uma colega.

Sr. Nene: E eu paquerando, sabe? Eu era forte naquela época, estava servindo o exército, fazia ginástica...

Que ano era isso?

D. Nena: 1960.

Sr. Nene: Aí o que acontece? Comecei a olhar, dar risada, ela foi embora. Eu pensei de mim: “Não agradei”. Mas tinha muita moça lá. Meia hora depois ela aparece, já com a tua avó, não é?

D. Nena: Posso falar esse pedacinho?

Mas claro!

D. Nena: Fausto, eu vi o Nene na quermesse. E aí a minha amiga estava morrendo de frio: “Ai, eu vou embora, vou embora”. Então, vamos embora. Aí eu falei pra minha avó – minha avó chamava Encarnação também – eu falei pra ela: “Ah, mãe, eu conheci um rapaz tão bonito, nossa!, lá na quermesse!”. Eu chamava minha avó de mãe. Eduardo: E nem imaginava que era aquele moleque do bar?

Sr. Nene: Edu, eu vou chegar lá. Deixa a Nena terminar que eu vou chegar lá.

¹ Veja o que conta um senhor chamado Francisco Cabalin Neto em: <https://saopaulominhacidade.com.br/historia/ver/6254/Saudades%2Bdo%2BApea%2Bda%2BRua%2BCaetano%2BPinto>. Acesso em: 1 ago. 2023.



D. Nena: Ah, a Cida, minha colega, quis ir embora, porque estava com muito frio. E eu comentei com a minha vó, ela disse: “Por que você não ficou mais lá, um pouquinho mais?” Ainda era cedo, aí eu falei “A Cida quis vir embora e eu tive que vir com ela, não ia ficar sozinha”. Minha avó não teve dúvida: “Eu vou com você!”. Ela usava aquelas meias amarradas aqui, sabe? *[D. Nena leva as mãos indicando onde amarravam-se as meias.]* Colocou aquele sapatinho Jezebel que se usava e foi comigo na quermesse.

Estão vendo?

D. Nena: Aí eu mostrei para ela: “Mãe, é aquele rapaz que está naquela barraca”. Aí ela, muito discreta, passou assim, sabe? E foi assim que começou!

Sr. Nene: Mas tem um caso antes que eu pulei. A vó dela e a minha vó vieram da Espanha no mesmo navio!

D. Nena: Eles eram imigrantes e vieram no mesmo navio e coincidiu deles morarem no mesmo bairro.

Sr. Nene: Bom, e elas moravam em frente uma da outra. É. A mãe dela e a minha vó. Naquela época a mulher dava à luz em casa. Nascia em casa a criança. E a minha vó, ela fazia crochê, como todas as velhinhas daquela época, né? Fazia crochê. Quando nascia menino ou menina, elas traziam. O presentinho era isso aí. E minha mãe quando saía, com algum problema, me deixava com a minha vó. O dia em que a Nena nasceu, eu estava na casa da minha vó. Eu era moleque de colo, tinha dois anos. E foi lá visitar a mãe dela lá, entrou lá, e foi a primeira a visitar ela.

D. Nena: Desde que eu nasci, ele já estava me cercando!

Sr. Nene: É uma história.

Mas é incrível!

Sr. Nene: Depois disso aconteceu que eu comecei a paquerar, comecei a saber quem era ela. Porque se eu soubesse de quem ela era filha, eu nem falava com ela.

Por quê?

Sr. Nene: Porque o pai dela era fogo. Não por ela! O pai dela era daqueles enérgicos. Aí eu falei com ela *[Sr. Nene se dirige a D. Nena]* – na quermesse eu não sei se falei com você.

D. Nena: Não, nunca conversamos.

Sr. Nene: Mas fiquei paquerando. Fiquei sabendo onde ela morava e onde trabalhava.

D. Nena: Aí ele não saía da minha porta.

Sr. Nene: Eu ia lá. Eu ia lá paquerar, não é? Era pertinho de casa. Um dia ela saiu para trabalhar e eu falei: “Ê agora!” Eu fui lá e falei com ela. Né?

D. Nena: Aham.

Sr. Nene: Marcamos encontro dentro do cinema. O Cine Glória. Para assistir ao filme do Joselito².

D. Nena: Lembram do Joselito?

Sr. Nene: Ela com a colega dela e eu sozinho lá. Quando entrei no cinema, eu vejo a Nena. Ela vem correndo e fala: “Escuta, não vai falar comigo porque meu pai está aí!” No cinema. Falei: “Melou o negócio!”. Aí não deu certo, mas eu continuei paquerando. Ela fazia o curso de cabeleireira na Praça da Sé ou Praça Clóvis.

D. Nena: Praça Clóvis.

Sr. Nene: E eu perguntei pra ela onde era, se eu podia ir buscar. Ela saía à noite, eram nove horas, né? Aí eu fui buscar a Nena na porta e ela, da janela, me viu. Aí começamos, lá foi o início. Mas tem uma! E ainda era escondido. Eu já estava namorando com ela assim meio, sabe?...

D. Nena: Namorando sem namorar.

Sr. Nene: Com vergonha, naquela época era assim. Aí eu estava um dia conversando com ela, tinha ido buscar a Nena na escola. Voltei, mas não chegava até a casa dela. Na esquina eu parava, ela morava em

² José Jiménez Fernández, o Joselito, era uma criança prodígio do cinema. Seu apelido era Rouxinol (graças ao seu primeiro filme, *O pequeno rouxinol*), ele nasceu na Andaluzia, em 11 de fevereiro de 1943. Ele continua vivo.



frente ao Biotônico Fontoura. Na Caetano Pinto. E eu lá conversando com ela, passa um senhor e atravessa. “Boa noite, boa noite, boa noite!” “Ô, Campana, tudo bem?”

D. Nena: Meu pai tinha o apelido de Campana.

Sr. Nene: Era o pai dela e eu não sabia. Aí ela falou: “Você conhece meu pai?” Eu: “É teu pai?” Então eu falei pra ela: “Olha, então vamos fazer o seguinte”.

D. Nena: Era uma sexta-feira isso aí.

Sr. Nene: Amanhã nós vamos falar com teu pai na tua casa.

Vixe.

D. Nena: Ele falou assim, você falou assim pra mim, eu não lembro as palavras, mas ele quis me dizer isso: “Ah, que agora a gente não pode namorar na rua!” A gente não pode namorar na rua... Eu falei pra ele assim: “Ah, tudo bem, eu não quero nem saber de namorar!”

Décio: Ela achou que meu pai estava dando o fora nela.

D. Nena: Tá tudo bem, ué. Ele falou: “Não, não está tudo bem. Eu vou falar com seu pai amanhã”, se você permitir.

Sr. Nene: É... porque naquela época não era brincadeira, não.

D. Nena: Assim, olha, nós não namoramos na rua.

Sr. Nene: Agora, o pai dela ficou quieto quando viu, porque ele me conheceu. E falou para ela: “Conheço a família todinha!”.

Décio: “Você não vai namorar ele!” *(risos)*

Sr. Nene: Bom, agora aí foi o primeiro capítulo.

D. Nena: E eles tinham comprado um barco para pescar junto e nós não sabíamos. Foi muita coincidência.

Sr. Nene: Agora, brigas, poucas brigas tivemos. Né, Nena?

D. Nena: Não, nós não brigamos. Poucas brigas.

E quando foi o casamento? Quanto tempo depois?

Sr. Nene: Quatro anos. Comecei a namorar ela, eu tinha dezenove anos. Eu já tinha dado baixa do exército naqueles dias, né?

D. Nena: Sim.

Sr. Nene: No exército. Aí eu não namorava ela, mas eu passei na frente dela. Ela chamou a tia dela e falou: “Vou casar com aquele moço”.

D. Nena: A gente não tinha conversado ainda.

Sr. Nene: Pior ainda!

D. Nena: Ele ia lá na rua porque a gente tinha se visto na quermesse. Eu olhei, eu vi o Nene, aí eu entrei correndo e falei pra minha mãe: “Mãe, eu vi o moço que eu vou me casar”. Ele está aqui na rua.

Sr. Nene: Ela era novinha, ela tinha dezesseis anos. Eu tinha dezenove.

D. Nena: Essa história eu conto mesmo.

Sr. Nene: Tinha dado baixa no exército e começamos a namorar. Né? Aí foi mais sério o negócio.

D. Nena: Claro.

Sr. Nene: Aí namoramos. Brigamos algumas vezes como qualquer casal, né? Uma vez ela foi no cemitério e eu briguei com ela.

Mas por quê?

Sr. Nene: Porque ela foi sem me avisar.

Ah, bom...

Sr. Nene: Foi na firma que ela trabalhava.

D. Nena: Morreu o pai de uma colega de lá que era sírio. E o dono da fábrica que eu trabalhava era sírio também. Então ele reuniu todas as meninas e encheu os carros, porque foi muita gente para o cemitério. Eu fui no carro do filho do dono, que todos eles conheciam, meu pai inclusive.

Sr. Nene: Ele era presidente do Palmeiras. Mustafá Contursi. Ele era o filho do homem lá.



Casamento da Dona Nena e do Sr. Nene. 25 de janeiro de 1964. Igreja Bom Jesus do Brás.



Entendi. Nós vamos voltar ao assunto família, mas já, já. O que eu quero saber é como a umbanda entrou na vida de vocês?

Sr. Nene: A umbanda entrou na minha vida!

Ou foram vocês que entraram na vida da umbanda? Como foi?

Sr. Nene: Eu acho que foi isso. Naquela época, minha mãe gostava muito de Centro. Nunca ela foi desenvolver, nada disso. Mas ela gostava de apreciar, fazer uma prece, sei lá.

Que ano foi isso, o senhor lembra?

Sr. Nene: Ih, meu Deus do céu, aí você me pegou. Eu devia ter uns catorze anos. Acho que nem isso.

E esse centro que sua mãe frequentava era onde?

Sr. Nene: Eu vou chegar lá. Esse centro era de um amigo meu. Ele foi meu pai de santo. Ele que me desenvolveu, ele que me fez, foi ele. Ele chamava Augusto Rodrigues. Eu sei Augusto Rodrigues porque é o mesmo sobrenome meu, o resto não sei. Eles eram seis irmãos.

Certo.

Sr. Nene: Três mudos e surdos e três normais.

OK.

Sr. Nene: E ele teve uma morte triste. Triste. Triste. Triste. Esse rapaz, ele era um touro – né, Neninha? – mas tinha um coração muito bom. Era meio xarope, sabe? Sim. Gostava de tomar umas de vez em quando. Um irmão dele mudo e surdo chamava João. Acho que está vivo ainda. Ia no Centro, tocava a música de Preto Velho e ele incorporava o Preto Velho dele. Sem ouvir nada. Mas quando ele saía do centro, o Augustinho estava na porta e batia nele. Não era dar tapa, era encher ele de soco. Um dia, ele está lá, atrás do poste, assim, olhando. Puxa vida, sai a mulher dele, a Nice. Ele deu um soco nela. O olho dela virou. Foi uma correria aquele dia.

Isso o Augustinho?

Sr. Nene: O Augustinho.

Décio: Muito bonzinho ele.

Eduardo: Um doce.

D. Nene: Ele não tinha centro nem nada.

D. Nena: Ele não era de centro.

Décio: Ele não era de centro. Ele era contra. Ele batia no irmão porque o irmão ia no centro.

Sei, entendi.

Sr. Nene: Uma vez eu estava na esquina lá do clube. Começou uma correria, gritos, aquela correria! Era ele... Ele pegou um cara lá e quase matou o camarada de tanto soco. Dava loucura nele. Puseram ele numa camisa de força e levaram. Ficou internado um tempão, mas ele não era louco: era xarope, daí bebia umas duas ou três e... Falaram isso pra ele, que ele precisava procurar um centro espírita, alguma coisa para mudar a cabeça dele. Tinha um camarada lá que era umbandista, era professor da Getúlio Vargas, Gervásio, ele recebia o caboclo Tupinambá. Falou: “Eu vou te levar num lugar aí”, e levou ele. Ele mudou! Mudou completamente, começou a frequentar o centro que ele ficava esperando o irmão dele sair, a mulher dele. E ele era bem-visto lá; era porque ele era muito dedicado. Então eu comecei praticamente lá, nesse centro. Mas não era ele que comandava. Eu não lembro o nome da mulher. Era vovó Catarina. Tenda de Umbanda Vovó Catarina. Eu fiquei lá um tempinho, mas eu era muito molecão, levava as coisas assim... Aí ele montou um centro, mas eu não tinha mais aquela amizade com ele, aquela coisa. Um dia nós estávamos num barzinho lá perto de casa onde eu morava, na Rua Flora. Ele tinha um conjunto de samba, né? Toda esquina tinha um conjuntinho que tocava samba, eu tocava caixa, aquela caixa de madeira. Aí ele me falou: “Olha, eu sei que você tem mais amizade com meu irmão Mané”, e eles era mudinhos todos, não entendiam nada. Aí ele me convidou, ele falou: “Eu montei um



centro, é na cozinha da minha mãe”. Eu disse: “Ah, se for para tocar atabaque, eu não sei se vai dar, porque eu tenho problema nos braços...” Mas fui, comecei a tocar e em pouco tempo o caboclo dele, que era o caboclo Eru das Águas – olha, era um tremendo caboclo. Um dia o caboclo Eru me chamou, mandou largar o atabaque, e falou que ele gostaria que eu camboneasse ele. Falei: “Pra mim é uma honra! É lógico que eu quero”. Aí ele me apresentou como cambono do terreiro. Naquela época não tinha um cambono pra cada guia não, era um cambono do terreiro. Era o cambono do terreiro particular dele, né? Sim, porque atendia primeiro ele. Você era um médium, incorporava e dizia: “Dá um charuto?”. Você tinha que falar com o chefe. Não se podia fumar, era assim. Aí comecei a frequentar lá e eu desenvolvi muito rápido, eu sabia que eu ia desenvolver rápido lá.

Por que o senhor tinha essa intuição?

Sr. Nene: Se você vai no terreiro, se você tem intuição, tem vibração boa, você sente: “Estou no caminho certo”. Tanto é que uma vez eu larguei e fui num terreiro lá no Bixiga. Era quimbanda. Começava meia-noite e terminava às cinco horas da manhã. Chegava meia-noite, fechava as portas: ninguém entrava e ninguém saía, só ia sair depois das cinco horas da manhã. Eu fiquei um ano lá – esse é um arrependimento na minha vida. Mesmo. Arrependimento. E por quê? Porque eu vi que não era aquilo que eu queria, sabe? Eu estava indo muito pra baixo. Não se falava em Deus. Se fazia matança de muitos bichos. Muita galinha. Muita galinha-d’angola, não era o que eu queria. Bom, mas foi o passado, foi bom aprender.

Claro.

Sr. Nene: Aprendi. Aí eu continuei na umbanda. Fiquei com o Augustinho. Ele tinha asma, bronquite, ele não podia trabalhar. Ele ficou mal, mal, mal, mal, mal. Aí começou uma passagem muito triste na vida dele. Ele tinha um irmão mais velho, chamado Domingos, era mudo e surdo – morreu. Os pais dele me queriam como filho! Eles

achavam que eu era parente deles, porque eles eram de Ribeirão Preto e eram Rodrigues. E a minha família de Ribeirão Preto tinha Rodrigues.

Certo.

Sr. Nene: Só que não nasci em Ribeirão. Meus irmãos nasceram, eu nasci no Brás. Mas voltando para o Augustinho. Ele tinha três irmãos mudos e surdos e três normais. Um dos irmãos dele era meu amigo, o Manuel, um médium espetacular. Eu me entusiasmei na umbanda mais por causa dele. A gente era colega de sair, eu e ele.

Sei.

D. Nena: Esse não era mudo, Nene?

Sr. Nene: Esse não era mudo. O que aconteceu? O Augustinho tinha uma irmã normal, era médium boa também. Todos da família deles, inclusive os mudos e surdos. O mais velho – isso foi uma grande tristeza – era mudo e surdo, muito inteligente, mas daí ficou cego.

Nossa.

Sr. Nene: Mudo, surdo e cego. A mãe dele morreu, D. Encarnação. E ele ficou lá, coitado... Pra chamar alguém, ele batia o pau no chão, por trepidação. A mãe morreu logo. Ficou um mudo, dois morreram. O que ficou era engraxate, na Rua Piratininga. Eles tinham uma irmã, e a história triste é essa. O Augustinho tinha uma irmã, a Cláudia, casada com um camarada chamada Zinho. Eu a conheci por causa deles, né? Porque ela, a irmã, morava no Cangaíba. O marido dela era serralheiro e um dia cortou o dedo. Enfaixou e foi para casa para se trocar. Chegando lá, ele flagrou a mulher dele. Ele passou a mão no revólver e falou: “Do jeito que vocês estão, vocês saem na rua, porque senão eu vou matar vocês”. Ainda bem que Cangaíba não tinha muita gente na rua lá. Então o que aconteceu? Ela foi embora pra casa, foi morar na casa do Agostinho e da mãe. Que a mãe tinha morrido também. Pra ele foi uma boa, porque a mulher dele tinha ido embora porque ele deu aquele soco nela. Então, o que ele fez? Falou pra ela: “Você vai morar aqui. Mas você



tem que levar a vida como eu quero”. Já começou errado.

Pois é.

Sr. Nene: Ela não podia sair da porta, não podia ir a lugar nenhum. Aí a história: ele pegou, sentou pra comer, na casa dele. Estava comendo e ela, por trás, pegou uma faca e pow! *[faz gesto de esfaquear a nuca]*

Eduardo: Nossa, a irmã?

Sr. Nene: A irmã. A irmã... Ele caiu com a cara no prato. Morreu lá. Eu não sei que fim ela levou.

Décio: E daí pra frente o senhor não frequentou mais terreiro?

Sr. Nene: Não.

Décio: Você tinha quantos anos?

Sr. Nene: Eu tinha me alistado pro exército. Dezoito anos, mas eu não parei de frequentar não! Fui no Vovó Catarina, uma vez ou outra... Tinha um que era na rua Piratininga, também uma vez ou outra... E assim eu ia levando. Mas não ficava duas semanas sem ir no centro.

Décio: Mas o senhor já trabalhava, já incorporava?

Sr. Nene: Já. Eu desenvolvi lá no Augustinho.

Eduardo: Então, na verdade, o Augustinho foi seu pai de santo?

Sr. Nene: Foi meu pai de santo. O lugar onde eu primeiro desenvolvi foi lá. Na umbanda.

Eduardo: O terreiro lá parou?

Sr. Nene: Lá fechou. Lá fechou. Teve uma vez lá, eu era novinho, que vinham dois ou três guardas civis de bicicleta e jogavam todas as estátuas no chão. Isso eu presenciei, eu vi fazer isso no centro. A umbanda era proibida. Aí eu comecei a frequentar aqui e lá. Tá? Aí olha o tanto de firmeza mesmo. Onde eu peguei firme mesmo foi quando – eu já namorava a Nena e ela não sabia que eu frequentava a umbanda – não sabia.

Décio: Mas quando o senhor começou a namorar a mamãe, o senhor parou de ir ao terreiro?

Sr. Nene: Parei. Quer dizer, eu ia escondido, não falava que eu ia no centro. Eu incorporava, tomava um passe, mas abandonar, não abandonava. Aí o que aconteceu? Pensei, “Olha, não vou mais em lugar nenhum. Não quero mais saber de umbanda, de nada”. A minha irmã, a mais velha, ela adorava umbanda. A filha dela era médium. Um dia ela chega em casa – eu morava no Brás, nós já éramos casados – com uns pacotes que ela achou no guarda-roupa dela, né, Nena?

D. Nena: Essa era minha cunhada.

Sr. Nene: Mostrou para ela, não mostrou para mim. Ela queria saber o que era aquilo nos pacotes. Alguma coisa boa não era. Daí a Nena pega e fala para minha irmã: “Vou falar com o Nene pra ver se ele quer levar a gente no Centro”.

Décio: A mamãe já tinha ido uma vez.

Sr. Nene: Ela foi uma vez. Sem mim, com a minha irmã.

D. Nena: A minha cunhada pediu pra gente ir, ele não quis ir. Então, eu fui com ela.

Eduardo: E a senhora nem sabia que ele era macumbeiro?

D. Nena: Eu fui morrendo de medo.

E a história do pacote? Eu me perdi.

D. Nena: Então, nesse pacote tinha coisas dentro: cabelo, ponta de charuto, grampos. Ela foi fazer faxina lá no quarto dela e onde ela punha os travesseiros, ela achou esses pacotes guardados embaixo do travesseiro. Ela estranhou e perguntou para as filhas – ela tinha três meninas: “Vocês puseram isso aqui?” “Não, não”. Aí abriram para ver o que era. Tinha um monte de coisa feia dentro. Aí ela ficou com medo e pediu pro Nene ver se achava um centro e calhou que meu primo frequentava um.

Sr. Nene: Bom, deixa eu terminar. Da outra vez que ela precisou ir, a minha irmã falou que gostaria que



eu fosse, porque eu conhecia e tal, e eu falei: “Olha, eu não quero mais, parei”. Insistiram para eu ir e eu falei: “Bom, então vamos fazer o seguinte”. Eu morava na Rangel Pestana, em frente a Caetano Pinto, uma rua sem saída, particular. Eu morava lá no fundo. Aí eu falei pra ela: “Eu vou, eu vou levar vocês. Vocês não comentem nada sobre mim. Não abram a boca”.

D. Nena: “Não fica perto de mim”, ele falou.

Sr. Nene: Fausto, lá era assim, pequeno. Você entrava, na porta tinha uma escrivaninha daquelas antigas, alta. Do lado tinha uma cadeira, e o congá ficava lá do outro lado. Ninguém me via e eu sentei lá. Meu coração batia! Eu não fazia gesto nenhum. Era uma mulher que recebia o caboclo Tupiaba?

Décio: É. Claudete.

Sr. Nene: Era lá na Paes de Barros. Aí ela veio, apontou o pulso – para tirar o relógio, né?

D. Nena: “Tira essas porcarias”.

Sr. Nene: Pensei: “Puxa, agora acabou!” Aí saudei ela, saudei o congá, aí recebi o Tuna e não parei mais.

Foi a primeira vez que o Seu Tuano veio?

Sr. Nene: Não, eu já tinha ele desde quando eu desenvolvi. Um guia só sai fora quando você age mal. Se seu comportamento não é legal, não faz as obrigações... O que eles querem é isso, que você trabalhe direitinho.

Então esse foi o encontro de vocês com a umbanda, e a partir daí a senhora passou a frequentar também?

D. Nena: Eu era proibida de entrar no centro porque eu não era médium.

Por que era proibida?

Décio: Por que quarta-feira era dia de desenvolvimento dos médiuns. Só. Mas eu queria ir com ele. Eu tinha esta ideia fixa de que eu queria ir com ele. A primeira vez que eu entrei

nesse centro aí, era o aniversário de uma cabocla. Eu comecei a chorar, não parei mais de chorar, a vida inteira chorei e não entrei lá dentro.

Eduardo: E perdeu o medo?

D. Nena: Eu simplesmente me encantei, eu quis, quero, quero, quero e acabou. Comecei a ir pra frequentar com minha cunhada...

Décio: Para ela poder ir na quarta-feira com meu pai, ela teve que virar cambone do meu pai.

D. Nena: Eles disseram: “Se você quiser vir, você tem que pôr roupa branca.” Então eu falei: “Sexta-feira eu estou aqui de roupa branca”. Isso aconteceu na quarta-feira. Quinta-feira passei o dia procurando coisa pra usar.

Décio: Ela era costureira, então estava facinho pra ela. Rapidinho ela ajustou a roupa!

Sr. Nene: A mulher que era dono do terreiro era muito vaidosa, sabe? Ela teve um problema no pulmão, né, Nena? Operou e tudo. E a gente tinha uma turminha boa lá, viu?

Décio: Aquela casa era muito boa.

Você conheceu?

Décio: Conheci.

Que ano nós já estamos agora?

Décio: Eu sou de meia nove, aqui eu devia ter uns dez anos.

D. Nena: No Tupiaba ele tinha essa idade.

Sr. Nene: Todo mundo trabalhando normal, era uma maravilha. Chegou um ano lá, eu não sei o que aconteceu, estava chegando a festa de Cosme e Damião.

Décio: Era 1980.

Sr. Nene: Eu não sei que conversa saiu lá, uma briga...

D. Nena: Ela queria que os médiuns fizessem alguma coisa lá dentro que os médiuns não concordaram.



Sr. Nene: Por causa de Shologun³!

D. Nena: Eu não lembro o que foi, mas ela estava exigindo alguma coisa que os médiuns não estavam aceitando. Então sabe o que ela fez? Ela olhou pra todos nós que estávamos lá e falou: “Olha, quem não está feliz aqui, a porta da rua é a serventia da casa”. Todo mundo levantou. Deixaram ela sozinha lá.

Sr. Nene: Aí que eu comecei a Tenda de Umbanda Oca de Tupã!

Aí que foi começar!

Sr. Nene: Estava chegando a festa de Cosme e Damião. O pessoal vinha e dizia: “Sr. Nene, como é que nós vamos fazer?”.

D. Nena: A gente já tinha comprado os doces!

Sr. Nene: Tinha que resolver. A minha casa não era grandona, mas tinha um espaço pra fazer.

D. Nena: Tinha a sala onde a gente fazia as refeições...

Décio: Era pequena, mas era uma boa casa.

Eduardo: “Vamos adaptar”.

D. Nena: Pois foi isso mesmo que a gente fez: afastou os móveis! Toda sexta-feira a gente começou a fazer isso. Afastou os móveis e fizemos a festinha lá. E o pessoal gostou!

Sr. Nene: Você está passando na frente da história...

D. Nena: E aí começamos a trabalhar. O meu primo, o Serginho – quem ia contar esta história era a sua mãe, né?

Décio: É.

Sr. Nene: O Serginho saiu também.

Décio: Ele era um dos médiuns que frequentava aquela casa...

A das “portas abertas”?

³ O Décio explicou que era um dialeto deles, que a umbanda não usava o termo. Seria equivalente a “pai pequeno do terreiro”.

Sr. Nene: Isso. Então ele falou pra mim que pra ele montar o centro da casa dele era problema. Era problema.

Décio: E ela morava em apartamento também.

Sr. Nene: Aí ele falou: “Eu vou abrir junto com você”. Eu falei: “Está bom”. E abrimos a Tenda de Umbanda Oca de Tupã.

Décio: O primeiro terreiro se chamava Oca de Tupã. Só depois veio o “Tenda de Umbanda”.

Sr. Nene: A mãe do Eduardo adorava passar com o Serginho, o rapaz que era primo da Nena, primo-irmão dela. Ele recebia o caboclo Sete Pedreiras. Sei. E a mãe dele adorava passar com o Sete Pedreiras, não é?

D. Nena: Só passava com ele.

Sr. Nene: Mas ele também não deu certo com a gente.

Eduardo: Mas ele ficou muitos anos.

Décio: Muitos anos. Ele trabalhava com o caboclo Sete Pedreiras e ele fundou o terreiro junto com meu pai. Os dois fundaram juntos, a Oca de Tupã foi fundada pelo Seu Tuano e o Sete Pedreiras juntos. Ele teve problemas pessoais e acabou se desligando. O terreiro ficou só com Seu Tuano, que continuou tocando. Foi só depois que passou a se chamar Tenda de Umbanda Oca de Tupã do Caboclo Tuano. Enquanto estava o Sete Pedreiras junto, era Tenda de Umbanda Oca de Tupã.

Entendi.

Décio: Depois ele saiu – eu não sei a data, eu não lembro – mas passou a chamar Tenda de Umbanda Oca de Tupã do Caboclo Tuano.

Sr. Tuano: O nosso centro, Fausto, quando você desce ali e entra na assistência de hoje, sabe, lá onde temos bancos? Era só aquele pedaço!

Décio: Da porta para a direita.

Mas o terreiro começou em outro lugar.

Sr. Nene: Lá no Brás, na minha casa.

Décio: A inauguração foi no 27 de setembro, numa



feira de Cosme e Damião.

Aí como é que chegou aqui? Do Brás pra cá?

Sr. Nene: Nós mudamos pra cá porque nós fazíamos linguiça, chouriço, essas coisas. A gente fabricava. E aqui tinha espaço pra tudo isso.

D. Nena: Fausto, eu vou contar uma coisinha que nem o Décio, nem o Nene lembrou. Nós fazíamos o trabalho em casa: a gente punha um copo d'água e uma vela acesa. Era isso quando nós começamos. Aí o Décio, que já está começando a trabalhar...

Décio: Eu tinha treze anos, mais ou menos...

D. Nena: Apareceu em casa com as imagens de Oxóssi e Iansã. Oxóssi do Nene e Iansã minha. Ele falou: "Ah, não vamos pôr o congazinho toda semana sem imagem!" Ele teve a iniciativa de comprar. Na outra semana ele comprou Oxalá. Então ficou aquele congazinho quadradinho, não é?

S. Nene: Comprou atabaque.

D. Nena: E assim começou. Ele comprou tudo isso, ele era um menino.

Sr. Nene: Uma vez tinha uma mulher que trabalhava com ele. O filho dela pisou numa encruzilhada...

Décio: O Douglas.

Sr. Nene: Foi um dos primeiros trabalhos pesados que apareceram lá. Aí começou a encher de gente.

D. Nena: Sim, foi uma amiga do Douglas.

Décio: Ele não pisou, ele chutou o trabalho. O Sr. Cova Rasa falou que ia ajudar ele, porque a perna dele estava apodrecendo, mas disse: "Você vai ter que ir lá no terreiro que você chutou a entrega e pedir desculpas". Foi só lá no outro terreiro que acabaram com a macumba que tinha nele. Mas foi pesado.

Sr. Nene: Bom, conclusão. Até aí a Nena já sabia de tudo e mudamos para cá.

Décio: Mas eu tenho uma história antes disso aí.

Certo.

Décio: A gente tem que colocar antes de vir pra cá. O que acontece? Eu, leigo, completamente garoto. Eu comprei o atabaque quando eu tinha catorze anos. Minha mãe foi católica a vida inteira, porém não praticante – ou seja, nem religião também minha mãe acompanhou. Nós não tínhamos muito assim conhecimento de religião. Ainda mais de umbanda, que é mais complexo ainda o negócio. E o que acontece? Nos nossos planos não existia isso de ter um terreiro. Mas nós não sabíamos do plano do Seu Tuano. Nós viemos perceber isso depois. Quando meu pai saiu do terreiro, ele e o Sérgio, do Caboclo Sete Pedreiras, eles faziam uma gira na minha casa de quarta e sexta-feira. Eles incorporavam na quarta-feira – Sr. Sete Pedreiras foi pouco tempo que ele ficou com a gente, não é, mãe?

D. Nena: É.

Décio: Pouco tempo, ele ficava mais lá na casa dele ensinando a cambone dele e tal.

Eduardo: Que era esposa dele.

Décio: Isso. Vinha Seu Tuano, ele sentava no chão. Eu, minha mãe e meus dois irmãos. Meus irmãos seguiram, não seguiram a espiritualidade com a gente. Ficaram um tempo, mas acabaram se afastando. Mas vamos resumir a história comigo e com a minha mãe que estamos aqui até hoje, não é? Nós nos sentávamos lá no chão e ele ficava conversando, ensinando.

O Caboclo Tuano?

Décio: Não só o Tuano.

D. Nena: Vinham todas as entidades. Cada dia vinha uma.

Décio: Quarta-feira vinham duas, sexta-feira vinham mais duas, não é? Então foi quarta e sexta, quarta e sexta, quarta e sexta. Eu vou te falar que durante uns sete anos isso. Todas as quartas e todas as sextas.



E que entidades eram essas?

D. Nena: As mesmas que ele tem hoje, só mudou o Preto Velho e o Baiano.

Décio: E a criança. Porque nós não chegamos a conhecer a criança do papai. Meu pai trabalhava com uma menina, nós não chegamos a conhecer. Quando ele começou ele não recebia o Sabino, a criança que ele trabalha hoje. Era uma menina que nós não conhecemos. Mas o meu pai eu acho que já trocou três entidades, não é, pai?

Sr. Nene: É.

Décio: Preto Velho, Baiano e a criança. O baiano era o Afrânio que vinha antigamente, que hoje saiu e é o Zé de Sá. O Preto Velho do meu pai era o pai José e hoje é o tio Jerônimo que tem uma postura mais reta. O Pai José era bem velhinho, meu pai ficava muito cansado e hoje ele já está com muita luz e foi embora.

Sr. Nene: Eu queria contar que aconteceu naquele centro que eu ia que saiu todo mundo. Era dessa história de encruzilhada que eu queria falar. Foi o Magrão. O centro lá era muito bom. Um dos médiuns pisou no trabalho numa encruzilhada cheia de trabalho, frango, farofa e tal. Então o que ele fez? Ele chegou no centro, ficou lá um pouquinho, aí ele caiu. É. Caiu duro. No meio do centro, não é? E está todo mundo lá: a Madrinha, a chefe do terreiro, todo mundo rezando e ele não voltava. E ele pálido que nem um papel.

Décio: Não, ele perdeu pulsação, perdeu tudo.

Sr. Nene: A gente achou que ele ia morrer.

Décio: Estavam chamando o SAMU, pra você ter uma ideia.

Sr. Nene: Eu nunca tinha pego o meu Exu mirim, eu nem sabia o nome dele. E eu estava lá, comecei a me sentir meio esquisito. Você percebe quando é sua entidade ou não, e eu meio esquisito assim, olhei pro meu primo Sérgio, que abriu aqui comigo, e ele fez um gesto com a mão, para deixar vir. Eu deixei vir. Era um Exu mirim, o Pimpão. Ele corria

num pé só em volta do terreiro, assobiando.

Décio: Ele corria, ele corria pulando e batia os dois pés assim atrás.

Sr. Nene: Aí o marido da madrinha do terreiro chegou e perguntou para ele: “Você é Exu mirim? Prova que você é Exu mirim”. Deu uma vela pra ele. Ele pegou a vela, cruzou, fez o que tinha que fazer, ajoelhou ao lado do camarada que estava deitado e o cara deu um pulo!

Décio: Ele pegou na mão dele e pularam os dois juntos!

Sr. Nene: Aí o pessoal procurava mais quem? Quem trabalhava... A madrinha da casa ficava parada, só recebia beijinho daqui, beijinho de lá. Ela começou a ficar com dor de cotovelo do pessoal. Com os próprios filhos! Ao invés de ficar contente, que as coisas estavam indo bem...

Décio: Ela era muito diferente do meu pai. Meu pai prefere que todo mundo atenda, menos ele.

Sr. Nene: Mas voltando. Quando nós viemos morar pra cá – na segunda vez, não é?

D. Nena: É. Nós já tínhamos morado aqui uma vez.

Décio: E voltamos para o Brás.

Esse espaço não era de vocês. Vocês alugaram?

Décio: Não era, nós alugamos.

Sr. Nene: O dono daqui morava em São Vicente. Ele tinha várias casas e todas pagavam aluguel na imobiliária. Ele falava que o meu não precisava pagar em imobiliária nenhuma. Deposita no banco, no dia que você puder, quando não puder não deposita... Eu tinha amizade com ele, o Renato. Aí uma ocasião eu soube que ele queria vender. Não, ele queria não, ele falou de vender. Não é? Foi você que ligou pra mulher dele, Nena? Quem foi?

D. Nena: Não, ele veio aqui. A mãe dele era daqui do bairro, aí ele vinha visitar a mãe e passava aqui.

Décio: Resumindo: não quiseram vender.

Sr. Nene: A mulher dele falou: “Não, não está pra



vender não. É a fonte de renda dele. Isso já está em partilha, num sei o que lá, isso aí ficou pra minha filha". Falei: "Tá bom, obrigado". Continuamos morando de aluguel, mas aí passou um tempinho e ele morreu, o Renato. Seu Renato, um homem muito bom. Bom mesmo. Não é, Neninha? Um homem muito bom. Aí um dia eu estou aqui no quintal, eu e a Nena, no sábado.

Décio: Essa história é de agora. Ele pulou uns quarenta anos!

Sr. Nene: Aí bateram palma. Era uma mulher e um cara. Eu disse: "Pois não?" "O Sr. é Seu Serafim?" Eu falei: "Sou eu mesmo". Ela: "Eu sou a Solange". Solange? Eu sabia lá quem era Solange? Ela falou: "Eu sou a dona dessa casa". Falei: "Opa, muito prazer". Nem convidei ela pra entrar. Eu estava pagando o aluguel direitinho nunca atrasei... Ela falou: "Eu posso dar uma olhada?" Eu falei; "Aqui por fora pode. Aí ela olhou... Porque quando nós viemos pra cá, isso aqui era tudo mato. Aqui atrás era tudo mato. Tinha uma parte que eu criava galinha, peru, pato. O Décio plantava mandioca. Era bonito aí. Aí começou a pegar no breu aqui. Aquele quartinho, aquele espaço pequeno não durou dois dias. Enchia de gente aqui, ficava lotado. Aí aumentei até onde fica a Fernanda hoje.

Certo.

Sr. Nene: Aumentei o centro até lá. A parte de trás ficou a assistência e a parte da frente, a corrente. Mas vinha médium de todo lugar. Na outra semana não cabia mais ninguém outra vez. Aí eu aumentei até a metade, onde fica a D. Dalva. Aumentei até lá. E ficamos trabalhando lá. E depois ficou pequeno. Aumentei outro pedaço. Daí nós falamos: "Agora nós vamos ter que derrubar o vizinho de lá!". O centro começou a progredir. Aí nós começamos a fazer casamento, sem cobrar nada de ninguém. Minha filha casou aqui, ela e o Reinaldo.

Eu vi as fotos.

Sr. Nene: Tinha que ver pessoalmente. Ela entrou

por trás. Por trás, aqui onde fica a assistência. Ninguém via ela, ela ficou em pé atrás. Parecia Iemanjá. Ela veio vestida de Iemanjá. Nossa Senhora, muito bonita. Tinha uma senhora que frequentava e era cantora lírica. E um rapaz que frequentava e tinha um conjunto musical. Quando ela entrou, ele tocou um violino e ela cantou a Ave Maria.

D. Nena: A Ave Maria de Gounod.

Sr. Nene: Que espetáculo. No dia seguinte, ela se casou na igreja. E fizeram uma festa boa lá, com churrasco na igreja.

Sr. Nene, eu queria voltar um pouquinho. Quando vocês fizeram o terreiro, o Seu Tuano determinou alguma coisa ou não? Como é que foi esse começo? Ele disse o que tinha que ser feito ou não?

Sr. Nene: Não, não. O terreiro se forma. Pelos trabalhos que se fazem, corre o boato. O pessoal vem, procura. Inclusive houve uma época em que nós fizemos mesa branca.

Décio: Mas ele quer saber se o Seu Tuano falou: "Precisa fazer isso. Precisa montar um congá, precisa fazer aquilo" ...

Sr. Nene: Isso sim.

Precisa ter um assentamento?

Sr. Nene: Com certeza. Para isso aí o Tuano era foguete. Ele era enérgico.

Como foi isso?

Décio: Existe um assentamento no terreiro. Que nem eu, nem minha mãe, que somos o braço direito e esquerdo dele, sabemos onde que é.

Está bem.

Décio: Não permitiu nem que nós dois soubéssemos.

Pra quem não entende. O que é um assentamento?

Sr. Nene: É uma firmeza. A gente pode fazer um assentamento até com uma colher dessa daí. Depende da milonga que ele vai pôr.

Décio: Trabalha a segurança do terreiro.



Sr. Nene: Depois isso aí é enterrado. Pra nós é enterrado.

Décio: Foi enterrado e o terreiro construído em cima.

D. Nena: Veio o pedreiro fazer esta parte. Eu sei onde é. O Décio não sabe. Eu sei. Ele não sabe que eu sei. Eu sei. Só que é assim. É importante falar para que se saiba isso. Quando foram fazer, eu não pude descer. Eu tive que ficar aqui em cima e o pedreiro trabalhando lá. O que está lá, só o Nene que mexeu, que viu, que fez.

Então isso foi uma determinação espiritual. Aí passaram a fazer a construção do centro. Houve alguma outra exigência ou pedido?

Sr. Nene: Não, não teve. Pouco ele pedia.

D. Nena: Ele ia trabalhando e conforme ele trabalhava, a gente já ia entendendo o que precisava.

Décio: Ele pedia de acordo com as coisas acontecendo.

Sr. Nene: Até hoje ele evita que a pessoa gaste dinheiro. Não é, Nena? Ele não quer que a pessoa gaste dinheiro aí dentro.

Entendi.

Décio: É complicado. Porque, assim, o terreiro, a construção dele em relação a atabaques, a casinha, a tronqueira... Isso é o básico do fundamento da Umbanda. Então pra você montar um terreiro, ele não precisa determinar que precisa fazer isso, isso e isso. Nós já sabemos o que tem que fazer. Então, antes de abrir o terreiro, foi construída a tronqueira, as firmezas todas, congá, atabaque, aquela coisa toda. O de segurança necessária pra se abrir um terreiro. Fazer um trabalho em casa é uma situação.

Claro.

Sr. Nene: Mas fazer um trabalho em um terreiro, com um monte de pessoas com problemas, se você

não tiver segurança, o seu terreiro vai pro buraco e você vai junto, não é?

Sem dúvida.

Sr. Nene: Pra um terreiro ir pra frente, a primeira coisa é disciplina. Se não tiver disciplina, não vai.

D. Nena: Isso o Seu Tuano exige.

O que é disciplina?

Sr. Nene: Disciplina é tudo que envolve o respeito com o pai de santo e as entidades que estão presentes. O seu caboclo fala pra ele: “Acende esse charuto pra mim?” Ele responde: “Ah, não vou acender, não.” Isso acontece, viu? Aqui acho que nunca aconteceu.

Ter horário é importante?

D. Nena: É, muito importante.

Seguir suas obrigações, usar a roupa certa?

Décio: Sim. E limpeza.

Sr. Nene: As obrigações, as obrigações para as entidades. Um exemplo: a gente vai fazer uma festa. A entidade fala: “Traz uma flor pra pôr no cabelo da cigana, ou da pombagira”. E muita gente não traz. Vamos fazer uma festa de Preto Velho? O pessoal não traz nem um café. Isso já aconteceu.

Décio: São coisinhas pequenas, mas...

Uma pergunta importante: afinal de contas, quem é o caboclo Tuano?

Sr. Nene: Olha, eu vou falar uma coisa: é um caboclo das águas e o resto eu não sei.

Décio: Eu tenho uma história dele.

D. Nena: Você conta ou eu conto?

Décio: Eu vou até onde eu posso falar. Tem uma parte da história que o Sr. Tuano pediu pra não divulgar.

Claro, claro.

Décio: Ele foi chefe de uma tribo. Ele morreu antes do descobrimento do Brasil e ele morava no Amazonas. Era a região dele. Isso foi dito conversando com a gente, naqueles sete anos que a gente sentou com



ele. Uma vez, quando nós tentamos descobrir a data de nascimento dele. A origem. A origem dele e tudo. Ele foi com a pomba, fazendo risquinhos no chão. Até a gente descobrir que foi dia vinte e um de outubro. Só o ano que a gente não conseguiu descobrir. Na última encarnação, ele desencarnou com vinte e oito anos. Ele era chefe de uma tribo. E ele morreu numa dada circunstância.

Sr. Nene: Ele morreu há quinhentos anos e depois de quinhentos anos, ainda tem 28!

Décio: Aí o que acontece? Ele desencarnou, foi pro plano espiritual e ele já não voltava, não precisava reencarnar de novo, mas a missão nunca acaba. Foi aí que ele passou a ser entidade de umbanda.

Entendi.

Décio: Entendeu? Aí ele passou por escolas lá em cima, na Aruanda. Geralmente as entidades de caboclo todas vão pra Aruanda, né? É o plano espiritual que eles vivem. E lá ele aprendeu tudo que hoje ele está passando pra gente e aprende até hoje. Pra você ter uma ideia, o Seu Tuano, quando ele começou com a gente, ele vinha completamente diferente do que ele é hoje. O pé direito dele, pra você ter uma ideia, ele não andava assim normal como ele anda hoje, ele andava assim, era torto.

Correto.

Décio: Foi devido a esse acidente que ele teve quando ele estava encarnado. Ele morreu por causa desse acidente, pra você ter uma ideia. E ele andava com o pé torto. Lógico, foi evoluindo, o pé foi endireitando e hoje graças a Deus ele anda bem. Mas a gente nem entendia direito o que ele falava. Hoje, ele conversa com a gente, todo mundo entende, mas não se entendia antes. Mas foi evoluindo, não é? A gente sabe que ele ainda está em aprendizado e está evoluindo também. Claro. Todo mundo, não é? Cada ano que passa, talvez vocês agora tendo um conhecimento maior, se aprofundando mais com o Seu Tuano, vocês vão começar a perceber isso, que cada ano que passa ele traz um fundamento, alguma coisa diferente

pro terreiro. Isso a gente que vive com ele há vários anos vai percebendo.

Você pode dar um exemplo? Um exemplo recente.

Décio: O mais recente eu acho que é de uns três ou quatro anos atrás. Ele não trabalhava com pedra e começou a trabalhar com os cristais. Então cada ano ele traz uma evolução, algo que ele aprendeu diferente e que ele vem usando. A última que eu lembro, mais recente, é a dos cristais mesmo, que antes ele não usava.

A gente pulou uma parte que eu queria saber. Eu ouvi uma história de que quando vocês vieram para a casa pela primeira vez, não se podia ficar nela, por barulhos e outras coisas.

Décio: É sim, nós moramos no Brás primeiro. Dessa casa do Brás nós viemos pra cá. Ficamos um tempão aqui.

Sr. Nene: Isso aqui eu que reformei tudo.

Décio: Nós ficamos um baita tempo aqui. É isso aí, um tempão. Nesse meio tempo nós conhecemos uma mulher, não sei de onde também que apareceu aquela mulher! Dona Dirce, era uma louca aí.

D. Nena: Nem me lembro...

Décio: Uma mulher que era meio bruxa...

Sei.

Décio: Não sei de onde conhecemos ela. Ela falou que precisava ser feito um trabalho pra gente e aquilo, aquela coisa toda... Como meu pai tinha esse conhecimento...

D. Nena: Eu não gostava quando ela vinha aqui.

Sr. Nene: Nós não tínhamos nem montado nada.

Décio: É, não tínhamos nada, não tínhamos terreiro, não tinha, não tínhamos nada.

Sei.

Décio: Meu pai, como tinha conhecimento espiritual, deixou ela vir, falou: "Pode ser que realmente essa mulher esteja falando a verdade". Ela começou a vir aqui e fazer trabalhos e fazer trabalhos, aí...



Sr. Nene: Era uma bruxa mesmo.

Décio: Passou alguns trabalhos, e nós percebemos que ela era uma charlatã danada, ela queria só arrancar dinheiro da gente, aquela coisa toda. Mas o que acontece é que isso tudo era o plano espiritual se ajeitando pra volta do meu pai.

Certo.

Décio: Por quê? Eu vou te falar! Porque começou... Passou um tempinho, começaram barulhos na janela.

D. Nena: Ê.

Décio: Batia na janela, falava com meu pai, meu pai abria a janela, cadê? Não tinha ninguém!

D. Nena: Isso é até hoje! Até hoje tem!

Décio: Ê, mas hoje são amigos... E começou a acontecer isso... A casa do Brás ficou vaga de novo. Nós tivemos que ir pra lá. E fomos morar no Brás de novo, naquela mesma casa que um dia nós moramos e viemos pra cá.

Sei

Décio: Daqui nós voltamos para a mesma casa. Por que que nós voltamos pra casa?

Por quê?

Sr. Nene: O dono foi buscar a gente!

Décio: Ê, o dono daquela casa veio buscar a gente aqui. Ê o que eu te falo, plano espiritual não se brinca com ele. Não se muda ele. Porque minha tia, irmã do meu pai, precisava pegar a minha mãe e levar ela de novo, levar ela de novo não, levar ela pela primeira vez lá pro terreiro pra ela conhecer e levar meu pai de volta. Porque se ela estivesse aqui, minha tia não teria vindo aqui.

Entendi.

Décio: Ê que minha tia morava lá perto.

Eduardo: Ah, então quando seu pai foi no terreiro que a mulher “grudou ele” vocês estavam morando lá?

Décio: Isso, morando lá no Brás! Aí voltou ao

terreiro. “Ah, vocês vão abrir o terreiro?” Agora volta pra casa de novo. Aí vieram para cá!

Sr. Nene: Quando nós saímos do terreiro Tupiaba, era véspera da festa de Cosme e Damião. Não tinha lugar pra fazer, então nós fizemos na minha casa. Era aquela ansiedade todo mundo me ligava: “Oh, amanhã, amanhã” ... Lembram disso? Eu tinha um carrinho que guardava no fundo de uma vila em que eu morava.

Décio: Oito casas... nossa casa era a última.

Sr. Nene: No fim da vila... para sair tinha que sair de ré e não podia dar um ventinho porque senão batia a mão na parede...

(Risos)

Sr. Nene: Aí eu falei: “Vamos fazer, vamos fazer”. No dia seguinte, de manhã, eu tinha que ir pro plantão, mas levantei assim [*faz pose com o pescoço torto com torcicolo*], não é, Nena? Não podia olhar de lado, nada.

D. Nena: Ê.

Sr. Nene: Eu falei: “Eu não vou fazer a gira...” “Mas por quê?” “Olha como é que eu estou com o pescoço?” Ê. Duro, torto. Pra tirar o carro de lá eu chamei o cara do bar. Lembra aquele português do lado? Ele que me tirou o carro. Porque pra frente eu ia. Aí me tirou o carro de lá eu fui pro plantão e eu ligava toda hora pra casa, todo mundo ligando e eu falei: “Avisa que vamos fazer a gira. Mas eu não vou incorporar porque não tenha condições”. Do jeito que o Tuano vinha?

Décio: Hoje Seu Tuano vem mais light, mas antes quando Seu Tuano vinha, ele chacoalhava a cabeça e muito, muito...

Sr. Nene: Ele pulava no chão, pum!

Décio: Ê, dava um salto e caía de joelho.

Sr. Nene: Aí cheguei lá no dia, nossa, quando eu olho da vila pra lá, cheio de gente tudo de branco! O primeiro a vir foi aquele, como é o nome dele? Ele chegou em mim e falou: “Os homi tão tudo em cima”.



Como era o nome dele?

D. Nena: Ah, não lembro...

O que quer dizer “os hómi tão em cima”?

D. Nena: Os guias estão perto...

Ah, entendi!

Sr. Nene: Ele estava desenvolvendo, ele não tinha nada. Era o cunhado....

Décio: Eu vejo o rosto dele, mas não lembro...

Sr. Nene: Aí fizemos a gira! Começou os trabalhos e eu lá, de branco, mas não incorporei. Não incorporava e eu lá. Aí chegou o Tuano e pronto, ele veio do jeito que ele vinha...

E acabou-se a dor no pescoço...

Sr. Nene: Acabou? Parecia uma castanhola...(risos)

D. Nena: A cabeça dele fazia parecia um parafuso, juro por Deus!

Sr. Nene: O gozado é que quando ele foi embora eu não percebi que eu estava com o pescoço ruim. Veio a criança, fez a maior bagunça. Tinha gente sentada na janela, rapaz! Eduardo: Eu imagino!

D. Nena: Décio, conta a história do menino que recebia o Sete Flechas que ele foi internado no manicômio.

Décio: Mas isso já foi aqui...

D. Nena: Foi aqui.

Sr. Nene: É aquele lá foi aqui.

Décio: Foi o Sandro. Depois nós vamos falar sobre os relatos, das passagens, as coisas do terreiro. Mas o que eu quero falar uma coisa pra voltar naquele negócio que eu estava falando pra você de evolução deles, né? Que a gente vai acompanhando a evolução. Pra você ver como é. Seu Cova Rasa, que é o Exu do meu pai, esse era muito difícil de entender. Ele uma vez... meu pai estava chegando em casa do trabalho e também não ia incorporar porque estava morrendo de dor de cabeça. Meu

pai tinha muita enxaqueca. Ele fumava muito. Então ele tinha muita enxaqueca. Ele chegou um dia com a cabeça estourando, mas o Cova Rasa veio assim mesmo! E ele gostava muito de comer carne crua, bife cru! Hoje não come mais... Pra você ver a mudança. Então ele pegava um bife daquele com muita pimenta um monte de pimenta, que Ave Maria! Uma garrafa de pinga e assim ia.

Sr. Nene: Comia vela crua...

Décio: Comia vela! Um maço.... Chegou a comer... Um maço de vela e a tomar um litro de pinga... Tem cabimento isso? Mas aí vai, é... isso foi evoluindo. Foi passando essa fase, e meu pai estava com muita dor de cabeça. Ele simplesmente comeu a carne crua todinha, pegou o prato e... pá!... quebrou na cara do meu pai e abriu um corte assim [*indicando na testa o local do corte*]. Meu pai sangrando. Minha mãe entrou em pânico.

D. Nena: Mas por quê? Ele precisava perder aquele sangue...

Décio: Pra fazer sangria. Mas não precisava fazer aquilo, assustar todo mundo...

Eduardo: Manda levar em um médico, faz alguma coisa...

Décio: Eu tô falando foi isso... Não foi, olha eu vou cortar aqui [*indicando a testa*] ... Não! Ele catou o prato e pá!

D. Nena: Ele não avisou a gente...

Décio: E abriu aqui assim. E começou a sangrar inteiro. Hoje ele não faz mais isso... Hoje ele pega o punhal dele, sem cortar sem nada... Se for o caso, se precisar, não é?

D. Nena: Décio, nessa ocasião aí, ele pegou a faca...

Décio: É ele pegou a faca, depois que ele cortou, minha mãe entrou em pânico. Chorou e tudo!

D. Nena: Entrei em pânico, pelo amor de Deus!

Eduardo: Ué, é lógico!

Décio: Mas aí ele explicou pra ela o que ele precisava, porque que fez aquilo e tal. Aí ele pegou a faca dele,



o punhal, e colocou na testa. Nem cicatriz meu pai tem. Na mesma hora estancou e nunca mais. Nem se via mais.

Dona Nena: Estancou na hora o sangue!

Décio: Vou te falar sangrou! Mas então, são evoluções, hoje ele não faz mais isso!

Sr. Nene: A justificativa é porque foi atropelado na época dele.

Décio: Hoje não se faz mais.

D. Nena: A gente tem tanta coisa pra contar, que a gente não sabe como as pessoas não acreditam... Como as pessoas veem e não acreditam... Tem muita coisa.

Décio: Pra você ter uma ideia, o terreiro ainda existe por causa do meu pai. Porque o Seu Tuano e o Seu Cova Rasa já anunciaram a subida deles e meu pai falou para os dois: “Se vocês forem embora, no mesmo dia eu fecho o terreiro”. Entendeu? Seu Tuano já anunciou que viria um outro caboclo. “Se você for embora, se você...”, ele falou pra minha mãe para avisar o Seu Tuano e o Seu Cova Rasa. “Quando forem, eu fecho o terreiro”.

D. Nena: Ele ficou triste demais.

Décio: Hoje vem outro Exu que é o Caveirinha. Mas vem assim, primeiro o Cova Rasa depois Caveirinha dá uma passadinha, mas o Cova Rasa queria deixar de vir porque ia fazer outros planos aí...

Sr. Nene: Então voltando um pouco, eu tinha um Preto Velho chamado Pai José do Congo. E ele ficou muito tempo comigo, não é? Eu adorava ele. Todo mundo, né? Era preto velho, né?

Eduardo: Quem não gosta de Preto Velho!

D. Nena: Ele era bem velhinho, bem velhinho!

Sr. Nene: Aí um dia, isso na minha casa, lá...

Décio: Lá no Brás.

Sr. Nene: Lá no Brás, aí ele antes de começar ele não falou nada pra ninguém, né? Só que ele

se despediu de todo mundo. Se despediu de todo mundo, e deixou o cachimbo dele, um fumo e mais não sei o quê que tinha lá.

D. Nena: Um terço!

Décio: Eu acho que o rosário.

Sr. Nene: Era o rosário dele, porque eu estava no plantão de verde e era muito bonito, cheio de árvores. Um ponto bem estratégico que eu pudesse ver a árvore para eu fazer trabalho. Oh, eu me matei de chorar, né? Naquele dia, Nossa Senhora! Aí no dia seguinte peguei o trabalho, fiquei no plantão. Antes do pessoal chegar, eu fui no mato lá, na árvore, limpei tudo embaixo e fiz o assentamento dele, né? A despedida, agradei tudo, e voltei para o plantão. Tudo isso, eu fiz a limpeza antes do pessoal chegar, sabe? E eu estou lá olhando e rapaz... Eu vi direitinho, ele veio receber. Nossa, aquele dia lá.... Tá louco! Foi um dos dias que eu mais vendi imóveis também lá, né?

D. Nena: Verdade.

Olha, é assim, eu não quero extrapolar o nosso tempo, sabe?

D. Nena: Sim

Porque por mim estou ótimo.

D. Nena: Eu estou ótima.

Eu tenho vinte anos de idade eu posso ficar conversando...

Sr. Nene: Eu tenho vinte e oito. Não, vinte e oito não, ao contrário! Vinte e oito eu tive com o caboclo.

Mas aí eu queria perguntar o seguinte, para gente não necessariamente fechar, mas para cumprir as perguntas. Aí se a gente tiver tempo a gente fala um pouquinho mais. Então a pergunta é assim, como é que foi atravessar quarenta e três anos de trabalho? Como foi atravessar isso? Foram muitas dificuldades? O que é mais difícil de se manter um terreiro e o que é mais gostoso num terreiro?

Sr. Nene: O mais gostoso em um terreiro?



É.

Sr. Nene: Quando chega uma pessoa que você trabalhou e fala: “Eu estou bem, aquilo que eu tinha não aconteceu mais” – de ruim, né? “Meu marido voltou”, “Minha filha está boa”. Isso é o mais gostoso que tem. Não é vaidade, não!

Não, eu entendo.

Décio: É a recompensa do que você fez.

Sr. Nene: Que nem o Flexeiro. O Exu dele opera o camarada que está mal, não pode andar. Depois de uma semana, o camarada vem lá todo bem! Não é alegria isso?

Décio: O caso do Sandro que mamãe estava falando.

D. Nena: O caso do Fausto também!

Eduardo: O Fausto também.

Décio: Sim, mas aqui tem um caso que minha mãe citou do Sandro.

Qual menino é esse?

Décio: É faz muito tempo, é antigo.

D. Nena: Há muito tempo já.

Sr. Nene: Ele era dono de uma de um hotel.

D. Nena: Fausto, nós tínhamos... Peraí. É, deixa eu contar isso daí. Nós tínhamos uma adega aqui na frente.

Uma adega?

D. Nena: Nós tínhamos uma adega. E uma vez passou uma mulher e entrou na adega e perguntou se tinha, se eu conhecia um centro espírita que tinha nesse pedaço, pois falaram pra ela que tinha um centro espírita aqui. Eu falei: “Eu conheço”. Eu falei: “Aqui nessa casa do lado, que é a minha casa”.

Por acaso!

D. Nena: Sabe quando você quer desabafar com alguém? A mulher começou a me contar o caso dela. Que ela tinha um filho adolescente que

estava internado num manicômio.

Décio: É, ele andava torto, ele andava horrível!

D. Nena: Estava no manicômio e estava ruim e queriam amarrar ele, queriam deixar o menino na solitária e ela estava com medo. Então, ela queria trazer o filho. Eu falei, traz, quem sabe né? Ela trouxe na sexta-feira seguida, ela já trouxe. O centro era só um pedacinho, não era o centro inteiro assim, era um pedacinho. Aí a mãe trouxe o garoto – a mãe era dona de uma rede de hotéis. Uma rede de hotéis. Aí trouxe ele... O menino se sentou. Ele devia ter uns treze, catorze anos, né?

Décio: Era bem novinho.

D. Nena: Aí ele e a mãe se sentaram. Aí começou a cantar ponto de Exu – o menino se jogou de cabeça!

Sr. Nene: De cabeça ele foi!

D. Nena: Ele se jogou de cabeça para sair pela porta. Aí tinha um rapaz lá e segurou ele. Começou a gira, veio seu Tuano. Aí ele veio e recebeu um caboclo, o menino.

Olha!

Décio: Eles nunca tinham ido num centro!

D. Nena: Nunca tinham ido em um centro. Aí o menino recebeu um caboclo, o caboclo falou que era... o Sete Flechas?

Décio: Eu não lembro, o nome do caboclo eu não lembro não.

D. Nena: É, era o caboclo Sete Flechas e que ele queria um charuto.

Décio: Eles nunca tinham entrado em um terreiro. Esse menino ele veio torto, torto mesmo. É, definhando assim, uma pessoa muito torta. Saiu de lá com o irmãozinho dele, a irmãzinha ali no colo, né? No mesmo dia.

D. Nena: Sim! E no final de semana seguinte ele estava aí na Toco⁴ dançando. É! Viram ele e vieram

⁴ A Toco foi uma discoteca famosa na Zona Leste de São Paulo. Fundada em 1972, encerrou suas atividades em 1997.



contar para nós: “Aquele menino estava dançando na Toco”. É muita história.

Dona Nena, para a senhora, o que foi o mais gostoso? O que é o mais gostoso de ter um terreiro?

D. Nena: Ai, é você ter... É uma afinidade muito grande... Eu vou chorar. Muito! É muito gratificante. É demais, demais. Muito gratificante.

Dona Nena, e o que é difícil de ter o terreiro?

D. Nena: Não ter o terreiro!

Não ter o terreiro é o que é difícil?

D. Nena: Não ter o terreiro.

Décio: Olha eu tenho uma...

E pra você, o que é o gostoso do terreiro?

Décio: São as amizades. Tudo que você faz. E o mais difícil são as amizades também. Entendeu? São pessoas. Lidar com pessoas não é fácil, é muito difícil. É muito gostoso isso, você faz amizades. Hoje o terreiro, poxa vida, a harmonia dele é muito boa! Mas não foi sempre assim.

Sei.

Décio: Sempre tem aquelas desavenças, todo terreiro tem como em toda comunidade existe, né?

Todo.

Décio: Então isso que é chato! Você apostar numa pessoa, gostar de uma pessoa e, quando você vai ver, ela está te apunhalando pelas costas... Isso acontece muito. Isso que é o desagradável no terreiro. O resto a gente toureia, faz parte do dia a dia da vida. Você tem uma cultura diferente da minha.

Claro.

Décio: Não posso exigir que você seja uma pessoa igualzinha a mim, senão fica uma porcaria, fica horrível. Imagina todo mundo igual. Sabe, essas facadas que existem no terreiro, isso que é desagradável.

Sr. Nene: Para mim hoje, alegria é quando eu vejo

o centro lotado de médiuns.

Décio: É isso é bom demais.

Sr. Nene: É isso daí! O Décio sabe: quer me ver louco? É faltar médium. Verdade, porque a gente faz um sacrifício a semana toda.

Sei.

Sr. Nene: Eles fazem a semana toda para ter a casa bonita na sexta-feira.

Certo.

Sr. Nene: Chega sexta-feira não vem ninguém? Que é isso?

Mas eu venho aqui há muitos anos, eu nunca vi a casa vazia de médiuns.

Sr. Nene: Deixa eu te falar, às vezes acontece. Faltar três, quatro médiuns, é ruim.

Décio: É, vocês não percebem, porque meu pai toureia isso, né?

Sr. Nene: Mas quando faltam três, quatro médiuns, pra nós são vinte pessoas que não vão ser atendidas.

Décio: São vinte pessoas que ele tem que realocar.

Entendi.

Décio: Imagina, faltarem quatro médiuns? Já aconteceu.

Claro.

Décio: Cada um atende seis pessoas. Tem vinte, vinte e quatro pessoas pra ele realocar para os outros médiuns. Imagina?

Sr. Nene: Outra coisa que eu fico aborrecido, dá vontade de jogar tudo pra cima. Eu fico mesmo aborrecido, o Décio sabe. Médium não vem, por que ele não veio? “Ai, eu não tava bom, tava doente.” E eu soube que ele foi numa balada na sexta-feira. Verdade! Isso acontece! Um monte de gente aí: “Ah, vou na balada, fui num piquenique”. Fala a verdade, fala antes de acontecer.

D. Nena: Não precisa deixar de ir, né?

Décio: Ter uma vida social, além da nossa.



Sr. Nene: “Olha, sexta-feira eu não venho, arrumei um passeio com a minha família.” É, pronto, vai! Tem o direito de ir.

Eduardo: Pelo menos já prepara...

Décio: Meu pai fica marcando para o médium, por exemplo, atender seis pessoas e essas pessoas estão vindo pra falar com a entidade desse médium.

Claro.

Décio: Chega na hora H, cadê a entidade. “Ah, não veio por quê?” “Porque o médium não veio.” O médium não avisou, é desrespeito com o terreiro e com os assistentes, né?

Sr. Nene: Quanto sai o cachê aí?

Quanto sai o cachê?

Sr. Nene: O cachê da entrevista. Tem cachê, não é? (risos)

Pro senhor? Tem, mas o Eduardo quer fazer uma pergunta ou comentário.

Eduardo: Então, eu acho assim: eu venho na casa focado, para dispensar a minha energia com as pessoas que estão precisando. Eu não venho para falar mal, para apunhalar.

Sr. Nene: Mas tem muitos que vêm!

Eduardo: Eu sei. Então, mas isso não faz parte de uma evolução?

D. Nena: Faz parte, claro.

Décio: Mesmo você sabendo disso, quando acontece você fica chateado.

É ruim, claro.

Décio: Você fica magoado. Depois você vai assimilando, devagarinho vai assimilando.

Sr. Nene: A casa que a gente ia lá na Mooca fechou por causa disso, né.

Décio: Fechou por causa de fofocas.

Sr. Nene: Fofoca que Nossa Senhora!

Vocês aqui têm uma política de chamar alguém e falar assim: “Olha, a gente acha que você não devia mais continuar frequentando”?

D. Nena: Não!

Sr. Nene: Não. Não fazemos isso.

Não. Mas chamam o médium ou não?

Sr. Nene: Pelo contrário. Às vezes a pessoa está com problema, vai para lá aí eu chamo e converso.

Tá.

Sr. Nene: A gente conversa direitinho. Tem muitas aí que foram abertos os caminhos novamente, não é?

Décio: É, assim: isso parte do meu pai né? Não de mim.

Sr. Nene: Mas a gente procura...

Décio: É diferente.

Eduardo: Severão.

Décio: Não, não é severão. Meu pai sabe, eu sou mais radical que ele. Eu corto e pronto. Tem pessoas aí que eu gostaria de ter cortado, meu pai não deixou. Então é assim.

Olha, pra vocês, qual é o ensinamento mais bonito da Umbanda?

Sr. Nene: O fundamento?

O ensinamento. Qual é o mais bonito?

Sr. Nene: Mediunidade, não é ensinamento. Mediunidade a pessoa traz.

Certo.

Sr. Nene: Eu acho que a doutrina, não é? É um fundamento.

Tá.

Sr. Nene: Não é fácil de doutrinar viu?

Eu sei que não.

D. Nena: Eu acho assim, eu acho que a gente aprende a ser boa de coração, a gente aprende também a ser boa.



Tá.

D. Nena: A gente aprende, que a gente muda a personalidade da gente se você não pratica. E de repente você começou a praticar e se deu inteira.

Décio: É por essa linha que eu ia. A umbanda é o que ela fala, é a caridade. Umbanda é caridade e ponto final.

Sr. Nene: (*cantando*) “A umbanda é paz e amor, é um mundo cheio de Luz, é força que nos dá vida e a grandeza que nos conduz”. Esse é o hino da umbanda.

Décio: A umbanda é fazer para os outros, fazer para os outros, fazer para os outros...

Sr. Nene: (*cantando*) “Avante, filhos de fé, como a nossa lei não há.”

D. Nena: A gente quando a gente monta um centro... Esse nosso centro foi o Seu Tuano que pediu, ele vinha pedindo que ele queria a casa dele, queria a casa dele, queria a casa dele. Só que o Nene tinha medo de abrir a casa, né? Até que abriu. Mas é assim, você.... Ai, não sei como te explicar, Fausto.

Sr. Nene: Fausto, deixa eu te contar um caso. É bom você nem gravar o que eu vou te contar.

Tá, espera aí.

(desligamos por um tempo)

Vamos falar um pouco sobre os trajes? A maior parte dos filhos da casa usa branco, mas é comum ver algumas pessoas com trajes diferentes, em giras específicas, como as de preto velhos, de esquerda...

Décio: Então o que acontece, Fausto? O terreiro começou a agregar pessoas de outros terreiros, que vinham com influência do terreiro deles. A vestimenta preta e vermelha dos exus... “Puxa, por que eu não posso pôr? Meu Exu gosta tanto, minha pombagira gosta tanto, minha preta velha usa o vestido xadrez” ... Ficou comum. Não há mal nenhum nisso e o Seu Tuano acabou cedendo.

Estas pessoas vieram de outros terreiros com uma cultura diferente. Foi por isso que ele permitiu que começasse a usar vestimenta colorida. Mas até então os filhos da casa, quando eram formados aqui, era só branco.

Certo.

Décio: Só branco. Mas depois o terreiro vai pegando uma fama maior. As pessoas saem de outro terreiro pra vim pra cá e tem que flexibilizar.

Sim.

Décio: Inclusive a vela.

Vela? Como assim?

Décio: Vela, só se usava vela branca. Vai acender vela para Exu? Era branco. Porque afinal de contas, o que você está oferecendo pra entidade é a luz, e não a cor da vela, não é?

Entendi.

Décio: E a luz é igual para todos. Então ele só permitia a vela branca.

Então essa flexibilidade é de que ano pra cá? Quando se começou a usar roupa colorida?

Sr. Nene: Roupa colorida? Ah, já faz uns quinze anos.

Mas o senhor eu nunca vi nunca vi com roupa colorida.

Décio: Não, o cigano dele hoje tem a calça preta...

Sr. Nene: Só o cigano, o cigano tem a calça preta e a blusa branca.

D. Nena também nunca vi. Vejo a senhora sempre de saia branca e blusa branca.

Eduardo: A D. Nena é cambone, ela não incorpora. (*pisca para D. Nena*)

Sr. Nene: Você não viu aquela senhora ontem, na sexta-feira? Dona Val. É Preta Velha.

Décio: A Claudinha também veio de xadrez. D. Dalva.



Tem um tema aqui que é difícil para eu entender e quero ver como vocês entendem, que é o seguinte: fundamentos do terreiro. Eduardo e eu conversamos bastante sobre isso hoje. O que é “fundamento do terreiro”?

Eduardo: Ele não acredita na minha resposta.

Eu quero entender o que o senhor entende por fundamento. Se eu tiver dúvida, eu pergunto.

Sr. Nene: Defumação: é um fundamento.

Certo.

Sr. Nene: Sabe a casinha do Exu? Aquilo é um fundamento, aquilo é a segurança do terreiro.

Mas aquilo é um fundamento ou é um assentamento?

Sr. Nene: Assentamento é outra coisa. Assentamento é o Exu assentado. Dentro do fundamento.

Certo, sim. Então o fundamento é um conjunto de regras?

Sr. Nene e Décio: É um conjunto de regras obrigatório pra todo terreiro.

Certo.

Décio: Todo terreiro tem que ter, que são os fundamentos da umbanda: a casinha do Exu, que é a tronqueira; o congá...

Sr. Nene: Onde é feita a defumação...

Décio: Tudo isso são fundamentos. Quando é feita a defumação; os pontos cantados, tudo isso é fundamento.

D. Nena: Os atabaques...

Décio: Não necessariamente atabaques, mas sim pontos cantados. Aqui na Oca tem atabaques, mas tem tenda de umbanda que não tem atabaque, não é? Umbanda branca não tem atabaque. Alguns terreiros não têm, mas têm o ponto cantado. Por exemplo, você não consegue chamar uma entidade simplesmente. Quem já é desenvolvido consegue. Claro. Também são fundamentos: abertura do trabalho; encerramento do trabalho,

são fundamentos da umbanda. Casinha do Exu, a tronqueira, é fundamento da umbanda. Congá é fundamento da umbanda. No nosso caso, atabaque é fundamento da umbanda também. Tem terreiros que não têm, mas é um fundamento também da umbanda.

Certo.

Sr. Nene: Tem terreiros em que o médium trabalha com a pomba na mão. Um dos instrumentos mais fortes na umbanda é a pomba.

D. Nena: Pomba também é fundamento.

Décio: Charuto é um fundamento. Por que se usa charuto? É a maneira com que a entidade se protege, se limpando vinte e quatro horas enquanto está trabalhando. Ela está fumando, ela está se defumando.

Neste sentido, a cachaça também não seria?

Décio: É coletar energia. O charuto não. O charuto é limpeza, é como se estivesse se defumando toda hora, contra aquelas energias que ela está lá absorvendo. Dá um passe em você e usa o charuto, que é uma defesa. Ele usa pra ele mesmo e pra você. O consulente, não é?

Sr. Nene: O charuto ele não traga. Ele não traga.

Décio: A função dele é só a fumaça só a baforada. Charuto na mão, ele fica se baforando o tempo inteiro, se limpando daquela energia que está lá circulando e impregnando nele.

Sr. Nene: O meu Exu fumava oito charutos por dia! Hoje um charuto está 5 reais. Já pensou??

Décio: Você entendeu, Fausto? O charuto é a mesma coisa de ele ter um defumador do lado. Só que charuto é mais prático.

Entendi. Pergunta sobre o congá. Eu fui vendo as fotos que tem no Facebook da Oca e percebi que o congá tem mudado, não? O Congá mudou, não é? A estrutura não mudou, mas o congá mudou.

Décio: Isso, a estrutura não mudou desde que foi fundado, o que mudou foi a parede dos fundos.



Quem determinou essa mudança? Seu Tuano mandou fazer assim?

Sr. Nene: Você sabe que tem congá que nem imagem tem?

Décio: Mas o nosso é assim desde que nós começamos.

Sr. Nene: Você sabe que madeira é essa que nós usamos?

Não.

Sr. Nene: De caixão de morto.

Décio: Porque foi feito numa funerária!

Sr. Nene: Claro, madeira sem usar, é lógico. Foi um tio dela, que faleceu, ele trabalhava numa funerária em Guarulhos, era gerente. Nós fizemos o desenho pra ele e ele fez.

Este “fizemos um desenho pra ele” foram vocês ou foi uma entidade?

D. Nena: Foi intuição do Nene.

Décio: Seu Tuano, sempre o Seu Tuano.

No congá tem várias imagens, como a de Oxalá. Você já contou um pouco dessa história, mas houve uma determinação de quais santos tinham que estar ali?

Décio: Sim.

Sr. Nene: Xangô. Ogum. Santa Bárbara... Só orixás. Agora, se eu tenho o meu caboclo, o Tuano, eu tenho a imagem dele lá.

Tem lá?

Sr. Nene: Se você tem seu caboclo e quer pôr a imagem dele lá, pode pôr.

Entendi.

D. Nena: Mas tudo tem que pedir pro Sr. Tuano.

Claro, não é assim...

D. Nena: Tudo lá está montado com as imagens que ele determinou. Eu não posso chegar e falar; “Ah, estou cheia desse santo aí. Vou pôr outro do

meu gosto”! Cada um tem o seu lugar lá. E nem mudar de lugar. “Ah, vou tirar este daqui e pôr ali.” Não pode.

Nós já conversamos uma vez há anos, D. Nena, nem sei se a senhora lembra disso, mas eu perguntei como é que a senhora organizava o congá. As cores das toalhas no congá, e a senhora me disse que era uma coisa intuitiva.

D. Nena: Então, o congá nós pintamos todinho de branco. Quando precisa restaurar uma imagem, sou eu que faço, eu não peço pra ninguém fazer. E assim, hoje nós usamos muito colorido no congá, mas isso é uma vaidade minha, vou te confessar.

Nas toalhas, a senhora diz?

Décio: É conforme a gira.

D. Nena: Por quê? Eu falei: “Pai, eu posso por verde aqui pra quando for gira de caboclo?” Ele disse: “Você arruma do teu jeito, como você quer”. Ele me autorizou, me deu essa função, então está bom. Aí eu quis fazer para o cigano: “Puxa, Cigano, vamos pôr roxo e não sei o quê”? Então é coisa minha.

Entendi.

D. Nena: Só que ele aceitou, abençoou e eu faço todas as vezes que eu quiser. Por exemplo, a última que eu fiz foi pra festa de cigano que nós tivemos faz pouco tempo. Eu fiz aquele jogo [de toalhas] na semana da gira.

A senhora mesma costura?

D. Nena: Eu que faço. Hum. Todos os panos que têm no congá – acho que tem um só que foi minha nora que fez. A Inês. O resto foi tudo eu.

D. Nena, tem alguma preparação pra costurar qualquer coisa pra uma cerimônia de umbanda? Como a senhora procura se preparar como costureira? A senhora procura ter um estado diferente? A senhora reza pra costurar ou não precisa ter essa preocupação?

D. Nena: Olha, Fausto, eu aqui assim em casa eu não preciso falar pra ninguém que eu estou rezando.



Mas eu rezo muito. Nessa hora eu estou quietinha. Então eu estou só pensando em coisa do centro. Quando eu estou trabalhando para o centro, eu não penso no Nene, se ele está com dor de cabeça, se ele quer almoçar. Não. Eu só penso coisa do centro. O pano tem que ficar como eu imagino.

A umbanda tem um livro sagrado? Por exemplo; “Ah, o Islamismo tem o Alcorão”. A Igreja Católica tem a Bíblia.

Décio: Eu sei assim, olha: na umbanda existe o fundamento, mas não existe doutrina. Certo. A doutrina que se aplica na Oca de Tupã não é a doutrina que se aplica no Sultão das Matas.

Claro, claro.

Décio: Não é a mesma. Se eu sou da Oca de Tupã, eu saio daqui, vou frequentar a casa do Sultão das Matas...

A conversa vai ser outra.

Décio: Exatamente. De acordo com a disciplina e a doutrina do Sultão das Matas. Tá. É diferente de uma igreja evangélica ou católica!

Claro.

Décio: Se você sai da igreja católica aqui da diocese do Brás e vai pra diocese de Aparecida, é a mesma coisa.

Claro. Está codificado.

Décio: E a umbanda não.

Sr. Nene: E nós fizemos encontro de casais com Cristo. É. Igreja católica.

Décio: É, mas eu também fiz, também fiz.

D. Nena, queria voltar um pouquinho na costura. É a senhora quem faz as suas roupas?

D. Nena: Sim.

A senhora já fez para os filhos do terreiro ou não? Nunca fez?

D. Nena: Pra te falar a verdade, eu nem sei se eu fiz! Eu não me lembro de ter feito. As minhas eu que faço.

A senhora nunca compra?

D. Nena: Eu só compro as camisetas, né? As camisetas de malha.

O desenho da camiseta, que é comum pra todo mundo, quem mandou aquele desenho, a estrela de seis pontas?

D. Nena: Seu Tuano.

Sr. Nene: Foi desde quando fundou o centro. A estrela foi feita em conjunto com o Sete Pedreiras.

Décio: Cada um fez um pedaço do ponto, cada um desenhou uma parte quando fundaram a Oca de Tupã.

Sr. Nene: Foi feito em duas partes. Só um pouco, né?

É uma estrela de seis pontas. O significado da estrela de seis pontas é o que a gente conhece?

Décio: É a mesma coisa.

Você quer falar um pouco sobre isso? Qual é o significado das seis pontas?

Sr. Nene: Olha, eu não tenho a resposta.

Décio: O que eu entendo, pelo que foi passado pra nós, da estrela de seis pontas. Dentro da umbanda, é uma cabala, é um desenho. O que representa é os orixás e o centro é Jesus. O Pai Maior, que está no centro de todos eles. A umbanda é isso. São sete orixás. Um deles é Oxalá, que é o centro de tudo. E as outras pontas são os demais orixás, Oxóssi, Iemanjá, Iansã... (*interrompe*)

Sr. Nene: A maioria das entidades faz uma estrela com cinco pontas.

Décio: A estrela de Davi é a de seis pontas. É outra estrela. Mas é isso pelo menos que eu sinto no ponto. Não vou falar: “Foi isso que me falaram”, mas é o que eu sinto naquele ponto: os orixás na ponta e no centro da estrela, o Pai Maior. Para concluir: como é o nome do terreiro? Casa de Deus. Oca de Tupã, Deus em tupi. É por isso que eu te falo que o centro dessa estrela é Tupã, o Pai Maior e as seis pontas são os orixás: as mulheres – Iansã, Oxum, Iemanjá e os homens – Xangô, Oxóssi e Ogum. E ponto final.



Hoje se enraizou mais. Hoje você tem Nanã, sim, mas antes não se aplicava na umbanda.

E nem Exu era considerado orixá.

Décio: Não, não era considerado orixá. Hoje é. Ajudou bastante. Mas incomodou bastante! Mas estamos falando de quarenta anos atrás, não era. Da umbanda, não é? Eram as sete linhas espirituais da umbanda e fim. Exu era considerado barra-pesada, hoje, ele é teu brother.

Eu quero voltar nesse assunto daqui a pouco, mas só pra fechar com a dona Nena. Terminou a gira, a senhora saiu lá de baixo e tudo o mais. A roupa precisa ter um cuidado especial?

D. Nena e Sr. Nene: Precisa.

Sr. Nene: Terminou a gira, ela já lava nossa roupa.

D. Nena: Toda semana eu lavo a roupa que foi usada na gira anterior. Por exemplo, ontem foi sexta-feira? A minha roupa já está molhada, já está lavada.

Usa sal, usa alguma coisa ou não precisa?

D. Nena: Não, eu lavo normal.

Lava normal, mas lava com outras roupas ou não?

D. Nena: Não.

Separa?

D. Nena: Roupa branca. Só que eu ponho assim, eu ponho a minha, a dele, as toalhas que a gente usa na gira, põe tudo junto, até a roupa de baixo. Vai só a minha e a dele, roupa branca, acabou. Não tem outra cor dentro.

Décio: É, lá em casa também. Toda a roupa branca. Tirou tudo de uma vez só. Depois de lavada, é colocada num guarda-roupa toda separada. Tem cabide só pra ela, só para as roupas brancas. Mas não precisa de algo assim, diferente...

D. Nena: Ou um produto especial.

Décio: Não existe um ritual para isso, exatamente pra fazer isso, não. Não precisa.

Sr. Nene: Pega a roupa, joga na máquina, bateu pronto. E pronto, já era.

Eduardo: Não tem um ritual, mas tem um cuidado.

Décio: Tem que ter, é lógico. Cuidado e respeito.

D. Nena: Você sabe o que você está fazendo? Está tirando aquela energia ruim que você pegou naquela gira!

Décio: Eu ia chegar lá. Nós estávamos conversando essa semana aqui, eu, meu pai e minha mãe, e nós já percebemos – e já cansamos de falar pro pessoal – que não dá para usar a mesma roupa sem lavar na semana seguinte. A saia principalmente.

D. Nena: Eu já avisei isso muitas vezes.

Décio: Você saiu daqui a semana passada com esta roupa. Precisa lavar isso. Você estava na semana passada nessa roupa. Isso não é bom para você, lava separado com as outras roupas brancas...

Acho que a pessoa não percebe como é importante.

Décio: Aquilo está cheio de energias – descarrega e manda embora.

Eduardo: Na minha cabeça não dá para usar a mesma roupa em duas giras.

Eu venho na assistência e saio daqui com cheiro de charuto. Não dá para guardar por uma semana.

D. Nena: Mas tem gente que é descuidada, que não tem esse cuidado.

Eu queria tocar no assunto: giras. Eu já percebi, por exemplo, que no começo de uma gira, se anuncia a próxima gira.

Sr. Nene: Não é obrigatório.

Não é obrigatório?

Sr. Nene: Não.

D. Nena: Mas isso é o Seu Tuano que determina, né? É. Não é a gente que diz: “Vamos fazer isso, vamos fazer aquilo?”

Décio: Isso já faz parte da doutrina do terreiro.



Sim, certo. Explica como é, por favor.

Décio: Por que ele faz isso? Ele vê conforme a necessidade da próxima semana. A cada duas giras, a terceira é caboclo. Preto velho e marinheiro, caboclo. Criança, baiano, caboclo. Duas giras, uma de caboclo.

Sr. Nene: A gira mais procurada é de caboclo.

Décio: Porque a casa é de caboclo.

Ah, é a gira mais procurada? Eu achei que era a de esquerda.

Décio: Lota porque demora para vir.

Sr. Nene: Caboclo não, é quase toda sexta.

Décio: Pra você ter uma ideia, a semana retrasada foi gira de Exu.

D. Nena: Ia ser de preto velho.

Décio: Na hora Seu Tuano decidiu que precisava ser gira de Exu.

No dia?

Décio: Não, na semana anterior. Ele anuncia a próxima gira sempre no começo da sexta-feira. Começamos a gira, aí ele anuncia pra nós. Ele fala qual vai ser a próxima gira. Aí ele chegou pra nós, eu tinha certeza que era gira de pretos velhos. Outros filhos me perguntaram, eu falei: “Vai ser gira de Preto Velho”. Antes de começar o trabalho. Aí quando começou a girar ele falou pra minha mãe: “Vai ser gira de Exu e pombagira”. Aí ele olhou pra mim e falou: “Eu preciso fazer a gira de Exu e pomba-gira”. Porque ele sabia que eu já tinha comunicado que era Preto Velho.

Entendi.

Décio: Aí trocou.

Quando a gente está escrevendo um material que muita gente vai ler, a gente não pode deixar dúvida. Então, eu queria conversar um minuto: como é uma gira? Como uma gira é planejada? O que tem que ter numa gira? Normalmente o que acontece? Por exemplo, tem uma sequência, a

cortina está fechada. Toca um sino. O que esse sino está marcando?

D. Nena: Está avisando que vai começar a gira.

Então, mas esse sino é um sinal aleatório?

Décio: É um “Atenção, pessoal!”, pra chamar a atenção e avisar que vai iniciar.

A assistência é separada dos médiuns por uma cortina que abre. Por quê?

Sr. Nene: Tem que separar. A preparação é separada. É como jogo de futebol. Aqui fica o pessoal que vai assistir ao jogo. Aqui o campinho, por exemplo, e aqui os jogadores. Tá sim. Já pensou se puser tudo junto?

Décio: Existe essa separação porque não dá pra estar junto. Por que existe a cortina separando? O terreiro está fechado. Qual que é o ponto que a gente canta? O do Exu. Antes de abrir para o público, cheio de problemas, vamos fechar a firmeza do terreiro. Então nós vamos chamar os Exu, pedir a proteção pra eles: “Cuida do nosso terreiro!” O ponto é mais ou menos isso, “Cuida do nosso terreiro porque nós vamos abrir para o público”. Depois que a gente canta para o Exu, assentou ele, chamou ele para os trabalhos, pediu a proteção pra ele, aí sim se abre para o público. Abre para os problemas todos do terreiro.

Por que a assistência vira para o outro lado?

Décio: Porque a casinha está pra lá, a tronqueira.

Existe uma sequência de músicas que vocês preestabelecem ou não? Quando eu estou falando música, falo pontos.

Décio: Isso faz parte do fundamento, porém é doutrina do terreiro. A sequência dos pontos e a quantidade dos pontos já é doutrina do terreiro. Mas o cantar dos pontos é fundamento. Tá. Entendeu? O terreiro tem que ter os pontos, tem que ter as suas orações, suas regras. Os pontos são reza! Existe uma sequência que nós criamos para ficar harmonioso.



Claro. Você pode escrever sobre isso depois? A gente precisa falar dos pontos. Cantamos, aí vamos chegar ao final da gira. A gira tem um formato oficial de finalização ou não, pode variar? Por exemplo, a gente faz a gira, toca, canta. Eu percebo que os ogãs esperam pra não ficar tocando o tempo todo... Depois, no final, tem as orações de encerramento também.

Décio: Isso. Se abriu você precisa fechar. O plano espiritual tem portais: se você abrir o portal, você precisa fechar esse portal, senão ele fica aberto lá. Não é como uma porta de casa que eu deixo aberta e depois fecho. Para quem está começando é muito difícil pegar o dia logo de cara. Agora na vibração. Mas a vibração que está acontecendo, e que a gente não está enxergando, a turma envolvida na dança - essa turma que está começando - aí começa o desenvolvimento delas.

Sr. Nene: Essa semana ou na semana passada, o Tuano mandou chamar ponto de Jurema. Ele falou - e é verdade, viu? - que se não canta um ponto, como é que a entidade vai se apresentar? Ela vem na vibração.

Décio: Nós estamos sem a cabocla Jurema no terreiro. Quem trabalha com ela é a minha esposa. Ela não quer incorporar porque ela quer continuar ajudando a mãe dela, ela precisa ajudar a mãe dela. Ela não trabalha, ela recebe a cabocla esporadicamente. Nós precisamos de uma cabocla Jurema, ela é chefe de uma falange muito grande. Assim como Pena Branca, Jurema, Cobra Coral e falange deles é muito grande. Precisa de Jurema no terreiro, hoje nós estamos sem, mas temos que trazer ela de novo.

Entendi.

Décio: Por isso que ele pediu pra gente cantar. Mas vamos lá, vamos falar de novo. Vamos voltar para a abertura. Em relação à abertura. A abertura, a gente faz pra ficar mais harmoniosa, do jeito que é, a vibração. Amém. Demorou alguns anos pra gente chegar na abertura do que são os pontos da maneira que são. E a quantidade de pontos. Agora,

o ponto de abertura tem que ter. Você precisa abrir o seu trabalho.

Certo.

Décio: Agora, a homenagem que a gente faz pros orixás são poucos terreiros que fazem. A gente canta primeiro para Xangô. Por que estamos cantando primeiro para Xangô se a casa não é de Xangô e sim de Oxóssi? Lógico que a casa é de todos eles. Mas o pai de santo é de Oxóssi, o caboclo que vem é de Oxóssi. Por que a gente canta pra Xangô hoje? Porque nós trouxemos um ponto de Xangô que é forte demais. O brado de Xangô é muito forte. Então Seu Tuano pediu pra gente cantar o ponto primeiro pra começar os trabalhos com aquela vibração. Então quando a gente começa os trabalhos, a abertura do terreiro com aquela vibração, a corrente é outra! E aí vai a sequência depois de pontos. Nós vamos trazendo todos aqueles pontos, cada um mais bonito que o outro, mas a vibração já é outra. Por isso que precisa daqueles pontos, para fazer uma abertura que quanto mais bonita, mais vibrante, melhor.

Sr. Nene: O médium se sente protegido.

Até eu como assistência percebo.

Décio: Sim. Todo mundo percebe. Não desmerecendo, mas qual o último ponto que a gente termina? O de Obaluaê. “(cantando): Na pedra fria” ... Você já imaginou se nós começássemos com este? Não ia rolar. A vibração seria outra.

Vamos passar a ordem então, de novo?

Décio: Xangô. Iansã. Ogum. Iemanjá. Oxóssi. Oxum. Omulu. Essa é a sequência.

Isso não muda, em princípio é sempre assim?

Décio: Já mudou várias vezes. Mas este é o formato de agora.

E o encerramento, como fica?

Décio: Do jeito que eu abri, eu preciso fechar esse portal. Então, eu rezei pra abrir e rezo agradecendo pela gira. Vamos encerrar? Eu canto para o Seu Tuano ir embora. Seu Tuano foi embora, eu faço



uma reza cantada: “(cantando) Ó, Mestre, fazei com que eu procure mais”...

A oração de São Francisco.

Décio: Curta, né? A gente cortou. Depois vem a oração de agradecimento pela gira, que é a minha sogra que faz. Minha sogra que fala. Depois disso, os agradecimentos normais da gira. Continua o agradecimento, cada um nos seus pontos. Pra todos os seus pra todo mundo bater cabeça, ir no congá, agradecer, a coisa toda. E depois, o penúltimo ponto, é agradecendo a todos os orixás. Eu falo o nome de todos os orixás de novo. Começo com Oxalá. “(cantando) Oxalá, Oxalá, Deus lhe dê boa viagem, Nossa Senhora vos leve na primeira carruagem” ... Aí eu vou cantando e falo o nome de todos os orixás. Aí depois eu finalizo, agradecendo Oxalá, Seu Tuano e todos.

Maravilha. A gente consegue a letra desse ponto?

Sr. Nene: Sabe do que eu gosto? “(cantando) Na casa do meu pai não falta filho; quando um filho vai, dois filhos vêm; sua vontade era que ninguém fosse e ficasse para fazer o bem.”

Décio: Nesse meio-tempo aí, tem um ponto que a gente canta aqui – inclusive nós demos uma parada – quando Seu Tuano chega no terreiro, ele antigamente cumprimentava todos os filhos... Hoje não está mais fazendo isso. Devido a meu pai estar com esse problema na perna, ele evita de ficar caminhando.

Sr. Nene: É por causa do tempo também. Nós cantávamos enquanto ele cumprimentava todos os filhos. Foi um ponto que um filho do terreiro escreveu só pra nossa Oca.

Ah, que legal.

Décio: Que falava da Oca, do Seu Tuano, como ela nasceu, tudo bonitinho. Falava de cada caboclo que trabalhava no terreiro, mas hoje não, fugiu, me fugiu.

Mas você tem isso por escrito?

Décio: Eu não tenho original, eu tenho o cortado que é o que a gente faz hoje. Eu até peço pro Mota começar a cantar pra mim... “(cantando) Quando entrar aqui na Oca de Tupã, se tiver fê, Deus vai lhe abençoar... Pois nessa casa só se faz a caridade, reina aqui a humildade na casa dos orixás. Os orixás aqui trabalham com amor, é Seu Tuano quem dirige, quem nos guia. Se no começo era pequeno e trabalhava, sempre Deus abençoava e hoje cresce a cada dia. Era Tuano, Sete Pedreiras e outros mais: Sultão das Matas da mata, Ogum da Guia e Tupiniquim. Se nesse tempo os caboclos eram pouco, hoje tem Arranca Toco, Três Pancadas e Taquari”. E aí ia falando o nome de todos os caboclos, mas esta parte foi cortada porque entra e sai caboclo toda hora!

Para terminar, então, um tema cabeludo: diretrizes. Quais são as diretrizes da casa?

Sr. Nene: Ah, tem várias! Se eu for falar todas...

D. Nena: A mais importante é a disciplina para os médiuns. A limpeza.

Sr. Nene: Fofoca, não. Fofoca, Nossa Senhora. Não.

D. Nena: Aí é chato mesmo.

Décio: É assim, Fausto, quando você fala em regras eu acho que disciplina acima de tudo.

Chegar no horário é parte da disciplina, mas a pessoa que ouve “disciplina” não entende isso. Chegar no horário, manter suas coisas limpas, evitar fofoca, o que mais? Estar sempre com a sua roupa limpa, trazer o material da sua entidade.

Sr. Nene e D. Nena: Exato. Isso mesmo.

E o que mais?

Eduardo: Zelar pelo terreiro.

Saber cantar os pontos e as músicas. Ou não?

Sr. Nene: É muito importante, mas a pessoa não liga não. Mesmo a pessoa incorporada, ela usa os pontos, ela pode pedir para o ogã...



D. Nena: Sabe o que nós conversamos hoje aqui? Eu estava fazendo o meu serviço aqui e estava cantando um ponto. Mas foi assim, foi automático! Aí o Décio entrou, sorriu e falou: “Mãe, tá cantando música de Preto Velho?” E eu falei para ele que eu não sei música de rádio!

Décio: Também não sei, só sei ponto!

D. Nena: É verdade. Eu só sei cantar ponto.

Bom demais, viu? Bom demais, perfeito. Obrigado, pessoal.



Dona Nena em frente ao congá.



ENTREVISTA COM DÉCIO HERNANDO E LUCIMARA V.R. HERNANDO (FONTE B)

Por Fausto Viana



Lucimara e Décio. Fonte: Facebook do Décio.





A conversa com este casal de espírito jovem foi no dia 6 de agosto de 2023, no prédio onde moro. Foi um churrasco em que muitas pessoas do terreiro apareceram justamente para serem entrevistadas. Conversamos à beira do jardim, em um belo dia de sol e a conversa se mostrou reveladora e cheia de ensinamentos, que certamente poderiam se desmembrar em várias outras publicações, dada a complexidade e o interesse sobre alguns temas.



Em primeiro lugar, eu queria agradecer estar aqui com vocês e poder conversar com vocês como casal justamente porque eu queria saber como é essa coisa da umbanda no terreiro e depois em casa. São poucas perguntas e acho que vai ser bem tranquilo.

Lucimara: É que cada pergunta gera muitas possibilidades.

Pois é, uma delas é: “Defina Deus”. (risos)

Décio: Só um pouco polêmico.

Lucimara: É pergunta para nunca mais sair daqui e quando sair, sair meio doido.

Era brincadeira, mas eu tenho conversado com algumas pessoas que não falam de Deus. Falam que no terreiro o lance é o orixá, ninguém fala de Deus - alguém falou em Olorum, o que foi muito legal. Mas, Lucimara, tudo aqui e só um roteiro para a gente conversar. O Décio já contou bastante da trajetória dele e eu queria saber da Lucimara como foi que ela chegou na umbanda, já que a história do Décio a gente já tem em outra conversa.

Lucimara: Na verdade, o pai da minha avó já passou para ela os ensinamentos de umbanda. Minha avó trabalhava em casa, ou seja, antes mesmo de eu nascer, minha vó já fazia isso. Depois ela ficava em casa e tinha os filhos dela. Minha mãe tentou, queria muito ser

evangélica. Tentava, tentava, mas não conseguia, sabe? Então talvez tenha sido por influência da minha mãe, da minha avó mesmo, porque desde que eu me conheço por gente é que eu vivo nesse meio. Eu não sei nada da fase da minha mãe como evangélica: eu devia ser muito pequena quando ela ficava tentando. Ela veio para a umbanda mais pela obrigação do que pela vontade dela mesmo.

Ela queria ser evangélica para sair da umbanda?

Lucimara: Não, ela simplesmente gostava, achava que era aquilo, sabe? Eu não sei se é pelo fato de ter a ligação consanguínea da minha vó e tudo ou se aquilo já estava destinado pra ela – o fato é que ela tentava e aí minha vó falava: “Mas, Dalva, não dá! Infelizmente você não pode seguir esse caminho”. Porque inclusive a minha vó gostaria muito de ser evangélica. Minha vó gostava mais disso do que da própria umbanda. Mas não, não dava. Ela falou assim: “Simplemente não está no meu destino” – porque não conseguiu. Minha avó ia em missas, gostava. Aquele negócio das orações no copo da água... Os bispos que falavam... Minha avó adorou isso até o fim da vida. Mas, sabe? Ela amava também o terreiro.

Que ela teve por mais de 50 anos?

Lucimara: Ou até mais, se você considerar quando começou na casa dela, até mais. Ela morreu aos oitenta e três e trabalhando! Minha avó era uma mulher de muita fé, ela acreditava em Deus. Por algum motivo ela gostava da religião evangélica.

Qual foi o atrativo para ela?

Lucimara: Não sei, sabe? Acho que ela tinha um dom, também tinha o pai dela... A minha avó era daquelas médiuns que quando você chegava na casa dela e ela estava lá conversando seja lá com quem fosse. Ficava lá conversando e você olhava não tinha ninguém. Aí a gente chegava, ela olhava pra você – eu tinha até um pouco de receio da minha avó – você chegava lá e ela falava assim: “Vem cá, Lucimara, sabe isso aí que você estava pensando em fazer? Não faça!” Ou então: “Ooolha, para com isso!” “Ai, vó,



eu nem estava pensando em nada"! Você estava fazendo as coisas, sabe? Mas sem comentar com ninguém.

E ela pegava no ar.

Lucimara: E você ia fazer uma visita pra ela, mas você tinha que pensar dez vezes antes de ir. Porque ela tinha esse negócio... Por exemplo, a gente ficava lá conversando. Um dia eu estava lá na casa dela, ela chega e fala assim: "Preciso me arrumar". "Por quê"? "Ah, porque o Onofre morreu". Onofre era o irmão dela. "Mas, vô, quem falou, quem ligou?" "Ninguém! Mas já fui avisada aqui". Aí dali um tempo chegava alguém no portão: "Lina"! Ou então ligava: "Lina, o Onofre morreu". Essas coisas todas. Minha avó me dava um pouquinho de medo.

Décio: Ela era meio bruxinha.

Mas é interessante você contar isso, porque eu sei que muita gente tem medo.

Lucimara: Sim. Minha irmã mesmo. Quando a gente estava lá no terreiro da minha vô e tinha gira de esquerda, por exemplo, fazia-se a gira da esquerda e tudo, todo mundo trabalhava. Depois no final, vinha o Tranca Rua na minha avó pra fechar todo mundo, pra limpar todo mundo da gira. Um por um, limpava um por um. Ele tinha uma cuia com a guia dele dentro, com pinga. Molhava a mão e pegava na mão das pessoas – falava alguma coisa pra pessoas ou não falava nada. Se tinha que falar, falava; se não, não. A minha irmã falava que ela esvaziava a mente, porque não queria que ele falasse nada! Ele era muito sincero e falava o que tinha que falar. "Isto não está certo" ou "Não faz isso não porque não sei o quê". Ou então: "Segue por outro caminho", ou então uma bronca: "Olha, você fez aquilo, agora você vai ter que aguentar e não adianta vir pedir porque agora você tem que arcar com o que você fez"! Ou então: "Olha, você precisa de um banho". Mas cada um entendia o que ele falava. Então a gente tinha esse medo, esse receio. Procurava esvaziar a mente.

Mas você teve essa convivência desde criança?

Lucimara: Desde criança.

Isso na sua casa interferia ou não?

Lucimara: Não, muito pelo contrário. Eu acho que a gente se tornou um pouco dependente, porque depois que minha vô morreu, a gente ficou totalmente sem chão. Dava uma dor de barriga na gente, não precisava dos guias: eu precisava da vô. Quando a Paloma [*a filha do casal*] teve dor de ouvido, ela berrava e a gente não sabia o que era. Já tinha levado em médicos e nada. Saí de manhãzinha com o Décio e ela berrando pela rua. Chegou lá, acordei minha vô: "Vô, eu não sei o que a Paloma tem, não sei o que acontece". Aí minha vô benzeu a Paloma. Ela fazia os remédios dela na hora, você voltava pra casa com a criança como se não tivesse nada! A gente se tornou meio que dependente. Dava uma dor de barriga? Vamos, vamos ver a vô! Eu não sei se era coisa do destino ou o poder que ela tinha... Ou o poder que a gente dava pra ela...

Ou as duas coisas.

Lucimara: Ou as duas coisas. A fê que era muito forte, sabe? É. Então eu acho que a gente ficou muito dependente dessa religião, na verdade. Eu, como só conheci isso, minha mãe me pôs pra fazer comunhão, porque ela falou assim: "Eu estou aqui nessa vida, mas vocês têm que decidir o que que cada um vai fazer". Tanto fazia se a gente fosse isso ou aquilo, mas o fato é que ela levava a gente. E eu não sei se a gente se identifica com aquilo ou porque nasceu dentro daquilo ou se o nosso coração acabou levando e ficamos toda a vida ali. Tanto que eu nunca frequentei outro lugar, mas frequentei a comunhão.

Décio: Não foi pela dor.

Lucimara: Não, foi pela vida. Foi mágico. Foi por amor mesmo. E pela convivência, sabe? Acredito eu. Não vi necessidade de outra coisa: pra mim é Deus que importa e lá pra mim me leva a Deus, a Jesus, a todo mundo. E é isso.



É o caminho. Mas você começou então no terreiro da sua avó. Mas você passou por outro terreiro antes?

Lucimara: Nunca.

Como é que você chegou na Oca?

Lucimara: Cheguei na Oca porque eu fiquei noiva do Décio! Porque até então nunca tinha frequentado outro terreiro nem quando conheci ele. Eu fui visitar na assistência e tudo, mas nunca trabalhei lá porque ele frequentava o centro dele, eu frequentava o meu e a gente assim ia bem, entendeu?

Entendi.

Lucimara: Aí depois que minha vó morreu aí foi que eu - na verdade, minha mãe - teve necessidade de fazer alguns trabalhos. Minha mãe parou por uns tempos. Mas depois ela teve necessidade de ter que fazer alguma coisa: os guias dela começaram a intuir que ela precisava trabalhar mais um pouco, porque a missão da minha vó já tinha sido cumprida, mas a dela precisava continuar. E aí como a gente estava junto e já estávamos casados e a minha mãe gosta muito do Sr. Nene e da dona Nena - as nossas famílias têm uma boa ligação. Aí minha mãe ia lá a cada quinze dias. O Sr. Nene convidou a minha mãe, dizendo assim: "Quando a senhora se sentir bem ou precisar, pode vir e dar passagem. Tudo sem compromisso". E foi indo até que, de repente, quando ela viu, estava indo toda sexta-feira e ela me pediu pra ir junto com ela, porque o método deles era um pouco diferente do que ela fazia na minha avó. Por exemplo, os guias na casa do Sr. Nene, a Oca, eles são um pouco mais independentes. Quando a gente trabalhava na minha avó, eles eram bem dependentes. Precisava de um charuto, ou de uma alface, eles pediam e a gente dava para eles, servindo os guias com o que precisava para fazer o trabalho. Minha vó, por exemplo. Minha vó precisava do cambone dela direto porque como ela não era consciente, ela tinha receio do que as pessoas pediam.

Ah, entendi!

Lucimara: E do que o orixá, dependendo, principalmente se fosse de esquerda, ia atender. Porque a esquerda tem outro tipo de energia! Então minha vó tinha muito medo do que as pessoas iam pedir. O cambone ficava ali porque ela queria saber o que foi feito, o que foi dito e o que foi resolvido - pra saber se ela deixava aquele trabalho, porque ela interferia se sim ou se não pra aquele trabalho.

Décio: O cambone era um suporte direto do trabalho da entidade e da médium. Mas na Oca isso também acontece.

Lucimara: Mas eles são mais independentes, porque eles conseguem se virar bem.

Décio: E nós não temos toda a gira, nós não temos cambone pra todo mundo, não dá. Então as entidades meio que aprendem a trabalhar um pouco sozinhas, sem a necessidade do cambone por vinte e quatro horas, como eles tinham lá.

Lucimara: Os tempos de hoje são outros. Hoje tem a internet: se você está com dúvida disso ou quer saber como é um banho, você vai lá e dá uma busca. Na época em que eu frequentava o centro da minha vó, não era assim. A gente tinha que esperar o guia falar pra gente ou então buscar em um livro do Allan Kardec; ou o Evangelho Segundo o Espiritismo. Mas o que se sabia mesmo era ali. Então era um pouco de dependência. Hoje acho que eles têm mais acesso as informações.

Décio: Sim. Mas é, eu tenho um exemplo muito bom disso, pegando esta sua linha. Antigamente, meu pai, a dona Dalva - os mais velhos, né? A avó dela e outros médiuns da época deles - para eles, ser inconsciente era quase regra. Hoje eu acho que não tem mais isso.

Lucimara: Mas era quase regra por quê? Isso não é uma coisa que você escolhe.

Eu acho que é o perfil de médium, não?

Décio: Não, não é.

Lucimara: Eu acho que a gente não escolhe ser



consciente. Eu e o Décio, a gente diverge bastante sobre as coisas.

Adoro as discordâncias.

Décio: O que acontecia? Na época da Dona Aline, da dona Dalva, do meu pai... Não tinha formação nenhuma em umbanda, nem em espiritismo! A entidade precisava tomar a consciência todinha do médium pra não fugir das regras, não sair daquela linha. Hoje em dia não, hoje ele precisa do médium, ele precisa da informação e da ajuda do médium, porque hoje o médium é mais instruído. Hoje, em um clique, ele sabe toda a resposta.

Lucimara: Mas tem uma linha muito tênue entre você ficar tão focado assim em pesquisar, em estudos, e procurar saber fora por que você está ali, olha: entre a verdade e a mistificação. Então você tem que saber separar: você procura muita informação.

Procurando informação, a fonte é segura? Porque é Internet, pode ser qualquer coisa.

Lucimara: Por isso que eu estou te falando. Então, aí tem uma linha muito tênue entre o que eu aprendi e o que se encontra hoje: um fala que um banho é para isso, o outro diz: “Mas eu li que não, que esse banho tem que ser daquilo”! Ou: “Aquele vela tem que ser acesa na segunda”, mas o outro já fala: “Não, desde que você está pedindo uma coisa, pode ser acesa em qualquer dia”!

Décio: Antigamente, quando sua avó começou, meu pai começou, tinha um terreiro aqui e um terreiro a um quilômetro, né? A informação da espiritualidade, o ensinamento não chegava tão fácil pra eles. Eles mesmos começaram sem saber o que era. Como ajudar a entidade na hora de uma consulta se eles mesmos não tinham essa consciência, esse aprendizado? Hoje não. Se você começar com dez pessoas, três ou quatro pessoas são espíritas, ou já foram. Espírita, em geral, umbandista ou não. Antigamente não. O pessoal não podia nem falar que era de umbanda. Meu pai relatou isso pra você, inclusive. A polícia ia lá

e quebrava o terreiro toda hora.

Lucimara: Quando meu pai faleceu, eu tive que começar a trabalhar. Com 12 anos, então minha mãe me pôs pra estudar à noite e eu fui trabalhar. A gente jamais poderia falar numa ficha de trabalho que era de umbanda – e eles perguntavam sua religião. Sabe o que eu punha sempre? Católica não praticante.

Décio: Todo mundo fazia isso.

Acho que muita gente ainda faz isso.

Lucimara: Hoje é mais flexível.

Décio: Os guias tomavam conta da cabeça da pessoa porque ela não tinha como ajudar e se ela fosse começar a querer ajudar, ia acabar atrapalhando. Hoje não, hoje a maioria dos médiuns, acho que noventa e poucos por cento, é consciente.

Eu, pessoalmente, tenho uma tendência a achar que ser inconsciente é melhor.

Décio: Todo médium acho!

Lucimara: Eu acho.

Por quê? Por que você interfere menos?

Lucimara: Isso.

Mas eu nunca tinha pensado por essa perspectiva.

Lucimara: Tudo é questão de evolução. Porque, por exemplo, lá no centro da minha avó, até o fim da vida dela, era assim: o centro dela era de madeira, tipo um barraco mesmo.

Décio: Ficava nos fundos da casa dela.

Lucimara: Era muito simples. Mas eu amava aquela chão, e a laje era baixa – o Décio até aumentou para ela. Ela não gostava que a gente ficasse lendo as coisas, procurando.

Décio: Meu pai até hoje não gosta de ler livros de umbanda.

Por quê?

Décio: Ele acha que você tem que aprender com os guias.



Lucimara: Ela achava que você poderia mistificar, porque inconscientemente você ia querer ajudar.

Décio: Mistificar é uma coisa, mas ajudar é outra.

Lucimara: Muitas pessoas chegam lá no terreiro em estado terrível. Uma palavra que você fala pode levantar ou, se a pessoa for sugestionável, pode piorar.

Décio: Se eu fosse médium, também gostaria de ser inconsciente.

Lucimara: Você entendeu então? É esse o medo da gente, consciente. Quem é consciente sai de lá rezando, pedindo para que tenha feito um bom trabalho. Meu trabalho nem acaba ali, quando acaba a gira. Que eu não tenha interferido, ou ter interferido o mínimo possível. E separar o que você ouve lá da sua vida. Porque você ouve coisas estapafúrdias e que te dão vontade de dizer para o consulente: “Olha, licença, aqui não é pra isso!” Mas você ouve coisas e diz: “Meu Deus, como eu posso ajudar? Se eu não tô conseguindo me ajudar”! Porque às vezes você também está numa situação difícil e dá vontade de falar assim: “Se você tiver uma solução pra esse seu problema, me fala”.

Mas isso não é muito legal também? Essa era a última pergunta, na verdade, da gente trocar as boas experiências. Uma pessoa que chega pra você trazendo o problema dela, não ajuda você a resolver o seu e o dela?

Décio: A entender.

Lucimara: A ter um fundinho de esperança. Porque você ouviu aquilo que foi dito, você está ali junto.

Décio: Você aplica pra você.

Lucimara: Aí você fala: “Poxa, se está saindo isso da minha boca...”, porque nesse momento eu estou totalmente descrente, achando: “Não tem mais solução”, “Não sei mais o que fazer com tal pessoa”, “Eu tô fora”! Aí chega uma pessoa com esse mesmo problema... E você pensa: “Aí, não tô

conseguindo resolver o meu...” Mas saem da sua boca umas coisas que você fala: “Poxa, eu falei isso pra pessoa, então tem que aplicar pra mim também”. Eu falo com as minhas irmãs e a minha mãe, eu não sei o que minha mãe disse, mas entre a gente, a gente fala que é uma religião muito sofrida, muito difícil.

Ela falou uma coisa de uma verdade absoluta. Ela falou assim: “Escuta, você quer entrar pra umbanda? Não faça isso”.

Lucimara: Exato.

Décio: Meu pai falava a mesma coisa.

Lucimara: Exatamente. Porque é muito difícil. Eu amo. Não fiz outra coisa na vida, eu estou com cinquenta e dois anos. Eu só fui para o terreiro dele, acho, porque eu sou casada com ele, porque senão eu não sei se eu teria ido para outro. E só fui para a Oca porque – verdade seja dita – minha mãe precisava da minha ajuda. Te juro. Foi esse o motivo.

Décio, você também seguiu o mesmo esquema desde muito pequeno. Quando eles decidem fazer o terreiro, você é uma das pessoas determinantes. É a pessoa que ajuda, é a pessoa que vai lá. Compra imagem. É a pessoa que apoia, que vai lá e leva pão.

Décio: E a pessoa que compra as flores toda semana.

Você acha que essa convivência com a umbanda, com rito, com orixás, com Exu, pombagira, teve alguma interferência na vida familiar de vocês?

Décio: Cem por cento.

Foi positivo?

Décio: Positivo, cem por cento.

Por quê?

Décio: Até os onze anos de idade eu nunca tinha sido apresentado a uma religião. Nem eu nem meus irmãos. Foi quando meu pai voltou pro terreiro que eu fui apresentado para a religião. Quando eu falo religião, eu estou falando em Deus. Eu sou muito religioso, a Lucimara sabe disso, eu sou



religioso demais. A partir do momento em que eu fui apresentado a Deus, dentro da umbanda, foi incrível, mas o amor, a compreensão, o respeito, eles afloraram de uma maneira incrível. Então isso influencia na vida da gente. Eu, meu pai e minha mãe temos uma ligação enorme.

Pois é.

Décio: E é por causa da umbanda. Não é só porque são meu pai e minha mãe. Eu venho ligado com eles na religião, na fé, desde os onze anos de idade. Tudo que eles precisam, tudo: é uma gripe – a minha mãe espirrou, eu tô do lado dela. Meu pai diz: “Ai, tá me doendo”, eu estou do lado dele. Foi a vida inteira assim.

Lucimara: Olha, a minha avó teve oito filhos. Em algum momento da vida, todos eles frequentaram a umbanda, estiveram lá ao lado da minha avó. Mas ao longo dos sessenta anos da casa da minha avó, só a minha mãe nunca saiu. Muitos anos antes do final, só a minha mãe estava. No final só tinha minha mãe. A mesma coisa com a minha mãe: seis filhos. Mas na verdade, só eu e a Drica é que ficamos do lado dela. Ela tem uma dor de barriga, estamos juntos. Tem meus outros irmãos que a gente só aciona em caso de necessidade, entendeu?

Mas também porque vocês, como o Décio, são mais possessivos. “É meu pai, é minha mãe, parou. Obrigado.”

Décio: É, não exatamente. (risos)

Lucimara: Claro, é “a minha mãe”. Eu tenho uma irmã que é uma médium fantástica. E começou muito cedo, tanto que minha avó teve que fazer um trabalho pra segurar a mediunidade dela até ela ter uma certa idade. Ela até hoje tem um dom: “Lucimara, tira aquilo dali que não tá bom”; “Tira isso e joga fora”; “Faz uma defumação assim”. Mas não frequenta há muitos anos.

Mas uma médium como a sua irmã, por exemplo. É médium, desenvolvida, sabe trabalhar e opta por se afastar. Existe a possibilidade de através

deste “trabalho” que ela faz, de falar as coisas que você citou, ela exercer a mediunidade? Sem necessariamente ser uma mediunidade pé no chão, no terreiro?

Lucimara: Sim, eu acho que existe.

Décio: Eu acho que existe sim. Faz parte da mediunidade dela, ninguém vai roubar.

Tem sempre um lado da umbanda, do candomblé que eu sempre questiono, por que é um lado vingativo. Muita gente adora a desgraça. “Ah, ela saiu da umbanda, a vida dela vai descambar, agora ela vai virar um nada”!

Lucimara: Não, não necessariamente.

Décio: Existem as cobranças sim.

Lucimara: Às vezes não precisa nem falar. Minha mãe fala pra ela: “Faça isso, assim, assado”. Uma obrigaçãozinha pra dar uma melhorada.

Décio: Tem cobrança. Tem que estar atento.

Mas neste caso me parece que não é ela que está atenta. Parece que alguém está atento por ela.

Lucimara: Isso. Então, às vezes ela fica atenta. Ela vai também fazer uma limpeza, ela pede pra minha mãe. A minha mãe mesmo vai lá e faz algum trabalho na casa dela e ajuda, entendeu? Daí minha mãe fala: “Você sabe o que é, né?” “Mãe, eu sei, mas por enquanto eu não quero”. E o marido dela é ateu.

O que já dificulta.

Lucimara: Muito.

Porque muito do que acontece no terreiro de umbanda é questionável. Se você ficar olhando só pra aquilo que está ali na sua frente, é muito fácil questionar tudo.

Lucimara: É lógico, mas eu falo assim: a pessoa vai lá e pede tal coisa. “Ah, eu fui lá no centro e pedi coisa”, por exemplo. “Quero que esse celular fique azul.” “Agora eu espero um tempo para isto acontecer.” Mas não é assim: não é milagre, é amparo. Eu estou passando por uma situação difícil, eu vou lá e não é que eles vão me ajudar a não



passar por isso. Eu acredito que eles não tenham esse poder: vai mexer na vida de um, no universo, nas forças, não.

Mas ele pode suavizar esse trajeto.

Lucimara: Ele vai suavizar. É isso que eu entendo. É o amparo. É o nosso ombro. Não vão mudar, mas podem te ajudar a fazer uma caminhada mais tranquila. Tem muitas coisas absurdas que as pessoas vão perguntar. “Eu queria muito aquela pessoa.” Só que aquela pessoa está com outra. A gente não vai fazer isso...

Décio: E tem muito disso, hein?

Lucimara: Nessas coisas, dá vontade de falar: “Por favor, se você tem que manipular alguém para ficar com você, que raio de amor é esse? Não vai funcionar. Eu não posso fazer isso por você, porque se eu mexer na vida da pessoa, eu estou alterando o destino dela, de outras pessoas. Olha quanta coisa vem junto?”.

Décio: As pessoas confundem muito o centro com isso.

Mas acho que o filme, a televisão, as mídias difundem um pouco isso.

Lucimara: Tem o outro lado. Você vai lá e pede uma graça determinada. Então faz um ou dois trabalhos e eu acredito que as entidades recebam energia e falem: “Vamos mexer um pouquinho ali; abrandar o coração daquele, para que ele consiga um serviço ali, e vamos mexendo no universo e nas coisas...”. Só que não acontece de uma hora para outra. Aí você se enche porque: “Poxa, eu fui lá semana passada. E até agora, nada. Aí eu estou desempregada”. A pessoa desiste e vai pra igreja. Chega lá e na semana seguinte conseguem, mas ninguém pensa que teve todo um trabalho, um processo. “Não, não, eu consegui quando entrei na igreja”, ou vice-versa. Mas não é milagre, é trabalho.

Quero falar de casamento, sobre o que é dividir a vida pessoal e a vida espiritual no terreiro. A

gente tem dois casos evidentes, ou mais até: vocês dois, Reinaldo e Lucimar, Rogério e Adriana e outros. Como se faz pra gente separar as coisas? Ou é justamente o contrário?

Décio: Eu acho que é tudo fundido.

Lucimara: Eu acho que não, que a gente separa. Porque eu e ele divergimos muito nas coisas.

Décio: A gente não separa.

Lucimara: Mas a gente conversa sobre o assunto.

Décio: A gente conversa sobre o assunto.

Lucimara: Mas não é que eu concorde. A gente conversa, mas tem coisas que acontecem, ele fala, mas não concordo sempre. Mas a gente separa porque o nosso relacionamento é o nosso relacionamento, as coisas do centro, são do centro.

Décio: Mas o centro está na nossa vida 24 horas por dia. Não dá para separar.

Lucimara: Ele é mais do que eu, viu? Você é muito mais, hein?

Décio: Eu vivo religião 24 horas. Eu estudo, eu estudo outras coisas...

Lucimara: Você vive.

Como é que a filha de vocês interage com isso?

Lucimara: Eu sempre falei pra ela: “Não é porque o papai e eu somos desta religião que você também precisa ser”! Isso desde pequena.

Agora, colocando o netinho de vocês para tocar atabaque, vocês querem que aconteça o quê? (risos)

Lucimara: Ela vai assistir, mas hoje ela é diferente da gente. Ela vai preencher uma ficha de emprego e coloca “umbandista”. Mas não frequenta. Quando ela era pequena, eu a levava, porque o Décio trabalhava; na minha avó era de sábado, então ela tinha que ir. Ficava na assistência, tomava o seu passinho, porque se vai no centro, acho que tem que tomar um passe...

Décio: Ela dormia lá no banco...



Lucimara: Exatamente. E foi crescendo assim. Mas eu sempre falei pra ela: “Se você quiser conhecer outra religião, se você vai frequentar a igreja, eu levo você ou alguma coisa, ou se você quiser ter um outro conhecimento”. Nunca quis.

Gestão de problemas. Como é que a gente lida com problemas no dia a dia, porque os problemas acontecem e a gente sabe disso. Como se faz gestão de problemas na Oca?

Lucimara: Em casa, eu falo pra eles: “Gente, às vezes, uma dor de barriga é só uma dor de barriga. Uma dor de cabeça é só uma dor de cabeça. Toma um comprimido que passa”. Porque acha, que se dá alguma coisa, alguma coisa tem. Eu falo: “Gente, às vezes uma dor de barriga é só uma dor de barriga”.

Décio: Em casa é tranquilo. Mas no terreiro, meu pai e Seu Tuano falam: “Tenha fé no seu terreiro, tenha fé no seu trabalho”! Porque se chegar alguma coisa, vai chegar bem leve somente pra você ter ciência de que tão fazendo alguma coisa contra você.

Certo.

Décio: Se você tem seus orixás, confia no seu orixá, seu pai de santo, sua mãe de santo. Se deixarem acontecer, é para você saber que tem gente querendo te ferrar. Mas no dia a dia é tranquilo.

Lucimara: Mas eu acredito nisso. Mesmo numa pessoa experiente como a minha mãe: “Como é que alguma coisa pega na dona Dalva, uma médium de cinquenta anos de trabalho”! Pega porque as pessoas estão passando por situações, estão fragilizadas, sabe? Com a guarda baixa, e podem pegar sim. E não tem como o guia dela não permitir, ela está frágil, pode acontecer com qualquer um. Médium também pode precisar de ajuda.

Décio: Eles deixam acontecer pra você ter ciência: se está frágil, se corrige.

Vamos aproveitar este exemplo. Vamos imaginar que isso fosse uma polêmica. A Lucimara é a porta-voz do que vinte médiuns pensam dentro da Oca. Na gestão de problemas, como a gente resolveria, por exemplo, se fosse um problema de verdade. Eu tenho uma percepção da Dona Nena que é assim: você quer resolver um problema? Um “B.O.”? Chega nela, ela acha o caminho. Mas tem problemas grandes. Como é que se resolve?

Décio: A maioria dos problemas que chegam pra mim eu procuro resolver antes de levar pro meu pai. Mas quando eu vejo que realmente é um problema que só cabe a ele resolver, eu sento com ele, converso e resolvo. Quando são problemas espirituais, vai direto.

Lucimara: Quando são problemas das pessoas, aí é o Décio quem resolve. Às vezes nem chega pro Sr. Nene e pra Dona Nena.

Décio: Se eu for levar todos os problemas para o meu pai, meu Deus do céu, coitadinho.

Ele hoje já é um homem mais idoso.

Décio: Eu mesmo já abracei muita coisa para aliviar ele. Mas tem uma coisa: depois de 43 anos, você sabe o que pode e o que não pode. Tem coisas que chegam para mim que eu nem vou perguntar pro meu pai porque eu sei o que pode e o que não pode.

Se você está há quarenta e três anos em uma casa, você sabe a regra. Por que você não vai falar?

Lucimara: Quando você entra numa casa, você já sabe mais ou menos as regras.

Nossa conversa de estendeu por mais algum tempo em que falamos sobre o Seu Tuano, a Oca e algumas outras questões. Agradei ao casal e nos despedimos, e fiquei com uma curiosidade enorme de conhecer um pouco mais sobre a avó da Lucimara, que me pareceu uma figura prá lá de interessante! Quem sabe em breve não saberemos um pouco mais sobre ela?



ENTREVISTA COM REINALDO PACIULLO E LUCIMAR C.R.H. PACIULLO (FONTE C)

Por Fausto Viana



O Reinaldo e a Lucimar. Agosto de 2023. Fonte: Facebook do Reinaldo.





Naquele domingo, dia 6 de agosto, o sol era leve, agradável, propício para boas conversas. Inventamos um churrasco para reunir as pessoas e, à medida que iam chegando, iam comendo lá no meu apartamento enquanto eu descia com os casais para conversar. A fome esteve como pano de fundo para o casal (*risos*), experiente na umbanda. Conseguimos conversar de maneira bastante aprofundada e divertida sobre alguns temas, como a Oca de Tupã, a vida familiar de um casal umbandista e diversos outros que certamente vão interessar aos que procuram saber mais sobre esta religião.



Em primeiro lugar, quero agradecer aos dois. Nós temos um depoimento do Reinaldo, bem bacana, contando como ele chegou à umbanda. Como foi que você entrou na umbanda, Lucimar?

Lucimar: Desde muito pequena eu tinha coisas diferentes. Eu via coisas, eu falava, eu conversava com os amiguinhos, mas minha mãe não via ninguém.

Eles não estavam ali fisicamente.

Lucimar: Mas eu falava que tinha, ela conta isso. Eu passava mal, eu não podia ver um carro de funerária que eu passava mal – hoje ainda passo, mas não no nível que eu passava. Tipo assim, eu tinha que voltar da escola, porque eu ficava muito ruim mesmo. Não gosto de cemitério até hoje, é um lado que eu não curto muito. Tem alguma coisa ali. Eu ia para o centro brincando, meu pai e minha mãe estavam sempre ali. Então, a gente vai ficar brincando também. Como as crianças hoje brincam lá e vão ficar correndo pra lá e pra cá. Minha mãe conta que eu entrei com treze anos para o centro de branco.

Certo.

Lucimar: Porque eu passava mal, eu tinha tonturas. Eu tinha uma mediunidade que o Seu Tuano trabalhava comigo pra adiar, por conta da idade. Aí eu comecei a frequentar, pôr branco. Eu acho que com quinze anos eu comecei mesmo a receber as entidades mais fortes, daí eu comecei a trabalhar.

Como foi vivenciar isto tão intensamente em uma família em que a vivência com a espiritualidade era tão forte? Não era novidade pro Décio, não era novidade pro seu pai, não era novidade pra sua mãe, mas como isso acontecia no dia a dia da família? Isso estava presente: ligar pra marcar horário na Oca, de ter horários pras giras, com as entidades e tal... Como era isso pra uma pessoa tão jovem? Ou você não tem memória disso?

Lucimar: Não tenho. Isso de marcar, por exemplo, não tinha, faz pouco tempo que começou.

Reinaldo: Pouco tempo. Faz anos, mas não era desde o começo. Você chegava no terreiro e passava pela entidade, não tinha esse controle de marcação.

Lucimar: Eu não tenho memória nenhuma disso.

Ou seja, o fato de ter essa vivência não perturbou você enquanto adolescente ou jovem, nada disso.

Lucimar: Não.

Ótimo saber. Eu queria pensar um pouco em como é isso de dividir a vida pessoal e a vida espiritual no terreiro. Vocês dois são médiuns da mesma casa há muito tempo e a experiência na vida espiritual também é muito longa. Como se faz para separar as coisas? Ou é o contrário, não se separa as coisas? A vida espiritual é parte do dia a dia ou no dia a dia vocês nunca pensaram nesse assunto?

Reinaldo: Eu acho que é assim: lá dentro do terreiro, nós sempre tivemos isso bem claro: nós não somos marido e mulher. Nós casamos lá dentro, mas lá nós fizemos a nossa cerimônia pra viver fora e não dentro. Dentro nós somos irmãos, filhos do Senhor Nene e do Seu Tuano. Então nós nos comportamos assim. Até quando ela chega depois de mim, nós



sempre temos mania de cumprimentar com um beijo – lá dentro nós beijamos o rosto. Não tem beijo na boca. Por quê? Porque nós temos que separar o que é a nossa família carnal e o que a nossa família espiritual. Lá é uma família espiritual – é assim que todos deviam se comportar. Reverenciando minha esposa como irmã e o Sr. Nene como pai. Então nós nos tratamos dessa forma. Bem separado e conversando.

Correto.

Reinaldo: Conversando, né? Eu sempre falei isso. Até teve uma época em que eu saí do terreiro, me afastei durante um tempo. Eu falava pra ela: “Você tem que continuar no terreiro normalmente. Porque eu, Reinaldo, estou saindo por um motivo meu. Você não tem motivo algum, você continua sendo filha do terreiro!”. Nós temos a família carnal e a família espiritual, bem separadas. No nosso dia a dia, nós cantamos pontos dentro de casa, nós conversamos sobre a espiritualidade, nós nos confidenciamos algumas coisas que acontecem dentro do terreiro. Como acontece na vida pessoal ou na espiritual, sempre tem diálogo. Como nós estamos próximos como marido e mulher, nós conversamos dessa forma, as coisas que acontecem e o que poderia ser diferente.

Lucimar: A gente até chama a atenção: “Tal coisa não foi legal” ... Referente a nós mesmos. Coisas que a gente faz, age.

Reinaldo: Um comportamento.

Podem dar um exemplo?

Lucimar: A gira terminou e eu estou conversando com alguém. Aí ele fala pra mim: “Olha, não é legal. Tem que ter silêncio”.

Reinaldo: Ou algum conselho que ela chega e acaba dando pra uma pessoa da corrente. Ela tenta dar uma explicação e daí eu comento: “Olha, sua explicação deveria ir até aqui. A partir daqui, você tem que pedir pra procurar o Seu Tuano”. Ele que tem que dar o conselho. Porque você chega a entrar em algumas partes de fundamento, que é

a regra, que passa a ser do chefe da casa. Porque a umbanda, como instituição, ela não existe. Cada terreiro tem as suas particularidades.

Certo.

Reinaldo: E você e as suas entidades passam ensinamentos que às vezes são um pouco diferentes do ensinamento do pai da casa. Se é um comportamento perante a casa – por mais que o seu conhecimento e a sua visão e da sua entidade sejam um pouco diferentes – esse comportamento tem que ser seguido a partir do chefe da casa. Então você fala: “Olha, daqui pra frente você procura o Seu Tuano”.

É uma forma de pedir uma autorização pra aquilo que a entidade quer fazer?

Reinaldo: E pra padronizar, né?

Isso é possível? Padronizar?

Reinaldo: Dentro de um mesmo terreiro, sim.

Você consegue pensar num exemplo? Vamos dizer que a gente tem ali, eu não sei dizer, quarenta médiuns. Sim, trabalhando. São quarenta entidades diferentes, lugares diferentes, pessoas diferentes, mediunidades diferentes... Níveis de interferência diferentes ou não. Mas cada entidade vai trazer um universo ali. Como é que a gente nivela isso?

Reinaldo: Perfeito. Tem algumas regras, por exemplo. Na casa do Seu Tuano, é a defumação que dá início ao trabalho.

Certo.

Reinaldo: “Pra onde que eu giro, pra direita ou pra esquerda”? Tudo tem um significado, mas o Seu Tuano sempre explicou que você gira pra esquerda. Então você viu que uma pessoa está girando para o lado contrário e ela diz: “Ah, mas por que pra esquerda?”. O Seu Tuano tem a regra dele, tem o motivo dele. Por mais que eu tenha uma explicação, a explicação pertence a ele. Então, você vê que tem médium que gira pra direita, tem médium que gira pra esquerda. Então, eu, particularmente, eu falo pra Lucimar: “Olha, você procura sempre virar pra esquerda, porque é o que a casa faz. É um padrão”. Você consegue padronizar



isso? Eu diversas vezes já falei no terreiro: “Pessoal, o Seu Tuano sempre pediu pra girar pra esquerda”.

Por exemplo você é um médium – eu não queria dizer “velho” ...

Reinaldo: Um médium raiz da casa do Seu Tuano. Eu nasci lá, né? Então eu aprendi com tudo que aconteceu, os meus rituais, os meus ritos, eles são pertencentes ao terreiro.

Aproveitando então: o girar para a esquerda não é uma coisa que você já assimilou, que o Seu Tuano quer?

Reinaldo: Sim, eu sim.

Então você pode falar pra um médium girar para a esquerda.

Reinaldo: Eu posso e falo, mas nem todo mundo gira.

E tem coisas que você não consegue padronizar porque você também não tem a informação que o Seu Tuano daria?

Reinaldo: Tem muita coisa que eu tenho a informação, mas é aquele negócio: quando nós falamos de regra, precisa ter uma autoridade sobre aquilo. Se o seu Tuano não está se importando com aquilo, por mais que aquele seja o caminho ou a orientação da casa, por que que eu vou fazer as pessoas fazerem?

Porque você é um filho mais velho e consciente do seu papel.

Reinaldo: Mas Seu Tuano não está se incomodando com aquilo.

Eu espero que essas nossas conversas possam ser lidas pelas pessoas e obviamente conversadas: “Ah, não tinha pensado nisso”. Hoje nós temos como aparelho um médium/cavalo do Seu Tuano um homem de oitenta anos, fisicamente debilitado e tal. Então será que neste instante ele tem condição de prestar atenção em quarenta médiuns?

Reinaldo: Ele poderia interferir. Não só o Seu Tuano, mas o Sr. Nene, ter uma reunião e falar: “Pessoal,

é assim”. Mas se ele não está se incomodando, talvez aquilo não interfira no trabalho. Ele pode estar mais preocupado com o andamento da gira estar bom, mais do que para que lado vai girar. Isso não vai modificar o andamento da gira.

Entendi.

Reinaldo: Não vai modificar. Ele fala assim: pra que eu vou me estressar com isso?

Neste momento, aos oitenta e tantos anos.

Reinaldo: Ele fala assim: “Se os filhos da casa quiserem falar que é pro lado esquerdo, que sempre foi assim, eles podem falar. Mas eu não vou me estressar com isso”. Eu acho que esse médium de oitenta e três anos pensa: “Pra que que eu vou falar? A gira está correndo bem, isso não vai prejudicar a gira”.

Não, e essa segunda etapa talvez gere uma demanda física que ele não tem como responder agora.

Reinaldo: E, às vezes, ele vai acabar deixando pessoas que vieram de outras casas, que têm um motivo pra girar pra direita, desconfortáveis. Essa pessoa vai falar: “Poxa, mas eu aprendi que é pra direita. O senhor quer que eu gire pra esquerda?”. Esse desconforto não vai agregar nada.

Lucimar: Tem gente que veio de outra casa, de outros terreiros que têm outra cultura.

Reinaldo: Tem um lance lá que você perguntou de padronizar sobre entidades diferentes. Por exemplo, seu Nene e seu Tuano não gostam que dê mensagem de morte. Por exemplo, uma pessoa da assistência vai lá conversar com um caboclo ou com uma entidade e a entidade diz: “Olha, o fulano vai morrer”. Ele não gosta, mas tem médium, tem entidade, que fala. Então, nessa hora, sabendo dessa recomendação da casa, se a entidade for falar – ela pode até falar antes, mas o cambone teria que chegar, já tendo este conhecimento, e falar: “Olha, o chefe da casa não gosta que fale, ele não permite que fale sobre previsões de morte”. Então você tem que ter padronização: se policiar e mesmo que seja uma entidade, chegar nela e falar: “Olha, Pai, eu sei



que o senhor falou, mas não deve falar porque a casa não quer”. A entidade pode falar o que quiser, mas na casa, não. “Eu não quero que o senhor fale ou o senhor vai conversar com o Seu Tuano”.

Hoje não existe isso por escrito.

Reinaldo: Não existe isso por escrito nem exigido, nem por escrito nem verbal. Então você fala hoje com quem está presente e ouve, mas você não replica aquilo.

Entendi.

Reinaldo: E deveria ser, e você ter uma cartilha. “Pessoal, é o seguinte: você quer participar do terreiro? Então você tem que estar de branco. Mulher tem que estar de branco, ou de saia. Vocês têm que girar pra esquerda, vocês têm que fazer isso e aquilo”. Você faz um normativo, um â-bê-cê do que deve ser seguido. Então assim, se você não concordar com isso...

Mas isso não é muito radical?

Reinaldo: Você pode ser assim, mas essas são as normas do terreiro. Se você quiser estar no terreiro, é assim. Se você não quiser, não fica.

Mas isso não exclui uma possibilidade de diálogo que o Sr. Nene gosta? De conversar? Por exemplo, a história do traje. Todo mundo só pode usar branco, mas aí chegam pessoas novas que vão ser importantes pro terreiro que falam: “Olha, eu tenho essa cultura de usar os meus trajes”.

Reinaldo: Daí você muda o manual do â-bê-cê. Eu não posso falar que é *á* e permitir que o José e o Pedro façam o *bê*. O José e o Pedro chegam lá e falam: “Poxa, Pai, não dá pra modificar e colocar isso?”. Dá, então a partir de agora a minha cartilhinha é outra. E eu vou avisar pra todo mundo: “Pessoal, a partir de agora é assim”. Vou escrever pra todo mundo. E o próximo filho que for entrar, vou mostrar a cartilhinha pra ele: “Olha, é isso aqui. Você aceita isso ou você fica fora?” E se o cara falar: “Ah, eu gostaria de mudar isso”. Se der, muda a cartilhinha.

Entendi.

Reinaldo: E eu divulgo pro restante: “Olha, pessoal, mudei aquele item lá que falava que era de chapéu, não é mais chapéu, é sem chapéu”. Então, assim, a regra fica clara. E por quê? Pra evitar o desconforto. Você entrou na casa sabendo que era assim, então não vem querer fazer diferente, não tem motivo, não tem discórdia.

Muito bem. Mais algumas perguntas. Eu queria saber o seguinte: como é que vocês, como médiuns, se preparam pra um dia de gira?

Lucimar: Ah, a gente procura não discutir, não ficar bravo um com o outro – de vez em quando a gente fica, né? É normal.

Claro.

Lucimar: Mas geralmente a gente fica de bem. Assim, não fica procurando coisas pra discutir, pra achar coisa ruim. A gente toma banho santo. Não vou falar que toda sexta-feira...

Tomar um banho de santo, um banho de ervas, certo?

Reinaldo: Isso, de ervas.

Lucimar: Eu fico de branco sexta-feira. Guardo o branco. A gente não namora. Não bebe. Não come carne.

O dia inteiro?

Lucimar: O dia inteiro. Carne vermelha, principalmente.

Reinaldo: Procura não comer nenhuma carne, mas se for comer, você vai comer um peixinho, vai comer alguma coisa mais suave. Procura comer um legume, alguma coisa, mas pode acontecer de estar num restaurante, é procurar comer o mais leve. E quando se fala do mais leve, tudo na vida é energia, não é? Então você deveria estar se policiando durante toda semana e não só no dia do trabalho. Mas na sexta-feira nós nos dedicamos ao terreiro: naquela sexta-feira, como a Lucimar falou, quando começa a discutir por alguma coisa – que na vida acontece alguma discussão –, “Olha, hoje não. Hoje



não é dia, hoje vamos tentar em casa controlar a paz”. Porque quanto mais energia pura você tiver no terreiro, porque você está indo lá trabalhar com pessoas – e você mesmo falou que é difícil trabalhar com pessoas, e é mesmo – quanto mais puro você estiver pra sua entidade acoplar na sua energia, mais fácil será o trabalho, a comunicação será melhor.

Lucimar: A roupa limpinha, também passadinha, toda a roupa. Branco, todo de branco.

Roupa interior também?

Lucimar: Interior também.

Reinaldo: Roupa, como nós falamos de energia, fica impregnada de energia. Na verdade, eu saio do terreiro, chego em casa, tiro minha roupa e ela já vai pra lavanderia, vai lavar.

Por quê?

Reinaldo: Porque tudo na vida é energia. Quando você vai para um terreiro, você pega energia, você troca energia, você se carrega de energia. Se você tem um trabalho que é mais voltado pra esquerda, tem um trabalho mais pesado, tem um trabalho diferente, sua roupa vem com cheiro de defumação e charuto e de tudo o mais, ou seja, você foi impregnado pela energia daquele dia e cada gira é uma gira. Por isso que o Seu Tuano muda a gira de tempo em tempo, e se for necessário, ele muda no dia.

Muda no dia.

Reinaldo: Pra trabalhar. Por quê? Porque é diferente! Eu estou carregado numa energia. Por que que uma pessoa vem no terreiro às vezes trazer uma roupa de alguém que está em casa doente pra ser purificada ou pra ser energizada? Então ele vai colocar naquela roupa a energia para aquela pessoa usar. E às vezes vai colocar no meio das outras roupas para aquela energia espalhar. Imagina eu, como médium, com a minha roupa pela qual passaram cinco, seis pessoas, trabalhos diferentes, energias diferentes que foram

carregadas, porque a energia deles passa por nós.

Claro.

Reinaldo: Nós estamos ligados à entidade - ela fez uma aura em volta da pessoa que está à frente do médium e do cambone - toda aquela energia misturada na minha roupa! Eu vou lá e vou lavar. Falo ainda mais: você deveria lavar ela numa lavagem comum, e de vez em quando – nós fazíamos isso mais no passado, acho que faz anos –, colocar uma alfazema...

Lucimar: Um anil...

Reinaldo: Colocar uma erva junto dela para energizar e deixar ela pura, eliminar todas as energias.

É como se fosse uma armadura que a gente dá polimento de vez em quando.

Reinaldo: Exatamente.

Lucimar: E tem giras – dependendo das giras – as entidades dele falam: “Não entra em casa com essa roupa. Tira!”.

Reinaldo: Eu tiro fora de casa. Dou volta por fora da casa e já ponho a roupa pra lavar.

Lucimar: É só roupa branca do centro que eu ponho.

Entendi.

Reinaldo: E a roupa é branca. Humildade. Ser humilde não é usar uma roupa velha, ser humilde não é usar uma roupa encardida. Não, você sendo humilde, simples, com uma roupinha branca, você não precisa por uma cheia de paetês e brilhos. Mas no mínimo estar limpa, passada, organizada, sabe? Você chegar ali e alguém olha por baixo: a pessoa te olha porque a entidade gira e ela vai ver uma roupa de outra cor, ou uma roupa íntima preta ou de outras cores? É branco, branco por completo.

Como se deveria vivenciar a umbanda no dia a dia? Como é que a umbanda direciona o dia a dia de vocês? Ou pra não ficar só na agenda de sexta-feira, como deveria ser o meu trato com o homem do supermercado, com o entregador, como é que é a minha energia deveria interagir com o mundo?



Reinaldo: Vou falar um pouco sobre mim. O que você planta, você colhe. O que as suas entidades dizem para os outros, se você não praticar, você está fazendo o quê lá? Uma enganação, né? Uma mentira. Você está vivendo uma mentira de sexta-feira. Chega lá na sexta-feira sua entidade fala só coisa bonita. “Alimenta o faminto”, “Sorria para o pobre”, e no seu dia a dia você quer mais é que se exploda tudo isso daí. Por exemplo, quando eu vejo alguém na rua pedindo dinheiro – e hoje em dia é difícil, você não sabe quem precisa e quem é sacanagem... Mas eu uso muito o meu coração. Eu estou passando alguém pediu. “Puxa, meu Preto Velho, eu devo ajudar? Eu não devo ajudar?” O meu contato é direto com eles. Quando eu ando na rua, não ando apenas na rua. Eu aproveito o meu momento de desligamento, de estar com a minha família, de estar no terreiro, para estar com as minhas entidades. Eu passo por lugares perigosos sem perceber que eu passei. Porque estou passando e conversando com eles, pedindo ajuda pras minhas entidades, falando com Orixás, falando com o céu azul, falando com as plantas. Eu tento vivenciar o que o Flecheiro fala durante a gira, o que as pessoas falam: “Viva a natureza, viva, aproveite a vida que ela é simples. Tente usar o mais natural das coisas”. Eu tento também me policiar: eu vou pra uma reunião dentro do banco, eu peço ali pra Oxum que me dê uma calmaria; eu peço pra Oxóssi me dar o conhecimento, eu vou pedir pro Flecheiro que me acalme e peço pro Baiano que me dê maleabilidade pra conversar com as pessoas, ter o trato direto com as pessoas. Eu peço pra Exu ali: “Esteja na frente!” Já converso com os guardiões ali. Então no meu dia a dia eu tento estar com eles. De alguma forma me comunicando, falando, pedindo pelos meus filhos... Tenho o meu cantinho de oração em casa: ali eu vou, às vezes eu deixo de lado um pouquinho, peço desculpa, converso como gente mesmo. Entendeu? E vou lá, meu trato é esse. Não só na sexta-feira.

Lucimar: Antes de sair a gente vai no nosso

cantinho, bate cabeça lá, para os guardiões...

Reinaldo: Não saio de casa sem pedir proteções. E falo pros meus filhos também: pede pra sair, pra te protegerem e agradeça quando voltar por terem te protegido. E festejar a vida. Tomo minha cerveja, faço o meu churrasco, falo besteira com as pessoas – isso faz parte da vida! A umbanda não nos inibe de viver.

Claro.

Reinaldo: Na verdade, a umbanda fala: “Viva, viva da melhor forma”; A bebida para confraternizar e às vezes até ficar um pouco cachaçado – desde que seja em um ambiente positivo, que é estar em família, principalmente, com amigos. Eu gosto muito dessa reunião porque a umbanda é reunião, é estar sempre junto.

Lucimar: Confraternizar, a gente gosta muito! Sempre reunidos tanto com os filhos...

As “crianças” que já têm trinta anos!

Lucimar: Pois é, então, com os amigos deles também. A gente está sempre no meio e é legal isso, que eles sentem também, não é? Eles gostam de estar com a gente, a gente passa positividade pra eles.

A casa de vocês é muito convidativa, né? Muito gostoso ficar lá, é muito bom.

Lucimar: A molecada gosta de lá, meu filho leva os amigos dele também. Então, tá renovando, né? É legal isso.

Reinaldo: E procurar mostrar sempre pra eles, né? Tudo que eu conquistei, aonde eu cheguei e lembrar sempre: “Olha, foi graças ao seguimento da nossa religião. Nós seguimos, nós tivemos orientações e nós conquistamos tudo isso, seguindo os ensinamentos que as entidades passam pra nós”.

Reinaldo, o seu depoimento fala bem disso (ler o depoimento na página 164). Mas eu acho que tem uma coisa do seu depoimento que é legal destacar que é postura. O que me parece que vocês têm é postura. Sabe? Não é necessariamente só seguir a religião, não. Vocês têm uma postura de vida. Isso é



muito interessante. Dizer: “Olha, nós aprendemos isso, exercitamos isso, estamos fazendo isso para dar certo”. Isso é postura de vida.

Lucimar: A gente dá o exemplo para os meninos. Não só para eles, é que eles estão mais perto. Dar o exemplo certo, a palavra certa... Às vezes eu faço coisa errada? Faço.

A gente não vai fazer sempre? Vai.

Lucimar: Eu tento mostrar o lado A e o lado B das coisas. Isso também é bacana!

Reinaldo: E muitas vezes, Fausto, mostrar o lado A, o lado B, eu acho que é assim: eu vou falar “Olha, meu, você fumar tá errado, você acaba com a sua saúde, isso é coisa de viciado”, vamos dizer só como exemplo. Aí alguém chega pra mim e fala assim: “Poxa, o Fausto fica fumando, fica fazendo isso, fica fazendo aquilo, não tem nem dinheiro pra comer e fica gastando com cigarro”. Aí eu faço o quê? Eu viro e me transformo no Fausto. É. Aí eu falo: “Mas você sabe pelo que ele está passando? Você sabe quais as dificuldades? O que leva ele a fumar? Você já pensou nisso?”. Por que não existe o certo e o errado, né? É muito mais da posição em que você está. É fácil você julgar uma cena isolada. Mas se coloque ali como personagem daquela cena para vivenciar. Tente se colocar naquela posição. Será que você está certo julgando a pessoa pelo erro dela? Se você tivesse seguido o caminho que ela seguiu, você não teria cometido o mesmo erro? Então você olhou só a cena, sem ver toda a jornada que levou a ela.

Deixa eu retomar uma coisa, antes que eu esqueça, que ficou no fundo. Você falou que uma entidade manda trabalhar uma roupa pra espalhar no meio das outras? Como que é isso? Nunca vi isso.

O que acontece às vezes é que você imanta algo pra espalhar para o restante. Pode ser roupa ou qualquer coisa. Mas ele já chegou a pegar uma roupa e deu pra você usar. Você vai usar essa roupa e ela já gastou a energia dela. Mas o que

ele pede? Às vezes a pessoa nem quer usar aquela roupa, às vezes a pessoa não sabe que ela deve usar ou ela não gosta daquele negócio. Então, você coloca junto com as outras e todas elas ficam imantadas com essa energia. É como se você colocasse uma bomba ali que explodisse e irradiasse para toda a roupa. Então durante sete dias, ou durante um mês, ou sei lá! – toda aquela roupa vai receber um pouco de energia.

Lucimar: Serve para a água também.

Reinaldo: Leva um pouquinho de água e põe no filtro.

Lucimar: É o mesmo processo.

Muito bom. Então, agora, consulta espiritual. Qual seria a consulta espiritual ideal, se é que isso existe? O que dizer pra uma pessoa que quer fazer uma boa consulta espiritual: a gente prepara as questões das preocupações? A gente usa roupas adequadas? O que a gente tem que fazer? Vou dar um exemplo: eu estava lá no terreiro e eu sou da turma do fundão, que é de onde eu vejo muito do que acontece na assistência e também na corrente. Na semana passada chegou uma senhora, se sentou na minha frente e falou assim: “Que horas começa”? Eu falei: “Senhora, oito e meia. Mas tem algum atraso, eventualmente, cinco, dez minutos, depende do que vai acontecer”. “Ah, está bem”. Ela inteirinha de preto, depois me fez outras perguntas e fiquei pensando que alguém tinha que ter recebido ela neste primeiro dia. Na palestra do começo, a Isabel perguntou se era o primeiro dia de alguém. Mas ela estava perturbada. Então, para ela e para outros, o que é que a gente diria? Então, por exemplo, a roupa a gente já falou, uma roupa que fosse adequada, que você pudesse fazer um tratamento na coluna da pessoa e a calcinha da pessoa ou a roupa interior não ficasse exposta. Uma roupa clara. A pessoa não tem roupa branca. Não tem branco. Está bom. Usa um creme. Usa um amarelinho. Sei lá. Que mais? O que poderia estar numa listinha que o cambone entregasse para ela?



Lucimar: Olha, eu vou além por que isso eu aprendi com minhas entidades. Começa no momento em que você chega lá.

No terreiro.

Lucimar: No terreiro. Você sentou, você já não tem que ficar conversando, não tem que ficar papeando, olhando isso, olhando aquilo... Você já tem que mentalizar o que você está buscando lá. Se é saúde, se é emprego.... Já começa ali. Porque eles já estão trabalhando. As entidades já estão trabalhando ali. Não é só quando baixam os guias.

E não é só quando a gente está frente a frente com o médium!

Lucimar: Você chegou e eles já estão preparados bem antes. Meu pai chega às seis horas no dia do trabalho e eles já estavam lá preparando o ambiente. Eu diria isso: já chega lá firmando a sua cabeça.

O que é firmar a cabeça, Lucimar?

Lucimar: Vamos dizer assim: tirar as suas preocupações do dia a dia, que podem estar te perturbando; pensar em Deus – se você não consegue pensar em Deus, pensa na natureza, uma coisa que te aproxime da sua paz, do seu interior... E já fica pedindo o que você quer – isso pra mim já é estar firmando a sua cabeça. “Estou com problema de saúde. Puxa, eu quero saúde, meu Pai, traga saúde pra mim. Traga o discernimento pra eu entender por que eu estou com esse problema de saúde” ... E tudo o mais, porque às vezes a pessoa fica revoltada, né? Então tem tudo isso. Aí você já chega lá, fica quietinha, sentadinha, bonitinha, ajuda a cantar...

Ajudar a cantar! Ninguém falou disso...

Lucimar: Cantar pra gente é uma prece.

Eu ia justamente perguntar como a assistência pode colaborar com o trabalho. Então, cantar junto é uma maneira. Bater palma se a pessoa for ritmada, entrando no ritmo e no volume do todo.

Reinaldo: Mas é aquele negócio. Se você é uma pessoa que vem e o cambone vai poder entregar uma listinha, tudo bem. Mas tem aquela pessoa que chega do nada, né? Sem recomendação.

Sim. E que também é o papel do terreiro. Receber todo mundo.

Reinaldo: Então, do mesmo jeito que você falou, que você fica de olheiro lá no fundo, na espiritualidade tem quem fica de olheiro na assistência. É tudo o que a Lucimar falou. Se você pudesse avisar antes, você avisaria pra pessoa: “Quando você vier num terreiro, do mesmo modo que nós nos preparamos, já vá mentalizando os seus problemas. Não pra vivenciar ele, mas tentar lembrar o que causou o seu problema, o que te trouxe até aqui, pra você estar com ele mais presente em você. Procure tomar um banho de ervas, de manjerição – essa daí serve pra qualquer pessoa, sem contraindicações – se banha da cabeça aos pés.

Na cabeça pode também?

Reinaldo: O banho de manjerição pode.

E alfazema?

Reinaldo: Alfazema nem pra todo mundo. Manjerição você não tem erro.

É porque alfazema é tão fácil de achar.

Reinaldo: É, mas você nem sabe o que tem lá exatamente. Se você pensar na erva é uma coisa, mas o manjerição não tem erro, qualquer um pode, pronto. É de Oxalá, é o que cobre a cabeça de todos os filhos tanto na umbanda como no candomblé. Você falaria pra pessoa: “Quando você vier pro terreiro, vem com uma roupa clara”. “Por que clara?” Porque ela representa a pureza, porque todos vão estar de branco – mesmo em uma gira de Exu. O branco representa todas as cores juntas – você vai irradiar, você vai espantar o que é negativo, então você já vai melhorar o seu atendimento. Entrou num terreiro, se é uma pessoa que está vindo hoje e já foi avisada, fala assim: “Olha, lá fora do terreiro nós temos proteções. Proteções do lado da esquerda, que



são os guardiões da nossa casa. Então, quando você chegar no quarteirão da nossa casa, você já pede licença para entrar no terreiro. Quando você passar pelo portão da casa, você já pede e ali você já vai sintonizando para a gira. Antes de entrar na parte de assistência, pede proteção para os guardiões, senta, em silêncio. Ali é o momento de você lembrar todos os seus problemas, tudo que você está passando”. A pessoa tem que estar concentrada no que vai fazer ali, firmar a cabeça, como a Lucimar falou. Sem os braços ou as pernas cruzadas pra energia fluir melhor pela pessoa.

E sapato?

Reinaldo: O melhor é você estar sempre descalço. Na assistência você pode até ficar de sapato. Todo o solo do terreiro é sagrado, mas a parte onde as entidades estão é mais sagrada, ela é mais separada. É o local de trabalho das entidades. Ela não trabalha do lado da assistência, ela trabalha do lado de lá. Se puder ficar descalço desde o início, tudo bem.

O “descalço” pode ser de meia?

Reinaldo: Pode. É para transitar energia. Sentou ali no terreiro, como eu disse, tem os olheiros, os espíritos. O caboclo não vem sozinho. Vem ele e uma falange com ele. Os espíritos estão ali – a pessoa chega ao seu lado, você está concentrado, então vem o Flecheiro. O Flecheiro trabalha, só que ele vem com uma falange que ajuda ele: tem guardiões ao lado do Flecheiro. Tem baianos, tem Pretos Velhos, tudo que é ligado a mim e ligado a eles. Já estão ligados. No momento em que você senta na assistência e começa a pensar nos seus problemas, eles já estão sendo trabalhados. Tem uma corrente de guardião, uma de Ogum, uma de Oxóssi, uma corrente médica e todos já começaram. Se você permitir, não é? Se você pensa: “Estou livre pra ser tratado”, quando você entra na corrente do terreiro pra conversar com o médium ali dentro – na verdade, não com o médium, com a entidade – muita coisa já foi resolvida. Às vezes você chega e não tem mais

nada para pedir. A pessoa diz: “Só quero agradecer”, porque ela já se sente leve! E seria bom falar para a pessoa que procura o terreiro: “Venha pra cá com fé e não para provar alguma coisa, não para ver se o médium que tá lá dentro é um médium bom ou médium ruim”. Muitas pessoas vêm pra testar o terreiro. Ou você vai de coração aberto pra receber e pra se doar ou você vai perder seu tempo. Então nem vá. Muitas pessoas chegam e você pergunta: “Qual é o seu problema”? A pessoa diz: “É, num sei, vê aí o que você acha. Não quero contar meu problema”.

Então, mas isso é falta de preparação, não é?

Reinaldo: É. Uma vez, uma entidade minha perguntou: “Qual é o seu problema”? Isso já faz muitos anos. Mas a pessoa falou isso: “Eu não sei, né? Pode ver o que o senhor acha”. Ele disse: “Está bom”. Deu passe nela. A pessoa perguntou: “E aí, Pai, o que o senhor tem pra dizer?” Ele: “Você sabe. Eu já trabalhei sobre o seu problema, ou seja, você não quer dizer o seu problema e eu não preciso também dizer o que eu estou vendo”. Foi mais ou menos isso, eu não lembro que entidade foi, mas ele já deu uma bronca na pessoa, dizendo: “O que você veio fazer nesse terreiro?”.

Lucimar: Acontece muito em gira de cigano. “Você não é cigana? Vê o que está acontecendo comigo!” Não é assim que funciona, mas eles acham que a gente tem que adivinhar.

Vamos supor que o meu problema seja médico, mas a gira da semana seja de baianos, por exemplo. Se eu for para o terreiro, eu posso pedir ajuda da corrente dos médicos, na gira de baianos?

Reinaldo: Lógico que pode. Não sei se você já reparou, às vezes a pessoa está conversando com a entidade e a entidade para como se estivesse olhando pro nada: Parece que ela está conversando, de repente, para. E olha pro nada, por quê? Porque como eu disse, ela vem com outras falanges, com outros espíritos ali. E ela pode estar ouvindo a recomendação; ela não é médica, ela não trabalha com a linha médica. Mas ela parou e pensou: “Deixa eu ouvir o que estão falando pra mim”. Aí é uma entidade que é



médica e trabalha ali, nessa corrente de medicina, chega ali pra entidade e fala assim: “Olha, fala pra fazer assim, assim, assim”. Ele pode não ter o conhecimento. Exemplo: o caboclo Flecheiro não tem o conhecimento de tal coisa, mas ele recebeu uma encomenda: “Olha, use isso, isso, isso que vai resolver”. É uma equipe médica, vamos dizer assim. Algumas vezes, você pergunta um assunto para o consulente. Ele começa a falar de um monte de outras coisas. Daqui a pouco, fala sobre aquilo: “É isso, é isso, isso”. Os espíritos ainda estavam buscando, vamos dizer assim, a informação em outro lugar. É como se fosse um exame médico, vamos dizer. Você vai e passa no clínico geral, que fala para fazer uma ressonância magnética, uma tomografia. Aí chega o resultado, o clínico volta e diz: “Olha, está aqui o resultado”.

Lucimar: Eles trabalham em conjunto. Por exemplo, a minha criança: ela trabalha muito com preto velho. Ela fala as coisas, não sei se eu já te contei, mas assim: “É a minha vó que tá falando”, que é a preta velha dela. Então ela recebe muita coisa da Preta Velha e ela fala. É bacana isso. Entre eles, eles interagem.

Eu imagino que no plano espiritual essas combinações sejam feitas antes.

Reinaldo: Sim. Com certeza. E uma coisa que eu não falei, mas pensei quando a Lucimar falou que o Sr. Nene às seis da tarde, até antes um pouquinho, ele já está lá embaixo. Uma coisa que eu falaria pras pessoas que pegam a corrente: cheguem no horário – tanto pros médiuns como pra assistência – porque a espiritualidade estará lá no horário. Se é às oito e meia, todos os caboclos do terreiro vão estar ali esperando: “Como é? São oito e meia. Vamos começar ou não vamos?”. Eles já vão estar todos preparados.

Mas e se a pessoa mora muito longe ou acontece alguma coisa que a impede de chegar? Não é necessariamente por falta de disciplina ou organização da pessoa.

Reinaldo: Acontece, você pode chegar atrasado. Mas a gira não pode parar. Se a gira é às oito e meia, às oito e meia começa com um, com dez, com todos da corrente.

Mas se eu sou médium dessa corrente, eu tenho que estar lá às oito e meia.

Sim.

Agora, acontecem problemas, claro. E a última pergunta! Qual foi ou qual é a história mais legal que aconteceu com vocês na Oca?

Lucimar: Ah, a minha mais marcante foi o meu casamento.

Todo mundo falou desse casamento. Eu não estava lá, mas já sei tudo! (risos) Foi muito marcante mesmo, as pessoas amaram. Conta um pouco pra gente.

Lucimar: Foi maravilhoso. Eu quis homenagear a minha mãe, Janaína, que é de Iemanjá, aí eu fui com um vestido simbólico, que tinha tudo a ver comigo.

Eu não reconheci o noivo, quem era? Era muito menino... (risos)

Lucimar: Ah, está diferente, né? Foi muito bonito, muito marcante. Uma coisa simples, mas muito linda. Não teve uma pessoa que não chegasse e falasse: estava maravilhoso. Modéstia à parte! Que eles prepararam muito bonito mesmo. E depois o batizado dos meus dois filhos, muito marcante e muito bonito.

Que legal! Mas você casou na igreja católica também depois, né? As crianças também foram batizadas?

Lucimar: Sim, casei na igreja católica e os dois foram batizados.

Reinaldo: Isso é coisa dela.

Lucimar: Primeiro a gente casou na umbanda. Porque assim, é o que vale, né? Primeiro. O segundo na igreja católica foi por convenção. Eu queria entrar de noiva, com aquela cauda gigante... Coisa de menina. Aquele sonho de princesa. Foi por isso.



*Casamento do Reinaldo e da Lucimar na Oca.
Data: 17 de janeiro de 1997.*



Muita gente casa de véu e grinalda, mas eu não queria também uma coisa mais simples. A opção de batizar as crianças na igreja foi porque eu conheço muita gente que não foi batizada na igreja e quer casar na igreja católica. Então batizei primeiro na umbanda, que foi realmente o batizado e a apresentação da criança pra Deus. Então a gente apresentou nossos filhos na umbanda e depois a gente foi pra católica, mas só pra isso mesmo: pra eles não serem diferentes, era uma coisa mais pro futuro deles.

Algun deles fez a primeira comunhão e a crisma?

Lucimar: Optaram por não fazer.

Mas você deu o direito. Eles teriam esse instrumento.

Reinaldo: Considerando que nós temos um único Deus, que nós acreditamos num Deus único, você apresenta a Deus uma única vez. Então o batizado, independentemente em que religião você vai batizar, você vai apresentar e o filho está apresentado. O batismo foi feito. O simbolismo do batismo é basicamente isso: apresentar a Deus pra ele deixar de ser mundano. Então, você apresentou. O que vem depois disso? As conversões religiosas. E quando você se converte? Quando você tiver domínio sobre as suas atitudes.

Quando você tiver poder de decisão.

Reinaldo: Exatamente. Então, o batizado católico foi pró-forma, pra você ter o direito de casar na católica, se quiser. Pra mim pouco importa. Você tem que levar os filhos dentro da religião que é sua - eles vão decidir o que eles querem da vida. Então, enquanto eles são novos, compartilham da minha religião. O que eu profetizo, o que eu falo, o que eu acredito e o que eu vou ensinar pra eles. Não adianta eu querer ensinar coisas da católica, ou da evangélica ou qualquer outro caminho.

Ele vai ter que procurar o sacerdote daquela lei...

Reinaldo: Enquanto eles são seus, que você tem a

rédea, é aqui que você vai. Aí chega uma hora, fala assim: "Agora você vai pra onde você quiser. Você que decide". Como um dos meus resolveu começar a ir atrás da umbanda agora, ele está indo. Os amigos estão indo junto, por quê? Começaram a ver que as coisas começaram a funcionar, começou a rodar muita coisa. Não que não fosse acontecer, mas aconteceram de uma forma mais suave, sem muito sofrimento. Não é que você é melhor do que os outros, mas você tem um direcionamento diferente. Você tem uma ligação que você não estava tendo e com aquilo você ganhou algo a mais, um apoio a mais. Então as coisas facilitam um pouquinho mais. Eu tiro uma dificuldade da sua vida, você caminha mais suave naquilo. Ah, você conseguiria caminhar? Até conseguiria, mas você ia sofrer muito mais. Então, se dá pra você aliviar certas coisas, por que não?

Você, Reinaldo, lembra de outro momento legal no terreiro?

Reinaldo: Eu tive um fato muito marcante na minha vida. Eu sempre estive na corrente, né? Sempre trabalhando. Tudo que eu faço na minha vida é com dedicação, eu não faço nada a meio-termo: ou eu completo ou eu não faço. Com o passar dos anos, as pessoas começaram a sempre me perguntar coisas e informações. Teve um dia, sem eu saber de nada, eles me deram - como se diz o nome? Esqueci o nome -, mas me deram a condição de ser pai pequeno da casa. Então teve um ritual - eu não estava sabendo o que estava acontecendo - numa sexta-feira. Teve uma cerimônia - o Seu Tuano, a dona Nena, o Décio tinham preparado tudo com bastante cravos - uma energia pra me consagrar como pai pequeno da casa, então foi uma emoção muito grande.

Foi de surpresa?

Reinaldo: Isso eu não imaginava em momento algum! Eu chorei muito, eu sou chorão mesmo, então foi uma coisa que aconteceu assim. Foi diferente, emocionante, marcante.



Qual foi a história mais difícil pra vocês dentro da Oca até hoje? Ou na vivência com a umbanda? Por que nem tudo é perfeito sempre, entende? Eu prometo que é a última pergunta.

Reinaldo: É difícil, né? No meu caso, e que acabou me tirando da casa, que eu saí da casa, foi justamente por receber a consagração de pai pequeno. Um dia eu achava que estava atuando como tal e fui interpretado de forma diferente. Então, realizei algo, pois não tinha como deixar de socorrer uma pessoa que apareceu numa gira de desenvolvimento, portanto não tinha atendimento para pessoas. Só que eu atendi e não foi interpretado corretamente, causou um desconforto muito grande. E eu saí da casa. Fiquei afastado durante um tempo porque se eu recebi o cargo de pai pequeno e não podia exercer e eu estava errado, dava um desconforto. Não estava legal continuar. Daí eu saí da casa, fiquei afastado por cerca de dois anos e meio e retornei.

Quando você voltou – uma questão que eu estava conversando com a dona Dalva –, como foi a gestão desse problema?

Reinaldo: Da minha volta?

Como foi que o centro administrou esse problema? Você voltou porque alguma coisa aconteceu? Seu Nene chamou você? Houve um diálogo?

Reinaldo: Pra eu voltar? Eu saí por causa desse desconforto. A família acabou ficando desequilibrada também, porque por mais que nós separemos família de terreiro e família carnal, é tudo a mesma coisa. Tivemos um pouco de chateações e com o tempo nós fomos cativando aquilo. Decidimos fazer reunião, para manter, porque se você não fizer algo pra aquilo reunir novamente, aquilo lá vai persistir e agrava, né? Então vamos fazer festinha, vamos isso, vamos aquilo, vamos tentando amenizar. Falamos pouco de terreiro na época, porque eu estava noutro caminho – eu abri uma casa e eu sempre tentei fazer a minha casa estar ligada à Oca de Tupã. Eu visitava a Oca de Tupã de vez em quando, até que eu não consegui. Como eu disse no

início, eu não consigo fazer algo meia-boca, ou eu faço completo ou não faço e eu não tinha tempo pro meu terreiro. Ou eu não tinha tempo pro meu terreiro ou eu não tinha tempo pra minha esposa e pros meus filhos.

Que são itens que você valoriza muito.

Reinaldo: Então, muitas vezes eu deixava de ajudar, de estar com meus filhos em casa, pra estar no terreiro, acender uma vela pra um filho, fazer alguma coisa. Chegava correndo do serviço, que é em Osasco, e eu não conseguia me dedicar como achava que um pai de santo tem que se dedicar ao terreiro. Pai de santo, eu concordo, deveria ser como se fosse um padre, ele não poderia ter nem esposa nem filhos carnisais, porque ele deveria se dedicar cem por cento. Aí você consegue fazer isso. É difícil você conseguir ter, ajudar tantos filhos com problemas diferentes e ter sua vida normal. Aí beleza, chegou um momento que nós fechamos o terreiro. Passou um tempinho, eu voltei lá e disse: “Seu Tuano, quero voltar pra casa”. E fui muito bem recebido: “Venha, pode começar!”. Eu e minha esposa recomeçamos no terreiro. Muitas pessoas já não estavam no terreiro e eu sempre fui um cara verdadeiro. Então agi do mesmo jeito, com o mesmo amor que eu sempre tive com a casa, nunca deixei de ter amor pela casa.

Então foi você mesmo quem tomou a iniciativa de fazer a gestão do problema.

Reinaldo: Sim, eu saí e queria voltar. Foi tudo muito suave, muito bacana.

Lucimar, você tem uma história que você considere difícil?

Lucimar: Eu fiquei dividida nesse período. Porque ele não ia, eu ia, mas ficava meio constrangida. Aí eu fiquei por um bom tempo, um ano e decidi parar porque ele abriu o terreiro...

Reinaldo: E fez o que eu não concordei. Nós somos irmãos, ela deveria ter continuado. Eu falava isso constantemente pra ela: eu sou eu, você é você.

Lucimar: Muito difícil. Mas até minha mãe também



concordava que eu tinha que ficar do lado do meu marido. Aí a gente conversou e tudo, mas acho que essa foi a pior.

Reinaldo: Eu tenho uma história pra contar, que tem a ver com a pergunta de antes, referente ao que eu falaria pras pessoas que estariam na corrente.

De preparação para o trabalho?

Reinaldo: Isso, eu tenho um fato, um causo, né? Depois daquela história que eu entrei pro terreiro, assim que eu pus o branco, eu era novinho, foi em 1994, eu tinha vinte e três anos. Eu cheguei lá, entrei e fiquei do lado do seu Mário, que recebia o caboclo Estrela Guia, caboclo de Ogum. E no começo da gira ele me chamou e falou: “Oi, filho, tudo bem?” Eu: “Tudo”! Ele falou: “Você tem certeza do que você veio fazer aqui? Você é tão jovem!” Eu vinha vindo na assistência antes disso. Aí eu falei: “Por que essa pergunta?” Ele falou: “Ah, porque você vai ter de abandonar festinhas, abandonar sair com namoradas, você não vai poder curtir a vida, vai perder todas as suas sextas-feiras, você vai ter que estar aqui às oito e meia, se entregar. É muita responsabilidade pra um garoto que está assim na flor da juventude, como você, que tem muito a aproveitar. Você tem certeza que você quer abandonar todas essas coisas boas pra estar aqui de branco?” Aí eu falei pra ele: “Sim, eu estou entrando aqui é pra valer, eu quero fazer isso. Eu sei de todas essas responsabilidades”. O que eu vou falar tem um pouco a ver com a pergunta e serve para os médiuns também. Quando acaba a gira – e eu falei que os guias estão lá desde o início, esperando começar o trabalho – eles continuam lá até fechar toda a parte espiritual, porque a material acabou. Até pegar aquele egum que tirou daqui e tem que levar pro reino tal. Pegar essa alma errante. O que seria o correto nós médiuns fazermos? Não é sair dali dizendo: “Poxa, acabou a gira, vou pra aquela festinha agora tomar uma cachaça!”.

Sabe quem falou sobre isso? Eduardo falou sobre isso: “Fausto, tem muita gente que tá saindo daqui pra ir pra balada”.

Reinaldo: Exatamente. O que é correto você fazer? Voltar pra sua casa; se possível, deixar um banho preparado (muitas vezes nós fazemos isso pra quando voltar do trabalho, tomar um banho de erva e deitar ali na caminha). Por quê? Porque a sua energia continua a ser utilizada durante a noite. As entidades que trabalharam com você, que você serviu de médium pra elas, elas podem precisar de você, de uma energia viva, de um corpo material, onde você tem a oportunidade de aprender, viajar com eles pra certos locais que eles podem te levar durante o sono. Algumas vezes você lembra, outras não. Você pode participar dos trabalhos que ainda estão sendo realizados pelas pessoas que foram socorridas, então a sua energia tem que estar boa.

Lucimar: E repor também a nossa energia, porque a gente também troca muita energia.

O gasto energético é gigante.

Reinaldo: Isso é o correto. Eu durmo todas as sextas-feiras, quando eu volto, e não acordo nenhuma vez. Eu vou direto, e em todas as outras noites eu vou acordando pra ir ao banheiro. Na sexta-feira não, eu deito e apago. Só levanto no outro dia.

E acho que podemos estender a mesma coisa para a assistência. A pessoa tem que ir para casa se recuperar.

Reinaldo: Sim. Vai pra casa. E principalmente com doenças, como você falou. Às vezes os médiuns vão te visitar lá na sua cama. Fala assim: “Olha, você trouxe o problema. À noite, quando você estiver dormindo, eu vou cuidar de você!”.

As pessoas precisam entender melhor aquilo de: “Eu vou passar lá, hein?” Eu vejo sempre entidades falarem: “Eu vou sair daqui e vou passar lá”. Não é? Muito bem, amigos. Olha, foi ótimo. Queria só contar pra vocês que tem sido ótimo. Tem sido muito divertido. Vamos almoçar?



*Casamento do Reinaldo e da Lucimar na igreja.
Data: 18 de janeiro de 1997.*



ENTREVISTA COM DONA DALVA C. VIEIRA (FONTE D)

Por Fausto Viana



Dona Dalva cercada pelas filhas Adriana e Lucimara, e a neta Fernanda.





Dona Dalva é, como se diria popularmente, do barulho. Agitada, cheia de energia, gosta de festa, dança, boa comida...E de trabalhos de umbanda, religião a qual se dedica há mais de 50 anos. Ressabiada, atenta a tudo o que se passa a seu redor, quando combinamos a nossa entrevista/ bate-papo, não se fez de rogada e pediu que eu enviasse as perguntas para que ela já pudesse se preparar. A mulher é um dinamo: sua experiência de vida e na umbanda são um estímulo para os pesquisadores e médiuns que desejam se aprofundar no desenvolvimento de trabalhos espirituais. Se a umbanda como religião existe há pouco mais de cem anos, ela já traçou metade da sua trajetória dentro desse contexto. Na entrevista, que aconteceu no meu apartamento no dia 6 de agosto de 2023, seus conhecimentos ficam evidentes. Desfrutem!



Dona Dalva, eu passei as perguntas pra senhora antes, que era pra gente já ter tudo pensadinho. Mas eu quero agradecer a sua paciência por conversar com a gente, bater esse papo. Eu sei que obviamente a senhora podia conversar vinte dias aqui contando histórias de terreiro, médiuns e tudo mais, mas a gente vai focar aqui no que a gente quer saber.

Dona Dalva: No básico.

Eu conheço a sua trajetória na umbanda, mas eu queria que a senhora contasse um pouco dos seus trabalhos antes de chegar na Oca de Tupã.

Dona Dalva: Como começou?

Como a senhora começou? Como é que foi o seu trabalho com a vida espiritual? Como é que a senhora foi pra terreiro?

Dona Dalva: A minha trajetória na umbanda... Eu já te falei que eu era evangélica, que eu não queria ser umbandista de maneira alguma, eu

corria por todos os lados. Então, fui ser evangélica, aquela evangélica da Assembleia de Deus que não corta o cabelo, não raspa a perna, não faz nada. A gente pode imaginar eu como evangélica! Aí fiquei muitos anos como evangélica. Só que eu comecei a ficar muito doente. E eu tinha duas filhas pequenas e sempre que eu ia na minha mãe, ela falava pra mim: “Você tem que cumprir sua missão. Você quer morrer? Deixar suas filhas sozinhas?”.

Na sua mãe?

Dona Dalva: Minha mãe de sangue.

Carnal.

Dona Dalva: Sim, mãe carnal e a mãe de santo também que ela era, né?

Está bem.

Dona Dalva: Mas mesmo assim eu continuei correndo. Até que um dia eu estou bela, formosa na igreja, cantando os hinos – porque eu participava do coral, né? Eis que sumiu tudo da minha frente, eu não vi mais nada! Depois fiquei sabendo – depois que passou tudo □ pelo próprio pastor que eu tinha recebido um espírito, um espírito de muita luz e de muita sabedoria.

Na própria igreja?

Na própria igreja, o próprio pastor chegou pra mim e falou: “Seu lugar não é aqui, irmã”.

Olha só.

Dona Dalva: “Ela, esse espírito que chegou me fez repensar e me deu muitas lições”.

Quem era esse espírito?

Dona Dalva: A cabocla Amélia. E assim, depois que passou tudo isso, eu queria era mais é sair correndo de dentro da igreja, porque eu não admitia! Mas ela achou que o melhor caminho pra mim era esse, para poder cair na real, né? E aí eu comecei com a minha mãe: ela trabalhava na casa dela, num quartinho que ela tinha e eu comecei a ir. Eu já conhecia o trabalho dela, mas eu não queria saber, não queria me inteirar disso. Aí começamos a trabalhar, até



que foram chegando mais médiuns e o lugar ficou pequeno.

Com a sua mãe.

Dona Dalva: Já com a minha mãe. E aí resolvemos abrir um terreiro.

Que ano foi? A senhora lembra?

Dona Dalva: Foi 1975.

Nossa, que beleza.

Dona Dalva: É. 1975.

A senhora tinha que idade então?

Se eu estou com setenta e um...

Setenta e um. Só fazer as contas.

Dona Dalva: Aí começamos, começaram a chegar as pessoas pra frequentar. Eu fui registrar na Cúpula Nacional da Umbanda: registrei o terreiro como Caboclo da Mata e Mãe Benedita do Congo, que eram os orixás da minha mãe, né?

Certo.

E aí começamos. Eu fiquei como presidente do terreiro – também foi registrado em cartório – e começamos a nossa a nossa lida com muitos, muitos problemas, muitas diferenças. Mas fomos caminhando e ficamos com isso cinquenta anos.

Nossa, cinquenta anos.

Dona Dalva: Aí minha mãe ficou doente, adoeceu. Foram cinquenta anos desde que minha mãe trabalhava, eu não queria entrar e tudo, eu tinha casado e não queria saber de nada disso.

A senhora manteve um terreiro por cinquenta anos então?

Dona Dalva: Minha mãe teve por cinquenta anos. Era um lugar bastante humilde, né? Porque era um porão que ela tinha na casa dela. Nós fizemos lá, compramos as imagens e trabalhamos, começamos a trabalhar. Os trabalhos eram uma vez por semana, era todo sábado. Nós tínhamos também trabalhos de mesa branca, né? A de

Kardec também uma vez a cada quinze dias pra cura das pessoas. Vinha muita gente porque ela dava consulta particular também. Uma vez por semana também ela dava consulta pra gente poder manter, né? Porque a gente não tinha condições de manter o terreiro, comprar vela, fazer tudo, né?

Era umbanda ou candomblé?

Dona Dalva: Umbanda. Umbanda. É.

Ela jogava búzios?

Dona Dalva: Não, ela trabalhava com uma cigana.



A mãe da D. Dalva.



Ah, entendi. E usava cartas?

Dona Dalva: Não, não usava nada, era só a incorporação mesmo com a cigana. Trabalhamos muito tempo. E eu que assessorava ela também nisso.

Qual é a importância de ser cambone?

Dona Dalva: A importância de ser cambone é você adquirir conhecimento através do Orixá, através do médium que está ali trabalhando, porque você tá ali permanentemente com eles, né? O que é dito, o que é falado, coisas que você tem que manter sigilo sobre o que você escutou ali. Você tem que guardar pra você e com isso você vai adquirindo aprendizado. Caso você tenha alguma dúvida, você recorre ao médium ou pai de santo pra tirar essas dúvidas. Por exemplo, o orixá falou uma coisa, você não entendeu: ou você corre para o próprio orixá ou você recorre ao pai de santo pra te dar essas explicações. Mas ser cambone é um cargo muito maravilhoso. Muito maravilhoso. Responsabilidade, de muita importância, muita importância. Só de você estar ali assessorando um guia, você já tá recebendo tudo de bom na sua vida. Muitas vezes você não precisa nem perguntar nada, nem nada, ele já está tomando conta de você ali e você já está sendo amparado por todos que estão ali.

Um cambone tem que necessariamente ser um médium de incorporação?

Dona Dalva: Não necessariamente.

Isso é uma coisa que as pessoas não valorizam, não é? Ou seja, um cambone é uma figura tão importante quanto um médium.

Dona Dalva: Exatamente, muitas vezes até mais. Até mais, porque é uma pessoa que está ali de livre e espontânea vontade servindo um orixá, né?

E de fundamental importância pra fazer essa ponte entre o orixá e a matéria, o orixá e o terreiro.

Dona Dalva: Pra não deixar a pessoa que foi ali pra tomar um passe e sair com dúvidas.

Claro.

Dona Dalva: Jamais uma pessoa que vai tomar um passe pode sair com dúvidas.

Perfeito.

Dona Dalva: Tem que ter sempre alguém pra assessorar, porque se ensina um remédio ou vai fazer qualquer um outro tipo de trabalho pode, em vez de ajudar, prejudicar a pessoa por não ter entendido o que é necessário ser feito. Porque a partir do momento que um orixá passa alguma coisa pra um filho fazer, tem que ser determinado do jeitinho que foi dito.

Claro.

Dona Dalva: Porque ali ele está te explicando, falando uma coisa que vai ser pro seu bem □ cada coisa que manda colocar ali é pra uma finalidade. Então se você vai fazer o contrário, vai inverter e pode não chegar ao resultado final, né?

Claro. Dona Dalva, esta pergunta a gente não tinha mandado pra senhora, mas por exemplo, eu acho que muitos médiuns valorizam demais a coisa de ser um médium de incorporação, né? Mas há uma pessoa que fica ali na porteira, né? Por exemplo, a Fernanda ou o Sr. Norberto. Essas pessoas também não têm um papel fundamental?

Dona Dalva: Fundamental mesmo, é o que eu estava dizendo agora quando nós viemos. Essa pessoa – eu penso dessa maneira – porque no meu terreiro, a pessoa que ficava vendo tudo isso, ela tinha total autoridade pra ela fazer o que achasse que era o devido. Por exemplo, ela estava ali. Chegou uma pessoa com a roupa inadequada e ela falava: “Olha, infelizmente, você não vai poder entrar, você não está trajando a roupa adequada”, para estar dentro de um terreiro. É um terreiro, não uma boate.

Entendi.

Dona Dalva: Ela está entrando num terreiro. Sai até briga nisso. “Se você quiser voltar pra casa e pôr uma roupa adequada e voltar, seu lugar está aqui. Caso contrário, você vem outro dia e vem trajando adequadamente.”



Perfeito.

Dona Dalva: Falei pra Fernanda, você tem que ter autoridade pra isso. Ela falou: “Mas ali não tem autoridade!”.

Mas essa autoridade também não é uma coisa que a própria pessoa vai ter que desenvolver?

Dona Dalva: Mas desde que seja permitido.

Eu, veja bem, eu entendo o que a senhora está falando. Mas a pessoa neste papel não tem que chegar e falar assim: “Olha, eu preciso desta autorização!”.

Dona Dalva: Exatamente, exatamente, foi o que eu disse pra ela: você tem que falar, e chegar, e falar quais os seus problemas, quais as suas dificuldades e sanar. Chega no Seu Tuano, no Sr. Nene e fala com ele pra ele te dar autoridade, pra você poder fazer sem medo.

Claro.

Dona Dalva: Porque você está exercendo um cargo, você tem que suprir ele, não é?

Entendi. Dona Dalva, como é que foi chegar na Oca? Quando foi que a senhora chegou lá? Faz pouco tempo?

Dona Dalva: Sabe que eu nem sei quantos anos que eu estou na Oca? Mas eu nem marquei data, se você quer saber. Por conta de quê? A bem dizer, eu faço parte da família, porque minha filha é casada com o Décio, né? Que é o filho do dono do terreiro. E a gente já se conhecia na família e tudo, e ele sempre falou pra mim que ele tinha muita vontade que eu viesse trabalhar no terreiro.

O Sr. Nene ou o Décio?

Dona Dalva: Sr. Nene. Ele sempre falou pra mim: “Dona Dalva, se porventura, se a senhora não tiver um terreiro pra ir ou acontecer qualquer coisa, eu quero a senhora no meu terreiro”. Ele sempre falou isso e aí, por infelicidade, minha mãe teve que partir. Mesmo assim eu fiquei pensando e falei: “Acho que eu, que eu vou parar, já tem muitos anos

de trabalho” ... Mas aí depois eu pensei bem, falei: “Bom, enquanto Deus me der saúde e eu conseguir me manter em pé, eu vou fazer a caridade pra quem precisa”.

Claro.

Dona Dalva: Aí como ele tinha me feito esse convite, eu fui pra lá.

Entendi. Agora, a gente estava tratando na semana passada dessa questão cultural, sabe? Então, por exemplo, a senhora contou: “no meu terreiro, no terreiro da minha mãe, acontecia tal coisa, tal coisa. A roupa não podia ser assim etc.”. Como é que foi chegar na Oca e perceber estas diferenças? Como foi essa experiência pra senhora?

Dona Dalva: Então, eu não tive muita dificuldade quanto a isso, porque meu traje permanece o mesmo, que é o que a gente usava. Os pontos também são os mesmos. Só a única coisa que eu achei de diferente, porque no meu terreiro, no da minha mãe, a gente tinha o desenvolvimento dos médiuns. Era a primeira coisa que a gente fazia. Entendeu? A gente incorporava, minha mãe incorporava, o pai pequeno incorporava. E eu comandava a gira de desenvolvimento. Só que ia desenvolvendo todos que estavam na gira. Todo mundo fazia uma roda, os orixás já estavam todos ali. Não tinha trabalho, não chamava ninguém antes de fazer a gira.

Era um dia separado?

Dona Dalva: Não, no mesmo dia. Era essa diferença só.

Nessa sua visão do trabalho, da gira de desenvolvimento, o que se passava pros médiuns? Era só chamar a entidade ou se passavam coisas do tipo: “Olha, é necessário trazer o seu material, sua roupa precisa ser adequada” ...

Dona Dalva: Exatamente eu já tinha até imprimido o que era necessário. E, antes disso, eu sentava com a pessoa e conversava muito, porque eu não sou a favor. Nunca fui.



A favor do quê?

Dona Dalva: Da pessoa entrar no terreiro.

Ah, não?

Dona Dalva: Não.

E por quê?

Dona Dalva: Eu não sou a favor. Sabe por quê? Porque as pessoas chegam no terreiro, elas chegam lá pela primeira vez, veem aquilo ali e acham que aquilo ali é uma coisa magnífica, acham que você não vai ter problema, você não vai ter nada: você, a partir desse momento, pensa: “Eu sou médium, nada vai acontecer comigo”.

Opa.

Dona Dalva: E é onde tem a frustração. É. Fica – como é que se diz? – entusiasmado. Então eu sento com a pessoa, eu converso: “Olha, ser umbandista é isso, isso, isso. Você vai se privar disso, disso, disso, disso, disso e vai ter que – a partir do momento que você pôs o pé aqui dentro – permanecer, se você não quiser que a sua vida regreda. Porque você quer fazer uma coisa regredir é você entrar num terreiro e ser médium e largar pra lá. Passa um tempo, está tudo maravilhoso. Depois começa. As rasteiras vêm vindo. Por quê? Por conta de quê? Você já nasce com essa mediunidade. Você já está determinado pra isso. Você pode correr pra onde você quiser: chegou sua hora, você vai ter que ir: por bem, por dor, ou por amor, você vai. Não adianta falar que não – porque vai. E os orixás também. Por exemplo, eu sou uma médium e saio do terreiro, mas não é minha época de sair, não é nada, eu saio. O meu orixá, ele foi destinado a mim pra ele evoluir.

Claro.

Dona Dalva: Meu corpo tem que ser cedido pra ele fazer essa evolução e eu também vou evoluir com ele. A partir do momento que eu largo no meio do caminho, eu cortei da parte dele a evolução dele, e ele foi destinado pra mim. Ele não vai evoluir em outra pessoa. Aí ele fica me cobrando porque ele

também está sendo cobrado.

A trajetória dele está ligada na sua por algum motivo.

Sim, exatamente.

É uma relação cármica, a senhora acredita que é o quê?

Eu acredito que a gente já vem predestinada com aquele orixá.

Mas por uma relação anterior, antiga?

Eu creio que sim.

A senhora estava falando uma coisa que me interessa muito. A senhora falou assim: “Olha, vem cá. Deixa eu te contar. Umbanda é isso, isso, isso, você vai ter que se privar disso, disso, disso”. Que é umbanda? O que é que a senhora falava pros seus médiuns?

A umbanda em si, ela é o quê? O terreiro de umbanda é uma casa de caridade. É uma casa de caridade em que, a partir do momento em que você se prontificou a fazer aquilo, você tem que procurar fazer o máximo possível pra fazer as coisas direitinho, com muita responsabilidade, muita resiliência. Tem que se privar de muita coisa, como eu disse, por conta de quê? Você chega num terreiro e você vai ter pessoas ali: umas pessoas vão te olhar e não vão muito com a sua cara; outras vão gostar, outras não vão gostar porque existem as diferenças, né? De opinião, de tudo, de pensamento, de tudo. Eu posso entrar ali e alguém falar assim; “Eu não fui com a cara dessa mulher”, como já aconteceu muitas vezes. Eu sou uma pessoa que ninguém vai com a minha cara logo que me vê.

Ah, eu fui, Dona Dalva!

Dona Dalva: Mas é muito raro. É muito raro porque todo mundo chega depois em mim e fala: “Nossa, quando eu te vi pela primeira vez, eu achei: ‘Nossa, que mulher entojada’”. Muitas pessoas já falaram isso pra mim.



Então, mas não é mais coisa da relação? Do que o médium deve se privar? E aquilo que o médium tem que trazer pra vida deles?

Dona Dalva: Por exemplo, chega uma moça e quer entrar no terreiro aos dezoito, vinte, vinte e poucos anos. Ela tem a vida dela lá fora. Ela não vai poder, todo dia que tem trabalho, ela não vai poder ir pra uma balada, ela vai ter que saber que aquele dia daquele trabalho é o dia do trabalho. Essa é uma das privações. Não tem outra coisa, não tem nada, é sua missão. É uma missão árdua. Então você tem que estar sempre ali. Vão ter dias que você vai trabalhar sem nem querer ir. Tem dia que você está com o coração com tantos problemas na cabeça que você fala: “Ah, eu não vou trabalhar nada. Fiz um pedido e não consegui”.

No terreiro.

Dona Dalva: Isso. “Fiz um pedido no terreiro, já faz um tempão, eu vejo as pessoas chegando e agradecendo pelas graças que receberam e eu estou com um pedido já faz não sei quantos anos e não consigo isso”.

Ela também nunca vê os pedidos que ela não fez e do que ela escapou, não é?

Dona Dalva: Sim, exatamente.

Então, essa é uma privação. Existe alguma regra, por exemplo, moral, ética? Não poder beber, não poder transar muito, não poder... Existe alguma coisa desse tipo?

Dona Dalva: Não, a meu ver não tem nada disso. A não ser quando você faz um trabalho, por exemplo, um amaci. Quando a gente fazia um amaci no nosso terreiro, a pessoa não podia ter relação sexual, não podia comer pimenta, não podia falar palavrão, não podia comer carne, não podia lavar a cabeça por três dias...

Ah, certo.

Dona Dalva: Você entendeu? E dormir com o pano do amaci que a gente pôs na cabeça embaixo do travesseiro por três dias. O requisito da minha

mãe era esse e a gente cumpria devidamente.

Entendi. Dona Dalva como é que a gente num terreiro – é claro que a pergunta serve pra vida também – administra conflitos dentro de um terreiro? “Ah. Dona Dalva, a Fernanda, ela veio falar pra mim que eu estou com uma entidade negativa e eu não gosto disso”. Aí chegam lá e falam esse tipo de coisa pra senhora. Como é que – e eu estou usando um exemplo bobo só para a gente pensar – como é que se administra esse tipo de problema?

Dona Dalva: No meu terreiro eu administrava da seguinte maneira: Fulano falou isso? Chama Fulano. Senta os dois aí. Vou escutar um e escutar o outro. Aí eu vou ver o que eu vou falar pra um e falar pra outro, condizente com aquilo que aconteceu.

Costumava resolver?

Dona Dalva: Resolvia. Resolvia porque eu era linha dura.

Na Oca vocês não têm esse procedimento, não é?

Dona Dalva: Não, mas é muito necessário, porque fica aquele disse me disse, um falou, outro falou e no fim você não põe as duas pessoas frente a frente pra conversar mesmo e ver o que um falou e o que o outro falou. Entendeu? Aí se eu falei, eu digo: “Eu falei isso sim. Quero que você me convença que não é isso, que não é por aí”. Entendeu? Mas desde que você veja as duas versões, porque senão aquilo fica rolando, rolando, rolando, vai virar uma bola de neve.

Claro. A gente pulou uma coisa aqui. A senhora falou; “Eu já tinha os meus trajes”. E eu vejo a senhora sempre com seus trajes diferentes. A Oca no princípio só usava camiseta branca e roupa branca, não era?

Dona Dalva: Sim, depois que eu entrei eu pedi se era permitido porque se não fosse permitido não ia entrar. Por conta de quê? Eu já trazia aquilo comigo há muitos anos. E o meu Exu, ele não trabalha se não for daquele jeito. Ele não vem. Sempre foi



assim. Porque ele é da porteira, ele que cuida das porteiras ali e segura todas as ondas ali. Tanto que a minha mãe queria que eu fosse a mãe pequena do terreiro e ele não aceitou.

Por quê?

Dona Dalva: Porque o lugar dele não era aquele.

Eu queria que a senhora falasse um pouquinho sobre roupa. A roupa, pra senhora, ela é um suporte emocional ou ela é um suporte energético? Ela é uma armadura?

Dona Dalva: Ela é uma armadura, de acordo com cada orixá. De acordo com cada um.

Como foi pra senhora essa história? Cada um deles chegou – eu ainda não conheço as suas entidades, nunca passei com elas. Eu sempre fico olhando todos, às vezes eu nem passo com entidade. Eu gosto de ir ao terreiro, mas não preciso ficar pedindo coisas.

Dona Dalva: Não precisa. Se você quiser chegar, sentar e ficar concentrado no que está acontecendo ali você não precisa tomar passe. Já está resolvido: você faz os seus pedidos, você se posta ali em respeito a eles. Você faz seu pedido e você vai conseguir mais do que a pessoa que vai entrar pra conversar e chega toda agitada...

Esbaforida.

Sim. Não está nem pensando direito no que quer.

Voltando, então: como foi que a senhora recebeu as instruções dos seus trajes? A Preta Velha falou: “Olha, eu quero uma roupa assim, assim e assim” ou a senhora que compôs?

Dona Dalva: Não, não, tudo que a gente faz, os trajes que a gente veste, são de acordo com os orixás da gente.

O que o Exu pediu?

Dona Dalva: O Exu pediu uma calça que fosse até o joelho, uma camiseta simples e o capuz. Ele não trabalha sem aquele capuz, ele é um Exu mesmo daqueles que para ser doutrinado vai precisar

muito, porque ele não é nem gente, para bem dizer. Entendeu? Ele era carrasco que amputava a cabeça das pessoas assim, sem dó nem piedade.

A camiseta é preta? Do capuz, eu lembro.

Dona Dalva: Preta. Sim, ele não trabalha sem esse capuz.

Então, mas é engraçado... A senhora está contando isso do Exu, mas qual é a proposta do trabalho dele então? A gente já retoma a roupa dos outros. Porque um ouvinte comum vai dizer assim: “Ué, se ele era um homem do mal, por que está aqui trabalhando”?

Dona Dalva: Procurando se sair do mal, se doutrinar.

Se redimir?

Dona Dalva: Se redimir do que ele fez. Só que tem uns exus que eles são muito, muito mesmo, matéria. Eles não querem saber, permanecem muito matéria. Até doutrinar, leva tempo.

Mas então esse é seu papel também?

Dona Dalva: Sim, com certeza, tanto é que ele faz o bem também.

Mas e se eu chegar lá pra senhora – e cada um é responsável pelo que pede, né, Dona Dalva? – mas eu chego lá pra senhora e falo assim: “Olha, eu quero atrapalhar a vida de alguém”. Eu sei que é contra a regra do terreiro, mas ele vai atender ou ele vai dizer: “Olha, não é pra mim”, e não atende?

Dona Dalva: Não atende. Não atende, porque primeiro ele vai ver se aquela pessoa é merecedora disso daí mesmo. Mesmo assim ainda não vai fazer, ainda vai conversar com a pessoa que está pedindo a maldade, pra ela também se pôr no lugar dela – porque não é fazendo o mal para as pessoas que ela vai conseguir o que ela quer.

Entendi.

Dona Dalva: Porque a lei do retorno existe.

A senhora está com ele há quantos anos?

Dona Dalva: Desde que eu me desenvolvi.



E quando foi que a senhora se desenvolveu? A senhora não falou a idade com que começou a trabalhar.

Dona Dalva: Pra te falar a verdade nem eu mesma sei. Tinha uns vinte anos? É, porque com vinte e três eu tinha cinco filhos... Na época eu tinha duas, então é mais ou menos por aí.

Entendi. Ele veio logo de início?

Dona Dalva: Foi, logo depois da cabocla Amélia veio ele.

Uma coisa importante que a gente não pode esquecer é que o tempo de desenvolvimento da entidade é muito mais rápido que o nosso. Desencarnada, ela progride muito mais rápido do que a gente.

Dona Dalva: Sim, com certeza. E a gente está ali pra fazer isso, né? Depois eles vão embora, vão seguir outro caminho. Nós estamos ali pra doutrinar eles, pra eles acharem o caminho deles. É igual à alma.

Qual alma? As almas que aparecem?

Sim, as almas que desencarnam, que não aceitam que morreram, que ficam perturbando – perturbar é um modo de dizer, porque pra ela, ela está inocente.

Entendi. Tenho visto isso muito ocasionalmente ali no terreiro.

Dona Dalva: Sim. Algumas manifestações – assim, ela nunca está inocente. E como ela vê que você trabalha, que você vai pra um lugar que pode ajudar, ela te acompanha. Aí você fica passando mal, muitas vezes pode ficar doente e é simplesmente uma alma que está pedindo socorro.

E seu papel é ajudar?

Dona Dalva: Ajudar esta alma a encontrar o caminho dela.

Entendi. Dona Dalva, o que a senhora está falando vai muito além da vivência no terreiro, né?

Dona Dalva: Sim, sim.

Então, a entidade que está lá junto com a senhora precisando de ajuda, ela pode estar aqui ouvindo essa conversa.

Dona Dalva: Sim, como de fato está. Tem muitos aqui querendo aprender. Olha, chega me arrepiou agora. Sejam bem-vindos.

Uma coisa importante é a gente entender que a umbanda se faz no dia a dia também, né?

Dona Dalva: Sim, no dia a dia nosso, no dia a dia dos orixás em torno de tudo: da família, de tudo, tudo é um conjunto... Tudo é um conjunto.

Maravilha, muito bom. A gente já falou bastante da importância do desenvolvimento espiritual. A senhora falou que não tem como fugir disso.

Dona Dalva: Não tem. Tiro por experiência própria, porque eu por mim teria fugido muito.

A senhora deve ter muita experiência, deve ter convivido com muita gente que passou por perrengues, não?

Nossa, vixe Maria, a gente já passou por cada uma. Era muita coisa, tinha coisa que eu mesma estando ali dentro do terreiro e trabalhando, eu falava pra minha mãe: “Mãe do céu, será que a gente vai dar conta?” Aí ela me dava uma bronca boa, né? “Você não confia no seu taco? Não confia nos seus orixás?”. Falava: “Confio, né, mãe? Mas esse bagulho aí está louco”. (risos)

A senhora lembra um caso? Como exemplo, não precisamos dos nomes.

Dona Dalva: Sim. Uma médium nossa frequentou o terreiro com a gente, depois saiu e cismou que tinha que fazer cabeça no candomblé. Fez a cabeça, fizeram um estrago nela tão grande que a mulher ficou louca. Enlouqueceu, enlouqueceu, ela era uma mulher negra grande. Menino, um dia ela chegou lá no nosso terreiro, mas ela gritava tanto! Desceu aquelas escadas do terreiro que a gente não acreditava, gritando, gritando com a mão na cabeça, enlouquecida. Ainda com a cabeça aberta, as ervas



saíam do corte que puseram na cabeça dela. Ela ia morrer, pegar uma infecção ali ia morrer.

Mas a questão não foi fazer no candomblé, foi fazer malfeito no candomblé.

Dona Dalva: Sim. Mas ela não poderia ter feito. Ela era da umbanda. O orixá dela não aceitou. O orixá leva você embora. Você tem que pedir licença pro seu orixá e tem que esperar a ordem dele. Se você quer fazer uma coisa desse tipo, é mudar da água pro vinho. Porque o candomblé é completamente diferente da umbanda, tem muitos preceitos, muitas coisas, muita matança, muita coisa que você tem que oferecer sempre. Tem que oferecer sempre. Em um ano, em cinco anos, em sete anos...

E como foi que resolveu?

Dona Dalva: Menino, quando ela chegou – ela se chama Rosa, ela não morreu. Sentei ela na cadeira e eu falei: “Minha mãe de misericórdia!”. Ela clamava: “Dalma, me ajuda! Dalva, me ajuda. Madrinha, madrinha, me ajuda! Me ajuda! Me ajuda! Eu estou ficando louca! Eu estou ficando louca, eu não durmo, eu não como, eu subo essa avenida e desço não sei quantas vezes por dia”. Estava enlouquecida total. Aquele dia deu trabalho, viu? Fomos a noite inteira, terminamos às cinco horas da manhã.

Ela estava obsediada.

Dona Dalva: Ela estava totalmente fora da casinha, como diz o ditado, mas conseguimos. Depois eu xingava ela.

Ela ficou bem?

Dona Dalva: Ficou ótima. Tanto é que eu tive vontade de dar nela por causa daquela noite inteira. *(risos)*

E olha só, sabe que tem uma pergunta aqui que fala um pouco disso. É muito comum um médium circular por vários centros?

Dona Dalva: Isso é o que mais acontece.

Mas qual é a consequência?

Dona Dalva: Eu nunca fui, eu também nunca fui contra. A gente avisava as pessoas, né? Pra não ficar circulando porque cada terreiro é um terreiro, cada trabalho é um trabalho e você tem umas regras no seu terreiro. Você vai pra outro, vão ser outras. Vão te falar coisas que vão mexer com a sua cabeça, muitas vezes não é aquilo e você vai sair, vai fora de órbita. Essa é a consequência, se você não estiver preparado. Porque se você estiver preparado, você vai saber. Outra coisa que eu sempre fui contra? Você chegar nos terreiros e trabalhar, receber seu orixá nos terreiros alheios. Posso ir fazer uma visita.

Sim, mas a senhora vai pedir autorização pra ir.

Dona Dalva: Sim, mas a maioria não pede. É aí que começa. E se pede também, o pai de santo não gosta. Minha mãe era assim também, ela não era muito chegada não. Tem uma porção de coisas envolvidas, ela falava que depois ia trazer problema para ela. Vai trazer problema até para a própria casa.

Qual é o tipo de problema?

Vai vir acompanhada de uma coisa que não deve. Vamos supor, você chega num terreiro – porque tem pai de santo e pai de santo. Eu digo pelo entusiasmo: você abre ou abriu um terreiro. “Eu tenho dinheiro, eu vou abrir um terreiro”. Mas e aí? Você sabe o que é abrir um terreiro? O que você vai enfrentar? O que é necessário? Aí vai naquele entusiasmo e faz o que não deve. Você vai trazer aquilo pra sua vida e pra você também. A não ser que você esteja preparado: você vai chegar no terreiro e a primeira coisa que você faz quando chega num terreiro alheio é você se preparar na hora da entrada.

Claro.

Dona Dalva: Você que tem que saber.

Como é que deve ser esta entrada? Conta pra gente rapidamente, Dona Dalva.

Dona Dalva: O que é que você vai fazer como preparação? Você vai chegar na porta e, primeiramente, você vai saudar o Exu da casa.



De preferência na tronqueira ou não?

Dona Dalva: Não precisa ser na tronqueira, no portão mesmo já é o suficiente. Você vai saudar o Exu da casa, mesmo que não saiba o nome dele, você vai falar: “Salve suas forças. Eu estou pedindo permissão pra entrar na tua casa. Segura as porteiras. E me dá licença pra eu entrar”.

Perfeito.

Dona Dalva: Depois saudar lá dentro: entrar no terreiro, saudar o congã do terreiro e o pai de santo do terreiro. Se apresentar pro terreiro, no caso.

Mesmo que o pai de santo não esteja voltado pra senhora, é uma saudação energética.

Dona Dalva: Mesmo assim, quando chegar em outro terreiro, você vai chegar e vai cumprimentar o dono da casa. Que é o correto. Entendeu? Mas eu nunca gostei de chegar no terreiro assim, de visitar. Visitei, mas visitei poucos. Faz muito tempo que eu não visito nenhum – e trabalhar em outro terreiro, nunca gostei. A não ser que seja – vamos supor – eu fui convidada pra ir num terreiro, a pessoa me conhece, o pai de santo me conhece: “Estava voltando com um problema, eu queria a sua ajuda pra gente unir as forças, pra fazer tal coisa”. Ou então ter um filho doente: “Vamos na casa do filho? “Vamos!”. Como lá no terreiro da minha mãe, a gente ia, todos os médiuns que ficavam doentes, ficavam enfermos, iam operar ou qualquer coisa, a gente ia pra casa dele, minha mãe ia e eu ia junto. A gente trabalhava antes de uma cirurgia ou se tivesse com problema de doença na família, a gente ia e trabalhava pra aquele filho de santo. Por que é nosso filho, né? Você não pode deixar, o pai não pode deixar o filho na mão. Então você tem que dar socorro. De uma forma ou de outra, nem que seja você ir lá e falar uma palavra, ler um versículo do livro de Allan Kardec. Fazer uma oração do próprio livro. É tudo e é isso.

Maravilha. Cobrimos tudo, não é?

Sim, graças a Deus.

Cobrimos tudo. Eu quero agradecer a senhora pela paciência. Foi muito bom, pena que a gente não tem mais três horas e o livro é curtinho, né?

Dona Dalva: Sim.

Mas a ideia é que a gente volte a continuar conversando! Obrigado, Dona Dalva.

Dona Dalva: Eu que agradeço.



ENTREVISTA COM CLAUDINHA (FONTE E)

Por Fausto Viana



Foto retirada do perfil da Claudinha no Facebook.



Primeiro, muito obrigado por topar fazer a conversa! Como expliquei para você, o livro é um livro comemorativo dos 43 anos da OCA e há um pequeno grupo trabalhando junto pensando como cobrir os diversos temas que envolvem o trabalho no centro. O seu são as boas práticas mediúnicas, mas é claro que a gente quer saber algumas outras coisas. (risos)



Quando foi que você começou no Terreiro? Em que ano foi?

Claudinha: Eu comecei na casa já tem muitos anos. Comecei indo na assistência, assistindo os trabalhos. Assim fiquei por três anos, para depois entrar realmente para a gira. Logo no começo, nas primeiras vezes que eu fui, me orientaram que se eu tivesse interesse, ou quando eu me sentisse preparada ou à vontade, que eu tinha a oportunidade, que eu seria bem-vinda na casa para desenvolver minha mediunidade.

Depois de algumas vezes eu passei com o chefe espiritual da casa, o Seu Tuano, que disse que a casa estava aberta para quando eu me sentisse preparada para começar. Que eu ia ser muito bem-vinda. Mesmo assim, por motivos de trabalho – eu chegava muito tarde – eu não tinha ainda a disponibilidade realmente fixa. Eu queria realmente assumir um compromisso de responsabilidade, para não ir uma vez e não outra... Eu queria fazer uma coisa assim bem decidida, então esperei reorganizar algumas coisas na minha vida e enquanto isso fui na assistência. Quando consegui ajeitar os meus horários – e também pelo chamado de dentro do meu coração – eu me senti realmente preparada para começar. Conversei mais uma vez com o Seu Tuano, depois com o Sr. Nene, para saber como poderia fazer e iniciei na casa.

Por que você procurou um terreiro de umbanda? Foi a primeira vez?



Claudinha: Eu conheci um terreiro de umbanda com seis anos de idade! A minha tia, uma médium muito abençoada, muito iluminada, uma pessoa muito responsável, de uma mediunidade muito linda também, trabalhou por muitos e muitos anos num terreiro. Agora já tem bastante idade e não trabalha mais, mas trabalhou durante muitos anos numa casa muito abençoada também ali próximo da Penha. Uma casa que hoje em dia já não existe mais e a minha mãe nos levava lá. Me levava lá naquela época dizendo: “Vamos lá pra benzer!”. Mas nada mais era do que tomar um passe. Então, tinha as giras, era um terreiro de umbanda também e os chefes espirituais da casa eram os pretos velhos. Na Oca de Tupã são os caboclos, o Seu Tuano, mas lá era uma casa diferente, de pretos velhos, e uma casa muito abençoada também. Seguiam uma doutrina muito linda, um segmento muito bom, muito bonito e minha tia trabalhava lá. Nós íamos tomar passe. Benzer nada mais é do que tomar um passe. Então com seis anos de idade eu já ia pra tomar o passe e minha mãe sempre comenta – e fala até hoje – que eu queria ficar logo na primeira fileira! E cantando, porque eu tinha muita facilidade pra aprender os pontos, já gostava de cantar os pontos desde pequena e eu ficava lá na frente, cantando e batendo palma e às vezes isso chamava a atenção dos guias. Porque eu era muito pequena e muitas vezes eles iam conversar comigo. É por isso também. Uma vez minha mãe estava tomando passe e a chefe espiritual da casa disse pra minha mãe que eu tinha mediunidade e que eu ia me encontrar numa casa espiritual na fase adulta, quando estivesse preparada. Eu tinha um vínculo muito grande com essa minha tia – agora a gente acaba tendo menos contato, porque a vida toma outros rumos... As responsabilidades... Mas ainda falo com ela, não a vejo com tanta frequência, mas a gente tem contato sim. Tenho carinho e uma gratidão muito grande por ela. Ela sempre falava pra mim: “Você vai ser de terreiro, a sua espiritualidade é de terreiro”. Porque



quando eu comecei a me tornar mais adolescente, e depois mais adulta, eu ficava imaginando que podia ter a minha mediunidade desenvolvida de várias formas. E nessa casa mesmo onde ela trabalhava quando eu tinha cerca de dezoito, dezenove anos eu pus o branco por alguns meses e fiquei em início de desenvolvimento. Mas pouco tempo depois eu comecei a estudar à noite e ficou difícil continuar, então eu acho que eu fiquei só alguns meses na casa... Em processo de desenvolvimento só. Nada com os guias firmados, mas já no processo indo pra desenvolvimento, mas eu tive que parar. Pelas condições do horário: eu estudava à noite, trabalhava o dia todo. E aí eu ia às vezes na casa só pra tomar um passe!

Frequentei essa casa durante muitos anos e, como eu falei, aprendi muito. Fui muito abençoada também com muita ajuda, muito discernimento, muita orientação, muito aprendizado mesmo. Mas aí essa casa fechou! Fechou e eu fiquei algum tempo sem frequentar nenhum terreiro. Visitei dois terreiros; gostei, mas não senti ainda nenhuma afinidade. Frequentei durante algum tempo o kardecismo, muitos anos. Não trabalhando, só frequentando as palestras. Frequentando a assistência e participando dos passes – alguns eram individuais, alguns em conjunto. Durante a palestra, durante muito tempo, essa fase foi muito boa porque eu me doeie muito aos livros. Eu busquei aprendizagem muito nos livros, então também adquiri bastante conhecimento dessa forma. Mas ainda não era aquilo, ainda não me encontrava exatamente. Eu morava – moro, aliás, há muitos anos – perto da Oca de Tupã, casa que já existe há muitos anos. Mas eu nunca tive conhecimento da casa. Sabia que a casa existia, mas eu não tinha mais detalhes. Ninguém nunca havia me indicado a casa.

Eu nunca fui de ver um terreiro aberto e entrar. Não. Então, como eu não conhecia ninguém que frequentava, nunca tive nenhuma indicação. Acho que também não era o momento certo. Então eu acabei não indo. Mas sempre que eu estava na

minha casa, eu escutava o barulho dos atabaques, das curimbas. Sempre tinha aquele som que me chamava atenção, o barulho da curimba, dos pontos que sempre me tocaram e me emocionaram muito. Então da minha casa eu escutava e falava: “Um dia eu vou nesse terreiro!”

Mas se passaram muitos anos. Um dia eu resolvi ir, fui sozinha. Fui, assisti um trabalho, tomei um passe e gostei muito. Na época, trabalhava a Cabocla Samambaia – da Dona Elza – eu tomei passe com ela, tomei passe na casa muitas vezes. Aí comecei a frequentar a casa vez ou outra, até mais pra frente se tornar mais frequente – foi quando eu participei esses três anos da assistência pra depois começar. Então eu já tinha iniciado já o meu desenvolvimento na espiritualidade, mas eu ainda não tinha feito nenhum firmamento realmente. Foi na Oca de Tupã que eu dei sequência no meu desenvolvimento e que em seguida já fiz o firmamento dos meus companheiros espirituais de trabalho. Dei início ao atendimento na Oca. Quando eu comecei na Oca, como qualquer pessoa, primeiro você camboneia pra depois começar a trabalhar realmente. Primeiro você tem o firmamento. Eu camboneei durante pouquíssimo tempo, porque logo os meus guias fizeram firmeza. Já riscaram o ponto e Seu Tuano me convidou e me colocou no trabalho de atendimento.

Então já estou lá há muitos anos. Sou muito grata à casa, muito aprendizado na casa, com os trabalhos, com a disciplina da casa. A Oca de Tupã é um lar mesmo, e foi onde realmente eu desenvolvi completamente e fiz o firmamento do meu trabalho com a espiritualidade.

Você sempre foi de umbanda? Você ainda frequenta outra instituição religiosa?

Claudinha: Então, na verdade eu fui batizada na igreja católica. Meus pais eram católicos – são até hoje, apesar de frequentarem a casa espiritual, o terreiro. Acreditam na umbanda, confiam, mas sempre foram católicos. Casaram e batizaram os filhos na igreja católica. Na umbanda não tem a



prática tão constante na espiritualidade; mas acreditam, respeitam, frequentam, tomam passe, vão na casa, já foram muito ajudados e são muito gratos à casa. Mas como eu disse, quando criança, até poder ter o discernimento de escolher, era católica. Mas aos seis anos, como já disse também, conheci um terreiro de umbanda e meu coração já se tornou de lá. Lógico que nada impede – graças a Deus a nossa umbanda não impede que nós possamos ir a outros lugares, com respeito – que eu vá a um casamento, um batizado, uma festividade. Por exemplo, os meus pais fizeram bodas de ouro e houve uma cerimônia na igreja católica. Logicamente eu fui, nada impede que eu frequente. Não vou normalmente a missas, porque não sou católica, mas se houver qualquer tipo de cerimônia e eu for convidada, eu vou com certeza. Sabe uma coisa que eu gosto? Quando eu passo, quando tenho a oportunidade de passar em alguma igreja e ela está vazia. Não em dia de missa, mas eu gosto muito de entrar e de ficar sentada ali alguns minutos, em oração. Porque todo templo, toda casa espiritual é a casa do Pai. O Pai mora em todas as moradas! Então mesmo não sendo católica, eu me sinto bem de entrar numa igreja, sentar e fazer uma oração. Infelizmente isso não é muito frequente, porque não tenho muita possibilidade... Mas é um lugar de paz, um templo de paz, é confortável... É muito bom também.

Poderia dar sugestões, para um médium da casa, de boas práticas mediúnicas no Terreiro? Práticas antes, durante e depois da gira ou dos trabalhos?

Claudinha: As práticas mediúnicas variam muito de casa para casa. E principalmente de médium pra médium. Lógico, o conceito da umbanda é um só e você tem que trabalhar naquela linhagem. Mas de casa pra casa muda o preparo, algumas práticas mudam muito. Lógico que tem algumas que são fundamentais pra toda casa e pra todo médium. Mas cada médium tem uma particularidade, e isso eu estou dizendo dentro do que eu aprendi, não só na Oca de Tupã, mas no estudo dos livros também e na prática realmente

da espiritualidade, no dia a dia do que eu como médium me sentia bem fazendo. Da orientação que tive também de colegas mais antigos na prática; orientações também na época de desenvolvimento de gira, mas algumas coisas a gente adapta, para ficar melhor pro próprio médium. É como você se sente melhor. É lógico, tem aquele médium que tem mais tempo de se preparar pra uma gira; tem aquele médium – como eu – que chega sempre correndo, porque eu trabalho muito longe. Então eu sempre chego próximo do começo já da gira, às vezes até já dando início. Você não consegue ter tanto preparo naqueles minutos antes do trabalho. Mas eu tenho um preparo antes, durante o dia.

Como eu não consigo chegar no terreiro e fazer uma meditação, uma prece mais prolongada – fora o comprimento, bater cabeça no congá é essencial, fundamental e firmar a vela, que você sente na sua intuição se é para o seu anjo de guarda ou o do guia do trabalho, e as preces já são rotineiros. Mas eu tenho algumas preparações durante o dia, que eu não sei se são iguais para todos os outros médiuns, mas é uma coisa que vai de cada pessoa.

Algumas coisas eu acho essenciais e que são colocadas mesmo como prática pra todo mundo, e que deveriam ser seguidas porque fazem muita diferença no trabalho espiritual. Durante o dia, eu costumo não comer carne vermelha no dia de trabalho – no caso da Oca de Tupã é sexta-feira. Eu procuro me alimentar de alimentos mais leves, principalmente próximo ao horário que eu vou pra Oca. Não janto antes de ir – eu sempre faço um café da tarde ou um lanche, alguma coisa para não ficar com o estômago pesado, mas isso depende muito de médium pra médium, né? Às vezes na incorporação há muito movimento, então a matéria pode se ressentir um pouco e você não ficar tão bem. Então eu procuro comer alimentos mais leves, principalmente no final da tarde. Beber muita água e procurar durante o dia ter bons pensamentos, me desligar um pouco de problemas em geral – o que é tão difícil, não é? Porque você está trabalhando durante o dia, você tem stress, fica nervoso... Em



algumas vezes não dá pra fazer isso, mas se possível, quando eu saio do trabalho a caminho de casa, eu vou fazendo minhas preces, eu vou escutando os pontos. Porque o ponto nada mais é que uma prece cantada, então eu vou o caminho todo ouvindo. Normalmente eu já fico com o fone de ouvido o dia todo; eu escuto pontos quase o dia todo, todos os dias, porque eu gosto. Eu gravo os pontos, canto, pesquiso ponto, porque eu gosto muito. Então eu já vou o caminho todo escutando ponto, fazendo prece. Sempre é mais calada... É um dia em que eu procuro me reservar um pouco mais. Algumas práticas que eu aprendi – não são regras, está bem? – e acho importante, pra mim funcionam, são estas coisas: alimentação leve; se preparar; se você tiver condições de fazer um banho no dia, um banho de firmeza, um banho de proteção... Também é muito bom acender uma vela pro seu anjo de guarda. Principalmente nos dias de trabalho isso também é muito bom, de preferência. Se possível, que a pessoa não tenha atividade sexual no dia. Porque o ato sexual envolve vibrações e uma energia mais da matéria, mais orgânica. Então é bom que a gente esteja mais sutil! Que a matéria da gente seja mais leve e um pouco mais sutil, pelo menos nesse dia! Para que haja uma melhor doação no trabalho espiritual. Então, se possível, não ter relação sexual no dia – eu até particularmente acho que não é bacana nem antes nem após o trabalho, porque depois que você também sai da gira, que você trabalhou, você continua envolvido naquela energia espiritualmente! Às vezes, eles ainda continuam trabalhando por algum motivo pra você, por você ou para alguém, então você está com aquela vibração naquilo. Então, se possível, é melhor evitar.

Não sair da gira e – no dia da gira – ir para uma balada, por exemplo. Porque você sai numa vibração e vai pra outra vibração. A gira acontece numa sexta-feira em que você teve um almoço, que você bebeu, que você foi num churrasco, sei lá. Uma pessoa que não trabalha fora, ou está de

férias, e teve uma atividade nesse dia, fez isso, fez aquilo e depois vai pra gira. Não é recomendável, não é? Não é recomendável que se beba álcool no dia, antes de ir pra gíria.

Depois que você sair, se puder, vá para casa e tome um banho. Faça sua refeição, assista televisão, faça qualquer outra coisa, uma atividade mais tranquila pra que você feche o ciclo bem. Não é? Eu também acho isso bacana. Lógico que às vezes você vai ter compromisso, mas nos dias corriqueiros, seria mais indicado que quando acabasse a gira, você fosse pro teu repouso, pra tua casa, não é? Pra que quando você dormir, as entidades possam continuar – se você precisar se orientar de alguma forma –, que o seu perispírito esteja ainda em condições de que isso aconteça. Então são práticas, acredito, que não são tão difíceis, é um dia só, acho que dá para evitar algumas coisas.

Fundamental também prece e oração. Prece e oração na semana toda. Não é só no dia de gira. Não é só na sexta-feira que é quando você veste o branco. Isso pra você como pessoa, independentemente de médium. Então oração todos os dias, nos momentos que forem possíveis, na hora que for possível – não precisa ser naquele minuto que você obrigatoriamente tem que ajoelhar no chão e fazer sua oração! Não, você pode fazer sua oração dentro do transporte; no seu horário de almoço; você pode se encontrar com Deus a qualquer momento, desde que você esteja, lógico, num cantinho onde você tenha um pouquinho mais de tranquilidade, de paz e você possa fechar seus olhos e mentalmente se encontrar com Deus. Ou até com os olhos abertos. Quantas vezes eu estou dentro do metrô? Eu estou dentro do ônibus. Estou ali quietinha no meu canto. Estou conversando com Deus em pensamento. Então a oração é o que gera aquele vínculo, aquele elo de comunhão com Deus. De proteção pra gente estar ali em contato com a espiritualidade e abrir também a possibilidade da intuição – de você receber algum tipo de orientação. Se você está nessa comunhão, através da oração, fica mais fácil de você sentir, de absorver, de perceber, de intuir. Então prece e oração têm que ser frequente:



you não precisa rezar o dia inteiro, mas você tem que ter um minuto, uns minutos do seu dia pra poder fazer isso. Pra que você se mantenha bem, é como os guias sempre me dizem, os guias que trabalham comigo, eles sempre falam: “Você não come pra alimentar a matéria? A comida alimenta a matéria? O que alimenta teu espírito? É a prece, a oração, é a tua conversa com Deus, a tua conversa com os seus guias, é a orientação, é o vínculo espiritual que você tem”. Então isso cria uma aura de proteção pra que a gente não fique suscetível também a maus pensamentos, às más energias. Não que não estejamos sujeitos a isso, porque infelizmente acontece pra todo e qualquer um, independentemente de ser médium ou não. Mas se você estiver com o pensamento bom, com a mente mais leve e mais clara, a chance de baixar a energia é bem menor. E de baixar a guarda também.

A entrevista com a Claudinha foi feita pelo aplicativo WhatsApp – enviei as perguntas por escrito e ela respondeu gravando, em áudio.

ENTREVISTA COM DONA MARIA JOSÉ (FONTE F)

Por Fausto Viana



Dona Maria José na Oca de Tupã.





Ai, ai, que coisa boa que dá conversar com uma senhorinha tão agradável como Dona Maria José. Cheia de histórias de vida, de batalhas, muitas nem sempre agradáveis... O caipira diria: “Dá uma quentura no coração!”. Dona Maria José me fez lembrar o porquê de eu gostar de entrevistar e conversar com pessoas. Como é bom saber do outro, aprender com as histórias do outro. Neste sentido, ela deu um banho nesta conversa que aconteceu lá na Oca de Tupã, que no finalzinho ainda contou com a presença do Sr. Nene e da Dona Nena, que vieram tomar uma Coca-Cola com a gente, comer um bolinho, uma bolachinha... Vem com a gente ouvir essa turma!



Dona Maria José, que bom que a gente está aqui hoje pra conversar um pouquinho. A senhora já está sabendo que nós estamos fazendo um livro que é para comemorar os quarenta e três anos da OCA.

D. Maria José: O Décio falou para mim.

E aí, na verdade, ontem aconteceu um negócio muito engraçado. A senhora sabe que eu sento sempre lá no fundão. Eu nunca vi a senhora trabalhando aqui porque eu passo sempre com o médium que está aqui na frente e nunca vou até ali porque não quero me meter no trabalho e tal. Aí ontem eu vi a senhora trabalhando ali com as ervas na mão, falei assim: “Uai gente, mas ela parece benzedeira, né?”. E essa semana uma pessoa me falou assim: “Fausto, não existem mais benzedadeiras em São Paulo”. E eu falei: “Olha, eu tenho certeza que tem benzedadeiras e benzedadeiras boas, só não sei dizer onde!” (risos). Aí ontem venho aqui e encontro a senhora, né?

D. Maria José: Desde criança eu benzo!

Desde criança? Como é que a senhora soube que trabalhava com benzimento?

D. Maria José: Porque a minha mãe levava os

meus irmãos para benzer e eu prestava atenção na oração que a benzedeira fazia.

Mas é aqui em São Paulo mesmo? Em que lugar?

D. Maria José: No interior, em Taiaçupeba, um distrito de Mogi das Cruzes... Ribeirão, Capela do Ribeirão. Eu sou daqueles lados lá. Eu vim de lá para cá assim que o meu pai faleceu, e a minha mãe não pôde acabar de nos criar. Então ela me deu para um casal de portugueses. Tinha benzedeira também, dela eu não aprendi, eu aprendi foi com as outras que a minha mãe levava.

Sua mãe que levava seus irmãos? Eu achei que ela também era benzedeira.

D. Maria José: Ela levava meus irmãos e minha mãe também era benzedeira, só que ela não demonstrava. Eu vou contar uma passagem que me aconteceu, eu fiquei bastante tempo com a benzedeira, morando com ela, uns meses. Até chegar essa senhora que queria uma menina para fazer companhia para sair com ela. Ela tinha cinco filhos e nenhuma mulher, então ela queria uma menina para ela. Eu ia fazer treze anos.

Que ano foi isso? A senhora lembra?

D. Maria José: 1954, quando mataram lá o presidente, o Getúlio Vargas. Então, e daí ficou o Ademar de Barros no lugar dele. Não sei os dois lá como é que era... Então, eu ia na escola Zalina Rolim, lá na Vila Aricanduva. Eu estudei lá do primeiro até o quarto ano. Só que eu mentia a minha idade, quando eu fui receber o diploma eu já tinha dezessete anos. Como eu sou pequena assim, eu não representava minha idade, que nem agora ninguém me dá a idade que eu tenho. Até para minha mãe que me criou, que também perguntava minha idade, eu falava catorze, catorze, catorze... eu não saía dos catorze!

A senhora não tinha um documento então?

D. Maria José: Ter tinha, quem estava com os documentos eram eles, mas ela era analfabeta também, né? Então ninguém dava a idade para mim, entendeu? Até quando meu irmão ficou internado



no hospital, precisou ficar fazendo tratamento por causa do pezinho dele e eles deram a bota para endireitar a perna dele, ele não andava direito. Aí eu fui para visitar ele no hospital e não queriam deixar eu entrar, porque eu era criança, uma menina. Aí minha mãe falou: “Não, ela tem catorze anos, ela pode entrar”. E eles: “Não tem, cadê o documento”? Nós não levamos, daí eu não sei se eu vi meu irmão, não me lembro mais, faz tanto tempo. Só sei que a pessoa que encaminhou ele, trouxe ele para casa, e assim foi levando a vida.

Mas a senhora chegou a ver ele de novo ou nunca mais?

D. Maria José: Não, meu irmão voltou porque ela pegou eu para criar e pegou meu irmão também, pegou os dois. Meu irmão naquela época, quando meu pai faleceu, acho que tinha uns três anos, quatro anos. Ele tinha problema, né? Meu pai era um senhor muito apegado, falava que ele ficava no hospital e ia morrer logo. Então, e daí ele chegou em casa, fez tratamento... e não tinha posse também para manter tudo. Meu pai foi trabalhar na Mineração em Mogi das Cruzes, o ferro passou na cintura dele e queimou tudo. O chefe deu uma camisa para ele, ele saiu da firma e foi para o interior fazer carvão porque ele era carvoeiro. Ele dependia do carvão para trazer alimento para casa. Um dia, ele abafou o fogo do forno e jogou água para esfriar o forno para ele sacar o carvão. Aí ele ficou tão suado que ele entrou no rio e coalhou o sangue. Morreu, meu pai morreu assim a morte dele.

Jovem?

D. Maria José: Ele morreu como a minha mãe. Ele era mais velho, minha mãe tinha trinta anos. Ele tinha quarenta e dois anos quando morreu. Aí a minha mãe foi fazer o serviço dele lá no mato no interior, porque a propriedade das terras era tudo do meu pai e da minha tia. Era cortar a madeira para fazer carvão que minha mãe começou a fazer. Minha mãe como viúva ela pedia ajuda. Então vinha o primo dela, o pai dela,

eles vinham, cortavam a madeira... Daí ela foi na casa da benzedeira, que a benzedeira era comadre dela. Pegou e falou assim para ela: “Olha Josefina, eu vou dar todos os teus filhos, porque você não quer que eles fiquem com o pai, né”? O pai dela era muito rígido, muito durão, era russo, aquelas pessoas duronas. Aí a comadre pegou e falou assim: “Eu vou dar os seus filhos e você vai trabalhar”. Aí nesse meio, de repente, apareceu um senhor que queria casar, ele tinha sessenta e seis anos e queria uma companheira. Aí minha mãe foi e casou com ele e teve três filhos. Desses três filhos ela criou um, uma menina. As outras duas morreram de teto [tétano]... uma doença que inflama lá e morreram os meninos dela, o menino e a menina morreram. A gente vai esquecendo até o nome... Um era Antônio do Carmo e a outra era... tinha um nome, minha mãe falava o nome dela. Era Aurora Donata. E a outra tinha um nome bonitinho, mas não lembro o nome dela.

Daqui a pouco a senhora lembra. Mas então vamos entender uma coisa: a senhora já tinha ido embora quando ela casou de novo?

D. Maria José: Já!

Já tinha vindo para cá para São Paulo mesmo?

D. Maria José: Para São Paulo mesmo.

E para que lugar de São Paulo a senhora veio?

D. Maria José: Eu com a mulher que queria uma menina para fazer companhia para ela. Morava no Aricanduva, tinha um bar e uma venda, era mais ou menos de vida, né? Então cada vez que ela ia sair eu era companheira dela.

Ela era uma boa pessoa?

D. Maria José: Era, né, até quando ela ficava brava, era durona.

Portuguesa?

D. Maria José: O marido que era português, ele veio com dezessete anos de Portugal para cá, o Seu Augusto. Ela se chamava Rosa. Então ela me pôs na escola. Fiquei até o quarto ano porque ela era



meio durona, e os filhos dela não deram para o estudo, e eu dava pro estudo. Ela me pôs no corte e costura: eu sou costureira.

O que a senhora estudou? Teve um método tipo Singer, alguma coisa assim ou não?

D. Maria José: Eu estudei também na Aricanduva, tudo ali perto.

Era uma escola de corte e costura?

D. Maria José: Era uma escola de corte e costura, eu aprendi a traçar molde e tirar modelo do figurino para passar no pano. Não tem modelo que eu veja no figurino que eu não passo para o molde.

E a senhora começou a costurar em que ano?

D. Maria José: Eu estava no terceiro ano de escola e eu tive que parar de estudar no quarto, depois eu voltei novamente pro estudo. Se foi em 1954 que eu vim, então foi em 1957 que eu fui para a escola. Lá o professor começou a ensinar roupa de bebê, primeira coisinha fácil. Aí foi fazer uma saia justa, camisa, calça, traçar cada vez o modelo mais adulto, sabe? E foi tirando o modelo de figurino, daí eu fui fazer moda também e eu tirei o diploma com ela. Aí comecei fazer costura para as amigas dela.

Ela quem que era? Professora dona da escola?

D. Maria José: A dona da escola.

Como ela se chamava? A senhora lembra?

D. Maria José: Lembro, Ernestina! O marido chamava José e a filhinha deles se chamava Inês. A Inês se formou professora e dava aula no Infante. E eu costurando, né? Entrei na Magic Corte para eu ver o que ia ser fácil para eu trabalhar, fiz o curso lá duas vezes. Eu perdi uma lição e a pessoa que passou lição para mim não passou direito, então eu quis fazer de novo para fazer direito. Eu comecei a costurar e a professora do corte e costura da Magic Corte deu uma prova para nós fazermos, cada um tinha que fazer uma saia. Então veio a inspetora da escola ver o trabalho que nós fizemos. Olha, aquela hora eu

fiquei olhando para a inspetora pegar a roupa que eu fiz para ver o que ela ia falar. Ela falava assim: “Quem é que fez essa peça?”. A professora falou: “Foi a Maria José que fez isso aqui”. “Ela pode ser professora, porque está uma casinha impecável, está maravilhosa de acabamento, de tudo”, ela me elogiou. Ai! Vou voltar um pouquinho para trás, a minha professora Ernestina queria ir em casa para falar com a minha mãe adotiva que acabou de me criar. Eu já era bem criadinha, né? Foi com doze para treze anos. Ela falou assim: “Eu vou lá na sua casa e vou falar com a dona Rosa”. Aí eu falei para dona Rosa, para minha mãe, eu chamava ela de mãe porque todo mundo pensava que eu era filha dela. E ela falou assim: “Nem vem aqui porque eu e os meus filhos não estudaram, e você não vai passar por cima dos meus filhos”. Eu fiquei quieta e comecei a costurar, cortava calça pro meu irmãozinho, fazia pijama porque os dos adultos estragam e dava para aproveitar um determinado lugar para fazer calção. Aí fazia calção para o meu irmão, fazia camisa. Eu aprendi camisa, calça... faço de tudo. Eu fiquei fazendo isso tudo, aí ela ia arrumar uma cozinheira porque eu não sou muito ligada em cozinha não, faço o básico. Mas tem um negócio que eu faço que a turma me enche a paciência para fazer, dá um pouquinho de trabalho...

Mas que prato é esse? Eu também quero experimentar um dia.

D. Maria José: Croquete de batata, dá trabalho tem que fazer a massa, o recheio, porque se faz para pastel também, né? É mais incrementado, um pouquinho. Faz a massa na mão, depois põe o recheio, depois aperta ele, ele fica redondinho e depois frita ele. Aí então, o que estava dizendo para você...

Ela quis contratar uma cozinheira?

D. Maria José: Ela queria uma cozinheira para me ensinar a cozinhar, mas a cozinheira ficou doente e ficou elas por elas, não deu tempo de aprender. Eu não sei se ela faleceu ou se ela adoeceu e ficou inválida, não sei, não fiquei sabendo o final dela. Aí



arrumei namorado, meu namorado falou que ia servir ao exército. E meu pai falou assim: “Olha, vai servir o exército primeiro, depois se ela estiver livre, tudo bem. Se ela estiver ocupada, paciência, né?”. Aí arrumei outro, o outro era gavola e gavola conta muita vantagem. Falei para o meu pai: “Olha, pai, eu não aguento mais ver ele contar vantagem, aí que vontade de torcer o pescoço dele!” Aí meu pai pegou e falou assim: “Vou lá falar com ele. Que você não pensa em casamento – eu já tinha dezenove anos – e que não tinha mais namoro com você”. Aí ele foi embora e a mãe dele falava assim com ele: “Olha, se você casar com a Maria, eu quero a Maria para morar comigo e vou mandar a minha filha se mudar da minha casa”. Porque a filha deixava todo o serviço para ela fazer, e eu limpava a casa da minha mãe de fio a pavio. Lavava roupa, passava roupa, fazia comida, sempre fazia. E a turma gostava da minha comida – já a da minha mãe que me criou, a turma reclamava da comida dela. Aí passou o tempo, ela mudou de armazém e de casa para o outro lado e eu arrumei outro namorado.

Mas que saidinha, hein?

D. Maria José: É, então arrumei outro namorado, mas aí eu já tinha idade, né? Já ia fazer vinte anos! Aí ele queria dar aliança para mim para se comprometer, ficar mais firme o namoro. E meu pai falou: “Não adianta dar esse bambolê porque se tanto ela como você tira do dedo ninguém sabe que você está comprometido, nem ela, nem você”. Aí um belo dia, o pai do meu namorado tinha montado um comerciozinho e o pessoal dele, que era a filha do guarda-livros – era uma menina danada! – ela procurava as coisas tanto na casa do meu namorado como na venda. Lá não tinha açúcar União só tinha açúcar Ester, um açúcar comum. E lá no Jorge, no comércio do pai dele, tinha o açúcar União. Aí a menininha, tão danadinha, falou assim: “Pois é, o senhor não tem, mas o Jorge tem!” Ah, mas o velho ficou furioso da vida, falou: “Está vendo? É assim que ele tenta agradar a gente? Olha o que ele aprontou”. O Jorge

não aprontou nada, ele tinha a mercadoria e vendeu, a menina que foi lá falar para ele. Ele se implicou e a velha começou a falar: “Eu vou falar com a Maria, pra desfazer desse namoro”. Aí eu falei para o Jorge, meu namorado: “A velha está implicando muito comigo e está implicando com você também. Quer saber de uma coisa? Eu vou para casa da minha mãe verdadeira”. E eu fui para a casa da minha mãe verdadeira e dei o endereço para ele.

E a senhora foi mesmo?

D. Maria José: Fui e o Jorge foi também, conhecer meu padraсто e minha mãe que ele não conhecia. Aí, depois de um ano, casamos, voltamos e fomos morar na casa da minha sogra. E eu só saí da casa da minha sogra para ir para minha casa.

Que já era aqui no Aricanduva também então?

D. Maria José: É, daí o Jorge comprou uma casa aqui na Vila Matilde.

E ele era juvenzinho, né? Vinte e poucos anos ele devia ter...

D. Maria José: Eu tinha vinte e três anos quando casei.

E ele?

D. Maria José: Ele tinha vinte e seis.

Ah, que beleza.

D. Maria José: E ela falava assim: “Se ele for, ele vai ver a sua família”, não sei o quê, não sei o quê. A minha era humilde, né? Mas na graça de Deus, tinha suas casas para viver, a minha mãe tinha casinha de aluguel, estava remediada. Aí ela falava assim: “É mais fácil um burro voar do que o Jorge faltar” (*risos*). O Jorge foi até a minha casa, nós recebíamos ele uma vez por semana.

Era namoro uma vez por semana! Aí não brigava, né?

D. Maria José: Não, não brigava.

Aí é bom demais.

D. Maria José: É, então, aí nós íamos ao cinema



... até chegar na data do casamento. Ele pagou metade da despesa e eu também paguei, porque eu estava trabalhando na fábrica, né? Trabalhando na fábrica de vela de carro, lá de Mogi dos Cruzes. Aí o chefe chegou perto de mim e falou assim: “Você vai continuar depois de casada? Vai continuar trabalhando aqui”? E eu falei: “Não, eu vou para São Paulo”. Porque ele estava aqui em São Paulo e eu estava em Mogi das Cruzes. Aí eu casei e tive meu primeiro filho.

A senhora casou na igreja católica?

D. Maria José: Casei, casei na igreja Nossa Senhora do Carmo, lá em Mogi das Cruzes, onde eu fui batizada! Fui batizada lá, foi minha vó que me batizou. E foi lá que eu casei, mas eu não sabia, fiquei sabendo quando a minha mãe foi tirar o papel de batismo. Eu não tinha o papel de batismo porque o padre queria o papel de batismo que eu tinha que ser batizada para casar. Então! E assim foi minha vida.

E a senhora teve quantos filhos?

D. Maria José: Tive quatro, criei três que um morreu de parto mal servido, nasceu com quatro quilos e cem. Eu tinha tudo para ter normal, mas fizeram fórceps, destroncaram o pescocinho dele. Então depois de dois anos eu ganhei a minha filha, e depois quando já não estava pensando mais, veio o menino. Depois de sete anos veio esse menino aí, já está casado com quarenta e sete anos, o caçula. Eu tenho sessenta e um anos de casada, é uma vida.

Maravilhoso, agora me conta uma coisa: a senhora nunca parou de benzer?

D. Maria José: Eu não benzia em casa, o meu marido falava que ou eu trabalhava ou eu benzia. Eu não falava para ninguém que eu era benzedeira. Aí eu tinha falado com uma senhora aqui e essa senhora falou para o Nene, né? Aí falou assim: “A Maria José foi cambone o tempo todo que eu estava aqui”. E eu queria saber por qual motivo eu gostava do campo espiritual: fui fazer aula, fiz

sete anos de aula.

Onde que a senhora fez aula?

D. Maria José: Eu fiz lá na Aricanduva.

E o que é? Uma escola?

D. Maria José: Escola, escola espiritual.

Olha, não sabia que tinha isso.

D. Maria José: É tem uma escola lá, agora não sei se ainda tá porque um dos cabeças faleceu, mas acho que ainda tem sim.

Mas como chamava? A senhora lembra o nome da escola?

D. Maria José: Ah, agora eu esqueci o nome. “Não sei o que de mesa branca”, ali na rua da igreja São Pedro. Na porta da igreja tem uma subidinha e lá que era a escola. Era um centro, um centro espírita. Na quinta-feira, nós trabalhávamos com o negócio do espiritismo, a mesa branca. E segunda-feira era aula de esclarecimento, para ensinar a gente como é o espiritismo e eu fiz sete anos de aula. Meu marido sempre brigava muito comigo.

E ele frequentava a igreja católica ou não?

D. Maria José: Ele não é muito religioso. O pai dele era padre, casou com a mãe dele. O avô do meu marido era padre, e meu sogro também entrou no convento só que fugiu.

O que a senhora aprendeu lá na mesa branca? E como é que a senhora chegou aqui?

D. Maria José: Eu já frequentava aqui, frequentava os dois. Aí sabe o que me aconteceu? Recebi o diploma, tudo direitinho. Aí um belo dia, foram fazer um descarrego no salão com erva, bastante erva, né?

Aqui?

D. Maria José: Não, lá no outro.

Ué, mesa branca usando erva?

D. Maria José: É para fazer limpeza. Lavava porta, cadeira, mesa, tudo com a erva, uma vez por ano



fazia essa devoção, porque o centro, antes de ser esse, era de umbanda, eles também conheciam a parte de umbanda. Mas só tocavam a mesa branca. Aí me puseram na mesa também e quando mandavam eu fechar os olhos, eu fechava, no começo. Depois eu abria e achava todas as pessoas diferentes. “Então você é vidente”, falavam para mim assim e eu queria saber por qual motivo. Depois: “Você tem o dom espiritual, então você tem que reconhecer tudo para você seguir”, e a pessoa estava ciente que eu ia ficar lá. Aí o caguete, sempre no meio tem alguém assim, e o caguete falou assim: “Ela frequenta aqui e frequenta o outro lá!”, me tiraram da mesa e fiquei definitivamente aqui no Nene.

Mas a senhora lá era médium, era vidente?

D. Maria José: Era, mas eu não praticava, só ficava vendo, assistindo. Aí eu perguntava para a pessoa e ela era bem estudada e explicou para mim que ele tinha um guia. E eu falava para o Gilberto: “Por isso que quando eu olho para você não parece você, parece um senhor”. E ele falava assim: “É o meu guia que a senhora via”, e eu fiquei quieta, né? Daí um belo dia eu cheguei aqui, né? Aí o Nene dava aula de espiritismo aqui também, depois parou porque estava sendo muito puxado. E a pessoa que dava aula para mim saiu daqui e queria me levar para o centro dele. Meus amigos daqui falavam: “Não vai, não”. Eu não quis porque ele trabalhava com guias da pesada, não gosto disso. O que a gente puder, fazer o bem para quem não vê a quem, tem que fazer para gente se sentir bem. O problema é que quando a gente faz coisa ruim para os outros volta para si também. Aí eu vim para cá, fui ser cambone, né? Eu vinha na aula e fiquei na assistência, não estava nem pensando que o Nene ia me chamar para entrar na gira. E aí eu entrei na gira e fui ser o cambone de um, de outro, de um, de outro... E quando eles diziam que queria as coisas, eu já estava dando as coisas para eles. Mas depois, como eu sou médium consciente, eu ficava aqui e quando foi em janeiro agora esse ano, sem eu esperar, eu tinha falado

para algumas pessoas que desde criança eu benzo, mas meu marido não me deixava fazer em casa, então não falava nada para ninguém, aí a pessoa era muito ligada com a Nena e falou: “A dona Maria é benzedeira por que não põe ela para benzer? Aqui não tem benzedeira”. Aí o Nene pegou e me colocou, fiquei surpresa aquele dia!

Foi esse ano isso?

D. Maria José: É, mas eu já conheço o centro há anos.

A senhora está aqui há quantos anos?

D. Maria José: Olha, o meu filho era pequenininho, acho que faz uns quarenta anos. Mas eu entrei uma temporada, fiquei afastada e fui para outro centro. Mas tudo quietinha, não falava nada sobre mim, só queria ver. Que eu sou curiosa, eu gosto de assistir primeiro.

Mas a senhora sempre ia assistir umbanda? Não era candomblé não?

D. Maria José: Sempre fui mbanda, candomblé não, nunca me atrai por isso, esse conhecimento eu não tenho. Aí eu fui lá e o meu marido sempre me intrigando, né? Eu fiz aula, aí eu falei: “Escuta Jorge, cada um de nós tem um dom, você foi seguir, você chegou atrasado, não deixaram você entrar, não quis voltar mais, tudo bem. Agora eu não, com a graça de Deus eu chego na hora certa, tô cumprindo minha parte e tudo”. O Nene falava assim: “A Maria José não perde nenhuma sessão”. É muito difícil eu faltar, só falto por motivo forte – que nem agora, que fiquei um mês afastada por causa da gripe, eu peguei uma gripe forte, muito forte. Aí o Nene falou: “Enquanto não ficar boa, não vem”. Então, eu estava nesse canto aqui quando o Nene falou: “Maria José vem aqui pra cá, você vai ser benzedeira daqui, vai benzer mais criança do que” ... Adulto eu benzo também, eu benzo de quebranto, de destrancamento, fui benzer uma mulher na casa dela de cobreiro bravo, eu nunca tinha visto aquele cobreiro que fica aquela crosta no corpo da pessoa, sabe? O Nene falou: “Você vai benzer fulano de tal assim, assim, assim” ... Por que



o Nene me aconselhou para não benzer em casa porque o Jorge, meu marido também falou: “Ou você trabalha ou você benze, porque eu conheço benzedeira que ela não tem tempo pra cuidar da casa”.

Ficar benzendo direto, né?

D. Maria José: Direto e tem outra coisa: o povo não obedece horário, porque o negócio é até seis horas da tarde e depois das seis horas não se benze mais em casa, né? Eu conheci uma senhora que ela queria paz, porque pensa que até dez horas é hora de benzer. Não! No centro é uma coisa, aqui já é outra coisa, outro ambiente.

Mas por que não pode benzer em casa depois das seis?

D. Maria José: Porque o sol entrou, quando o sol entra não se benze mais em casa.

O que é o benzimento? A senhora sabe explicar o que é?

D. Maria José: Ah, o benzimento, a gente faz oração porque aprendeu, né? E pede para Deus e Nossa Senhora que retire esse mal que está no corpo e se a pessoa tiver fé, tudo bem. Se não, só Deus mesmo que sabe.

A pessoa tem que aceitar, né?

D. Maria José: Ê, tem que ter fé, que nem Deus falou assim, quando a mulher falou: “O senhor me curou”, “Foi a sua fé que curou”. Que Deus fala isso, na Bíblia está escrito isso. O padre também fala, não falava benzer. Ele fala “dar a bênção”, ele abençoa, então não fala benzimento. Aí quando cheguei aqui, quando conheci o centro, o escritório do seu Nene era lá no fundão, a cadeira continua e era pequenininho aqui. Depois seu Nene fez mais para o fundo e pegou o terreiro todo, era estreito, ele alargou mais um pouco.

Para caber mais gente, né?

D. Maria José: Tem dias que chega bastante gente, depende do pessoal. Tem aqueles que vêm continuamente. O que eu falo é assim, gente tem

que receber pelo menos três passes em seguida.

A senhora não está falando de benzimento, está falando de passe mesmo?

D. Maria José: Sim, e o benzimento também é três vezes. Três vezes para fortalecer: o primeiro é para combater; o segundo é para acabar de tirar as coisas, o mal-olhado que a pessoa tem; e o terceiro para combater. Tem oração para tudo, né? O Padre-nosso e Ave-Maria e a gente pede para a santa da devoção da gente ajudar. Então eu mesma retiro da pessoa [*o mal*], que é para subir para não incomodar mais a pessoa, né? Para a pessoa se sentir bem, né? E assim vai levando, e a fé da pessoa a gente reconhece quando a pessoa volta.

Então a senhora trabalhou de cambone muitos anos aqui?

D. Maria José: Trabalhei, porque eu não manifestava igual as outras que fazem todos aqueles gestos, eu sempre fui natural. Aí quando chegou a vez de eu ser a benzedeira, o Nene pegou, resolveu e fiquei.

Então a senhora nunca foi médium de incorporação aqui no terreiro?

D. Maria José: Eu sou consciente, não sou aquela que fala para você uma coisa conforme o assunto. Eu não explico para a pessoa: “O que é que você quer? O que você sente?” Aí tem aquele que fala bastante, que ele tá doente, que ele não sara..., mas por que não sara? Porque tá faltando ou às vezes não faz, vai no médico e não toma o remédio direito, isso também influi. E também não pode falar palavrão porque o palavrão atrai muita coisa ruim. Então a gente aconselha a pessoa, né? Os médicos e as pessoas, cada uma tem um jeito de aconselhar, cada um tem um jeito de acalmar as pessoas. O que a gente faz de bem aqui: a gente recebe o bem e lá também, mas se foi ruim tem que ir para a escola porque tem escola lá que é o lugar certo para se doutrinar, para a pessoa compreender tudo. Eu falo isso por causa das aulas que eu recebi. A gente tem que evitar de falar palavrão.

O que mais a senhora recomenda para a pessoa



que vem aqui conversar com a senhora? Não falar palavrão, ser disciplinado...

D. Maria José: E rezar bastante, que a gente descende dos antepassados, então deve ir na igreja e não acender *[vela]* em casa, né? Deve ir na igreja que é o lugar mais apropriado, acender a vela para os antepassados que a gente descende dos antepassados. Então tem pessoas que estão precisando de luz. Depende do que a pessoa foi, porque não importa que tenha o mesmo sobrenome da gente, né? É a data que sempre tem uma pessoa má, né? Que gosta de judiar do próximo, né? Aí ela fica penando, penando até ela receber a graça de Deus para ter paz. E assim é a vida da gente, porque todos nós temos um passado na vida, né?

Qual é a oração que se eu disser assim pra senhora: “Eu preciso de uma oração boa, forte”. Qual é que a senhora recomenda?

D. Maria José: Ah, tem a oração do Creio em Deus Pai, que é uma oração forte. A Salve Rainha que também é forte, a reza que Deus deixou pra nós, o Pai-Nosso, Ave- Maria, e tem o santo de sua devoção. E você pode ainda pedir para o *[protetor]* pessoal o anjo de guarda da gente, né? Para fortalecer a gente, para ajudar a gente, né? Mas tem hora que a pessoa se sente tão acabada, sem vontade de fazer as coisas, e às vezes é inveja que a pessoa pega dos outros, que os outros têm da gente, a inveja mata pimenteira. Meu sogro sempre falava que a inveja e a maldade são as piores coisas que têm, desejar mal para os outros. Então a vida da gente continua assim, se eu não posso falar bem, o mal também não falo.

A senhora continua costurando?

D. Maria José: Continuo.

Todo tipo de peça?

D. Maria José: Toda peça.

A senhora já fez roupa de umbanda?

D. Maria José: Eu faço coisas aqui!

Pra essa turma aqui a senhora faz?

D. Maria José: É, tenho feito.

A senhora faz todo tipo saia, roupa, blusa. Camiseta que não faz, né?

D. Maria José: A camiseta ele compra feito das lojas, né? Aí manda para o carimbo.

Como é que é costurar para uma mulher comum e uma roupa de terreiro? Tem diferença?

D. Maria José: Tem diferença no modelo, né? Porque fazer uma roupa para a pessoa usar todo dia é uma coisa, e a da umbanda nós usamos só aqui.

É, mas o que eu estou dizendo é: tem uma preparação? A senhora se preocupa de ter algum cuidado na hora de executar a roupa?

D. Maria José: Não, eu estou tão prática que eu não... vou te contar uma passagem que aconteceu comigo. Fui fazer uma roupa para uma cigana e aí a mulher falou assim: “Olha eu quero assim”. Então eu peguei e falei: “Meu Deus”, só que eu não lembro a cigana que incorporava nela. Eu falei: “Meu Deus do céu, e agora, hein?” Entrava numa loja, olhava para o pano, não me conquistava. Aí sabe o que eu fiz? Pedi pra cigana dela, para orientar para mim a roupa que ficava bem nela, para ela usar no dia que ia trabalhar como cigana, né. Aí eu peguei e falei assim: “Meu Deus do céu”, mas andei, andei tudo que é loja lá no Brás, lá na Joli. E aí cheguei numa loja que eu nem esperava que ia encontrar. Cheguei lá, olhei, pus a mão: “Me dá esse aqui que eu vou fazer uma saia godê guarda-chuva”. Eu fiz ela vermelha bem largona, de guarda-chuva, que tem bastante gomo, né? E peguei, pus um recorte e daí eu preguei um enfeite e coloquei aqui e ficou da hora! Ela adorou.

A senhora foi buscar inspiração na própria entidade?

D. Maria José: É, eu fui buscar pela própria entidade. Porque eu andava e não achava, andava e não achava e falava: “Caramba, e agora?” Ah, e outra vez que foi na Maria Padilha, fui fazer de sete saias, né? Aí eu peguei e falei: “Meu Deus do céu”, fui em



tudo que é casa de umbanda. Aí eu perguntei para minha colega, minha colega emprestou a dela, mas não me simpatizei. Eu falei: “Mas nunca fiz. Ah, mas se os outros fazem, eu faço também”. Ela, de exagerada, comprou pano demais, mas não tem problema. Aí eu falei: “E agora? Como é que eu vou fazer? Ela quer o babado solto, vai um solto um em cima do outro, não é preso o babado, né?” Aí, disse: “Meu Deus do céu, como que eu vou fazer? Maria Padilha, explica para mim, me ensina!”. Aí fui na casa de umbanda, não me conquistava. Aí falei: “Você sabe de uma coisa? Eu vou pegar, cortar uma tira acima, tira acima, tira acima... Cada tira vai, aqui estreito, aqui um pouquinho mais largo, aqui mais largo... Aí eu faço a cauda”. Fiz mais comprido atrás que era aquilo. Adorou, mas tudo foram os guias que me deram as intuições.

Agora saia branca deve ser mais fácil, né?

D. Maria José: A saia branca eu faço pra ela, faço de duas Marias e tem de três Marias também.

O que são três Marias?

D. Maria José: Três Marias é uma saia. Aqui na cintura é mais de estreitinha; no quadril, aí mais embaixo, mais larguinho; aqui embaixo mais larguinho e fica a três Marias.

Então quais tem? Três Marias, duas Marias?

D. Maria José: Eu faço com três Marias e duas Marias, o nome que dá para o modelo. E tem uma só que faço um só daqui pra baixo [cintura]. E muitas pessoas são mais gordinhas e quanto mais roda faz, mais gordinha ela fica.

Aí põe aquela espécie de pala aqui assim, né?

D. Maria José: É! Uma pala. Quando fica modificando o modelo, o Nene fala: “Não faça assim não, faça do jeito que fica de modelo para todas”.

O que é aquela fita amarela que elas colocam aqui na cintura de vez em quando? Eu vejo uma fita amarela, fita verde. É de acordo com o orixá do dia?

D. Maria José: É dos guias deles, que tem de São

Sebastião e de São Jorge e nós usamos.

E aí põe na cintura uma fita amarela ou uma fita da cor do santo.

D. Maria José: É da cor que nós fazemos homenagem. Ogum é São Jorge, São Sebastião é Oxóssi. E tem Xangô que é o São Jerônimo. Mas a turma usa mais as cores de São Sebastião e de São Jorge, aqui nós comemoramos.

Das suas memórias no terreiro – quarenta anos de memórias –, quais são as coisas que a senhora lembra que foram coisas muito agradáveis?

D. Maria José: A única coisa que aqui, graças a Deus, devido ao povo que antes ficava lá fora, o Nene com o tempo foi aumentando cada vez mais, cada vez mais e agora acomoda muita gente, é difícil ficar gente pra fora. Porque ele tinha o escritório aqui, depois ele fez lá fora. Então, melhorou cem por cento, ele foi fazendo aos pouquinhos, e aos pouquinhos que ele foi fazendo e foi aumentando, alargou um pouco.

Então a senhora acha que essa foi uma experiência muito boa no terreiro.

D. Maria José: Foi crescendo, foi crescendo e nós pagamos a nossa mensalidade. No começo era razoável, quarenta reais por mês, pouco, né? Demora para dar um aumento porque tem lugar que cobra cento e vinte, pelo que eu fiquei sabendo. Então aqui não, tem gente que vem de outro centro e fala que aqui é barato. Ele fez isso para a turma ajudar a pagar a conta da água, da luz, tudo que gasta, e tem IPTU também, né?

Agora vou perguntar uma coisa pra senhora, das roupas que a senhora usa, a senhora ontem estava com aquela roupa de crochê, né?

D. Maria José: É da baiana.

Aquela roupa foi uma inspiração que a senhora teve ou a baiana falou, eu quero assim?

D. Maria José: É, eu fui na praia e passou o homem com carrinho e eu falei: “Nossa, que bonita essa blusa, né”? Aí a pessoa, mas quem usa é pessoa



do Norte, né? Então enquanto eu não comprei eu não sosseguei.

Ah a senhora comprou então, eu pensei que a senhora tinha feito.

D. Maria José: Mas eu faço também.

A senhora faz crochê também?

D. Maria José: Faço crochê também, estou para fazer para a preta velha um xale.

Vai fazer de que material? Vai fazer de lã?

D. Maria José: De lã, geralmente é de lã. E ela dá um modelo pra mim, é meio godezinho, não é um xale é que nem um poncho. Não tem manga, ele é aberto aqui e tem as franjinhas na beirada. Já comprei a lã.

Quando a senhora fala assim, “ela dá”, quer dizer o quê? A senhora sente o modelo?

D. Maria José: Sinto o modelo!

E a senhora tem outras entidades que a senhora trabalhe também ou não?

D. Maria José: Eu tenho a boiadeira, eu corro (risos) e o Nene não me deixa correr. Eu estou aqui, estou lá, estou aqui, estou lá.... a dona Maria cai se machuca aí. E daí eu falo pra ele, mais fácil cair outra pessoa no meu lugar porque eu nunca caí. Mas eu não corro, pedi para minha boiadeira, e ela não deixa eu cair e falou que ia manear.

Agora, uma última pergunta pra gente fechar, que foi muito bom conversar com a senhora. Eu quero que a senhora deixe um recado para uma pessoa que está procurando uma religião, procurando a umbanda. O recado que a senhora quiser dar minha filha, que a senhora tem idade pra poder dar o recado que quiser.

D. Maria José: Olha o recado: vá no lugar que ela se sentir bem, tanto faz na católica, no espiritismo, na evangélica. Onde ela se sentir bem e aceite a palavra. Ela tem que aceitar a palavra também, né? Então tanto na católica como no espiritismo

e tanto no evangélico, onde o coração dela pedir.

Entendi. Perfeito. Vá no lugar que o seu coração te levar, não é?

D. Maria José: É, então ela tem que ir onde o coração dela pede, porque tem hora que a gente pensa em fazer uma coisa, mas será que vai dar certo? Seu coração fala que vai dar, dá um entusiasmo, aquela vontade, vai dar certo! Mas se ela fica em dúvida, é melhor que não faça, porque ela não sabe o que quer, não está preparada para fazer aquilo. Porque não é tudo. Tem conselho que a gente dá, conselho para uma pessoa e a pessoa: “Puxa vida, eu ouvi aquelas suas palavras e tive o esclarecimento e gostei”, e tem vezes que... Ah! Um ditado velho que a turma fala: que se conselho fosse bom a gente não dava de graça, né?

Perfeito, cobrimos tudo dona Maria José, muito obrigado, viu? Desejo para a senhora mais quarenta anos de Oca de Tupã, viu? E que tudo seja muito bom e produtivo no seu caminho, tá bom?

D. Maria José: Graças a Deus! Que nem o Nene fala, se a pessoa vem aqui para o bem, tudo bem. Se você vem para pedir para fazer trabalho para os outros, aqui não tem, a mesma porta que entrou pode sair. Nós aqui procuramos fazer o bem sem ver a quem. Graças a Deus todo esse tempo que eu estou aqui eu não vi pegar, queimar, fazer isso, fazer aquilo, nunca. Na graça de Deus, aqui o trabalho é limpo, nada a ver fazer demanda para prejudicar a pessoa. A gente procura a pessoa mesmo para fazer ela melhorar, com bons pensamentos.

Muito bom, muito obrigado Dona Maria José!



EXTRA com o S. Nene e D. Nena:

Olha, Sr. Nene, cada história que eu ouvi da dona Maria José, muito boa.



Sr. Nene: Se ela falou alguma coisa contra nós, é mentira. *(risos)*

Olha, ela falou que agora no centro tem que pagar novecentos reais para falar boa noite. *(risos)*

Sr. Nene: Dona Maria é a mais “jovem” do centro. Vocês sabem que ontem ela atendeu mais de doze pessoas?

Doze? Eu só via gente chegando e eu falei: “Gente do céu”.

Sr. Nene: Vinha criança com a mãe, os dois...

Como é que o senhor teve essa ideia de pedir para ela trabalhar como benzedeira?

Sr. Nene: Porque ela tem idade, ela vai incorporar aqui e meu medo era esse, médium esbarrar nela e levar ela longe aqui.

Mas e se for o contrário? Porque ela é forte, hein? Dá cabeçada no médium aqui.

Sr. Nene: Ela é, mas sabe o que acontece? Nós sabíamos que a benzedeira já não tinha, tem uma senhora aqui que não sabe e a dona Maria a gente já conhecia e sabia que benzia, né.

Mas, Sr. Nene, qual é a importância de ter uma benzedeira no terreiro? E por quê?

Sr. Nene: É bom, porque... em caso de criança, vai. Não é legal tomar passe com um adulto, não é bom. A vibração é muito forte, né? Agora, benzedeira é bom... Até eu me benzi outro dia, é bom.

Eu ia passar ontem com ela, mas aí eu estava passando aqui com o baiano. Aí eu falei: “Vou passar com o baiano, para depois levar a bênção? Isso não vai dar certo”, eu pensei.

Sr. Nene: Dona Maria trabalha com ervas, né.

Eu conheci algumas que trabalham com óleo na água, a senhora já viu essa?

D. Maria José: Já, mas essa não me pegou.

Então, o que eu soube, não sei dizer o porquê, é que as mulheres que trabalham com esse tipo de benzimento, ficam muito doentes.

D. Maria José: Eu conheci uma senhora, ela também chama Maria, que ela chegou a falar pra mim: “Eu tiro o mal dos outros e fico com ele”. Por isso que ele me aconselhou a não benzer em casa, porque tem pessoa que pega a coisa da pessoa. E para ela retirar sozinha? Não retira.

Tem que ter uma corrente, né?

D. Maria José: Tem que ter.

Sr. Nene: Dona Maria é costureira da turma, cobra caro pra caramba.

Ela falou quinhentos e oitenta reais cada saia.

D. Maria José: Nossa Mãe de Jesus!

Sr. Nene: Eu tenho muitas camisas boas do centro, foi ela que fez.

D. Nena: É, eu comprei a malha, fiz pra ele e depois ele mandou carimbar.

A senhora tem galoneira? Ou só costura na reta mesmo?

D. Nena: Não, só costuro na reta e tenho o ziguezague.

Sr. Nene: A Nena foi overloquista, ela trabalhava em uma empresa do lado da casa que ela morava, né? Era do Mustafá Contursi, que era presidente do Palmeiras, ele é o dono da empresa lá, ele é amigo nosso lá do Brás.

O senhor me contou do Clube Apia, né? Eu achei o Diário Clube, quem frequentava... E tinha um clube de futebol bom! Muito legal, eu vi isso depois que o senhor contou.

Sr. Nene: Depois, quando fechou, derrubaram os prédios lá para construir o metrô. Aí ficou um espaço enorme lá do campo, mas não ia para frente, durou muitos anos...

Muito bom, minha gente, a gente está terminando nossa tarefa. Muito obrigado pelas conversas!

ENTREVISTA COM ROGÉRIO RETT (FONTE G)

Por Fausto Viana



Rogério e Adriana. Fonte: Facebook da Adriana.



As questões para esta entrevista com o Rogério Rett foram enviadas para ele, que respondeu usando o programa Word for Office.



Quando foi que você começou no Terreiro?

Rogério: Não recorro da data exata, mas na época eu trabalhava como médium no Terreiro de Umbanda Caboclo da Mata e Mãe Benedita do Congo. Fui solicitado/ convidado a trabalhar como médium na Oca para ajudar nas giras, quando outros médiuns estavam saindo para abrirem um novo terreiro com um filho da casa.

Em que ano começou a trabalhar na Oca?

Rogério: Não recorro a data exata, mas já se passaram muitos anos.

Por que você procurou um terreiro de umbanda pela primeira vez?

Rogério: Minha primeira experiência foi na infância, acompanhava meu avô que era médium em um centro de umbanda.

Você sempre foi de umbanda?

Rogério: Sim sempre fui de umbanda.

Você ainda frequenta outra instituição religiosa?

Rogério: Não, somente o centro onde sou médium, mas respeito e participo de outros cultos quando necessário (batizados, casamentos, etc.).

Você poderia contar um pouco mais sobre as giras de desenvolvimento mediúnico?

Rogério: As giras de desenvolvimento mediúnico são importantes porque preparam os futuros médiuns para o atendimento na corrente de trabalho. Alguns centros fazem durante a gira, outros em dias separados e geralmente são feitas pelo dirigente espiritual/material da casa.

Dirigente espiritual: Caboclo Tuano; dirigente material: Sr. Nene.



Como aconteceram as giras quando você estava em desenvolvimento?

Rogério: Eu fui desenvolvido em outro centro, lá o desenvolvimento era feito pelo chefe da casa em uma gira separada e existiam outros rituais nesse processo, como deitadas e firmamentos.

Como foi quando você propôs este trabalho de desenvolvimento na Oca?

Rogério: Referente ao trabalho de desenvolvimento na Oca, fui convidado pelo Sr. Nene para fazer este trabalho.

Quando foi?

Rogério: Não recorro a data exata.

Onde acontecia?

Rogério: Na Oca.

Como acontecia o trabalho?

Rogério: A gira de desenvolvimento é uma gira de umbanda normal, só que sem consulentes e com uma parte do tempo dedicada a passar ensinamentos e tirar dúvidas relacionadas ao tema espiritual.

Quem frequentava?

Rogério: Todos os filhos que estavam em desenvolvimento (cambones) e alguns médiuns da casa para ajudar.

Quanto tempo durava?

Rogério: Tempo de uma gira, mais ou menos umas 2 horas.

Quais as atividades desenvolvidas?

Rogério: Tirar as dúvidas dos médiuns, explicar alguns preceitos da umbanda, reforçar o entendimento das regras da casa e permitir a incorporação dos médiuns em desenvolvimento por mais tempo, aumentando sua confiança; o que não é possível fazer nas giras de sexta devido à escassez de tempo.



Qual a importância de uma gira de desenvolvimento?

Rogério:

Desenvolvimento Mediúnico.

O maior objetivo da mediunidade é a prática da caridade e não é para nos autoafirmarmos diante dos outros, mas sim para contribuir com a obra do bem e com a nossa própria evolução.

Você tem todo o direito de não desenvolver a sua mediunidade, o livre arbítrio é lei divina, há muitas outras formas de entrar em sintonia com a espiritualidade, a umbanda é apenas uma delas. Somente o amor e o desejo de servir ao Pai Maior devem te motivar a buscar o melhor caminho para sua evolução rumo à luz.

O desenvolvimento é lento e exige muita paciência, não pode ser forçado nem acelerado. Tudo acontece no momento certo e cada pessoa tem seu ritmo. Para que possa ser feito um bom atendimento mediúnico, o médium deve estar preparado e este preparo vem somente com o tempo.

Minhas principais sugestões com base no que aprendi até hoje são:

Aproveite o seu tempo como cambone e aprenda o máximo que puder, assim estará evoluindo e não perderá a oportunidade de servir e aprender diretamente com as entidades.

Conheça muito bem o terreiro antes de solicitar o seu ingresso. O desenvolvimento deve sempre acontecer no terreiro, sob a supervisão do dirigente material e espiritual, eles são a quem você deve recorrer caso tenha alguma dúvida ou esteja passando por alguma situação.

Cursos e livros ajudam, mas não substituem o acompanhamento de alguém mais experiente. O estudo é necessário, mas não ache que já sabe tudo. O conhecimento é lento e exige muita paciência, pois estamos sempre aprendendo, amadurecendo e evoluindo.

Atualmente, as incorporações são mais conscientes, há muitas dúvidas, você se perguntará se é você

ou a entidade muitas vezes. Isto é normal, é natural, com o tempo ficará mais confiante e conseguirá se libertar distinguindo o que é você e o que é a entidade.

Mantenha sempre a fé nos seus guias, deixe fluir as coisas com naturalidade, não se preocupe em descobrir quem são seus orixás de cabeça, nomes das entidades, seus pontos, isso tudo acontecerá no momento certo.

Não se impressione por aquilo que é superficial, tipo ter a melhor guia, dançar melhor, gritar mais alto, girar mais rápido. Deixe seu guia comandar respeitando as regras da casa.

O espírito não entra no corpo do médium, o transe mediúnico acontece por acoplamento dos chakras, em que a entidade envolve você com a energia dele criando uma conexão mental.

Para uma melhor incorporação devemos seguir os preceitos da casa e alguns preceitos umbandistas: 24h antes dos trabalhos, não comer carne vermelha, não fazer sexo e manter um equilíbrio emocional através dos bons pensamentos. Antes de ir para a gira fazer e tomar um banho de defesa, mantendo sempre limpas suas roupas e os objetos de trabalhos organizados.





ENTREVISTA COM EDUARDO TORRES (FONTE H)

Por Fausto Viana



Eduardo Torres.





O Eduardo Torres foi convocado para esta série de entrevistas sobre a Oca de Tupã porque descobrimos que ele talvez seja um dos frequentadores mais antigos da Oca, antes como assistência e hoje como médium da casa. Desde 1989 ele vem aparecendo por lá, e é justamente sobre isso e diversos outros assuntos que nós conversamos na entrevista a seguir.



Eduardo, você é o último entrevistado desta série. Primeiro, queria contar que você foi selecionado para falar porque, pelas contas que fizeram, você é uma das pessoas que frequentam a casa há mais tempo. Eu queria saber: quando foi que você começou a frequentar a Oca de Tupã?

Eduardo: Na verdade, eu comecei frequentar a Oca de Tupã em 1989, que foi quando a gente foi apresentado para a Oca.

Quem é “a gente”?

Eduardo: Eu e minha mãe! Eu fui parar na Oca porque a gente frequentava um centro e esse centro fechou, por conta do falecimento do seu Juca – que era Pai de Santo do terreiro. Aí uma das médiuns desse centro foi trabalhar na Oca.

Você lembra o nome dela?

Eduardo: Lembro! Dona Elza, que trabalhava com os caboclos Samambaia e o Cobra Coral.

Você chegou a frequentar outro terreiro antes desse que você falou?

Eduardo: Antes do Seu Juca? Hum, muito esporadicamente. A minha mãe sempre foi umbandista, desde... sempre! Eu cheguei a ir em alguns outros terreiros, sim, antes do Seu Juca. Mas eu não tinha metade do entendimento que eu tenho hoje do que é a umbanda, o que significa frequentar os rituais da umbanda. Para mim, o terreiro era para tomar passe e se benzer!

Como chamava a sua mãe?

Eduardo: Maria Amélia Crispino.

Ela também ia com você nos outros terreiros?

Eduardo: Sim, na verdade era eu quem ia com ela (risos). Eu era muito criança nessa época.

Ah, entendi. Mas você tinha mais irmãos. Eles iam também?

Eduardo: Na época desses terreiros, eu tinha só mais um irmão que acompanhava a gente. Quando os outros nasceram, mesmo muito pequenos, ela levava também!

Você se lembra como era para você, como criança ou adolescente, vir para um trabalho na Oca?

Eduardo: Era um dia muito gostoso! Tomar um passe, conversar com as entidades pra aprender alguma coisa. Pegar receitinhas de banho.... era muito bom!

Por quanto tempo você ficou vindo só na assistência?

Eduardo: Nossa! Acho que nos dez primeiros anos. Depois comecei a desenvolver por um tempo, mas saí novamente e fiquei só na assistência mais uns anos. E, finalmente, voltei de vez! Desta vez já tem mais de dez anos! (risos)

Quando foi que você teve vontade de participar como médium da OCA? Conta um pouco para a gente como foi – como tem sido, na verdade, né? – este processo.

Eduardo: Eu sempre tive uma mediunidade forte. Sempre me falaram que eu tinha que desenvolver, mas eu achava – e acho – que é uma responsabilidade muito grande. Quando senti que amadureci, pensei: “Agora é de vez!”. E lá estou. Esse processo na verdade é maravilhoso, porque temos um aprendizado muito bom. Aprendemos com as entidades, com os conselhos sábios, a forma de utilizar ervas, como canalizar e direcionar as energias da natureza, quando aplicá-las... Enfim, coisas de macumbeiro – que eu, como macumbeiro, adoro. (risos)



Eduardo, o que a umbanda ajuda no crescimento pessoal de alguém? Tanto do médium como da pessoa que frequenta a assistência?

Eduardo: Vamos lá, eu vou falar um pouco da umbanda como religião, como filosofia, enfim... Falo do entendimento que eu tenho de umbanda ao longo desses anos, certo? Primeiro: a umbanda é uma doutrina em que você tem que ter disciplina. Você tem que ter amor ao próximo. Você tem que praticar caridade – então isso vai levando você por caminhos em que você vai se tornando uma pessoa de bem e evoluindo. A lei básica da umbanda é essa.

Como você vê a diferença do desenvolvimento de um médium e de uma pessoa da assistência? É possível para a umbanda trabalhar com os dois ao mesmo tempo? Ou assim, o médium é a pessoa que vai vislumbrar o crescimento, a vivência espiritual e pessoal da assistência só vai lá, recebe alguma coisa e vai embora?

Eduardo: Não, na verdade isso não deveria ser assim, não é? Isso já foge um pouco da umbanda: você tem que doar o seu melhor para que o universo possa retornar o melhor pra você, e lógico. Você, como médium, é um dos soldados da umbanda e tem algumas responsabilidades maiores do que uma pessoa da assistência. O médium tem um pouco mais de conhecimento e, muitas vezes, o pessoal da assistência não tem esse conhecimento. Uma pessoa da assistência vem buscar ajuda para seus problemas, mas isso não impede que ela cresça espiritualmente também adquira conhecimento, como os médiuns. Uma pessoa da assistência pode não ter ainda um conhecimento total do trabalho com energias – mas pode vir a ter, é uma opção dela.

Como a assistência pode colaborar com o trabalho da corrente? A gente fala sempre do médium: tem que ter bons pensamentos, roupas limpas, não comer carne, etc. O que e como a assistência pode fazer também para participar do trabalho?

Eduardo: A partir do momento que a assistência vá até lá, eu acho ela pode participar da corrente

mentalizando coisas boas pra ela, para os outros, só pra ela eu acho que já tá de bom tamanho. Procurar ficar focado em energias positivas, ficar com pensamentos sempre positivos, ter muita fé porque também não adianta nada uma pessoa chegar lá sentar na assistência e “ah eu vou tomar um passe e o caboclo vai resolver todos os meus problemas”. Por isso somos uma corrente... e quanto mais pessoas emanarem energias positivas, melhor.

A atitude de uma pessoa da assistência é muito importante. O silêncio é muito importante?

Eduardo: O silêncio é uma prece.

Está até escrito em plaquinhas espalhadas pelo terreiro, não é? Mas o que o silêncio proporciona para uma pessoa que tá na assistência e o que o silêncio proporciona também no sentido de ajudar aqueles médiuns que estão trabalhando?

Eduardo: É assim... No meu entender, o que é uma gira? Uma gira é quando um grupo de pessoas encarnadas e/ou desencarnadas se reúnem num espaço para procurar trabalhar em prol da evolução do ser humano e seu espírito. Então a partir do momento em que há um círculo, estão circulando energias que as pessoas que estão nele vão usufruir. Se você está focado com a sua fé, com o seu otimismo, com as suas energias positivas, você vai aumentar a potência e o desenrolar daquele processo.

Uma das maneiras é através do silêncio? Porque o silêncio faz você potencializar a sua atenção, o seu foco no trabalho.

Eduardo: Se você ficar em silêncio, mas só pensando em besteiras ou “Ah, eu estou aqui porque eu queria que fulano perdesse o emprego para eu ficar no lugar dele”, ou “eu queria que fulano se ferrasse porque fulano me ferrou”, aí também não adianta muito.

Mas então esse silêncio é uma atitude meditativa. Uma atitude de contemplação, uma atitude doação de energia, não é?

Eduardo: É uma atitude meditativa, mas também é uma atitude de respeito para quem está ali se



doando para quem está precisando.

Eduardo, o que é necessário, na sua opinião, para ser um bom médium? Não precisa ser uma resposta muito elaborada, eu sei que é uma pergunta ampla.

Eduardo: Na minha opinião, dentro da cultura que eu tive em toda a minha história, para ser um bom médium você não precisa de... Nossa, perguntinha difícil pra mim! Porque um bom médium tem que estar sempre voltado a praticar o bem; ele tem que exercer a lei do perdão, que é uma coisa que pra mim é meio complicada – porque você não precisa perdoar as pessoas, isso é uma consequência do universo, isso não depende de você, você não é Deus pra perdoar ninguém, o que você não pode é acumular uma mágoa ou um ressentimento negativo de alguma pessoa. Então eu acho que isso já ajuda você a ser um bom médium. Do ponto de vista material, você procurar sempre estar com a sua roupa em ordem, arrumada, branca, lavadinha, limpinha e tal. Isso ok. Você cumprir com as suas responsabilidades, firmar seu anjo da guarda. Antes de entrar no terreiro, já se prepare, direcionando sua energia para o local. Quando estiver dentro do terreiro, bata cabeça, peça a proteção espiritual dos seus mentores que estão lá e tenha pensamentos positivos. Você tem que entender que, naquele momento, você está lá se doando para o próximo.

Alguma coisa em relação a alimentação, talvez?

Eduardo: Quando você vai fazer trabalhos espirituais na linha de cura, por exemplo, no dia é bom você não comer carne vermelha. Agora, em dia de gira normal, eu não acho que seja tão necessário esse tipo de coisa – mas eu, por experiência própria, já me senti muito melhor quando eu não como carne vermelha. Isso é um ponto.

Outra coisa: no dia da gira – isso eu aprendi já lá atrás, faz muito tempo – procurar evitar fazer sexo porque também interfere nas suas energias. Mas eu acho que pra você ser um bom médium há muitas outras coisas...

E ter uma atitude positiva diante da vida, né? Acho que é fundamental.

Eduardo: Acho que tem coisas que não valem só para os médiuns. Tem coisas que a gente tem que levar pra vida: ter atitudes positivas, ter confiança, ter fé naquela energia que está se comunicando com você ou que está fazendo você tomar algumas atitudes ou fazer algumas coisas. Estar atento e alerta é muito importante. Ah, e tem uma coisa que a gente tem que ter também pra ser um bom médium! E acho que é uma das principais coisas, aliás: a humildade e a simplicidade. Acho isso fundamental.

Muito bom, Eduardo, recado dado. Hoje eram só estas perguntas, mas outros temas vão aparecer e vamos conversar tanto com você como com os outros médiuns que deram entrevista para a gente. Obrigado!



ENTREVISTA COM SR. NORBERTO F. COSTABILE E FERNANDA RAMOS (FONTE I)

Por Fausto Viana



Sr. Nene, Sr. Norberto, Mota e Dona Nena.



A Fernanda Ramos.





Muita gente não gosta de regras ou disciplina. Muitos humanos querem ser atendidos à sua maneira, independentemente da participação das outras pessoas ao redor. A função de um guardião da porteira, que é como eu carinhosamente denominei a pessoa que fica na linha que separa a assistência da corrente, é bastante complexa: não é só entregar as fichas e encaminhar as pessoas para atendimento. Esta entrevista é justamente para mostrar um pouco como é o dia a dia destas pessoas na função.



Primeiro, muito obrigado por toparem fazer esta conversa! Nós vamos fazer um livro comemorativo dos 43 anos da Oca e achamos que vocês tinham que estar com a gente. Nós já fizemos uma conversa, um bate-papo com a Dona Nena, o Sr. Nene e o Décio junto. Conversamos sobre a história do terreiro e vocês são parte desta história, como guardiões da porteira! Por isso queríamos conversar com vocês dois juntos. Quando foi que vocês começaram no terreiro?

Fernanda: Nossa, 2010. A Duda era pequeninha e dormia no banco lá atrás.

Sr. Norberto: Fausto, eu não tenho bem certeza se foi 1994 ou 1995. Conheci o terreiro mais ou menos por uma coincidência.

Por que vocês procuraram um terreiro de umbanda? Foi a primeira vez?

Fernanda: Na verdade, eu já tinha ido em outros. Não foi a primeira. Aí uma amiga minha conhecia aqui e me trouxe. Vim porque eu sempre gostei. Minha mãe era espírita, né? Então eu sempre gostei da umbanda.

A sua mãe era espírita umbandista ou espírita kardecista?

Fernanda: Então, a minha mãe era kardecista, só que a minha mãe não frequentava. Minha mãe... é uma longa história. Mais ou menos parecida

com a mãe do Reinaldo também, só que a minha mãe foi diferente, ela não procurou o centro. Ela tinha uns processos e ela recebia entidade em casa, nunca frequentou o centro. Ela chegou até a vir aqui comigo algumas vezes.

Vocês sempre foram de umbanda? Vocês ainda frequentam outra instituição religiosa?

Fernanda: Eu frequentei a igreja católica. Eu só fiz batizado e primeira comunhão. Não vou mais na igreja católica.

Você quer contar um pouco mais sobre como você começou? Qual a importância desse trabalho para o terreiro?

Fernanda: Eu entrei na casa através da Isabel, né? Ela me chamou e pediu autorização pro Sr. Nene pra eu ser cambone dela. Depois ela saiu e eu fui pra porteira. Faz uns dez anos que ela saiu e agora voltou, faz pouco tempo. Ela teve que se afastar e o Sr. Nene pediu pra eu ajudar o Sr. Nonô. Fiquei ajudando por um bom tempo, depois ele acabou se afastando. Aí ficávamos eu e a Larissa, que depois se afastou também e eu permaneci lá. Estou lá até hoje. Quando eu entrei na casa eu mexia com decoração. Ia acontecer a festa de Cosme e Damião e eu fui perguntar pro Sr. Nene se ele queria ajuda na decoração. Aí eu conversei com a dona Nena, e comecei a frequentar a casa. Faz muitos anos.

E o Senhor, Seu Norberto?

Sr. Norberto: Eu trabalho com imóveis e o Serafim – eu sempre chamo de Serafa, né? Eu não chamo de Nene, eu chamo de Serafa e por coincidência nós já éramos do Brás. Não nos conhecíamos. Um dia nós pegamos um prédio, um lançamento na Vila Matilde, e nós tínhamos um colega nosso, meu e do Serafim, um tal de Jerônimo que era corretor, que eu já conhecia de outra empresa que eu trabalhava. Aí nós fomos para esse lançamento e, uma das vezes, o Agnaldo da Triunfo me disse: “Você dá uma carona para o Serafim?” e eu “Se ele me falar o caminho de ida e volta, sem problema, vem”. Que é aqui perto, mas pra vir era subida. Aí eu o trouxe umas duas



ou três vezes e o Jerônimo disse: “Você sabe que o Nene tem uma casa de umbanda?”. E eu falei: “Não”. Eu perguntei: “Pô, onde que é o terreiro?” e ele falou: “é aqui perto... você gosta, frequenta? Daí falei, frequentei há muito tempo, parei” ...

Mas era umbanda ou candomblé?

Sr. Norberto: Teve um, quando eu era pequeno, dez, doze anos, que eu acredito que era candomblé. Que só trabalhava com a esquerda. Mas eu nunca vi matança de animais nesse terreiro, mas só trabalhava com a esquerda.

Entendi.

Sr. Norberto: Aí ele falou, “pô vem conhecer” ... vim a primeira vez, a segunda e comecei a frequentar... Já era aqui na Vila Matilde. Só que o terreiro, na época que eu vinha aqui, era menos do que da assistência pra cá. Era bem pequenininho. Aí estávamos em um outro plantão na Vila Carrão e ele fala: “Você não quer pôr roupa branca”? Quero, claro, né? E a maior dificuldade na época era achar camiseta branca. Pelo menos na região, até que eu comprei uma branca e ele falou: “Essa aí serve”, e aí comecei a frequentar. Nessa época, eu ficava meio tipo cambone, desenvolvendo, quem tocava o atabaque era o Décio e o Fernando. Os dois disputavam quem cantava mais alto... *(risos)* um rapaz, chamado Agnaldo, tocava o atabaque e abria a sessão e de vez em quando cantava alguns pontos. Aí ele ficava na porteira para o pessoal entrar, só que naquela época, a gente sabia que quem chegava primeiro sentava nas cadeiras.

Ah, entendi.

Sr. Norberto: Quem chegava primeiro ia sentando na frente. Um dia o Serafim falou: “Você não quer ajudar o Agnaldo? Aí ele fica com mais tempo para tocar atabaque, cantar ponto e tal”. Eu falei que tudo bem. Aí comecei a ficar e depois fiquei sozinho na porteira... Mas aí sempre dava um pouco de confusão, porque aqui sempre o consulente teve o privilégio de escolher as entidades. Uma época eu tinha conhecido um outro centro que era por fichas.

Ah!

Sr. Norberto: Mas só que você não escolhia a entidade. Você ia chegando e, até se eu não me engano, às dezoito ou dezenove horas entregavam fichas. Depois desse horário não tinha mais fichas. Então você pegou a ficha número tal chamava-se e ia com a entidade que estava disponível. Aí o Serafim falou assim: “O pessoal aqui já está acostumado a falar com as entidades. Então vamos fazer as fichas, põe um telefone, o pessoal liga e pega a ficha da entidade que quer falar”. Isso aí sobrecarregou a dona Nena.

Entendi. Porque ficava todo mundo ligando para marcar...

Sr. Norberto: E era só ela lá! Eu e o Serafim trabalhávamos de corretagem. Então saímos daqui tipo sete e meia, oito horas, dependendo do local e voltava às dezenove, vinte horas.

Claro!

Sr. Norberto: Então era ela que ficava o dia inteiro. Então ficou coordenado assim: “Eu quero falar com a entidade do Reinaldo, o Flecheiro”. “Bom, então a sua ficha é a três”. Aí é que foi organizando melhor. E depois nós criamos também a fichas de encaixe, que não tinha. Na época, acho que eram nove pessoas por entidade...

Nossa, era bastante gente!

Sr. Norberto: Aí ficava muito tarde e reduziu para sete. Aí você já pegou essa época das sete, né?

Mas acho que agora são seis, não?

Fernanda: Agora são seis.

Por causa do horário? Por que os vizinhos reclamaram?

Sr. Norberto: É que tinha entidade que demorava. Ainda tem. Às vezes, essa entidade ficava vinte minutos e era quase meia-noite, e ainda tinha gente para atender. Aí começou a dar reclamação por causa dos atabaques. Confusão sempre teve na hora do atendimento: “Ah, que eu quero, que eu



tô acostumado”, mas não tem mais vaga. “Você ligou”? “Não, não liguei”. “Então, precisa ligar”. No começo ficava sozinho, depois eu tive duas ou três pessoas que me ajudavam, mas uma saiu. Aí a Fernanda começou a ficar comigo. E ela é muito ligeira, né?

Sr. Norberto, eu brinco dizendo que vocês são os Guardiões do Portal. Que o senhor e a Fernanda guardam um portal e que chamaram de Porteira. Eu quero aproveitar para agradecer o trabalho tão importante que vocês fazem ali. Eu queria que o senhor contasse para a gente qual a importância desse trabalho porque existe uma crença de que você só trabalha num terreiro, você só ajuda, se você tiver incorporado. Muita gente pensa isso, né? Minha pergunta é: como é que pessoas que não incorporam podem exercer tarefas no centro, já que isso é tão importante quanto um médium de incorporação?

Norberto: É como você falou... Mesmo quem não está incorporado pode ajudar de várias maneiras. Vamos supor que você está de roupa branca e aí precisa alguma coisa. Por exemplo, o Edu que é cambone do Flecheiro e precisa de um papel e um lápis....

Certo...

Sr. Norberto: Você pode arrumar um papel e uma caneta e ele não precisa largar o atendimento dele para procurar, embora seria obrigação de todos os médiuns ou pelo menos os cambones, ter uma cadernetinha com a caneta para não precisar sair procurando na hora...

Entendi.

Sr. Norberto: Mas isso aí a Fernanda já brigou, já discutiu, já falou! Não adianta... é a mesma coisa que falar para não trazer nem papel e nem caneta.

Fernanda: É que nem vela... às vezes a entidade fala assim: “Eu preciso de uma vela vermelha” ... E ela, a entidade em si não tem! Então eles vão perguntando para todos os médiuns, quem tem uma vela vermelha...

Sr. Norberto: Aí quem poderia auxiliar nessa parte? O cambone que não precisaria sair para estar procurando ...

Fernanda: Geralmente sou eu e o seu Nonô... Porque tem cambone que pede para a gente... Ah, eu preciso de uma vela vermelha”.

Se eu fosse um cambone nessa situação seria a vocês a quem eu recorreria ou alguma pessoa de boa vontade...

Sr. Norberto: Tem aqueles que não são cambones, mas estão dentro da gira e podem auxiliar dessa maneira...

Certo!

Sr. Norberto: Às vezes, uma pessoa um pouco mais forte, porque um cambone sozinho não consegue segurar a pessoa que o médium está puxando a entidade dela. Outra coisa que é um erro também, que eu e a Fernanda às vezes comentávamos... Tem a toalha. A toalha serve para quê? Amparar a pessoa.

Fernanda: Na verdade, aqui na casa eles preferem que quando uma mulher estiver incorporando, que uma mulher segure, mesmo que o cambone seja homem.

Sr. Norberto: Como tem uma outra cambone que estiver próxima, pode vir ajudar para amparar com a mão. Mas você vê que ela vai cair, não tem como, você vai fazer o quê?

Vai segurar, claro!

Neste momento da entrevista, passamos um bom tempo conversando sobre as agruras do terreiro no que se refere às dificuldades de quem vem na assistência sem ficha, por exemplo, e quer atendimento. Ou os trajes que algumas pessoas usam que impedem o atendimento da melhor maneira. Falamos sobre problemas relacionados aos médiuns e cambones – e como pode ser complexa esta relação com os donos da porteira – e discutimos muitas coisas do terreiro, que não convém deixar registrada por completo neste momento.



Olha, tenho uma pergunta para os dois... qual a história mais legal que aconteceu com vocês aqui no centro? Um caso que vocês lembrem que foi muito bacana, muito significativo.

Sr. Norberto: Olha, um caso que eu achei que foi muito bacana, mas não tem nada a ver com o trabalho dos médiuns... Na casa. Foi o casamento do Reinaldo com Lu. Foi o primeiro casamento que eu vi na casa. Foi muito bonito, uma cerimônia fantástica. Então como de passagem, que se grava, eu tenho essa daí.

Maravilha, e a senhora?

Fernanda: Ai, não sei assim de supetão... tem tanta coisa, né?

Um momento legal, bacana...

Fernanda: Para mim foi muito importante a volta da Isabel.

Agora recente? E por quê?

Fernanda – Porque a gente a conheceu aqui. Eu e a Cris passávamos com ela e a gente sentia raiva uma da outra de se conhecer porque a gente disputava a médium...

Oh, meu Deus!

Sr. Norberto: Essa aí não sabia...

Que Cris é essa?

Fernanda: A Crisinha, da editora. Então assim, a gente criou um vínculo muito grande que a gente levou pra fora... Ela é a madrinha da minha filha... A Isabel foi madrinha do meu casamento e a gente tinha um vínculo muito grande. A volta dela para mim foi muito emocionante – no dia que ela voltou, eu chorei. Foi muito forte!

Fernanda, você tem alguma coisa importante que queira dizer para nós sobre ficar na porteira?

Fernanda: Tenho. Uma coisa muito importante de falar: ali onde a gente fica, a gente pega toda a carga. Vários médiuns de dentro e de fora da casa já falaram. O primeiro contato que a assistência tem é com a gente, não com o médium. Só de

pegarem na nossa mão para entregar ficha, a gente já tem o contato com eles. A gente querendo, ou não, pega toda a carga antes dele chegar lá na própria entidade. Então é importante sempre tomar um passe na hora que começa e na hora que termina.

E tomar o passe é com quem?

Fernanda: Com qualquer entidade. A entidade que você mais se sente à vontade.

Agora, a nossa última pergunta: umbanda é um estilo de vida? Então, a gente dizer assim, “ah, eu me preparo para gira no dia”. Espera! A gente não deveria se preparar para a gira na vida? Não é? Quer dizer, não adianta, na quinta-feira eu vou lá, bebo, cheiro, transo com as pessoas e depois aqui eu venho fazer a comunicação. Na verdade, como é isso?

Eduardo: Na verdade, quando eu falo assim a coisa começa já nas primeiras horas do dia...

A gira, que você está falando?

Eduardo: Sim

Agora eu entendo.

Eduardo: Agora uma questão da filosofia umbandista, e, para mim a filosofia umbandista você tem que praticar os princípios básicos na sua vida!

No dia a dia.

Eduardo: Não é tipo “ah, no dia que eu for ter gira eu não vou matar, eu não vou roubar, eu não vou” ... Entendeu? Porque a filosofia da umbanda, os princípios da umbanda, são o quê? O amor e a caridade. Então você não vai seguir isso...

Inclusive com você mesmo.

Eduardo: Exatamente! Então você não vai praticar isso só no dia de gira...

Sr. Norberto: Hoje eu vou respeitar todo mundo, não vou falar mal de ninguém ... Aí chega no dia seguinte, sai falando mal de todo mundo, fazendo fofoca e às vezes quando sai da gira, né? Não espera nem o dia seguinte...



Eduardo: Esse meu pensamento a respeito da umbanda não está certo? Porque foi assim que eu aprendi!

Eu acho que é.

Sr. Norberto: Eu acho que o respeito ao ser humano devia ser eterno.

Claro! Não importa se é católico ou...

Sr. Norberto: Você pode não gostar de mim, nunca convivemos, mas é aquela coisa que o Santo às vezes não combina.

Ah, mas o nosso combina porque eu gosto muito do senhor!

Sr. Norberto: Mas não é por causa disso...

Que a gente precisa brigar...

Sr. Norberto: Não. Que você vai sair falando mal de mim.

É claro!

Sr. Norberto: E por quê? Não sei, porque não cruza, não vai. Se conheceram quando? Ontem! Ou faz cinco anos, mas sempre não combina. Quem que precisa ficar criticando o outro? Você não é obrigado a gostar de todo mundo e se dar bem com todo mundo.

A chave importante para viver bem é o respeito.

A “turma da porteira” recebeu a visita do Sr. Nene e do Eduardo Torres, no final da entrevista. A conversa seguiu por um bom tempo, quando agradei a todos e encerramos a conversa.



ENTREVISTA COM FAMÍLIA SODOYAMA (FONTE J)

Por Fausto Viana



Nesta festa do Dia das Crianças - Down, Cosme e Damião - A Márcia Regina é a primeira da esquerda, ao lado da mãe dela, Dona Dolores. Atrás dela, de óculos, sentado, está o Kira. A Desyrée está na foto, mas uma criança cobriu o rosto dela!



No mesmo dia em que entrevistei a Fernanda Ramos e o Sr. Norberto Costabile, logo na sequência conversei com três membros da Família Sadoyama: a Márcia Regina, a Desyrée e o Denzel Akira (Kira). A Dona Dolores aos 93 anos não veio participar da entrevista porque foi para uma... Festa! A nossa conversa incluiu a Fernanda, o Sr. Norberto, o Eduardo e o Sr. Nene, e acabou se transformando num bate-papo muito agradável sobre a participação da família no terreiro.



Em primeiro lugar, quero agradecer vocês por toparem essa conversa com a gente. Tem duas coisas que nós, em conversa com o grupo, achamos: a primeira, Márcia Regina, é que a sua mãe, a Dona Dolores, aos 93 anos, é a frequentadora hoje com a idade mais avançada do terreiro. A outra é que achamos que vocês são a família mais fofa que frequenta o terreiro!!! Já expliquei que o livro no qual estamos trabalhando é uma comemoração dos 43 anos da Oca de Tupã. Pergunta: quem chegou primeiro ao terreiro, a avó ou a netinha?

Márcia Regina: Foi todo mundo ao mesmo tempo.

Todo mundo junto? Como foi essa chegada de vocês e o que trouxe vocês para o terreiro no tempo de vocês?

Márcia Regina: Porque assim, a gente já frequentava um outro, só que a pessoa encerrou por causa da idade dela também.

Era um terreiro de umbanda?

Márcia Regina: Também, de umbanda.

Onde ficava? Só por curiosidade.

Márcia Regina: Ali na Vila Ré. Daí encerrou e a gente ficou sem ninguém. A gente procurou outros lugares, mas não se deu bem. Aí uma vizinha nossa que frequenta aqui também falou assim: “Ah, eu estou indo em tal lugar” e eu falei: “Ah,

como é que é lá?”. Aí que ela me trouxe aqui. Viemos eu, a minha mãe; a Desyrée tinha uns três anos.

Desyrée: Três, quatro anos...

Três, quatro anos de idade?

Márcia Regina: Sim! E o Kira, ele tinha um ano.

Certo! E em que ano foi isso? Vocês lembram?

Desyrée: 2001, 2002.

Vocês chegaram a frequentar alguma outra religião?

Márcia Regina: Sim, a católica.

Fizeram os ritos todos, batismo, comunhão, crisma?

Kira: Sim.

Casamento ainda não? (Risos). Márcia, sua mãe é brasileira?

Márcia Regina: Ela é brasileira.

Ela chama Dolores, é isso?

Márcia Regina: Ela chama Dolores.

Então, Márcia Regina, Desyrée e Denzel Akira, que é o Kira. Eu fiz a minha lição procurando nas redes sociais. (Risos) Eu queria saber qual a história interessante que vocês têm sobre o terreiro. Porque por exemplo, eu venho como assistência, eu vejo muita coisa interessante, mas eu sou um observador de pessoas, eu sou um observador de espaços e eu queria saber se vocês têm uma história, uma vivência de vocês de 2001 pra cá. Uma coisa que vocês vivenciaram. Não precisa ser uma coisa engraçada, mas uma coisa que teve importância para vocês.

Desyrée: Assim, eu falo por mim, né? O terreiro foi praticamente a minha segunda casa, eu vim muito pequena pra cá. Então, brinquei com muitas crianças aqui. Eu gostava de ir com as entidades, gostava de conversar com as entidades desde pequeninha, então, para mim foi realmente uma segunda casa. Eu acredito que para ele também... nossa vivência foi parecida, né?





Kira: Isso, fora da gira, o ambiente da casa que sempre desde pequeno foi muito ... Não é aquela coisa do tipo “eu estou sendo forçado”, não, eu gostava de vir, eu gostava de ver e uma coisa que quando a gente é criança, a gente passa sempre acompanhado do adulto.

Claro.

Kira: E desde quando eu comecei, como eu vim muito pequeno, quando eu fui crescendo, ao longo da idade, eu não via a hora de entrar lá sozinho. Eu queria conversar. Eu tive essa vontade dentro de mim. E aí quando eu comecei a entrar, daí eu já tinha tipo uns dez, onze anos ... Comecei a ir, a conversar e eu sempre me senti muito à vontade. Nunca foi uma coisa obrigada, uma pressão. Porque hoje em dia, no mundo que a gente vive, tem muita pressão para os filhos, né? E os meus pais nunca me obrigaram a nada, até hoje!

Desyrée: A vida inteira, né?

Kira: É diferente! Aí eu sempre me senti muito à vontade e até hoje eu falo que o Seu Nene e a Dona Nena são meu segundo avô, minha segunda avó. Aí eu falo: é muito bom! Foi bem acolhedor. Então assim, de história que eu tenho na casa é a minha vida inteira.

A vida inteira!

Kira: Eu cresci aqui desde o meu primeiro ano eu estou aqui até hoje.

E vocês acabam tendo contato com muitas pessoas que continuam vindo também, né?

Desyrée: Sim!

Kira: Sim, sim!

Fernanda: Foi o primeiro bolo que ele fez! Eu lembro. Ele fez para Cosme e Damião.

Primeiro bolo foi de Cosme e Damião!

Fernanda: Eu lembro quando ele fez o primeiro, faz uns quatro anos, né?

Kira: Isso, faz uns quatro anos.

E a Márcia? Uma história bacana, você tem uma lembrança interessante, alguma coisa do terreiro?

Márcia Regina: O que eu sempre gostei aqui são os batizados.

Ah!

Márcia Regina: Porque eu acho interessante as crianças começarem também a subir esse degrau, né? Então é um fato aqui que eu sempre achei muito lindo.

Que legal, nunca vi um batizado aqui.

Márcia Regina: Não?

Eduardo: Não?

Não. Nunca vi.

Márcia Regina: É a coisa mais linda.

Pois é, nunca vi. E não estou com vergonha não, gente. Todo mundo me olhou com cara de este homem é um monstro. (risos)

Márcia Regina: Nem do neto do Décio?

Então, eu não vi!

Eduardo: Você não estava aqui?

Não.

Márcia Regina: Ah é, não estava mesmo!

Mas eu vou me redimir, tá? Sua mãe ainda relata gostar de vir, Márcia? Ela conta do prazer de vir aqui no terreiro?

Márcia Regina: Ela gosta!

Fernanda: Ela fica ansiosa.

Márcia Regina: Ela fica!

Desyrée: Ela fica.

Eduardo: Pergunta para ela, o dia em que ela estiver aqui! Porque gente, aquela mulher é demais!

Márcia Regina: E ela quer vir. A fé dela, nossa!!!



Eduardo: Ela chega, ela vai cumprimentar a entidade, ela cumprimenta tão bonitinha. Você sente tanto amor naquilo que ela está fazendo. Você sente vontade de pegar ela e abraçar!

Fernanda: Ela é linda.

Olha, vocês mais ou menos já responderam, mas o que é o mais gostoso de frequentar o terreiro? Vocês mais ou menos já deram uma resposta...

Desyrée: Eu acho que é experiência, né? De vir aqui e é o que o Edu falou, a gente acaba levando isso para a vida. Os princípios da umbanda a gente leva para a vida e particularmente por ter já vivido a religião católica também, eu sinto uma ligação muito mais forte com a umbanda. O meu interesse também é muito maior. Não estou desrespeitando a Igreja Católica. Eu gosto de vir aqui, na sexta-feira, de poder conversar, sem pudores mesmo, sabe?

Kira: Olha, pra jovem é difícil, né? Porque jovem, é sexta-feira! E é de noite, ainda.

Desyrée: Então, mas eu sou uma jovem não convencional.

Mas quando você diz que é uma jovem não convencional que frequenta a umbanda, o que você quer dizer com isso?

Desyrée: Ah não, é porque eu sou uma pessoa mais caseira. Eu sou uma pessoa de ficar em casa, então eu não sou muito de sair. Eu não tenho muitos amigos, então...

Tem um terreiro inteiro de amigos!

Desyrée: Não, o que eu digo é de amigos lá fora, né?

Sim, sim. Entendi.

Desyrée: Até o Kira vive brincando que eu não saio de casa. Mas é porque eu não gosto mesmo de sair. Eu sou uma pessoa mais caseira mesmo.

Entendi.

Kira: Eu já sou bem mais diferente! Eu gosto bastante de sair com meus amigos, e inclusive

todos eles já sabem, sexta-feira de noite é reservado, não existe.

Entendi.

Kira: Não existe. Então não existe.

Desyrée: Trouxemos amigos dele aqui.

Kira: É, bastante amigos meus também já vieram.

Desyrée: Lá do centro da cidade, lá do outro lado.

Kira: Tem um amigo meu que já frequentava bastante, ele parou um tempo. Aí ele queria voltar e ele vive lá na minha casa. Uma vez ele ia ficar na sexta-feira, ia ficar o final de semana, eu falei: “Vamos lá”? Aí ele falou: “Ah, pode ser”. Ele até falou assim: “Ah, um dia que você estiver mais tranquilo, eu posso ir lá com você”, e eu falei: “Pode! A casa é nossa”.

Que legal.

Kira: E aí ele veio e falou: “Nossa, é muito bom”, “Nossa, é completamente muito familiar”. Então, eu falei assim: “Tem pessoas que vêm de fora” ... Um tempo atrás eu tive um relacionamento. Não foi muito bom, mas ela chegou a frequentar, gostou de vir, ela falou: “Nossa, é muito bom, é diferente”. Ela nunca tinha ido em um centro. E é bom porque mostra para as pessoas a imagem do que é realmente a umbanda, né? Porque hoje em dia as pessoas têm...

Desyrée: Uma imagem muito deturpada...

Kira: A umbanda, o espiritismo, é bem deturpado... Aí a pessoa vem aqui e vê que é completamente diferente e fica encantada! Porque eu mesmo que venho aqui ano após ano, continuo encantado com a mesma coisa. A gente já sabe como é que é, mas a gente vem e se surpreende. Acho que vir é uma experiência muito boa! Além de conhecer já a entidade que você já tem afinidade, dá para conhecer uma nova, criar um laço novo com ela. É uma experiência muito única e muito boa.

Entendi.

Kira: Eu mesmo falo que, em casa, eu sou o que mais se prende com a entidade! Porque assim, eu



venho, aí eu começo a passar com alguém, começo a conversar, começo a pegar aquela afinidade. Aí, às vezes, acontece do médium não conseguir vir, aí ele dá uma pausa, como aconteceu com a Isabel...

Vocês passavam com a Isabel?

Fernanda: Vocês não sofreram quando ela saiu?

Kira: Sim! Eu fui o primeiro que passou com a Isabel. Daí eu a conheci e passamos bastante tempo. Quando ela avisou que ia dar uma pausa, a gente falou: “Ahhhhh”. Porque assim, a minha mãe ela sempre passou com o Flecheiro, então ela sempre esteve mais...

Fernanda: Ela sempre se conformou mais...

Kira: Mas também antes da Isabel, eu passava com uma senhora loira de cabelo curto, da qual não me lembro, ela teve que sair. Fiquei sofrendo! *(risos)* Aí depois eu conheci a da Isabel. E aí eu peguei afinidade e quando ela parou fiquei sofrendo...

Fernanda: E quando ela voltou, você também não ficou feliz?

Kira: Sim! E depois dela foi o Cobra Coral.

Desyrée: Que daí ela também teve que se afastar um pouco...

Kira: Aí foi até no final do ano passado, né? Foi no ano passado que ela fez a cirurgia no olho?

Fernanda: Foi.

Kira: Aí eu falei: “Não vai embora”, porque eu sempre brinco que eu fico assim, todo mundo quando eu começo a pegar aquele apreço, a pessoa sai.

Desyrée: Ele expulsa as entidades. Eu brinco com ele.

Márcia e você? O que foi mais gostoso de frequentar o terreiro? O Kira já contou e a Desyrée também.

Márcia Regina: São tantas coisas que agora assim...

Você já contou um pouco disso, né? O prazer de vir, de estar convivendo com as pessoas. Então, a gente podia resumir assim! Eu tenho uma última pergunta: porque a gente vem ao terreiro? A gente faz consulta, a gente fala com o médium, a gente pede... A gente aprende o quê? O que é que vocês mais aprenderam vindo no centro até hoje?

Márcia Regina: Para mim, o mais foi o meu equilíbrio.

Equilíbrio? Como ter equilíbrio?

Márcia Regina: Sim.

Desyrée: Ah, essa aqui precisa... *(Risos)*

Kira: Aprender a ter o equilíbrio, realmente Mudou muita coisa.

Desyrée: Ele também, é a mesma coisa!

Isso para você também? Você acha que é ter equilíbrio?

Kira: Sim.

E como é que você tem exercitado isso? Como você está tentando chegar nisso? Usando as instruções das entidades? O quê?

Kira: É porque como eu sou muito novo, a gente se adapta mais fácil. Acredito que para a minha mãe é mais difícil se adaptar, porque já tem uma carreira de vida... Para mim, que sou mais novo, é mais fácil de adaptar. Eu, quando era mais novo, sempre fui muito: “Por que é que não é certo”? e eu vejo que está errado e falo: “Poxa, por que é que não faz o negócio direito”?

Desyrée: Ele é o tipo de pessoa que alguém dá um tapa na cara dele, ele vai lá e devolve o soco. Porque ele sempre foi muito reativo, mais do que eu. A minha mãe também. Por isso que eu falo que os dois precisam de equilíbrio. Porque eles são muito mais reativos do que eu, e aqui na casa eles conseguiram esse equilíbrio.

Márcia Regina: É porque, assim: eu não entendia o porquê de as pessoas estarem vendo que estão fazendo as coisas erradas e continuarem. Você fala



e a pessoa continua. Então eu não admitia!

Entendi.

Márcia Regina: Eu achava assim: se eu estou certa, você tem que estar certo também.

Entendi.

Márcia Regina: Eu queria cobrar uma coisa das pessoas, mas não é bem assim, né? A vida não é assim. E foi o que as entidades fizeram com que eu aprendesse: a respeitar também aquela pessoa, porque ela pode não estar no mesmo nível que o meu...

Kira: Aprender que a gente tem níveis de evolução pessoal diferentes.

Eduardo: É respeitar a diferença do outro, né? Seja ela melhor ou pior.

Márcia Regina: Exato. Porque assim, o que eu posso aprender mais rápido, o outro pode demorar um pouco e também não vamos chegar tudo igual. Só que demora e é isso que eu não tinha esse controle.

Tá. E você, Desyrée?

Desyrée: Eu. Eu acho que é uma coisa que eu estou ainda trabalhando agora. E acho que agora mais ainda, porque saiu do âmbito daqui da casa e se tornou parte da minha vida mesmo. É me aceitar! Porque eu sempre me doei muito para os outros.

Sei.

Desyrée: Eu sou muito daquelas... ah, eu faço tudo por alguém, eu entro no trabalho, eu fico horas naquele trabalho. Eu vou fazer atividade para algum trabalho, alguma atividade para alguém, eu faço o da pessoa e não faço o meu. Eu me doo demais para os outros. E uma coisa que eu estou aprendendo aqui agora é me aceitar. Olhar para dentro de mim e pensar: “Eu também preciso disso”. Então por que eu vou fazer tanto pelos outros e não fazer por mim? Então, é uma coisa que eu estou ainda trabalhando é uma coisa

demorada, é uma coisa lenta, mas que está indo.

Eduardo: Tenha fé!

Muito bom! Quero perguntar para todo mundo que participou, se vocês querem colocar mais alguma coisa, se lembraram mais alguma coisa que estão com vontade de falar? Aproveita!

Eduardo: Fausto, posso falar uma coisa?

Pode!

Eduardo: Eu acho que o que faz com que os jovens sintam vontade de vir aqui, de estar aqui, é o acolhimento. Porque aqui é um lugar muito acolhedor. Independente do abraço da dona Nena – e o abraço da dona Nena é a coisa mais gostosa que tem nesse mundo – a gente se sente acolhido aqui, mesmo quando lá atrás o seu Norberto me dava bronca. A gente fazia alguma coisa que a gente não podia fazer, mas o lugar acolhe a gente. Ele não critica e não condena. E eu acho que isso é muito importante principalmente quando as pessoas estão em formação.

Fernanda: Todo mundo que eu conheço que vem na casa e fala: “Nossa, essa casa tem uma energia gostosa, é diferente de tudo que eu já fui”.

Sr. Norberto: O Edu falou alguma coisa agora pouco, que eu e a Fernanda nós sempre sofremos na porteira. Principalmente quando ficava mais sozinho, que às vezes você precisa ser até talvez mal-educado... e eu sei que o pessoal acaba a gira e eles iam reclamar com a dona Nena...

Fernanda: De mim, eu acho que quando eles ligam para pegar a ficha na segunda, dizem “nossa aquela menina é muito chata”.

Gente, olha, vou encerrar, então. Eu quero agradecer a todo mundo pela paciência. Hoje é sábado, eu sei, mas obrigado porque nosso prazo é curtinho. Agora, vamos comer bolo, tomar café e ser felizes, não é? Porque isso é superimportante.



Eduardo Torres na
porta lateral do
terreiro.



DEPOIMENTOS

DEPOIMENTO DE CARINA MARON CRISPINO

Há 1 ano e 3 meses fui à Oca pela primeira vez. Por minha sorte, era a festa dos Pretos Velhos. Confesso que fiquei um pouco tensa, por nunca ter pisado em um terreiro na vida. Chegando lá, já pude sentir um alívio: eu e minha família fomos bem recebidos. Meu cunhado, Eduardo, é um filho da casa há anos e minha querida sogra também foi filha da casa, e sempre falou muito bem.

O Sr. Nene e a Dona Nena nos receberam de braços abertos e, de lá para cá, não deixámos de ir a uma gira sequer. E posso dizer, com toda a certeza, que minha vida melhorou muito, mesmo às vezes levando bronca da entidade ou elogio, mas isso é um aprendizado. Agradeço muito ao caboclo Ubiratã, pois cheguei com muitos problemas físicos e espirituais, e sou grata até hoje. Meu filho e meu esposo, João, que é filho da casa hoje, com muito orgulho, estavam com problemas e graças ao nosso Pai Oxalá, Ubiratã e todas as entidades, fomos bem beneficiados.

Hoje sou muito feliz por ter saído da assistência para ser cambone, ser uma filha da casa, que tem todo o meu carinho e respeito, onde estou aprendendo a cada gira.

Só tenho a agradecer ao Pai da Casa, Sr. Nene, e à Mãe da Casa, Dona Nena, por ser filha da Oca de Tupã. Agradecer à cabocla Janaína pelo aprendizado de cada gira.

Fica aqui meu respeito e amor a todas as entidades e meu agradecimento ao Seu Tuano por ser filha da casa.

Obrigada.

DEPOIMENTO DE CLAUDINHA

Uma vez houve uma gira de caboclos em que eu estava trabalhando com a cabocla que trabalha comigo, a cabocla Nanci das Águas, né? Teve a gira, teve todo o trabalho, o atendimento dos consulentes, tudo. Eu sou uma médium que não fica completamente inconsciente. Então, assim, eu já tive orientação deles que, para o que é necessário, eles me deixam consciente, e o que não é necessário ou que não vai acrescentar em nada pra mim, só vai ser para o consulente, então não há necessidade de que eu me lembre. Então algumas coisas eu lembro e algumas coisas eu não lembro, né?

Nesse dia eu lembro de uma parte. Mas aconteceu e teve uma testemunha que foi a Fernanda, nossa amiga lá da gira também. Depois ela me contou com mais detalhes - então eu me lembro de uma parte, uma coisa assim que eu achei que foi muito bonita. Foi uma das coisas muito bonitas que eu fiquei sabendo, que eu vi, que eu presenciei do plano espiritual.

Já estava quase terminando a gira quando a cabocla pediu pra Dona Nena três flores brancas das que estavam no altar e, lógico, prontamente, a Dona Nena deu as três flores brancas para a cabocla. Ela pegou as flores e foi até a porta ali da assistência, ao lado de onde a Fernanda fica, ali na distribuição das fichas. Na primeira fileira, logo atrás de onde a Fernanda fica, tinha duas cadeiras vazias,

E aí a cabocla olhou para um dos bancos vazios e conversou espiritualmente com um espírito que obviamente estava ali. Então nós não conseguíamos ver - só ela que estava vendo e, logicamente, o espírito vendo-a.



Ela conversou com esse espírito e pegou as três flores e falou pra Fernanda, já que ela estava mais próxima do banco, para ela colocar em cima daquele banco. E a Fernanda colocou as três flores ali. Olhou, sem entender muito, mas percebeu que a cabocla estava falando com algum espírito. Tinha uma moça do lado, até olhou meio assustada.

A Fernanda colocou as flores, olhou para a Cabocla; as flores ficaram em cima do banco. Ela olhou para a cabocla, a cabocla olhou para as flores e sorriu. Quando a cabocla olhou e sorriu, a Fernanda olhou e as flores se mexeram sozinhas. Em cima da cadeira. Ou seja, aquele espírito estava recebendo as flores que ela deu para ele.

Então não sabemos se é um espírito que estava ali participando da palestra - digo, dos trabalhos - porque os espíritos também vêm para visitar a casa; outros para participar; outros também pra receber ajuda. Nós não sabemos qual que era esse caso. Eu sei que ela foi até lá o banco, tinha esse espírito lá, ela conversou alguma coisa com esse espírito, entregou as flores e a Fernanda colocou as flores intactas ali em cima da cadeira.

A Fernanda e a moça que estava de lado obviamente se assustaram um pouco. Então era nítido e era claro que o espírito recebeu ali as flores.

A cabocla falou pra Fernanda que quando acabasse a gira, logicamente, o espírito ia levar a parte espiritual dessas flores. A parte material das flores ia ficar ali: que fossem retiradas e colocadas novamente lá dentro do congá.

A cabocla voltou para o lugar onde ela fica. Quando acabaram os trabalhos, a Fernanda veio e me falou: “Eu fui lá, peguei as flores, deposei no altar”. Eu falei: “Não importa qual a intenção, ele já levou as flores - aqui fica só a parte material. Vai ficar aqui no congá”.

Quando acabou, a Fernanda veio falar pra mim - foi muito engraçado - ela falou: “Claudinha, a moça que estava do lado ficou meio assustada, né”? Porque assim, você está numa casa espírita,

você sabe que tem espíritos, obviamente. Mas até para nós, médiuns, conversar com o espírito dentro do terreiro é uma coisa, né? Fora dali não é normal para o ser humano, né? Ter medo, ter algum tipo de reação e se assustar pelo menos.

A Fernanda disse que também tomou um susto de leve por ver as flores se mexerem sozinha na cadeira. Esse é só um depoimento de que a gente não precisa necessariamente de provas de que o plano espiritual existe.

Esse depoimento segue no intuito de dizer que tanto as pessoas encarnadas, materialmente, vão lá pedir ajuda, participar ou só agradecer, assistir um trabalho, receber um axé, uma energia; quanto também os desencarnados frequentam a casa, a assistência, os trabalhos. Eles são levados espiritualmente por diversos motivos na Casa de Caridade também.

É o depoimento de uma noite que foi muito bonita, um acontecimento lindo: a interação entre a casa e esse espírito que sentiu gratidão ao receber flores.

É bom saber o quanto a Oca de Tupã, juntamente com o trabalho de todos os amigos espirituais, ajuda as pessoas, acalenta as pessoas, cura as suas almas, as suas dores - morais e físicas. O quanto isso é importante. Ter fé.

Então, para aqueles que não creem, ver uma coisa dessas é bom pra acreditar - pra gente que acredita, a gente sabe que é comum, que isso pode acontecer sim.

O depoimento mostra como a casa é importante tanto para nós encarnados como para os desencarnados também. Fica esse relato lindo sobre a Oca para o nosso livro.



DEPOIMENTO DE DÉCIO HERNANDO

Eu teria muitos depoimentos para fazer! Claro, porque, afinal de contas, eu estou no terreiro desde que começou. Eu tenho uma participação no início do terreiro que é bem interessante: a compra das imagens, o primeiro atabaque, aquela coisa toda... Mas isso tudo já está em entrevista (Nota: ler FONTE A).

Eu me lembrei de uma passagem que também modificou a minha vida. Antes de conhecer a Lucimara, eu namorei uma moça. Fui noivo de uma moça durante um tempo: foram quase três anos. A moça era evangélica de uma Igreja e eu, umbandista. Até então, sem problema nenhum. Eu não ligava, ela também teoricamente não ligava para isso, apesar da gente saber que no futuro poderia haver um conflito.

Chegou uma determinada época do nosso namoro que a coisa começou a ficar um pouco mais séria, justamente por causa do tempo em que estávamos junto. Nós já estávamos noivos, tínhamos trocado alianças e tudo - eu tinha inclusive móveis comprados. Passava os finais de semana na casa dela, dormia lá.

Numa sexta-feira tinha gira normal. Foi uma gira de baiano: eu estava participando como há quarenta e três anos eu faço. O baiano (não me recordo o nome dele agora) - uma entidade do meu primo Serginho, que recebia o Sete Pedreiras -, ele me chamou, pegou um pedaço de coco que estava comendo e me deu, dizendo: "Olha, não é para você comer esse coco. Esse coco você vai levar lá no seu rabo de saia (nota: a namorada). Quando você for entrar na casa dela, tem um negócio de planta do lado não tem"? Eu falei: "Tem realmente um vaso de planta bem do ladinho, assim, na porta de entrada. Aí ele falou para mim: "Você pega esse pedaço de coco e joga nessa planta antes de entrar na casa dela, porque você vai precisar da gente".

Tudo bem, mas não imaginei o que fosse. Fiz, como sempre procurei fazer tudo que as entidades me pedem. Coloquei lá no vaso da porta

de entrada e entrei na casa da minha ex-noiva. Chegando, lá estava a igreja inteira na casa dela: todo mundo. Eles me conheciam, porque eu ia na igreja com ela, eu a levava às vezes, ficava, assistia o culto... Para mim era normal, não tinha problema nenhum.

Eles me conheciam e quando eu entrei, eles falaram: "Oh, Irmão Décio!" - eles me chamavam de "irmão" - "Tudo bom"? "Tudo bem", eu disse. Estava todo mundo, inclusive o pastor da igreja dela. Ficamos conversando, bate-papo daqui, dali, tinha mais ou menos umas oito pessoas da igreja. Chegou uma determinada hora, o pastor da igreja dela falou para mim: "Irmão, nós estamos aqui pra conversar com você". Na hora já lembrei do coco. "Pois não", eu disse. "Então, é que nós estávamos conversando que ontem" - ou seja, foi na sexta-feira - "Ontem foi revelado lá na igreja: Deus revelou pra gente que vocês vão se casar! Você e a Maria (Nota: nome trocado) vão casar e Deus revelou que você precisaria aceitar Jesus para poder se casar com a filha".

Eu, de bate pronto, falei para ele: "Mas eu já aceitei Jesus desde que me conheço como gente. Eu tenho Jesus como meu salvador". Ele falou assim: "Não, mas o senhor não está entendendo". Eu estava entendendo sim o que ele estava falando. Mas ele falou para mim: "O senhor precisa se converter, o senhor precisa se batizar". "Eu sou batizado", falei para ele: "Eu fui batizado na Igreja Católica". Ele disse: "Resumindo, o senhor precisa virar evangélico"!

Eu olhei para minha noiva na época e falei: 'E aí, Maria? A gente namora há tanto tempo, você sabe que eu sou umbandista e nunca houve problema nenhum. Por que essa história agora?' "Não, é que foi revelado ontem na Igreja" - ela me respondeu. Eles tinham certeza eu ia virar evangélico para poder me casar com ela.

Eu me levantei, porque me deu aqueles cinco minutos, porque eu sou meio louco mesmo, olhei para todos, mas olhando diretamente pra ela



falei as seguintes palavras: “Maria, eu estou indo pra minha casa. De hoje em diante, você só me procure no dia em que você virar umbandista. Caso contrário, você não me procure mais”. Eu dei as costas e nunca mais vi essa moça. Ela não me procurou, eu não a procurei e graças a Deus.

Porque eu estou falando “Graças a Deus”?

Porque iria ter um conflito futuramente com toda certeza. Mas Deus foi camarada comigo. Deus, os orixás, os guias... Passou o tempo, tive outras namoradas e numa reunião de amigos eu conheci a Lucimara, hoje minha esposa, e começamos a conversar, flertar e namorar.

Como a gente percebe quando o negócio é sério, quando vale o esforço - e o meu coração não costuma me enganar, o que eu fiz? Levei a Lucimara para os meus pais conhecerem e tudo. Mas aí lembrei daquela passagem que eu tive com a moça evangélica. Pensei: “Quer saber de uma coisa? Eu vou resolver esse problema é agora”!

Eu peguei a Lucimara e levei lá embaixo no terreiro. Falei que queria mostrar uma coisa: “Eu sou umbandista”. Levei ela lá embaixo, mostrei o terreiro para ela. Pensem no alívio, meu e dela? Porque ela também estava com o mesmo problema! Ela estava receosa de falar que era umbandista porque não sabia como eu ia aceitar.

Mas Deus é bom! Ele colocou a gente do nada na vida um do outro... Dois umbandistas e hoje estamos juntos no mesmo terreiro.

E ela?

Ela é **maravilhosa**.

DEPOIMENTO DE EDUARDO TORRES

Muita gente sabe que eu frequento a Oca há trinta e tantos anos; que eu fui parar na Oca através de uma conhecida nossa, a dona Elza, que trabalhava no terreiro do Seu Juca e – depois do falecimento do seu Juca – ela foi para a Oca. Foi ela que nos levou para lá.

Houve um período em que nós participamos do desenvolvimento da Oca, bem lá atrás. Aí depois, por “n” motivos, nós acabamos ficando só os frequentadores da Oca.

Mas o que eu queria relembrar é uma passagem que nós tivemos na Oca que para mim foi uma das maiores provas de fé – e de mediunidade. Um dia nós estávamos na Oca: fomos para tomar nossos passes e eu passei com uma entidade. Minha mãe passou com a entidade dela - eu não lembro se na época ainda era o Sete Pedreiras. Minha mãe passava muito com ele.

Até aí, tudo bem. Tomamos nosso passe e nos sentamos na assistência - tudo bem, tudo ótimo. Na hora em que nós levantamos pra poder ir embora, o Seu Tuano pediu pra Dona Nena chamar a minha mãe. A Dona Nena foi lá, chamou minha mãe e ela foi lá falar com o Seu Tuano.

O Seu Tuano deu para ela uma pedra, um cristal marrom, meio bruto, um cristalzinho meio marrom. Ele deu para minha mãe e falou pra ela: “Filha, você vai passar por uma situação muito difícil. Tenha esta pedra sempre com você: nós estamos juntos com você. Quando você precisar, você aperta muito firme a sua pedra e a gente vai estar junto. E a situação é uma daquelas muito complicadas: vai ter polícia, vai ter cartola, vai ter um monte de gente”!

Isso eu me recordo com muita exatidão: foi no dia 19 de maio de 2006. “Ah, nossa, mas você sabe assim exatamente o dia deste acontecimento”?

Sei. E sei exatamente por que era uma sexta-feira – e no dia 20 de maio desse mesmo ano, o meu irmão foi assassinado. Quando nós vimos, nós



estávamos numa situação em que havia polícia, médico... Foi uma situação muito constrangedora e a minha mãe nunca mais abandonou essa pedra, que a acompanhou até o final da vida dela.

Eu queria deixar esta história não como uma coisa do tipo “Ah, nossa, que coisa ruim!” – não. Essa foi para mim a maior prova de que o mundo espiritual existe, de que a nossa ligação com a Oca existe e é muito forte e que o Sr. Tuano é o nosso mentor espiritual.

Era isso que eu queria deixar registrado.

DEPOIMENTO DE JOÃO PAULO CRISPINO

Conheci a Oca quando ainda era uma criança muito pequena... Ia com a minha mãe, não entendia nada e ficava com medo do barulho, das roupas, da fumaça..., mas me lembro bem que eu gostava muito das festas de Cosme e Damião: muitos doces, muitas pessoas na casa - mas também na rua, que era fechada para a Festa.

Minha mãe (frequentadora e depois médium da casa) nos levava para tomarmos passe e ela sempre teve muita fé e nos ensinava como nos comportarmos no local. É disso que me lembro. Hoje, uns 30 anos depois, retornei a casa com o incentivo e apoio do meu irmão mais velho (me rerepresentando à Oca), que nunca desistiu.

Não voltei sozinho, e sim com a minha família - mulher e filho. Depois de um período na assistência, hoje somos filhos da casa (eu e minha esposa somos cambones).

Gostaria de agradecer ao meu irmão, à minha família e à minha mãe, que sempre foi uma pessoa de muita fé e nos conduziu à Oca, tão sagrada para ela.

Agradecer ao Sr. Nene, D. Nena e Seu Tuano, que me abriram as portas da casa, e a todos que nela estão nos ensinando e nos ajudando na evolução.

João Paulo.



DEPOIMENTO DE MARIA ISABEL

Olá, queridos Irmãos e Irmãs do Templo Espiritual de Umbanda Oca de Tupã do Caboclo Tuano.

Meu nome é Maria Isabel. Eu gostaria de expressar um pouquinho da minha Gratidão por esta Casa Espiritual, com o meu depoimento. Cheguei até a Oca, em meados do ano de 2002, convidada por uma amiga que fazia parte da corrente na ocasião, a Jane. Ela me ligou e disse que estava se desenvolvendo em um terreiro de Umbanda, e que eu precisava conhecer.

Aceitei o convite. Não consegui ficha para passar com a entidade chefe, o caboclo Seu Tuano, devido ao grande número de consulentes na ocasião. Assim que eu pisei na escada da entrada do terreiro o meu corpo vibrou por completo: aquela energia, a paz que eu senti ali, foi inexplicável. Realmente eu estava em “casa”. A gira começou e a cada toque do atabaque e ponto cantado, o meu coração cantava e vibrava junto. Na ocasião, eu tinha acabado de sair da casa em que eu trabalhava anteriormente, por questões de distância e deslocamento. Assim, que o caboclo Seu Tuano chegou em Terra, que emoção! Era uma energia forte, firme e ao mesmo vibrante, jovem e acolhedora.

Passei em atendimento com o caboclo Lírio Verde, fui muito bem atendida. No final da consulta, “ele” me perguntou se eu gostaria de me juntar à corrente da casa como trabalhadora. “Você veio pronta, essa é a sua casa”, foram as suas palavras. Confesso que fiquei assustada e feliz ao mesmo tempo. Afinal, era a primeira vez que eu pisava lá. Fui orientada a conversar com o Seu Tuano e na hora ele concordou. Na semana seguinte eu já estava de branco e dentro da corrente. Ao longo desses anos, tive muitas experiências, aprendizados e presentes. Conheci pessoas muito importantes, que fazem parte da minha vida pessoal e familiar até hoje. A Fernanda e a Cristine (minhas amigas/irmãs). Também

leve algumas pessoas para a assistência da casa. A Renata Bessas, que teve a sua fé transformada depois da Oca. Fiquei alguns anos afastada, por motivos de trabalho.

E graças aos Orixás e Oxalá, e à Fernanda, tive a oportunidade de voltar para a Oca. Conversei com o Paizinho Seu Tuano e retornei à corrente. Tem sido uma nova oportunidade singular. Todo o amparo, acolhimento, aprendizado que acontece em cada gira é único, mesmo passando por momentos desafiadores. A força que eu tenho recebido, os novos amigos e irmãos (Fabiana e Paula), e tantos outros especiais me dão a certeza de que a minha missão foi, é e sempre será na Umbanda.

Gratidão, Paizinho e Mãezinha. Em especial ao nosso mentor espiritual caboclo Seu Tuano. Saravá Nossa Umbanda Sagrada. Parabéns à Oca de Tupã do Caboclo Tuano. E que venham ainda muitos e muitos anos de amor e caridade. 🙌🙌💚🙌



DEPOIMENTO DE MARCELA E CARLOS

Oi, amigos da Oca de Tupã!

Somos Carlos e Marcela, filhos dessa casa que sempre nos abençoou.

E lá se vão 43 anos...

43 anos de histórias, tantas e de tantos amados filhos, que já passaram e ainda passam por aqui, que não caberiam num único volume. Filhos... alguns que já se foram deste plano; outros que por distâncias geográficas não podem estar sempre presentes; outros ainda, por incompatibilidade de horário de trabalho; enfim, mas ainda assim filhos que nunca deixaram de amar a casa do pai “Seu Tuano”.

Nós mesmos, como filhos, temos acompanhado sempre essa longa e abençoada jornada (verdadeira cruzada pela fé na Umbanda), desde os tempos de sua fundação pelos caboclos Seu Tuano e Seu Sete Pedreiras, quando fazíamos parte da corrente de fé, num período muito feliz das nossas vidas.

E, para finalizar, há uma máxima que diz “TODA ÁRVORE PARA SE MANTER FRONDOSA, PERDE SUAS FOLHAS, OFERTA OS SEUS FRUTOS E SE RENOVA”. Assim, nós da “Velha Guarda” da Oca de Tupã, abençoamos sempre aos que vão chegando, trazendo consigo nova luz, força e boas vibrações.

DEPOIMENTO DE MURILO AMBROSANO

Eu cheguei à Oca em meados de 2016. Um grande amigo (Raul Pistili) me convidou e eu o acompanhei. Sempre fui católico e acompanho as missas em Aparecida. Porém, também me sinto muito acolhido na Oca. Nossa conexão vai além das paredes do terreiro. Aqui encontrei irmãos na fé e parceiros de pescaria. A melhor parte em frequentar a Oca é que vivenciamos a cada encontro o respeito, a empatia e a solidariedade entre todos. E essa experiência me faz exercer o que aprendo na minha vida, em minhas vivências, tentando me tornar um ser humano melhor a cada dia.



DEPOIMENTO DE REINALDO PACIULLO

Bom, pessoal, eu já vinha na Oca durante algum tempo, porque a minha mãe tinha grandes problemas com a espiritualidade: de levar diversos tombos, falar outra língua, ninguém entender o que estava acontecendo...

Minha mãe era de uma família toda católica e não aceitava a espiritualidade.

Meu pai, pelo contrário, vinha de uma família espírita e logo na primeira vez que viu minha mãe com aqueles sintomas disse que era espiritualidade, porém minha mãe não aceitou.

Depois de ter procurado em diversos locais alguma coisa para socorrê-la, um dia resolveu ouvir meu pai e começou a visitar terreiros. Uma das visitas foi na casa de uma tia - seu esposo era médium do Exu Marabô. Depois de conversas e perguntas, o Exu Marabô disse: "Olha, tem uma casa próximo da sua casa e você vai começar a frequentar. Lá você vai melhorar".

Nós desconhecíamos onde é que era esta casa. Minha mãe era costureira e a D. Nena era freguesa da minha mãe. Um dia minha mãe começou a ter os sintomas que ocorriam antes da manifestação: uma espécie de formigamento na mão, e depois perda da consciência. Ela tinha muita vergonha daquilo. Neste dia estava atendendo a D. Nena no ateliê. Quando ela voltou ao normal e viu a D. Nena, começou a chorar de vergonha e contou o que estava acontecendo e que o Exu disse que iria melhorar em um centro que ficava perto da casa dela, mas ela não sabia onde era. Foi quando D. Nena disse: "Odila se acalme, nós temos um centro aqui na rua, na minha casa, há anos. Você deveria ir lá falar com Seu Tuano".

Minha mãe nem acreditou que a solução dos problemas dela estava tão perto. Ela começou a ir à casa do seu Tuano e graças a Deus, aos Orixás e a Seu Tuano os sintomas foram controlados.

Como dizem: Uns entram pela dor, outros pelo amor.

Durante esta procura da minha mãe pela solução dos seus problemas, ela visitou vários terreiros e como eu e minha irmã éramos pequenos, estamos sempre juntos agarrados em suas mãos.

Diferente da minha mãe, a Umbanda sempre me cativou: aquele cheiro de defumação, os toques dos atabaques... Aquilo sempre me trouxe uma grande emoção, uma energia boa.

Minha mãe entrou pela dor... Eu entrei pelo amor.

Comecei a frequentar a Oca de Tupã, antes de 1994, na assistência, e minha mãe na corrente. Eu queria desde o início vestir o branco, porém não me autorizavam. Todas as giras cobravam o seu Tuano e não dava certo. Ele me falava: "Você vai desenvolver com o Caboclo Samambaia, médium, D. Elza". "Você vai desenvolver ali e quando chegar o dia, eu autorizo você a entrar". Minha roupinha branquinha estava no guarda-roupa, passada. Tênis branco esperando o momento e o Seu Tuano falava: "Quando chegar o seu momento..."

Sempre depois que falava com o Caboclo Samambaia, ia no Seu Tuano para falar com ele... "Ainda não é o momento. Quando você colocar o branco, tudo na sua vida vai mudar".

Beleza, fiquei persistindo e o tempo foi passando. Durante este período de passes, eu estava desenvolvendo na assistência. Quando entrava para tomar um passe, o Seu Samambaia chamava minhas entidades. O primeiro a incorporar na minha matéria foi o Sr. Sete Espadas.

Até que um dia o Seu Tuano chegou e disse: "Olha, sexta-feira que vem, no próximo trabalho, você pode vir de branco que você vai participar da corrente". A emoção foi grande! Lembro até hoje, estava me trocando na minha casa, onde moro até hoje (era um pouquinho diferente), mas eu estava na sala colocando minha roupa.

Tinha acabado de colocar minha roupa, estava amarrando o sapato: amarrei o pé direito; quando estava amarrando o pé esquerdo, o telefone



da minha casa toca. Eu estava desempregado na época. Lembro nitidamente. Eu peguei o telefone que estava em cima da televisão já com raiva, porque já estava quase na hora de ir para o terreiro e eu queria ir. Estava ansioso para estar na corrente de branco. Peguei o telefone e atendi: era o Marcelo, um amigo meu. Ele disse para mim: “Reinaldo, você está trabalhando?”

Eu já estava desempregado fazia seis meses. Falei; “Não”. Ele falou assim: “Então na segunda-feira você vem pra cá, que você tem um emprego aqui no Banco Pontual.”

E eu comecei na segunda-feira. Estou na empresa até hoje.

Graças a Deus.

Graças aos Orixás.

Graças às minhas entidades.

Graças à Oca de Tupã.

Graças ao Seu Tuano.

Tudo na minha vida foi mudando a partir daquele dia, como o Sr. Tuano disse: “A partir do momento em que você colocar a roupa branca, tudo muda na sua vida”. Consegui meu emprego; depois de um tempo, conheci a minha esposa dentro do terreiro - por mais que ela fosse freguesa da minha mãe, eu realmente não tinha contato com ela. Me casei dentro da Oca de Tupã. Fui progredindo na empresa em que eu trabalho. Tive meus filhos.

Eu e a minha esposa batizamos nossos filhos dentro da Umbanda e a minha vida foi sempre direcionada na religião, na Oca de Tupã e assim foi evoluindo, assim foi passando o tempo. Esse é um dos casos que eu tenho para contar.

O que eu sou hoje é graças a Deus, e a minha família, à Oca de Tupã, ao Caboclo Flecheiro, à espiritualidade, ao seu Tuano. Tudo isso junto ajudou na formação de um caráter, na formação da minha pessoa, num filho de Fé de Umbanda.

Conclusão:

Minha mãe faleceu sem aceitar a mediunidade, permanecia no centro porque não tinha mais seus problemas. Era inconsistente quando incorporava. Quando falava o tinha acontecido, ela não acreditava e falava que era mentira. Mas ali ficou, porque acabaram seus problemas.

Algumas vezes, a entidade que a atormentava se manifestava e dizia que iria acabar com ela, não iria parar até levá-la. Hoje eu acho que a missão da minha mãe talvez não fosse estar na Umbanda... Este espírito que a perturbava também não era tão ruim.

Quem sabe a missão dos dois não era me levar para a Umbanda????

Se este espírito não tivesse perturbado a minha mãe a ponto de ela procurar algo fora da religião que frequentava - a “Católica” -, talvez hoje eu não fosse Umbandista.

Nada acontece por acaso.

Nem tudo que parece ruim, de fato é.



DEPOIMENTO DE RENATA MELHADO BESSAS

Falar da Oca é falar de um divisor de águas na minha vida. Há dez anos eu estava indo conhecer a casa pela qual me apaixonei à primeira vista. Uma casa acolhedora, séria. Um desabrochar na minha vida espiritual. Quem sabe um dia sairei da assistência e serei uma filha da casa?

Só tenho gratidão.

Renata



Detalhe do símbolo da Oca de Tupã.

**Doação de
presentes para
uma creche.
Foram a Dona
Nena, o Sr.
Norberto e a
Lucimar.**



**Foto de uma Festa
de Pretos-Velhos. Sr.
Nene incorporado
com o Tio Jerônimo.
Data: ?**



**Sr. Nene incorporado com o cigano Manturria.
Foto tirada na expansão maior do terreiro.
Data: ?**



**Sr. Nene
incorporado com
um menino
chamado
Fabinho, de 4
anos. Essa
senhora ao
fundo é irmã
gêmea da mãe
da D. Nena.
Data: ?**



**Gira de
Pretos-Velhos.
Data: ?**

Festa de Bodas de Prata de Dona Diva e Sr. Fernando no terreiro, aberta só para familiares e poucos médiuns da casa. Houve uma chuva de pétalas de rosas.

Data: ?





**Os filhos apoiando os pais na Festa de Bodas de Prata de Dona Diva no terreiro.
Data: ?**



**D. Diva e Sr. Fernando assinando
o livro de registros da Oca.
Data: ?**

**Crianças incorporadas
em gira comum.
A menina da direita é
a Lucimar!
Data: ?**



**Preparação para
uma festa muito
antiga do Dia das
Crianças.
Data: ?**



**Dona Diva, Dona Elsa
e Sr. Mário. Todos já
falecidos, em uma gira
de crianças.
Data: ?**



**Gira normal de
crianças. Lucimar ao
meio, com pirulito
grande na boca. A
senhora sentada no
banquinho (cuja tarefa
era distribuir água aos
médiuns) era tia e
madrinha da Dona
Nena, irmã gêmea da
mãe dela.
Data: ?**

**Odila Luzia Lourenço
Paciullo, mãe do
Reinaldo Paciullo.
1997.**



**Sr. Nene e Dona
Nena em frente ao
congá, no passado.
Data: ?**

O primo Sérgio (Serginho) da Dona Nena, que foi um dos fundadores da Oca. Foto dele trabalhando na Festa do Dia das Crianças.
Data: ?





Um Décio bastante jovem recebe seu presente de amigo secreto, no Natal na OCA.
Data: ?



Sr. Norberto, que hoje é o médium mais antigo da Oca, recebe seu presente de amigo secreto, no Natal da Oca. Ao fundo, a Sra. Elsa. Data: ?



Inês (médium da casa e nora da D. Nena) recebe presente de Natal do Décio. Ao fundo, Dona Nena e Fernando. Data: ?



**Décio, Sr. Nenê, Dona
Nena ,Dirceu,
Lucimar e Douglas:
família reunida!
Data: ?**



**Dona Nena e Sr. Nene
ladeados pelos filhos
e netos.
Data: ?**



**Batizado de um dos
filhos do Reinaldo e
da Lucimar.
Data: ?**



**Batizado de um dos
filhos do Reinaldo e
da Lucimar.
Data: ?**



Eugênio, Décio e Mota, em 2017(?).



Sr. Nene e Dona Nena.
Setembro de 2023.



**Leandro, Reinaldo,
Gabriel, Mota e Décio.
Setembro de 2023.**



**Dona Val, Dona Dalva,
Maria Isabel, Fabiana,
Claudinha e
Lucimara.
Setembro de 2023.**



**Eduardo, Dona Dalva
e Fernanda.
Setembro de 2023.**



**Carina, João, Alice,
Andréia, Cleber e
Isabele.
Setembro de 2023.**



Gabriela e Mota.
Setembro de 2023.



**Adriana, Dona Dalva, Lucimara e Fernanda.
Setembro de 2023.**



**Grupo de médiuns da OCA.
Setembro de 2023.**

Bibliografia

BARBOSA JÚNIOR, Ademir. *Dicionário de umbanda*. São Paulo: Anúbis, 2016.

CASCUDO; *Dicionário do folclore brasileiro*, 2202

PEIXOTO, Norberto. *Umbanda Pé no Chão: Um guia de estudos orientado pelo espírito Ramatís*. Editora do Conhecimento, 1ª Edição, 2008.

MUTTI, Daisy; CHAVES, Lizete. *Ensinaamentos básicos de umbanda*. Porto Alegre; BesouroBox 2023.

SILVA, Vagner Gonçalves da. *Candomblé e umbanda - caminhos da devoção brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2005.





Este é um livro comemorativo dos 43 anos da Tenda de Umbanda Oca de Tupã do Caboclo Tuano. A publicação conta a história da Oca e seus dirigentes, bem como do terreiro e daqueles que o frequentam. Está dividida em quatro partes: História do terreiro; Entrevistas; Depoimentos e Memórias fotográficas, tudo elaborado com a colaboração dos filhos da casa. A pesquisa oferece uma oportunidade singular de traçar um modelo e uma metodologia de pesquisa que pode ser aplicada não só por aqueles que buscam mais sobre sua ancestralidade, como por qualquer um que deseje investigar terreiros do passado ou do presente.



ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
2023



NÚCLEO DE PESQUISA
TRAJE DE CENA
INDUMENTÁRIA E TECNOLOGIA